

"O retrato de duas melhores amigas
obsessivas lembra Elena Ferrante." – *Booklist*

J U L I E B U N T I N
MARLENA

FÁBRICA231



J U L I E B U N T I N

MARLENA

TRADUÇÃO DE
ELISA NAZARIAN

FÁBRICA231

Para minha irmã Kelsey, e para Lea

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Epígrafe

I

Nova York

Michigan

Nova York

Michigan

Nova York

Michigan

Nova York

Michigan

Omissões

II

Nova York

Michigan

Nova York

Michigan

Nova York

Michigan

Nova York

Michigan

Nova York

Michigan

Sobre a Autora

Créditos

“Farei o meu relatório como se contasse uma história, porque no meu mundo me ensinaram, quando criança, que a Verdade é uma questão de imaginação.”

A mão esquerda da escuridão – URSULA K. LE GUIN

o o o
I

Nova York

CONTE-ME O QUE VOCÊ NÃO CONSEGUE ESQUECER e eu lhe direi quem você é. Apago a luz do meu apartamento, e ela surge com a escuridão. A visão do trem alarga-se no túnel, e lá está ela, nos trilhos, o cabelo loiro balançando. Estou na mercearia quando uma de nossas velhas músicas começa a tocar, e sucumbo bem no meio do corredor dos cereais. Às vezes, tarde da noite, quando me atrapalho com a chave em frente à porta de casa, meus olhos dão com o meu reflexo no espelho do corredor, e eu a vejo, esperando.

Marlena e eu estamos na picape de Ryder. Nessa manhã, enquanto ele dormia, ela roubou as chaves do bolso do seu jeans. A primavera irrompe gloriosa e desmedida para o verão, e usamos sandálias baratas, o cabelo grudento de sal nas têmporas, o hálito cheirando a cigarros, brilho labial sabor cereja e vinho da véspera. Chuto minhas sandálias para longe dos pés, e estico as pernas no painel da picape, pressionando os dedos contra o para-brisa, é o jeito como viajo quando somos só eu e Marlena. Ryder diz que acabei com o seu carro, que as manchas não vão sair, mas não dou a mínima. Marlena pintou minhas unhas, apoiando meus pés na sua coxa. Laranja vibrante, a cor dela.

Nossas janelas estão totalmente abaixadas. A brisa balança o cabelo do meu rabo de cavalo, jogando-o em emaranhados sobre o meu rosto, de modo que tudo o que vejo fica fragmentado. Estamos indo para a praia, para um dia normal; para prender a respiração debaixo d'água até nossos pulmões implorarem; para o golpe de uma onda em nosso estômago que vai nos deixar sem fôlego, e muita cerveja amarga e espumante, roubada de *coolers* desprotegidos. Acompanharemos o movimento do sol virando nossas toalhas, e folharemos as duas mesmas revistas de lá para cá até que o sol se ponha e transforme a água em fogo. Quando partirmos, desenterrando os pés da areia fria, teremos queimaduras e, depois, febre.

Estamos fingindo ser garotas com segredos banais, ouvindo Joni Mitchell em alto volume. Cada frase é uma mensagem escrita exatamente para nós. Canto tão alto que Marlena não consegue se ouvir. Ela me fala “shhh” e diz que estou fazendo seu cérebro doer. Mas nesta minha lembrança eu apenas canto mais alto.

Marlena pisa fundo no acelerador, e o carro sobe a grande colina na estrada sem saída que leva até o lago. O velocímetro pula, passamos dos noventa, o limite nas estradas no interior, e chegamos a cento e dez em um minuto. O carro se enche de vento, tão agressivo e barulhento que meu cabelo chicoteia meu pescoço e já não consigo ouvir a música. Minha voz falseia e coloco os pés no chão do carro. Tento fechar a janela, mas Marlena trava-a do seu lado. Quando ela me olha, sorrindo, sinto o carro inclinar-se para o acostamento, os pneus cuspidos cascalho. Ela volta para a pista, e o velocímetro oscila antes de pular para cento e quarenta. O rabo de cavalo de Marlena está quase desmanchado, e eu me pergunto se ela consegue enxergar, se, quem sabe, não percebe que estamos chegando a cento e cinquenta, e que sob o vento há um novo cheiro, amargo e quente, as entranhas da picape se esquentando. Vamos cada vez mais rápido. Dou uma risadinha e digo a ela para ir mais devagar, e alguns segundos depois para reduzir a porra da marcha; quando ela não responde, grito que ela está louca, que está me assustando, que quero sair daquele maldito carro, que vamos morrer, por favor, que ela vai matar a gente. Chegamos a cento e sessenta, subimos outra colina, o carro tremendo. Chegando ao alto, projetamo-nos no vazio, e, quando aterrissamos, bato contra o porta-luvas, segurando-me com os braços. Na descida, ela não breca, e eu luto para pôr meu cinto de segurança. O lago Michigan, de um azul-caribenho e luz trêmula, surge à nossa frente. Estamos a um quilômetro e meio, talvez menos, do ponto de chegada, o estacionamento, do caminho até a praia.

Ela não vai parar, e por um segundo sinto algo estranho, uma raiva que é formada por partes iguais de ansiedade e medo. *Vá em frente*, penso, *vá em frente* e meu estômago me sobe à garganta, mas estou muito cansada de ser aquela que diz não, tome cuidado, pare.

– E se eu continuar em frente? – ela grita.

Mais tarde, percebo que, provavelmente, ela estava chapada, porque isso teria acontecido por volta da época do vidrinho de Oxi, quarenta comprimidos que assombram a lembrança que trago dela com um jeito diferente: nos seus olhos, e nas pontas desgrenhadas do cabelo sujo.

Agora o lago está maior do que o céu. Depois de afundarmos, quanto tempo levará para eu dar o fora pela janela do passageiro, minhas sandálias boiando até a capota do carro, meu corpo gritando por ar? Marlena é uma péssima nadadora.

Mas, então, a não mais de uma dúzia de carros na parada, começamos a ir mais

devagar. A picape segue trançando a linha pontilhada para lá e para cá, adernando nas bordas externas das suas rodas. Paramos com um estremecimento e um guincho. Dou um solavanco para a frente, o cinto de segurança cortando o espaço entre meus seios. Os faróis encostam-se à cerca ripada que marca o limite do estacionamento, o lugar onde a terra precipita-se num declive de quatrocentos metros até uma praia pedregosa em formato de meia-lua. Estou quase chorando, meu pulso está disparado, e sinto raiva dela porque ela sabe disso. O carro suspira, o motor estalando de alívio.

– Ah, tenha dó – Marlena diz, mas está sem fôlego, e precisa de um bom tempo.
– Você acha mesmo que eu deixaria acontecer alguma coisa ruim com você?

Uma urticária, do tipo que ela tem quando está ansiosa ou excitada, espalha-se em um tênue rendado vermelho desde a sua clavícula até os tendões tensos do pescoço, terminando no maxilar. Ela roça as unhas no meu joelho, fazendo um pequeno círculo que se abre para fora, me provocando um arrepio. Quero cuspir no seu rosto e me afastar de tudo o que ela me fez fazer, de todas as mudanças que sofri, quero tanto isso que, por um momento, isso parece possível e quase faço. Enfio as mãos debaixo das coxas, para que ela não veja que estão tremendo, e olho fixo para o aromatizante vencido de pinho. Ele vibra feito louco, mesmo com o carro parado.

– Cat – ela diz. Não é uma pergunta. Amo esta maluquice, anseio por ela. Então, por que quando alguma coisa dentro de mim pergunta se vale a pena arruinar a minha vida, ouço *não*?

Pisco com força até as lágrimas sumirem. Quando rio, sacudindo a cabeça, ela também ri, e a coisa horrorosa entre nós desaparece, salvo por uma lasca indestrutível, eternamente minha. Pegamos, no banco de trás, os pacotes de salgadinhos, e seguimos o caminho até a praia. Já começo a me esquecer da sensação que me endureceu minutos atrás. *Vá em frente, vá em frente, sua vaca*. Ela canta “California”, a parte que fala sobre beijar um tira na Sunset, a parte sobre voltar para casa. Acompanho-a com minha voz.

As músicas de Joni Mitchell combinam com Marlena. Ela ficava confortável com tons altos, atingindo cada nota rapidamente, e conseguia imitar com perfeição a força trêmula de Joni, a maneira como ela transformava cada sílaba em sinos contundentes, tilintantes. Esta é a última vez que me lembro de ouvir Marlena cantando “California”, embora possa não ter sido a última vez que ela a cantou. Era

uma das suas músicas preferidas, e isto foi no mínimo quatro meses antes da sua morte. Tecnicamente, ela se afogou, mas não da maneira que eu temi naquele dia, na picape de Ryder, quase atravessando uma mureta. Não houve um grande mergulho, nem gritos vindos da praia, nenhum salva-vidas em disparada. Ela teria preferido isso.

Marlena sufocou-se em menos de quinze centímetros de um rio quase congelado, na mata nos arredores do centro de Kewaunee, um lugar onde não havia motivo para ela estar ao entardecer, em novembro. Usava um dos meus velhos casacos e um par de Keds detonados a que a polícia deu um excesso de importância. A sacola que levava estava cheia de moedas soltas que devem ter batido no vidrinho vendido sob receita médica, e no celular dobrável pré-pago, enquanto ela caminhava. Ela bateu a cabeça, direta e brutalmente, numa rocha do rio, e a dedução foi que seu corpo escorregara inconsciente até que a boca e as narinas submergissem na água.

Alguns dos detalhes são fatos, mas muito poucos: onde ela foi encontrada, o que usava e carregava. A última vez em que foi vista com vida foi às 17h12, segundo Jimmy, meu irmão mais velho. Sua lembrança daqueles quatro números piscando no relógio do carro é precisa. No entanto, ele me contou mais tarde, frustrado, bêbado, que podia estar se lembrando do que o relógio mostrava nos minutos exatamente após ela ter entrado no carro. É possível, ele disse, que 17h12 fosse a hora em que ele saía de casa, antes até de buscá-la. Eu entendo por que ele se incomodava tanto em não ter certeza quanto à sequência do tempo. Nenhum de nós acredita, realmente, que o que aconteceu com ela foi puro acidente.

o o o

Passava pouco da uma da tarde, quase vinte anos depois daquele dia no carro, quando recebi um telefonema de um fantasma. Estava caminhando por um corredor de arranha-céus anônimos na Quinta Avenida, lotada de homens com casacos compridos de lã, que se irritaram como um todo quando diminuí o passo e puxei o celular do bolso. Fui tomada por uma reminiscência, um leve aperto entre os olhos, uma palpitação no pulso. Quando vi o código da área, 231, apertei “Ignorar”. Recostei-me na vitrine de uma padaria, o peito se contraindo. Já não tinha qualquer tipo de relação com quem quer que fosse ao norte de Michigan; mamãe morava em Ann Arbor com Roger, que, mesmo depois de uma década de casados, eu continuava a considerar como seu novo marido; Jimmy estava no

Michigan Superior, trabalhando para uma construtora de moradias de férias superfaturadas.

Quem ligou deixou uma mensagem de voz.

“Oi”, a voz disse, um homem, um acento nasal nas vogais que me fez lembrar de casa. “Sinto muito”, ele disse, e depois repetiu. “Isto é estranho. Este celular é da Cat, a Catherine, de Silver Lake? Aqui é o Sal.” Vi Sal, o menino, o fio do telefone fixo enrolando-se no seu dedo, falando, como se fosse mágica, com a voz de um homem adulto. Quase comecei a rir. “Sal Joyner. Estou em Nova York”. Fez uma pausa de um segundo, e depois disse, prolongando as palavras “Na Big Apple”, como que para provar para quem quer que estivesse ouvindo que falava sério, que era ao mesmo tempo incrível e real. “Provavelmente você nem se lembra de mim”, ele disse, e então eu ri, pelo menos soltei algo parecido com uma risada, uma brusca tomada de ar que ascendeu em curva no final, um som não infeliz. “Espero que esteja tudo bem eu ligar. Queria saber se você poderia dispor de algum... De uma hora, ou coisa assim, pra gente se encontrar. Pra conversar sobre a minha irmã.”

E então, tudo voltou, é claro; os contornos mais nítidos, mais iluminados do que a cidade à minha volta, a cidade que pareceu ficar enevoadada e depois se afastar assim que Sal disse seu nome. No entanto, aquilo já estava ali, não estava? Um período tão breve da minha vida que terminou quando mal tinha começado, e mesmo assim existe algo que quero saber, uma mina ardente, uma pergunta pulsando nas profundezas.

Código 231. Por um segundo, pensei que fosse ela.

Michigan

A PRIMEIRA VEZ QUE VI MARLENA JOYNER, Jimmy e eu estávamos descarregando uma carreta de mudanças. Tínhamos viajado durante cinco horas, desde a nossa antiga casa, próxima ao polegar do Michigan, até o alto do dedo anular do estado. Era começo de dezembro e caía uma neve de flocos úmidos, misturados com chuva. Marlena passou pela frente da sua casa, contornou as caixas molhadas no chão, os barris de lata, os motores fundidos e variados fragmentos de metal, até estar bem ao meu lado, analisando as caixas que ainda estavam no bagageiro. Usava uma camiseta branca com o colarinho cortado com tesoura, e botas de neve do Homem Aranha. Os detalhes dela na minha lembrança são tão grandes e precisos que quase não podem ser verdadeiros. Seus braços brilhavam com a neve derretida, e estavam arrepiados de frio; o cabelo cheirava a madeira queimada quando ela o sacudia do rosto, um gesto que lhe era comum antes de começar a falar.

– Vocês são a galera nova.

– É o que parece – disse Jimmy. Ele levantou a cadeira de balanço de mamãe nos ombros, e desapareceu para dentro da nossa garagem sem olhar para trás, o que me fez crer que a achava linda.

Embora fosse um encontro trivial, o início de uma história familiar, nos meses seguintes repassamos inúmeras vezes seus detalhes até que eles tivessem um brilho mítico. Marlena morava a menos de vinte passos, num celeiro reformado, coberto por camadas de tinta lilás grudenta ao toque. A construção afundava na terra. A situação da sua moradia afligiu-me então, mas na verdade não era tão diferente da nossa. Tínhamos comprado uma casa modular estilo rancho, em dois mil metros quadrados de terra encardida em Silver Lake. Era uma pré-fabricada de três dormitórios, ainda nova, o tipo de casa que se monta em um terreno e que é entregue por um caminhão. Lembrava-me uma casa do Banco Imobiliário. Mamãe dizia que se sentira atraída por sua eficiente ausência de escada, e pelo grande terreno nos fundos. Não disse o que Jimmy e eu sabíamos: que uma casa modular era um nível acima de um trailer, e que sem papai éramos declaradamente pobres.

Marlena puxou o cabelo do pescoço, torcendo-o em uma corda úmida. Quilos de

cabelo, na altura da cintura e anormalmente claros, a franja caindo enviesada pela testa, um estilo que eu havia tentado no final do ensino fundamental, com resultados desastrosos. Era terrivelmente bonita: dissimulada, rosto felino, toda maçãs do rosto e piscadas, e para ser sincera, essa foi a primeira razão de eu querer ser sua amiga. Aos quinze anos eu era, de certo modo, gorda e esquelética ao mesmo tempo. Minhas orelhas se destacavam da cabeça. Mesmo assim, eu acreditava que de um segundo para o outro poderia me tornar linda; era louca pelas meninas que já o eram.

– Sou Marlena – ela disse.

– Cat – respondi. Para a minha família eu era Catherine ou Cathy, mas já tinha decidido que não poderia ser essa menina aqui.

– Bom, não parecemos ter muita escolha. – Ela sorriu, os olhos azuis e enormes. Eu nunca consegui entender se aquilo foi um gesto simpático, ou o quê.

Sempre que ouço a palavra perigo, vejo Marlena e eu encarando a boca daquela carreta, no inverno, no período entre o entardecer e o escurecer. Duas meninas cheias de planos, de quinze e dezessete anos, no meio do nada. *Parem*, quero dizer para nós. Fiquem exatamente onde estão, juntas. *Não se mexam*. Mas nós nos mexeremos. Sempre nos mexemos. O relógio já está correndo.

Depois de distribuírmos as caixas pelos cômodos a que pertenciam, mamãe, Jimmy e eu nos sentamos de pernas cruzadas no chão da sala de visitas, comendo pizza congelada. O cabo ainda não estava instalado; a TV olhava-nos sem expressão. Mamãe bebia em um copo comprido de plástico. A nova geladeira não tinha dispensador, muito menos um triturador de gelo, então ela lavou um Ziplock que usava para levar maquiagem, virou-o do avesso, encheu-o com cubos da bandeja e depois golpeou o gelo com um vidro de ketchup para quebrá-lo em pedaços. Voltou a perguntar a Jimmy sobre sua bolsa de estudos, se ele tinha recebido uma resposta direta da Universidade Estadual de Michigan quanto à possibilidade de se candidatar para a seleção do ano seguinte. Ela já tinha perguntado isso para ele no mínimo três vezes, desde que eu coloquei a pizza no forno. Quando mamãe bebia mais do que uns dois copos de vinho, seu cérebro se fixava na mesma ideia, repassando-a vezes sem conta.

– Porque é muito dinheiro pra simplesmente se jogar fora – ela disse, e depois deslanchou na sua preleção costumeira, aquela que se referia aos erros dele, e de onde é que ele achava que vinha o dinheiro?

– Vou pegar mais pizza – Jimmy disse, e se levantou, saindo da sala, provavelmente para ir jogar fumaça de baseado pela janela do seu quarto, com a ajuda do ventilador virado pra fora. Era a única coisa que ele tinha desempacotado. Andava fumando muita erva desde o divórcio, e mais ainda desde seu rompimento com sua namorada de voz animada, que agora já estava cursando o primeiro semestre como caloura na Universidade de Michigan, onde ele também deveria estar. Em minha opinião, ela era a verdadeira razão de ele ter protelado, abrindo mão da bolsa de estudos semanas antes de quando deveria começar, mas vá saber, em se tratando de Jimmy! Ele disse que era porque precisávamos dele. A faculdade poderia esperar. Brincava que o nome da nossa banda deveria ser Os Interruptores: ele tinha interrompido a faculdade, e eu, pelo menos naquele momento, tinha interrompido o ensino médio.

– Se for o caso de ele ter que preencher algum papel ou coisa do tipo, ele vai ficar muito puto – mamãe me disse, descruzando as pernas e derrubando vinho. Pedacos de gelo caíram no chão, e eu os recolhi de volta ao copo, os menores serpenteando entre meus dedos. – Primeira mancha! – ela gritou, cerimoniosamente, abrindo o guardanapo sobre o líquido derrubado. O guardanapo ficou imediatamente escuro, fundindo-se com o tapete.

Mamãe e eu recolhemos os pratos e os colocamos na pia da cozinha.

– Podemos lavar isto amanhã – mamãe disse, segurando seu copo debaixo da torneirinha da caixa de vinho Franzia, até que o copo estivesse cheio. Ela me deu um beijo estalado na cabeça e saiu. Abri a torneira de água quente e lavei todos os pratos, até o de Jimmy.

A nova casa era um retângulo almofadado de teto baixo, sustentado por um monte de blocos de cimento. Sem porão. Se você batesse em qualquer parede com o punho, ouvia de volta um eco oco. Todos os nossos cômodos saíam de um corredor à direita da cozinha: primeiro o banheiro, depois o meu quarto, depois o de Jimmy, e em frente ao dele, o da mamãe.

Sacudi o trinco do banheiro. – Pare de cagar – falei.

– Por quê? Você não quer que aqui dentro fique gostoso e quentinho? – ele disse lá de dentro.

– Você é nojento.

Jimmy abriu a porta; meu irmão alto, despenteado, um naco de pasta de dente no queixo. Quando ele tinha a minha idade, publicou uma “opinião do leitor” no

jornal local, sobre o fato de ser um adolescente ateu. Era loiro e de olhos azuis, como a mamãe, e conseguia correr um quilômetro e meio em seis minutos. No tempo em que ainda éramos o tipo de família que viaja para acampar, Jimmy e eu costumávamos dividir uma cama no trailer alugado. Mamãe nos fazia dormir cabeça com pé, para não brigarmos. Jimmy sempre acabava pondo a cabeça no lugar normal; era eu quem tinha que dormir ao contrário. Assim, eu o odiava com todo o empenho por tudo isso, mas principalmente por causa da maneira como ele desconsiderava papai, e como isso deixava papai mais ansioso pela atenção dele do que jamais ficava em relação à minha.

Durante muito tempo, tempo demais, não consegui suportar que fosse Jimmy, e não eu, quem tivesse visto Marlena pela última vez. Depois que papai se foi, nosso sonar de irmãos, aquele que viaja pelo sangue e pelas células, e nosso vínculo, por combater o mesmo pai e a mesma mãe, começaram a se romper. Alguns anos depois daquela noite no banheiro, seríamos como conhecidos. Se fôssemos mais próximos, agora, eu lhe diria que o perdoo pelo que quer que tenha feito, ou não, por deixá-la abrir a porta do lado do carona, e sair caminhando pelo crepúsculo cinza e fosco, a sacola batendo contra seu quadril por não sei quantos longos minutos, minutos em que ele foi o último a vê-la respirando, minutos que são só dele. É difícil admitir que a minha pior parte ainda sente como se esta fosse outra maneira pela qual ele obteve um pouco mais daquilo que deveríamos compartilhar. Uma vez irmã caçula, sempre irmã caçula, acho.

Chutei uma caixa etiquetada “Corredor”, de modo que ela o impedisse de sair do banheiro.

– O que é isto? O que a gente precisa pro “Corredor”?

– Você sabe, coisas de corredor, fotos de você assoprando velas e outras assim. Tem toalhas aí dentro?

– No armário. A mamãe apagou? – Ele pôs um dedo na pasta de dente que estava no seu queixo.

– Acho que sim. Ela não disse boa-noite, mas a luz no quarto dela está apagada.

– Ela colocou os lençóis e tudo o mais?

– Como é que eu vou saber?

Ele me olhou de um jeito que dizia: “Estou tentando, por que você não pode fazer o mesmo?”

Nos dias que antecederam a mudança, ele reforçou seu comportamento ultra-

adulto, como se tivesse não apenas assumido o lugar de papai, mas também se tornado o cuidador de mamãe. Será que tinha realmente adiado seu futuro para ter certeza de que mamãe estendia os lençóis na cama? A atitude me parecia um montão de besteira, e eu não suportava besteiras, que farejava para onde quer que me virasse. Aos quinze anos, acreditava que cresceria para me tornar a exceção a todas as regras.

Jimmy passou por cima da caixa e apertou meu ombro, umedecendo a minha camiseta. – Vai dar tudo certo, Cath. Tente ter um pouco de perspectiva. – Seguiu pelo corredor, abaixando-se levemente ao passar debaixo do globo de luz. Encostou-se à porta de mamãe, até ela se abrir alguns centímetros, sem fazer barulho. – Mamãe – sussurrou alto o bastante, e deu uma espiada, checando.

Tirei a fita adesiva que fechava a caixa “Corredor”. As abas abriram-se. Não havia retratos de Jimmy com uma coroa de papel laminado na cabeça, nem retratos meus com dentes de leite. Tudo que precisávamos para o “Corredor” era de extensões de fios embaraçados.

o o o

O que fiz naqueles dias antes que Marlena e eu ficássemos amigas? Organizei meu quarto, talvez, terminei um dos livros da minha pilha, observei uma vasilha de sopa reaquecida girar no micro-ondas. Mas o eu que teve início durante aqueles meses, o eu que ainda sou agora, tinha apenas começado a se agitar. Em Detroit, eu tinha cursado o nono ano na Concord Academy, uma escola preparatória cara, com o apoio de empréstimos e bolsas de estudos, nenhum dos quais, no entanto, seria dado apenas para o curto período do outono. Apesar de ter brigado para que meus pais me deixassem ficar como interna (– Ah – papai disse – vá sonhando!), eles me tiraram da escola logo que comecei o último ano do ensino médio, porque assim seria cedo o suficiente para conseguir um reembolso das taxas já pagas. Minha mãe chamou aquilo de uma aventura; papai disse que as instituições privadas transformavam as pessoas em carneiros. Mesmo com a ajuda, aquele ano causou um estrago em suas finanças. Ouvi os dois brigando por causa disso. Eu era uma menina estudiosa e concentrada, e já estava tendo aulas avançadas. Não acho que realmente lhes tenha ocorrido que me deixar à toa durante todo o período do outono traria algum prejuízo ao meu cérebro. Mas livre da rede da escola e da rotina que tinha me cercado desde a infância, eu conseguia sentir meus contornos se rearranjando.

Matava várias horas esperando ver sinais dos vizinhos, dizendo a mim mesma que

era por tédio, que meu interesse não tinha nada a ver com ela. Além de Marlena, notei um garotinho, seu gêmeo em miniatura; um homem esquelético que sempre usava um boné de caça alaranjado tricotado; e outro homem maior, que aparecia intermitentemente e dirigia um caminhão preto com rodas extragrandes. Da janela da cozinha, eu tinha uma boa visão da casa dela. Às vezes, Marlena entrava e saía, ladeada por dois meninos da nossa idade. Um deles era bonitinho; o outro tinha uma acne terrível.

Foi numa dessas noites que, insone, faminta, e tomada por uma raiva sem motivo, saí da cama de madrugada. Calcei um par de chinelos de papai e enrolei um cobertor em volta dos ombros. A casa nova estava silenciosa demais. Parei em frente à luz da geladeira, bebendo suco de laranja do galão, e enxuguei o suco do meu queixo com as costas da mão. Mamãe guardava seus cigarros secretos – cigarros secretos, uma coisa bem de mãe para se fazer – dentro de uma caixa de sapato da Express, que escondia na prateleira de cima do nosso armário de casacos, em Detroit. Não tínhamos lugar equivalente em Silver Lake, então levei um tempo para achar a caixa de sapatos no fundo de uma mala de náilon gigante, cheia de tralha. Abri a tampa e lá estavam eles, os Merits, aninhados entre os saltos encaixados de seus escarpins verde-menta. Mamãe e papai costumavam voltar das noitadas cheirando a fumaça, sal e vento, e a algo mais doce, uvas-passas, talvez, ou vinho.

Peguei o isqueiro de revólver no balcão da cozinha – como várias de nossas coisas, ele nunca encontraria um local adequado na casa nova, e ficaria vagando de superfície em superfície.

Lá fora era exatamente como dentro, só que mais frio. Estrelas, estrelas, estrelas, e um par de janelas do trailer reluzindo o azul da televisão. Sentei-me na plataforma em frente à porta de entrada, onde Jimmy deixara seus sapatos enlameados. Um *pied-à-terre* de pobre, mamãe costumava chamar o deque minúsculo, até Jimmy dizer a ela que *pied-à-terre* não significava terraço, nem varanda – a voz cansada.

Abri o maço de mamãe e tirei um dos dois cigarros que estavam com o lado de fumar para cima. Sabe-se lá quanto tempo tinha. Apoiei o filtro entre os dentes e apertei o gatilho do isqueiro. A chama não pegou até eu chupar um pouco. Imaginei que fosse engasgar e tossir, que minha primeira tragada em um cigarro fosse queimar. Mas inalei três vezes antes de tossir. A fumaça enrodilhou-se sobre a minha cabeça, e eu expirei e contemplei a nuvem afastar-se aos volteios, viajando para longe de Silver Lake.

Cheguei ao filtro, apagando a brasa no corrimão, e o senti faiscar atrás dos meus olhos. Respirei fundo e acendi outro. O frio do degrau gelado queimava através das três camadas sobre as quais eu estava sentada: casaco, calça de flanela, calcinha de algodão, mas eu estava decidida.

Dois faróis surgiram na rua, e o caminhão de rodas imensas girou para dentro da entrada de carros de Marlena. Escorreguei dos nossos degraus e me agachei no pequeno espaço triangular entre o alpendre, a casa, e um dos arbustos roliços de sempre-vivas que ladeavam os degraus. Eu tinha dito a mim mesma que em Silver Lake seria uma nova pessoa, destemida demais para me esconder, e, no entanto, me escondi. Catherine pedia desculpas por tudo, pelo simples fato de o seu corpo ocupar espaço. Mas Cat, não. Ou era isso que eu esperava. A porta do carona abriu-se. Fazia apenas dois dias que eu era Cat; decidi não me mover. Marlena ficou na cabina, apesar da porta escancarada. O maço de cigarros amassou-se em minhas mãos, enquanto eu me esforçava para ver. O isqueiro tinha caído na neve. Marlena puxou os joelhos para cima, enfiando-os debaixo do queixo. No escuro silencioso da madrugada, todos os sons eram amplificados: suas unhas raspando de leve no seu jeans, como se ela estivesse agachada ao meu lado. Corria as unhas para cima e para baixo das pernas.

– Estou indo – disse. Uma tosse cutucou a minha garganta, mas a reprimi.

– Só um minuto – disse o motorista. – Adoro olhar seu rosto pra lá de bonito. – Ele acendeu a luz do painel, e o corpo dela entrou em foco. Pelo seu contorno, eu soube a posição em que estava: o queixo enterrado entre os joelhos, os cotovelos abraçando suas laterais. Eu tinha me colocado nesta posição, no carro, com papai, na última vez que o vira. *Não me toque* era o que aquilo significava. *Me deixe em paz*. Levantei-me um pouquinho, tentando enxergar.

– Pra lá de bonito – ela disse, com uma risada forçada. – Faça-me o favor.

– Eu a trouxe pra casa, não trouxe?

– Dê pra mim, Bolt. – A voz dela parecia cansada. – Vamos lá, baby. Meu pai poderia voltar a qualquer minuto, e não dei uma olhada em Sal o dia todo.

– Seu pai – o homem, Bolt, falou, como se estivesse dizendo *Pra cima de mim?* – Mas eu vou dar eles pra você, não disse? Só que antes eu quero um beijo. Só um beijo de boa noite. – Barulhos de beijo, como um final de merda.

Ela não se mexeu, minhas pernas doíam, e eu contava os segundos, certa de que ia tossir. Ele levantou *alguma coisa* no ar, segura entre os dedos, e a sacudiu acima da

cabeça dela. O corpo dela relaxou, enquanto ela pegava, rindo, o que quer que ele estivesse segurando. Engoli repetidas vezes. Ela se virou de frente para ele, e as mãos dele correram sobre seus ombros; então, ela passou a ser apenas cabelo esbranquiçado, um dos braços tatuados do homem todo entranhado ali, o outro subindo pelo seu suéter. Não sei como, porque ela ainda era uma estranha para mim, mas, de onde eu estava, percebi que ela mal conseguia suportar o seu toque. Ela se contorceu para longe após alguns segundos, e pulou do caminhão. Minha pele formigou por ela.

– Também precisamos de Band-aids – ela disse. – E duas cartelas de ovos. Amanhã ou depois de amanhã, certo? – Ela bateu a porta antes que eu pudesse ouvir a resposta.

Marlena sentou-se em um engradado próximo ao lugar onde eu a tinha visto pela primeira vez, uma espécie de versão em universo paralelo dos meus degraus da frente, e acendeu seu próprio cigarro, olhando fixo para o para-brisa vazio. Assim que o veículo deixou a entrada da sua casa, comecei a tossir, as mãos nos joelhos, até que a tosse transformou-se em um engasgo e o engasgo virou um arfar e eu tive que me apoiar na casa. Cuspi algumas vezes, sentindo gosto de cobre ou de sangue. Sabendo que tinha sido descoberta, arrastei-me para fora dos arbustos, e fiquei onde ela poderia me ver, bem no meio das duas casas, apenas a alguns longos passos de onde ela o tinha beijado. Ela continuou olhando para o lugar onde o carro estivera, como se eu não estivesse ali.

Marlena começou a cantar bem baixinho, uma música que não consegui reconhecer. Tinha a voz tão límpida, vinda de milhões de lugares ao mesmo tempo, que ouvi-la era senti-la na própria pele. Não entrei até a música terminar.

Na versão desta história onde Marlena vive, forço-a a parar de cantar, a me contar o que se passa. Forço-a, ainda que, neste momento, não sejamos mais do que estranhas, forço-a a me mostrar o que há no invólucro de plástico que retorce entre os dedos, sua fina membrana iluminada pelo luar e pela neve. Ameaço-a, talvez, agarro-a pelos ombros e a sacudo, recuso-me a ir embora até que ela me confesse tudo.

Nova York

A SALA DE LEITURA DE ADULTOS ESTAVA QUASE VAZIA, exceto por dois estudantes universitários e novamente aquela menina, cochilando, a mochila suja colocada em cima da mesa – a maior da sala e vazia, a não ser por ela –, como se nos desafiasse a lhe pedir que saísse. A testa dela quase tocava a madeira. Quando passei pelo balcão de informações, Alice olhou-me nos olhos e depois inclinou a cabeça em direção à menina, enfaticamente. Levantei os ombros, fiz uma expressão *e daí?* E daí? A menina cheirava a urina e sujeira, mas só se você chegasse perto. Era quieta, e fazia, no mínimo, semanas que não encontrávamos nenhuma seringa no lixo do banheiro.

De volta à minha sala, sentei-me e tirei os escarpins, pressionando no chão, debaixo de minha mesa, os pés cobertos por meias de náilon. Meu espaço sai de um pequeno patamar entre o segundo e o terceiro andares da biblioteca. É muito pequeno, apenas o suficiente para mim e uma mesa. A única janela permite a entrada de um caleidoscópio de luz verde e azul. Nos andares mais altos, a maioria dos vidros menores são vitrais. De fora, este prédio parece uma igreja, mas foi construído para julgamentos. No início do século xx, tornou-se uma corte apenas para mulheres, com um centro de detenção nos fundos. A menina, e houve muitas versões diferentes dela ao longo dos anos, pertence a este lugar tanto quanto os livros, eu disse a Alice há poucos dias. – Ela assusta as crianças – Alice disse. – Ela assusta as mães – corriji, e por um breve período saí vencedora.

Nunca dou nenhum dinheiro à menina, embora vê-la sempre me leve a pensar em quanto tenho. Claro que ela me faz lembrar de Marlena. Minha sala está cheia de dinheiro: uma bolsa de couro de trezentos dólares pendurada no trinco da porta; jeans *cropped*, de cujo preço exato me esqueci, mas com certeza não menos do que cento e dez dólares; pulseira de prata incrustada com uma fileira de turquesas, presente de Liam, provavelmente quinhentos dólares. Naquela manhã, eu tinha aplicado um sêrum de setenta dólares nas maçãs do rosto, um concentrado de chá-verde e rosa mosqueta que formigava no meu nariz. Enquanto eu crescia, só tínhamos o suficiente, às vezes mal tínhamos isso, e mesmo assim o gosto de mamãe

era caro. Tinha um senso natural para tudo que tornava algo lindo e elegante, este senso era provavelmente abastecido pelas horas que passávamos espanando a parafernália inestimável nas casas que ela limpava.

Vivíamos com medo de emergências, um galho de árvore a esmo, uma das freguesas sazonais de mamãe desistindo de sua viagem para esquiar no norte, um barulho no motor do carro, uma dor de dente ou uma hérnia de disco. Estávamos apenas a mil dólares de sermos tão pobres quanto Marlena e Sal, assim como das outras famílias que viviam nos trailers e nas casas pré-fabricadas da nossa rua.

O cheiro do meu café vencido fez meu estômago torcer, e empurrei a caneca para a beirada da mesa. Meu computador deu um sinal. Acionei o celular em vez dele, iluminando a mensagem de Sal. Vinte e cinco segundos de duração. “Dê um retorno, se quiser”, dizia. “Ficarei aqui até domingo”. Ele até tinha dito os dez dígitos do número do seu celular, incluindo o um, fazendo jus à pessoa do passado que era. Ninguém mais deixava mensagem de voz; às vezes a mamãe ou Liam, para uma novidade, ou talvez a farmácia com um lembrete automático, mas só. Sal também tinha me mandado um e-mail, perfeito na ortografia e na gramática, um *smiley* ao lado do seu nome.

Sal. Tinha oito ou nove anos na última vez que o vi. Seu corpo flexível parecia ser principalmente pernas e braços, de modo que Marlena brincava que, se fosse atirado dentro de um poço, quicaria de volta imediatamente. Marlena afirmava amá-lo mais do que a si mesma, mas isso nem sempre parecia verdade. Passávamos dias e dias sem vê-lo, ou pelo menos é assim que me lembro, dias em que ele deve ter ficado sozinho, fechado naquele celeiro, vendo os adultos entrarem e saírem, a maioria chapada, a maioria bêbada, a maioria homens, exceto por nós, duas meninas, que o tratavam como brinquedo. Uma vez, quando levava Sal de cavalinho – isso foi no outono, mais ou menos na época em que Marlena morreu – senti um cheiro corporal, salgado, como o do meu irmão. Foi a primeira vez que meu cérebro percebeu que ele era uma criança que cresceria.

Conheci-o em uma de nossas primeiras noites em Silver Lake. A campainha tocou três vezes seguidas, enlouquecidamente, e fiquei ao mesmo tempo alarmada e excitada. Nesta época, eu ainda estava de sobreaviso em relação a papai. Jimmy gritou para que eu atendesse, e apontei o dedo médio na direção da sua voz, fechando meu livro, *A dança da morte*, acho, porque era o que estava lendo quando nos mudamos. Aquele romance deu um colorido à minha primeira impressão de

Silver Lake, cheia de árvores e caixas de correio tortas, neve sobre as ruas, e nem ao menos iluminação pública. Quando abri a porta alguns centímetros, Sal entrou ventando, uma rajada de vento raquítica, do tamanho de uma criança, um naco de vento ao rés do chão. O paletó do seu pijama estava abotoado errado, de modo que uma ponta ficava abaixo da outra. Não usava casaco. Uma criança do paralelo 45, sanguínea. Convidou-me para ir à sua casa, tagarelando sobre sua casa roxa, e imaginei que a casa é que o havia mandado. Antes de ele sair, ajoelhei-me à sua altura, e o enrolei no cachecol xadrez de Jimmy, amarrando as pontas no seu pescoço, de modo que caísse nas suas costas como uma capa. Sal ficou ali parado, pacientemente, exalando seu cheiro de gatinho, todo pelagem e leite quente.

Quando digitou meu número, terá pensado no cachecol, no caos da nossa casa com as caixas, a chaleira assobiando na cozinha? O que ele viu ao olhar para mim naquele dia? Quando ainda tínhamos o potencial de não sermos nada um para o outro? Eu não passava de uma menina, uma menina com o mesmo aspecto geral da sua irmã, mas ainda não uma extensão dela. Ou talvez, para ele, eu fosse apenas o que sou agora, um acessório de Marlena, assim como ele era para mim. Logo que terminei de dar o nó, ele abriu a porta e se arremessou pelos montes de neve que separavam os nossos terrenos. Sua casa estava escura, mas ele entrou. Para o quê? Só posso imaginar, apesar das várias horas que passei ali.

Eu ligaria de volta para ele. Claro que ligaria. Era menos uma decisão do que uma aceitação. Alice bateu na porta da minha sala, dois toques enérgicos que fizeram meus ouvidos atrelados ao passado ressoarem, porque tínhamos uma reunião de equipe. Sorri e endireitei o corpo na cadeira, ignorando o forte latejar na minha cabeça quando mudava de posição, e enfiei os pés de volta nos sapatos. A velha e inabalável Cat. Sempre compareço quando chamada.

Michigan

ALGUNS DIAS APÓS O NATAL ACORDEI TARDE, quase à uma da tarde, um recorde pessoal, embora tivesse ido dormir antes da meia-noite. Que luxo, o aveludado sono infindável da adolescência. Agora tenho o sono irregular, e é difícil acordar de manhã; menos de oito horas, ou mais de três taças de vinho, e fico ansiosa e idiota.

Mamãe estava no sofá, lendo os classificados. A casa estava escura e fria, a não ser no lugar onde o sol de inverno espalhava-se através da janela da sala de visitas, um amarelo gritante que me fez apertar os olhos.

– Bom dia – ela disse, desviando o olhar do jornal. Seu cabelo estava preso numa trança recente, e ela usava jeans e um pulôver branco do seu tamanho, tudo bom sinal. – Estamos no ano três mil e continuamos todos vivos. Mas a má notícia é que os alienígenas ouviram um rumor de que o sabor das pessoas preguiçosas é melhor.

– Rá, rá.

– Está com fome? Quer que eu prepare alguma coisa?

– Acho que vou dar uma volta.

De que outro jeito eu poderia fumar um cigarro? Eu ainda não estava viciada, mas era alguma coisa para fazer, e eu valorizava o fato de ter até aquele pequeno ato para sustentar o meu dia.

Mamãe foi comigo até a cozinha, enchendo a chaleira de água enquanto eu espiava dentro dos armários, enchendo o bolso do meu agasalho com saquinhos de tira-gostos feitos com frutas. Chá e vinho, chá e vinho, mamãe estava sempre bebendo um ou outro.

– Você sabe quanto custa isso? – ela perguntou. – A gente tem dado conta de duas caixas por semana.

– A culpa não é minha se não temos mais nada pra comer.

– Não temos? Temos maçãs; temos cereal. Por que você não faz um ovo? Também tem sopa no armário...

A chaleira apitou e ela parou de falar. Mamãe tem o costume de largar uma conversa. Está piorando um pouco, à medida que os anos passam. Em seu segundo casamento, aconteceu na hora do brinde, ela parada junto à longa mesa e quieta

bem no meio da explicação de sua própria felicidade, fazendo com que Roger tivesse que retomar o fio da meada. Papai teria caçoado dela, principalmente perante uma oportunidade tão pública, e eu, então, comecei a gostar de Roger, quando ele fez uma pausa, sorrindo, e lhe propôs uma pergunta para que ela recomeçasse, enquanto puxava-a para junto dele. Como Liam, Roger conseguia ser gentil. Mas, quando eu era menina, sempre me constrangia ao observar mamãe debatendo-se para tentar encontrar seu lugar em sua própria mente.

– Deixa eu fazer um sanduíche – ela disse por fim, e eu visualizei como, caso papai estivesse aqui, nossos olhares se cruzariam, nós dois pensando a mesma coisa. E estamos de volta!, ele costumava gritar à mesa de jantar, batendo a mão no tampo, de modo que nossos pratos chacoalhavam.

No meu quarto, enchi minha mochila com os cigarros, o isqueiro de revólver, meu celular, um exemplar de *Franny e Zooey*, e os tira-gostos de frutas. Mamãe surgiu na entrada do quarto segurando um saco de papel pardo, e fechei minha mochila às pressas. Ela tinha perdido no mínimo cinco quilos desde o divórcio. Suas faces tinham murchado dando ao rosto um aspecto permanente de peixe. Jimmy e eu lhe dávamos apelidos: Elly, a Esquelética, Clac-Clac, sra. Ossos, e embora ela risse conosco, deve ter doído. Mesmo na sua fase mais magra era uma graça com seu colorido nórdico, e a covinha de duende no rosto, os olhos inteligentes. Detestava que ela não tivesse me passado a cor deles – um azul-piscina definido. Para uma adolescente, uma mãe linda é uma maldição singularmente dolorosa.

– Atenção! – ela disse, e jogou o sanduíche. Ele bateu no meu ombro com um som de papel amarfanhando, e caiu no chão. Peguei-o, suspirando enfaticamente. – Não vá longe demais. Não sabemos de fato o que existe lá fora.

o o o

Nossas casas davam para uma faixa de campo aberto, grande o bastante para um verdadeiro jogo de futebol, que terminava abruptamente em uma fileira de árvores. Lá no alto, junto à mata, havia um trepa-trepa apodrecendo, com um escorregador furado. Marlena e eu deitaríamos lá centenas de vezes no ano seguinte, nossas pernas pendendo da borda da plataforma, soprando fumaça para o céu. Inverno, primavera, verão, outono, estendendo um saco de lixo sobre as estacas de madeira como um telhado quando chovia, encontrando-nos a qualquer hora da noite para conversar, acho que sobre o futuro, e sobre o passado, o que queríamos e quem éramos, e

especialmente quem não éramos. Às vezes, levávamos uma gaita conosco, o violão detonado de Marlena, e cantávamos até nossas gargantas arderem.

Fui direto em direção aos pinheiros. Trilhas que começavam e se interrompiam ao acaso, entrelaçavam-se no campo nevado convergindo alguns quilômetros atrás das nossas casas até uma trilha mais larga, esmagada por um golpear constante do pisar de botas. Segui-a até o trepa-trepa, onde me agachei debaixo do escorregador para acender meu cigarro. A trilha virava um pouco para a esquerda, e desaparecia entre as árvores. Segui em frente, as árvores adensando-se à minha volta. Graças ao papai, doutor sabe-tudo, eu sabia que as fileiras desregradas de árvores provavelmente significavam que a floresta existia há muito tempo, bem antes de os madeireiros abaterem quilômetros de árvores em Michigan, replantando-as em fileiras perfeitas.

O que eu estava fazendo aqui? Com a minha família tinha acontecido a mesma coisa que acontece a muitas outras: meus pais decidiram que não queriam mais ficar casados. Mas isso não explicava exatamente a mudança para o norte que tinha me levado, justamente eu, uma menina sob outros aspectos equilibrada, a gritar no meu travesseiro à noite, picotar meu próprio cabelo com tesoura de cozinha e pressionar a lâmina de barbear na pele da parte superior da minha coxa até tirar sangue. (O resultado foi que eu realmente não tinha estômago para a coisa.) Fiz quinze anos na primeira semana de dezembro, alguns dias antes de deixarmos Pontiac. Mamãe disse que era mais barato se mudar no inverno. Ela havia pendurado uma faixa de Feliz Aniversário na sala de visitas, que a essa altura estava esvaziada de tudo que a tornava nossa.

Quando meus pais se separaram, meu pai, um cozinheiro que punha avental para fazer rabanada, calçava raquetes de neve, bebia uísque e era fã dos Red Wings, também abraçava daquele jeito de levantar do chão e rodar e era amado pela minha melhor amiga, Haesung, maltratado pelo único filho James, e adorado por mim, mas não era o assistente de gerente da Foodtown, como alegava ser. Tinha sido demitido quatro meses antes, uma semana a mais ou a menos. Assim, quando saía de casa às oito da manhã, de segunda a sexta, não estava indo para o trabalho. Pelo que entreouvi, em vez disso, seus dias consistiam, em grande parte, em atos sexuais com Becky, a barista de vinte e poucos anos com quem agora andava saindo. O divórcio não foi exatamente tranquilo, mas não foi uma surpresa.

Mamãe tinha morado perto de Silver Lake durante uns dois anos, quando

criança, e dizia ter sido a época mais feliz da sua vida, cheia de praias pedregosas, pinheiros com neve no topo, mastros de barcos perfurando ocasos melodramáticos.

– Preciso de uma mudança – ela tinha dito no verão do divórcio, que passou, sobretudo, no computador, comunicando-se com suas amigas do ensino médio, e flertando com homens de todo o estado. – Aqui, todo mundo sabe tudo o que acontece com a gente.

Jimmy me disse uma vez que, por um tempo, ela ficava lhe passando dez e-mails por dia, tendo como assunto frases como “OLHE! MUITO BARATO!”. Nisto, meu irmão e eu concordávamos: mamãe queria comprar algo que só ela poderia deixar, e o que era melhor do que terra? Jimmy e eu trocávamos um olhar sempre que mamãe se estendia numa tangente de hipóteses – pensar nisso me faz ter saudade dele. Mamãe comprou a casa de Silver Lake sem chegar a ver mais do que um punhado de fotografias. Nem sei se ela estava preparada para este vazio, a neve cinza, os quintais cheios de lixo, este denso emaranhado de árvores que pareciam, conforme eu caminhava entre elas, quase famintas, como se fossem engolir você caso não tomasse cuidado. Levava-se vinte minutos até uma mercearia que vendesse algum legume; quase trinta até a escola que eu frequentaria em janeiro próximo, totalmente em outro distrito. Poderia ser bonito, e dava para eu reconhecer isso, aquela mata com jeito de antiga, o ar limpo e claro, mas este era um lugar perdido no mundo.

Enrolei o cachecol na cabeça, puxando-o sobre a testa, de modo que apenas um círculo mínimo do meu rosto ficasse exposto, apenas o suficiente para eu respirar e fumar. Minha garganta estava inchada de tanta fumaça; todas as vezes que eu engolia, descia um nó das minhas amídalas até o peito. Tinha passado, talvez, uns quatrocentos metros do trepa-trepa, quando reparei num conjunto de marcas de pneu de motoneve cruzando a trilha, desenhando oitos ao redor das árvores. Um minuto depois, música, fraquinha e distante. Segui o som até poder discernir a melodia, e depois a voz de um DJ, clara como se eu tivesse pegado o telefone. As árvores começaram a escassear. Mais para a frente, elas criaram uma clareira no formato de uma estrutura comprida, rebaixada e escura, como uma contusão. Dois motoneves estavam parados com suas frentes levantadas em direção à mata. Segui a fileira de árvores, tentando ficar fora da vista. E vi o que parecia um trem, ou um pedaço de um trem, as janelas pintadas de preto, exceto uma que estava estourada e tampada com uma hélice, um ventilador, ou coisa assim, as pás rodando

lentamente. Um vagão de carga, como naquelas séries infantis. Uma porta lateral deslizou para o lado, e um homem pulou para fora, fechando-a à sua passagem. Olhou diretamente para mim:

– Ei! – gritou, dando alguns passos para a frente. – Quem está aí?

Recuei.

– Só estou dando um passeio – disse. Tive que gritar um pouco.

– Volte aqui um segundo.

Virei-me de costas, sentindo-o me observar, e saí dali correndo. Não afrouxei o passo até chegar ao trepa-trepa; suando sob o casaco, me abaixei numa área de relativa ausência de neve, sob o escorregador. Esperei meu coração se aquietar e então acendi outro cigarro. Terminei-o mais calma, e puxei o saco de papel pardo da minha mochila. Quando dei uma mordida no sanduíche, percebi que era só alface, maionese e tomate farinhento, porque mamãe tinha esquecido a carne.

o o o

Não muito depois de chegar em casa, minutos depois de ter colocado uma camiseta limpa, e lavado as mãos até sentir o cheiro de cigarro só quando levava a ponta dos dedos até o nariz, nossa campainha tocou. Era sempre eu quem abria a porta. *Papai*, eu pensava quando ouvia um som do lado de fora, antes de chutar a palavra para fora da minha mente.

– Andei pensando em me apresentar – disse o homem, parado desconfortavelmente próximo à soleira. – Mas agora a gente já se conhece. Moro logo ali. Tenho uma filha da sua idade. – Ele tinha um ligeiro sotaque inidentificável, as vogais meio enroladas. Olhando de perto, era quase tão esquelético quanto minha mãe minúscula, algo de faminto, mas não agressivo, nos olhos. À parte seu tamanho, e as feridas que acompanhavam a linha do seu cabelo, uma especialmente inflamada dando para sangrar do lado direito do nariz, ele poderia ser qualquer velho pai. Ele não me assustou, mesmo tendo me pegado espiando na mata.

– Oi – eu disse. – Acho que já me encontrei com ela. E com Sal também.

– Sal? É um bostinha divertido – ele disse, como se fôssemos velhos amigos. – Não há nada pra ver lá, menina.

– Tudo bem.

– Só árvores e propriedade privada. – Seu olhar vagou em torno. – Você sabia

que sua calha está caindo? – Fui para fora, para a plataforma de madeira onde mal cabiam nós dois, e ele apontou o lugar onde uma série de pingentes de gelo forçava a calha pra fora do beiral do telhado. – Está vendo?

– Vou chamar a minha mãe.

Deixei-o ali parado com seu moletom, seu jeans grande demais, um menino com rosto muito velho, enquanto fechava propositadamente a porta.

Mamãe estava na cama, enterrada debaixo do cobertor, usando os óculos que faziam seus olhos parecerem no fundo de um poço.

– Quem é? – ela perguntou, virando a página do livro de meio quilo que estava lendo, uma série sobre o sexo na Escócia. Eu tinha lido todos.

– Vizinho. Diz que nossa calha está caindo.

– É aquele cara dissimulado do celeiro do vizinho? – mamãe perguntou, girando as pernas para fora da cama.

Lá fora, o pai de Marlena fez com que contornássemos a casa, dando uma pancada nos pingentes de gelo com uma pá de neve, de modo que adernassem para o chão. – Vocês têm que fazer isso a cada duas semanas nesta época do ano, principalmente quando moram numa dessas coisas pré-fabricadas, onde eles grudam as calhas com massinha.

– Obrigada.

Enquanto ele não estava olhando para ela, batendo nas calhas, mamãe me cutucou e revirou os olhos. – *Este cara* – ela articulou com a boca – *acha que sabe tudo.*

Uma dezena de pingentes de gelo arrebentou-se no chão, e ele olhou para ela esperando sua aprovação, recostando-se na pá, estranhamente sem fôlego.

– Eu não fazia ideia – ela disse.

– Mais um dia e elas estariam completamente arrebentadas.

– Estou vendo.

– Posso fazer isto, se você quiser, quando fizer nas minhas. Não me custa nada.

– Tudo bem – mamãe disse. Eu tinha ficado o tempo todo em silêncio, acho que montando guarda, ou talvez apenas curiosa. – Você acredita que tenho um filho crescido? Acho que, provavelmente, este é um bom trabalho pra ele.

– Não posso acreditar – disse o pai de Marlena, seu rosto completa e inexplicavelmente vermelho. – Eu diria que você não tem mais de vinte e cinco anos.

O efeito que mamãe tinha sobre os homens me enfurecia na adolescência, especialmente então, antes de eu ter feito sexo. Eu me ressentia dela por também falhar nisso, ao não ter me passado esta qualidade: seu charme, sua maneira de fazer com que até óculos de grau parecessem de uma elegância nerd. “Esta é sua filha?”, as pessoas sempre diziam quando ela me apresentava, como se eu a tivesse roubado, forçando-a a me reivindicar como sua. Isto? Deixei-os ali.

Estava em meu quarto, lendo o livro da minha mãe, a partir do exato trecho onde ela havia parado, quando Marlena abriu a porta. Um laivo de irritação. Por mais que eu quisesse ter amigos, detestava ser interrompida em um livro.

– Sua mãe disse que você estava aqui. Meu pai está a toda, tirando a neve da sua entrada de carro, agora. Acho que está tentando ser sedutor.

– Notei.

– Este lugar parece a cela de uma prisão – Marlena declarou, coçando o pescoço. Usava uma camisa masculina abotoada sobre uma camiseta como a que eu tinha visto antes, com decote canoa, o colarinho cortado fora.

Meu quarto consistia em um colchão no chão, uma caixa com função dupla como cesta de roupa suja, uma foto colada de Haesung e eu ao lado de uma foto rasgada de um modelo sem camisa de um catálogo da Abercrombie, seis gavetas de plástico em três pilhas lado a lado, duas caixas no canto mais perto do armário que eu não tinha me dado ao trabalho de desempacotar. O que havia dentro delas? Tralha do meu antigo quarto, um quadro de cortiça, minha boneca American Doll, um par de cavalos de cerâmica, presente da minha avó e o equivalente a uma semana de uniformes da Concord, que eu estava guardando sem motivo.

– Tenho uma ideia – Marlena disse, e saiu.

Logo ela voltou com duas latas de tinta pela metade, uma amarela e a outra azul, cores de Michigan, e um CD do James Taylor, músicas ao violão cheias de fumaça de fogueira que me lembravam de papai. Tiramos as tampas grudadas usando colheres como alavanca, e jogamos fora a pele de tinta seca para chegar à porção ainda líquida. Limpamos a tinta nos nossos jeans, nos braços uma da outra, bagunçando de propósito. Não havia pincéis, então abrimos um pacote novinho de esponjas de cozinha, que achamos debaixo da pia. Levamos tudo para o centro do quarto e começamos a trabalhar, jogando as esponjas na tinta e batendo o excesso na minha caixa-cesta. Cada uma ficou com uma parede. Marlena cantava enquanto pintava, em harmonia com James Taylor, indo mais para o agudo ou mais para o

baixo, dependendo da música.

– A sua voz é mesmo linda – eu disse, timidamente.

– Eu tenho ouvido absoluto – ela disse. – Costumava pegar todos os solos, gospel, pop, tudo, até que comecei a faltar em muitos ensaios.

Depois que o CD fez uma pausa e recomeçou, comecei a cantar também, esforçando-me na letra. Eu nunca tinha confiança o suficiente para seguir coisa alguma, a não ser a voz mais forte. Quando começou “Fire and Rain”, Marlena discorreu por um tempo sobre como a magia de uma música está em suas transições. Interrompeu e voltou a tocar as faixas em lugares diferentes, mas eu meio que perdi o fio da meada.

– Então, do que você sente mais falta? – ela perguntou, franzindo o cenho perante o cometa que estava tentando pintar. – Do seu namorado? Da sua melhor amiga?

Desde a mudança, Haesung tinha entrado em contato umas quatro vezes. Respondi todos os seus e-mails quase que instantaneamente, até mesmo o que era apenas o repasse de uma corrente. Sentia-me como se conhecesse Haesung muito bem – sabia que ela escondia balas dos pais numa caixa de sapatos debaixo da cama, que estava perdidamente apaixonada pelo nosso professor de francês. Eu estava lá no dia em que ela começou a menstruar, e expliquei-lhe como usar o seu primeiro tampão. Desde a infância, passávamos quase todas as noites de sexta-feira dormindo em uma de nossas casas. Nos meses antes de eu me mudar, às vezes eu tentava empurrá-la para algo novo, sair às escondidas depois da meia-noite e ir até o 7-Eleven, alugar um filme como *De olhos bem fechados*, até roubar um pouquinho da maconha de Jimmy. – Eca, Cath – ela dizia. – Você é tão atacada. – Ou, pior, ela simplesmente perguntava por quê.

– Acho que por causa do meu pai. Embora ache que isso faz de mim uma traidora. Posso dizer por causa da minha escola?

– Não, não pode.

– Era uma escola muito boa – eu disse, surpresa com a sensação na minha voz. Eu tinha feito a maior campanha com meus pais para que, pelo menos, deixassem que eu me candidatassem à Concord, mais ainda para ir; nenhum deles tinha frequentado escola particular, muito menos faculdade. Quando precisei sair, senti que minha vidinha tinha terminado. Fico constrangida em lembrar como os meus ataques devem ter parecido bobos e exagerados para mamãe e papai; especialmente para

Jimmy. Saí e eles receberam um reembolso total. Mamãe usou o dinheiro para cobrir parte dos custos da mudança.

– Então você não é só uma nerd! Você é um gênio.

– Não... É só que a minha vida era uma coisa, e agora é totalmente diferente.

– Sei o que você quer dizer. É igual quando a gente ganha um cachorrinho no lugar do antigo que foi atropelado por um carro.

– É, e o substituto não tem pernas.

– E em vez de olhos de filhote, ele tem uma espécie de pedaços de carvão.

– Ou é totalmente sem rosto, apenas uma sensação profunda e inalterável de tristeza mortal quando você olha pra ele.

– Eca. Conheço pessoas com rostos assim. Meu namorado tem um rosto assim quando digo que não quero transar. Ele literalmente fica... – Ela mostrou a língua e ficou estrábica, até que eu finalmente ri.

Quando seu CD do James Taylor recomeçou pela terceira vez, ela me perguntou se tínhamos alguma coisa para beber. Passei um bom tempo na cozinha tentando decidir se eu lhe levava um copo de suco de laranja ou só água. Escolhi água com dois cubos de gelo. Não tinha reparado na casa prateada, do tamanho de uma caixa de fósforos, uma espécie de broche espetado na sua camiseta, mas notei quando ela o pressionou com seu dedo mindinho, abrindo-o e tomando cuidado para pegar o comprimido azulado que rolou para fora da pequena cavidade. Jogou o comprimido para dentro da boca, e o chupou por um minuto, eu acho, antes de triturá-lo entre os dentes. Depois, tomou um gole de água, fazendo a careta que se faz quando alguma coisa tem o gosto amargo.

– O que era aquilo?

– Tão intrometida!

– O que era?

– Tenho dores de cabeça.

– Ah – eu disse. É claro que era esquisito, mas não mais esquisito do que ela ter uma trinca de corações desenhada com marcador nas costas da mão direita, ou que seu rímel fosse levemente azul, ou que seu broche de velhinha fosse uma casa, mesmo em miniatura, muito mais bonita do que todas as casas em Silver Lake. Ela terminou a água e chupou um dos gelos. Depois, me mandou à caça de uma tesoura.

Quando voltei com a tesoura, Marlena recortou uma das esponjas num formato

de coração. Do lado de fora da minha janela, o sol estava se pondo. Talvez ela ficasse para jantar. Talvez ficasse para dormir. Acendi a luz para podermos ver o que estávamos fazendo. Ela cortou as três últimas esponjas nas letras do meu nome, um C-A-T torto. Numa tigela de cereal, misturou um punhado de tinta azul com amarelo, até conseguir um verde-turquesa. Molhou os dedos na tinta e escreveu “verdes e azuis delicados são as cores que escolhi” com pegadas de ratinho ao longo do rodapé. Eu não tinha feito nada no meu lado, a não ser alternar quadrados amarelos e azuis como se estivesse decorando o dormitório de um calouro ultra-ansioso da Universidade de Michigan. Mas a dela: corações em amarelo, meu nome cá e lá em azul, letras de música em vários tons de verde nos sentidos horizontal, vertical e até diagonal, pequenas mensagens secretas, tantas que nos meses seguintes eu descobriria novas frases o tempo todo.

Quando vi o que ela tinha feito, fiquei constrangida com meu desenho geométrico nada original, então, num quadrado livre da parede abaixo da janela, tentei fazer uma coisa diferente. Depois de ficar olhando por um bom tempo, não pude pensar em nada bom, e só acabei desenhando espirais azuis e amarelas até apagar todo o caos com uma camada só de azul. Um verde enjoativo brilhou onde deveria estar o azul. Durante o tempo que vivi lá, sempre que via aquele ponto, sentia uma dor aguda e específica.

Acho que Jimmy estivera parado na entrada do quarto por um tempo, antes de percebermos. Estávamos novamente cantando, e alto.

– Você tem talento – ele disse, bloqueando todo o corredor, grande como um homem feito, e, por um segundo, pensei que estivesse falando comigo.

– Obrigada – Marlena disse, e por reflexo passou as mãos nos cabelos, deixando no loiro uma faixa mais amarela. Também fiquei surpresa com a maneira graciosa com que ela aceitou o cumprimento. As crianças ricas nunca se vangloriavam. As crianças da Concord sempre comentavam seus resultados com uma espécie de vergonha velada, forçada ou não, e então eu fazia o mesmo. Não era grosseiro não desviar cumprimentos, principalmente quando vinham de meninos? Imodesto, pouco atraente, não feminino, de certa forma?

– Quer ouvir até onde alcanço no agudo? – Ela apertou o botão de pausa no toca-CD, deixando uma mancha de tinta no botão.

– Claro – disse Jimmy.

Ela levantou o peito, fez um “O” perfeito com a boca, sobrancelhas levantadas,

faces encovadas, e soltou um som que era todo agulha, tão alto que reorganizava suas células, arrepiava os pelos dos braços. Audível do futuro, onde me acompanha. Quando ela parou, ficamos todos quietos por alguns segundos, mas o som permaneceu no quarto, como se ela tivesse construído algo real com a voz, e o libertado.

– Isso foi incrível – Jimmy disse, batendo palmas.

o o o

Nunca acreditei na ideia de um espectador inocente. O ato de observar muda o que acontece. Só pelo fato de você não tocar em nada, isto não significa que esteja isento. Você pode se ver tentado a me perdoar por ter apenas quinze anos, por estar envolvida demais, por não saber como agir, por não compreender, ainda, a maneira como até as coisas mais insignificantes refletirão até que eu esteja irremediavelmente adulta. Ou, no caso de Marlena, até que ela se tornasse a pessoa que jamais terá a chance de ser. Para o mundo pouco importa que você seja apenas uma menina.

Que o registro mostre que eu era mais esperta do que parecia. E, seja como for, toquei.

o o o

Os carros começaram a chegar por volta de dez da manhã na véspera do Ano-Novo. Primeiro, estacionaram no gramado em frente ao celeiro Joyner, avançando com determinação pela neve. Quando o gramado ficou cheio fizeram uma fila ao longo da rua em frente às nossas duas casas, uma caravana de picapes. Por volta da hora do pôr do sol, enquanto mamãe e eu distribuíamos na assadeira fileiras de enroladinhos de salsicha, uma caminhonete fechada veio em disparada pela rua, dando uma guinada na calçada antes de parar logo atrás da última picape. Mamãe colocou a assadeira no forno, sacudindo a cabeça.

– Veja só – ela disse, apontando o “S” deixado pelos pneus da caminhonete no pó fino que cobria a rua. – Esses meninos vão acabar matando alguém.

O mais bonitinho dos dois meninos, que eu tinha visto dando um tempo na casa de Marlena, pulou do lado do motorista, e seu amigo espinhudo puxou uma sacola de lona do banco de trás. Foram fazendo baderna até o celeiro, o bonitinho tocaiando o outro com punhados de neve.

Mamãe, Jimmy e eu ainda não estávamos acostumados com comemorações sem papai, mesmo depois do nosso Natal deprimente. Em vez de termos um jantar de verdade, comemos inúmeras salsichas envolvidas em bacon e três latas de azeitonas pretas, porque, como mamãe colocou, “nós podíamos”. Ao anoitecer, mamãe e Jimmy tinham passado de festivos a insanos; riam muito alto e falavam um por cima do outro, tomando decisões cada vez mais estúpidas no jogo de buraco, de modo que ganhei vezes seguidas.

– Você – mamãe disse – é a campeã absoluta. – Ela inclinou-se sobre a mesa e tentou equilibrar uma azeitona na faixa do meu cabelo. Seus olhos estavam raiados de veias. A azeitona caiu no meu colo, e depois no tapete.

– Nunca acreditei num germe que não podia ver – Jimmy disse, pegando-a, examinando para ver se tinha fiapos, e jogando-a dentro da boca.

Bem antes do pôr do sol, o baixo tinha vibrado nas fundações da nossa casa modular, ligando-a à casa dos Joyners. A vibração persistiu quando o relógio bateu meia-noite. A bola desceu na multidão da Times Square. No ano anterior, quando eu disse que adoraria ver aquilo pessoalmente, papai me deu um dos seus olhares *você não é minha filha*. – Isso aí, a cidade de Nova York no Ano-Novo é um inferno – ele disse. – Está vendo todas essas pessoas? Cada uma delas precisa mijar, e não tem lugar pra isso. – Na minha primeira passagem de ano em Nova York, fiquei na minha escada de incêndio ouvindo a comemoração da cidade toda. Com oito milhões de pessoas desejando felicidade exatamente na mesma hora, pensei em como ele também tinha errado em relação a isso. Também pensei se estávamos todos amaldiçoados a ter as mesmas discussões com as mesmas pessoas para sempre, não importa o quanto estivessem longe. – Feliz Ano-Novo – sussurrei para os táxis lá embaixo, para o maldito Empire State, bêbada apenas o suficiente para apertar as mãos de Marlena e papai, como se estivessem bem ali. Por que dizem que os fantasmas são frios? Os meus são quentes, um bafo umedecendo seu rosto, uma voz, quando você pensa estar só.

– Feliz Ano-Novo! – mamãe e Jimmy gritaram, batendo suas frigideiras uma na outra.

– Feliz Ano-Novo! – eu disse, dois segundos depois. Dei um tapa na parte de baixo da minha panela. Em vez da minha costumeira sensação de Ano-Novo, como uma bolha inflando no coração, senti o oposto, um esvaziamento, um estouro e depois uma queda, como se eu fosse uma das bolas da Times Square, caindo devagar

para pousar na calçada antes de ser pisoteada.

– Vou lá fora, dar uma experimentada no ar pra ver qual é a sensação no Ano-Novo – eu disse.

– Senhoras e senhores – Jimmy disse. – Ao que parece, nenhum milagre aconteceu aqui esta noite. O velho continua velho, o doente continua doente e minha irmã pirada ainda é uma completa e total pirada sem volta.

– Ei – mamãe disse.

Em frente à casa dos Joyners a música estava ainda mais alta; rock clássico com um toque de country, algum cantor que papai reconheceria. A luz vazava entre as tábuas do celeiro, pulsando no ritmo da música. Quem abriria a porta se eu fosse até lá e batesse? De certo modo, fiquei preocupada com Marlena. Caminhei distraidamente até a rua, até a fila de carros estacionados. Queria fumar em algum lugar bem longe da janela para que mamãe e Jimmy não me vissem, na remota chance de que um dos dois fosse ser suficientemente coerente para se perguntar aonde eu teria ido. Encostei-me à picape que eu tinha visto com aqueles dois meninos e acendi um cigarro, desfrutando a leve excitação sorrateira que vinha quando me permitia um hábito novo e prejudicial. Dali a cinco anos, fumar um cigarro seria como vestir uma calça. Encostei a cabeça na janela e expirei.

Alguma coisa atingiu o vidro atrás de mim e dei um pulo, batendo a base do crânio na picape.

– Que porra... – eu disse, e vieram mais duas pancadas, uma mão contra o vidro. A porta correu, abrindo-se, e Marlena sorriu para mim sob a luz automática, uma lufada de fumaça de maconha rodopiando em torno dela. Os meninos estavam com ela. A mão do bonitinho estava aninhada debaixo do joelho à mostra de Marlena, e o coberto com acne estava sentado no banco dianteiro do passageiro, a cabeça recostada para trás. Minhas faces estalaram só de olhar para ele.

– Você nunca tem frio? – perguntei.

– Pra falar a verdade, não. Sou como um vampiro. Mas pode ser que sim, se você ficar aí, deixando a porta aberta... Entre.

Ela se afundou numa espécie de caverna que o corpo do menino fez para acomodá-la. Entrei e fechei a porta, pensando brevemente em Haesung, no quanto ela odiaria o que eu estava fazendo, como jamais ela teria entrado no carro. A luz apagou-se.

– Greg, esta bisbilhoteira é a Cat. Ela mora naquela casa de João e Maria que fica

ali. Cat, este é o Greg. – Marlena apontou para a frente, e o perfil do menino confirmou: – E este é Ryder. – Ela lhe deu um beijo estalado na bochecha. – E estamos barbaramente chapados, e tenho cem por cento de certeza de que Ryder acabou de apagar. – Ela deu um tapinha na orelha dele, e, em câmera lenta, ele tentou afastar a mão dela. – Está vendo? – Apesar de ter me chamado de bisbilhoteira, sua voz era simpática.

– Prazer em conhecer vocês?

Ryder reprimiu o riso e minha pele ficou em fogo.

– Então, me conte, porque andei pensando nisso e literalmente faz menos sentido pra mim do que qualquer coisa no mundo. Por que porra vocês se mudaram pra cá? Ninguém vem pra cá. As pessoas nascem aqui, morrem aqui, passam por aqui, imagino, mas até isso é raro.

– Ram se mudou pra cá – Greg disse.

– O pai dele era como um pioneiro daqui – disse Marlena. – Não conta.

– Minha mãe é louca – falei.

Saiu mais rápido do que eu pretendia e percebi que em grande parte eu estava falando sério. Mamãe tinha usado a mesma regata, sem sutiã, durante quatro dias. Não tinha um trabalho, nem um único amigo, e às vezes eu entrava na sala de visitas e a encontrava encarando o vazio, ou até, de um jeito horroroso, fazendo perguntas em voz alta para si mesma.

– Deve ser. A mãe do Ryder também é louca, se isso faz você se sentir melhor. E a do Greg morreu. A minha é a Mia, possivelmente morta, e, se não estiver, está certamente louca.

Marlena riu, e o mesmo fez Greg, um pouco. Eu me permiti também.

– Bom, sinto muito?

– Não sinta. Você não as matou. E, seja como for, a gente é que deveria sentir por você. Você acabou de se mudar pra *Silver Lake*.

– Afinal, onde fica o lago?

– O lago ao qual podemos atribuir o nome deste lugar é, realmente, chamado de Silver Lake – disse Greg. – Fica a uns dois quilômetros depois da placa, um dos muitos lagunhos internos a partir do lago Michigan. Também não é o melhor deles. Muitas algas, mexilhões-zebra etcétera. – Ele pronunciava etcétera dizendo uma letra depois da outra, prolongando os sons: Eee. Tee. Cee...

– Obrigada, professor – disse Marlena. – Além disso, não se deve andar por lá

descalça na areia, por causa das agulhas, então, é, como eu disse, seja bem-vinda.

– Tipo, não vale uma visita?

– Às vezes a gente vai – Greg disse –, apesar dos defeitos. É de casa, e esse tipo de coisa.

– Da minha casa, não – disse Ryder, a voz vindo de baixo d’água.

– Ryder mora com a mãe dele em Kewaunee – disse Marlena. – Ele costumava morar naquele trailer seguindo a rua, o que tem a carinha alegre, mas subiu na vida.

Kewaunee era a próxima cidade de verdade, na baía, onde ficavam as escolas e as mercearias, o Walmart, o cinema e o único restaurante chinês em cem quilômetros. Além de mim, Marlena e Greg, Silver Lake só tinha pesca de truta, um posto de gasolina, uma igreja e uma sex shop.

– Marlena – uma voz gritou lá de fora, ruim até a distância.

– Rápido, por favor, está na hora – disse Greg, num sotaque britânico empostado.

– Ai, Deus. Fique quieto e talvez ele não me ache. Apague seu cigarro, Ryder, ele vai ver a brasa. – Ela se encolheu debaixo do banco traseiro e eu a imitei.

– Assediador – disse Greg.

– Marlena, seu pai está chamando, ouviu? Sal está chorando. – O homem chamou mais perto.

– Que mentiroso – Marlena cochichou. – Coloquei meio Dramin no leite dele. Ele apagou.

– Você drogou seu irmão?

– Ah, não faça soar deste jeito. Li sobre isso num blog de pais. Seja como for, o que devia fazer? Deixar com que corra o risco de dar com um bando de pessoas surtadas na sala de visitas, como no ano passado? Sinceramente – ela disse, suspirando dramaticamente –, a única coisa boa no fato de o meu pai estar com o cérebro pastoso por causa daquela merda é que jamais, nem em uma centena, um bilhão de anos, enquanto eu viver, toco naquela droga.

– É, mas toca *Ryder* – disse Greg, e Marlena contornou o assento dele e puxou seu cabelo até ele ganir.

Eu sabia que “surtadas” tinha alguma coisa a ver com drogas, embora não soubesse o quê. Eu era uma menina de quinze anos. Meu conhecimento sobre drogas vinha dos folhetos da escola, e dos filmes da TV com finais moralistas. As circunstâncias da vida de Marlena agora me assustam mais, em retrospecto, do que

na época. Deixei que preocupações mais imediatas se sobrepusessem ao perigo: a delicada rede de ligações entre aqueles três, e como eu tinha inveja daquilo; o gosto de um cigarro, seu aspecto queimando no escuro; como, quando eu fazia algo que me deixava nervosa, era recompensada com um choque de adrenalina que acabava com o meu acanhamento e me fixava no momento. Continuo perseguindo essa sensação. Posso recuperá-la, às vezes, num happy-hour, mas em versão diluída – ela mora próximo ao fundo do segundo drinque.

– Ah, lá se vai meu Réveillon – Marlena disse, puxando para baixo o tubinho preto que usava, para que ele não fosse além das suas coxas. Pelo para-brisa, eu podia ver um homem, dois carros à frente, olhando para dentro das janelas. Em um minuto ele chegaria ao nosso. Instintivamente, puxei a maçaneta e pulei para fora da picape, fechando a porta com força.

– Ei! – gritei, andando rápido, de modo a interceptá-lo antes que chegasse ao carro. – Está procurando a Marlena?

– Quem é você? – ele perguntou. Usava um moletom, as mangas subidas, deixando os braços à mostra, de modo que dava para eu ver suas tatuagens. Era Bolt, o cara do caminhão, pensei, o cara não me toque, o cara que a deixou no gramado da frente como uma casca vazia.

– Cat. Amiga da Marlena.

– Tudo bem, Cat-amiga-da-Marlena. Cadê ela?

– Foi dar uma volta com o Ryder, acho, faz um tempinho. Eu estava na picape ligando pro meu pai – menti, sentindo-me pela primeira vez agradecida pela minha timidez. No brilho da lua que Michigan proporciona à noite, quando não há nada além de neve e estrelas, só dava para eu imaginar o vinco irritado entre os olhos de Bolt.

– Para aquele lado? – Ele gesticulou em direção à placa de Silver Lake.

– Não, pra lá. Onde estão aqueles trailers.

– Se você vir ela, diga que agora está na hora de entrar.

– Com certeza, eu digo.

Ele foi na direção que indiquei, e quase levei o cotovelo à barriga, um ligeiro *yes*, digno da menina nerd que eu ainda era. – Feliz Ano-Novo – gritei. Em vez de voltar para a picape, fui direto pra casa, mastigando um sorriso, sentindo três pares de olhos me seguindo. Bastava de Cat por uma noite. Não queria abusar da sorte.

Dentro de casa, Jimmy estava ainda mais bêbado do que mamãe, as pálpebras tão

pesadas que dizer que estava acordado não seria uma verdade inteira.

Embora Jimmy só tivesse dezoito anos, mamãe tinha desistido de ignorar sua bebedeira e tudo o mais, desde que nos mudamos para Silver Lake. Ela alegava que adultos que pagavam aluguel deviam poder tomar uma cerveja, e que era constitucionalmente errado que americanos pudessem morrer por seu país antes de pedir uma bebida com o jantar. Mas, na verdade, ela permitia porque não queria beber sozinha.

Mamãe tinha cochilado na cadeira do computador, o queixo contra o peito, uma exclamação de molho apimentado salpicada na frente da sua camiseta – que era de papai. Saí do seu site de namoro e fechei o navegador. Passei os dedos pelo seu cabelo até ela se mexer, e a ajudei a ir para o quarto.

– Seu pai pode lavar a louça – acho que ela murmurou, com o braço em volta da minha cintura.

Ela se enrodilhou por cima do edredom, e tive que esticar suas pernas para tirar o jeans, tão folgado que nem precisou ser desabotoado. Enchi um copo de água e deixei na mesa de cabeceira, ao lado de dois comprimidos de Tylenol. Jimmy roncava no sofá. Podia ficar ali a noite toda. Tinha muita coisa que eu queria perguntar a ele: sobre Marlena e sobre surtar, ou, melhor ainda, onde ele achava que papai estaria naquele exato momento, se ele o imaginava como eu, celebrando com a Becky, sem dar a mínima para nós.

Até Marlena baixar como um óvni, tudo o que eu tinha era mamãe e Jimmy. Se não telefonasse para Haesung ou papai, e só respondesse às perguntas diretas, tenho certeza absoluta de que poderia passar um dia inteiro sem dizer mais do que dez palavras. Resolvi fazer um teste no Ano-Novo.

Antes de ir para a cama, rearranjei as letras magnéticas na porta da geladeira. *Feliz An Nov!*, escrevi. Não tínhamos “Os” suficientes.

o o o

Não muito tempo depois, Jimmy avisou que tinha conseguido trabalho numa fábrica de plástico. Estávamos jantando. Ele espetou duas fatias de bolo de carne, empilhando-as no seu prato.

– Vão pagar bem? – mamãe perguntou.

– Doze a hora – disse Jimmy.

– Melhor do que eu pensava.

Dava para eu ver pela expressão no seu rosto que ela havia começado a calcular em silêncio.

– Tudo bem – eu disse, afundando uma cenoura na superfície granulosa do bolo de carne. – Deixe-me esclarecer as coisas. Além da óbvia insanidade de abrir mão de uma bolsa de estudos na Universidade Estadual de Michigan para se mudar para Silver Lake com a gente, agora você vai e aceita um trabalho numa fábrica de plástico. Uma fábrica onde pessoas fazem plástico?

– É, o plástico é feito na fábrica de plástico – Jimmy disse.

– Agradeço o esclarecimento. Parabéns, Jimbo! Finalmente você começou sua espiral descendente para se tornar um caipira sem futuro que come maconha três refeições por dia. Talvez possa usar um dos plásticos que fizer pra levar seu fumo por aí.

– Sabe de uma coisa? – Jimmy disse, antes que mamãe pudesse intervir. – Você vai virar uma vaca esnobe quando ficar adulta. Graças a Deus a gente tirou você da Concord antes que ela a deixasse ainda pior.

– Mãe! – Se Jimmy tivesse dito “vaca” à mesa do jantar em frente ao papai, levaria um tapa. Mamãe só ficou ali sentada, olhando suas cenouras.

– Me desculpe – Jimmy disse. – Mas, Cat, não serei julgado pelas minhas escolhas de vida por alguém que é jovem demais pra dirigir.

Amassei meu bolo de carne. Dois anos antes, Jimmy e eu tínhamos assistido a um documentário sobre fábricas americanas. Pessoas perdiam mãos, olhos; paravam para coçar a testa e trinta segundos depois despencavam em barris de água fervendo. O filme estava cheio de relatos verdadeiros de um acidente após o outro. Os assuntos eram sempre sobre partes faltando: uma sobrancelha, as primeiras falanges do indicador e do anular, braços inteiros.

Jimmy contou-nos como ele tinha visto o “Precisa-se” afixado na janela, como o gerente o tinha olhado de alto a baixo e perguntado se ele se considerava um cara do tipo “coruja”. Jimmy *era* uma “coruja”, e ponto final. Exibiu seu uniforme cáqui e o protetor de ouvido, e depois nos mostrou aqueles protetores finos e compridos que deveria estender sobre os braços para se proteger de queimaduras. Trabalharia quatro dias por semana, às vezes da meia-noite às seis da manhã. Só precisava ficar ali parado, pegar lascas de plástico do tamanho de uma unha e colocá-las de volta em uma esteira rolante.

– É como um romance de Huxley – ele disse.

Aquilo me liquidou. Não era como um romance de Huxley. Era como trabalhar numa fábrica de plástico.

– Bom – disse mamãe –, é bom experimentar coisas novas. – Seus olhos estavam imensos e meio que magníficos. Ela se serviu de mais uma taça de vinho e deixou os pratos para eu e Jimmy lavarmos.

o o o

No dia seguinte, dez palavras.

“Sim, não, não, não obrigada, boa noite, mamãe, boa noite.”

o o o

O celular de Marlena estava frequentemente desligado ou sem crédito, então era difícil falar com ela – aspecto que acrescentava muito à sua magia. Deduzi que tinha andado distante porque a escola estava prestes a começar. Ela era desencanada. Tinha que ser, por causa da sua aparência, da maneira como cantava, por causa de Ryder, da facilidade com que o chamava de seu namorado. A escola Kewaunee acachapava-se no horizonte como uma fera com asas e presas.

– Mamãe, o que acontece é que esta época tem sido muito difícil. As crianças que sofrem os efeitos de um divórcio deveriam ser introduzidas às mudanças externas à situação familiar de uma maneira muito, muito lenta. É o que todo mundo diz. Todos os especialistas.

Eu estava citando, quase palavra por palavra, um comentário anônimo num mural postado por bunneehart 2109 “me ajude meus pais acabaram de se divorciar e meu gato foi atropelado pelo carro do meu namorado:(“, uma pessoa extremamente infeliz.

– Fascinante. Sabe o que isso me faz pensar? – Ela jogou um jato de Clorox no balcão ao redor da pia. Seu avental abriu no pescoço. Não estava amarrado com bastante firmeza. Dava para eu ver os bojos acinzentados do sutiã que estava usando há dias. Por um instante fui tomada por um impulso de estapeá-la. – Dica: é uma música dos Rolling Stones.

– “Satisfaction”? “Brown Sugar”?

– “Nem sempre se consegue o que quer” – ela cantou.

Como eu poderia lhe explicar? Ela havia se casado depois de largar a faculdade.

Mas eu tinha ido à Concord. Como é que poderia ir daquilo para a Kewaunee, de um futuro onde eu poria em prática meus sonhos (mesmo que ainda não soubesse quais eram), para um futuro cheio de bebês, um marido, todas as noites uma cozinha que escurecia da mesma forma, aspirar meu carpete de segunda, sempre a porra do aspirador. Eu era mesmo uma esnobe horrorosa.

Tentei conseguir a ajuda de Jimmy. Ele poderia explicar que eu era suficientemente motivada para praticamente estudar sozinha em casa; poderia relembrar mamãe da vez em que criei para ele um conjunto de cartões ilustrados em espanhol, as conjugações diferenciadas por cor, e que aprendera tanto no processo que, em umas duas horas, pude interrogá-lo sem nem mesmo usar os cartões. Bati à sua porta. Ele levou um longo minuto para abri-la. Apenas alguns dias no novo trabalho, e seus olhos verdes pareciam mais fundos no rosto, como se alguém os tivesse afundado no crânio com os polegares.

– Caso você não tenha percebido, estou tentando dormir – ele disse. – Tenho certeza que você sabia disso.

– Não posso ir – eu disse. – Ela vai te ouvir.

– Você é uma cretina – ele respondeu, e fechou a porta na minha cara.

Papai foi o próximo. Fiquei na varanda. Fazia tanto frio que o ar tinha um cheiro que me lembrava de quando prendia a respiração debaixo d'água. Uma sombra passou pelas janelas do celeiro, grande demais para ser Marlena ou algum dos seus irmãos. Talvez fosse seu pai. Não me ocorreu, então, nem por um longo tempo depois, imaginar como Marlena sentia-se de fato em relação à mãe. Eu estava tão concentrada no desaparecimento do meu pai que não percebia que o desaparecimento de uma mãe poderia ser ainda pior.

Tirei o celular do bolso e digitei o número do meu pai. O celular cantou “Country Roads” no meu ouvido. Papai tinha descoberto como transformar seu toque em música. Ele era ótimo em tudo que fosse inútil. A música estava quase na metade quando ele atendeu.

– Papai – eu disse –, me deixe voltar pra casa.

A sombra na janela dos Joyners desapareceu. E eu não implorava.

– Oi, querida – ele disse, a voz tão próxima, tão dele, que pela primeira vez pensei no que um telefone realmente faz. – Do que você está falando? Você está em casa.

Na noite anterior ao início das aulas, cortei cuidadosamente os colarinhos de cada uma das minhas camisetas. Vesti uma delas, lisa, exceto pelo “C-o-n-c-o-r-d” escrito em letras vermelhas no peito, e fiquei em frente ao espelho estreito, pendurado em um gancho de plástico na porta do meu armário. Agora, a camiseta escorregava dos meus ombros quando eu relaxava para um lado, inclinando o quadril; abria-se no decote quando eu me inclinava para a frente, mesmo que só um pouquinho. Parecia bom – melhor. Ao mesmo tempo mais sexy e mais determinado. Enrolei as sobras dos colarinhos e as enfiei dentro de uma meia desempareirada que escondi no fundo de uma gaveta de plástico.

Nova York

COMO SEMPRE, A SALA DE REUNIÕES ESTAVA ANIMADA. Trabalhamos em círculo, apresentando nossas informações semanais. Falei sobre o aumento de interesse na plataforma que vínhamos experimentando desde que um estagiário postara a animação de um coelhinho adormecido caindo de cabeça em um livro aberto; comuniquei que os convites para a noite de gala seriam enviados na sexta-feira. Ninguém perguntou por que estavam sendo enviados com atraso. Cuido da comunicação do nosso setor: uma porção de revisões, planejamento de eventos, almoços, encontros e estratégia de mídia social. Detalhes e pessoas. – É quase como ser uma escritora, não é? Trabalhar numa biblioteca? – Liam disse em um de nossos primeiros encontros. Eu tinha acabado de conseguir o emprego depois de anos de períodos de dezesseis horas, estágios, trabalhos voluntários, *networking*, tudo encaixado entre turnos de garçonne e noites atrás do bar. Ele não estava se referindo a isso. Meu celular vibrou no bolso do casaco, e o puxei para fora dissimuladamente, colocando-o no colo como uma adolescente, esperando alguma notícia de Sal.

Era Liam perguntando a que horas eu estaria em casa.

O que Sal queria saber? Era difícil para mim, especificar onde uma lembrança terminava e começava outra. A tatuagem que Marlena queria fazer no pulso, a palavra “azul”, sua cor preferida, seu álbum preferido, uma ponte entre suas veias azul-claras, tornou-se a cor das paredes no antigo apartamento de Liam. A tatuagem que eu fiz aos trinta anos – “sim”, uma palavra, exatamente como a dela teria sido – para celebrar um ano de sobriedade que não durou muito, além disso. “Sim”, porque eu precisava de um lembrete para dizer sim à pessoa que eu queria ser, não à pessoa que, em grande parte, sou. Agora, meu tornozelo diz sim sem motivo.

Foi a única vez que, voluntariamente, tive uma agulha contra a minha pele, pelo menos fora de um consultório. Não contarei a Sal esta parte. Graças a Deus ele era muito pequeno, então, para se lembrar de muita coisa. Para se lembrar de como éramos, Marlena e eu, quando ele estava conosco, no cinema ou no quintal, andando por lá no carro de Ryder; ela sempre chapada e eu normalmente bêbada, e se estávamos as duas bêbadas, eu estava mais.

Em nosso último Quatro de Julho, ela trançou uma parte do cabelo, fininha como um dedo mindinho, e ficou com o penteado até o Halloween. Arranquei o elástico e tentei desfazer as mechas, mas estavam muito grudadas com areia, sal, fumaça e oleosidade, todos os momentos que consistiam o nosso verão enlaçados em um dread. Soube que nosso cabelo retém uma impressão de tudo que comemos desde que começa a crescer. Uma única mecha é como um fóssil, nesse sentido. Ensopamos a mecha com condicionador, e, mesmo assim, ela ainda não podia ser desfeita. Cortei-a fora, rente ao couro, deixando um tufo engraçado e espetado. Acho que talvez pudesse contar isso a Sal.

Nunca o imaginei adulto, e agora ele é. Quando criança parecia exatamente como ela; seu cabelo era mais curto que o dela, mas não muito, era mais comprido do que o normal para um menino, chegava até os ombros. Suas unhas estavam sempre sujas, os dedos grudentos de sucos, e sabe-se lá o que mais. Nem sempre eu gostava quando ele tentava pegar na minha mão, embora na maioria das vezes eu deixasse. No inverno em que nos conhecemos, ele tinha inventado uma brincadeira de pular do capô de um carro quebrado no quintal na frente da sua casa para um monte de neve. Gritava quando arremessava seu corpo no espaço, braços abertos, de modo a rodopiar pelo ar. – Uau! – gritava ao aterrissar, perplexo todas as vezes. A força do seu peso compactava a neve até ela ficar lisa, dura e quase brilhante. E, no entanto, ele repetia aquilo sem parar, exigindo que assistíssemos.

o o o

Alice desamarrou e voltou a amarrar o lenço, desprendendo o cheiro de óleo de amêndoa do seu cabelo, e livrando o ar, por um segundo, do miasma de cebola. Senti uma onda de ternura por ela, que só durou até ela tocar no assunto da menina.

– Não podemos simplesmente deixá-la à toa por aqui – Alice disse, endireitando o corpo pela primeira vez em uma hora, enfatizando sua indignação. – Dia após dia, durante horas. Ela ocupa metade da mesa.

– A maior parte do tempo nem tem ninguém lá – eu disse. – Somos um bem *público*. A quem ela incomoda?

Quase todo mundo concordava com Alice, eu percebia, mas pressionei, voltando a perguntar a quem ela incomodava, e, por causa do tom da minha voz, Alice foi a única que disse:

– A mim, ela me incomoda.

Não chegamos a nenhuma conclusão. Quando todos nós tínhamos deixado a sala de reuniões, a menina se fora, seu lugar à mesa estava vazio, três embalagens amassadas debaixo da cadeira onde estivera sentada.

Ao sair, agachei-me ao lado da cadeira, peguei as três embalagens – celofane torcido de tubos de Smarties –, e as enfiei no bolso do meu jeans. Eram só quatro da tarde, horas mais cedo do que jamais saí. Não contei a ninguém que estava indo.

Quando cheguei à entrada do metrô, o farol de pedestres ficou verde e mudei de ideia, atravessando a rua, e pegando o quarteirão para o North Square Hotel, onde há um *lounge* de que sempre gostei. Estava calmo àquela hora do dia, apenas duas velhinhas conversando baixinho no canto do bar. Sentei-me em um dos sofás baixos, perto da janela, e me desvencilhei do casaco. Tomaria um drinque e depois ligaria para Sal. Minha vontade era apenas lhe enviar uma mensagem de texto. A conversa seria mais confortável sem a intimidade de vozes. Mas um texto não teria a gravidade certa, e, de qualquer modo, o drinque ajudaria.

O garçom veio e protagonizamos o ritual trocando nosso punhado de palavras. Pedi um martíni. Custava catorze dólares. O garçom assentiu, pegou o cardápio de capa de couro, e desapareceu. As pessoas que passavam mantinham a cabeça baixa, entretidas em seus pensamentos. Eu gostava das que atravessavam a rua correndo assim que o farol ficava vermelho, de encontro ao lento avanço da muralha de trânsito.

O martíni chegou. O garçom sacudiu e serviu. Só um, seco e salgado. Lascas de gelo flutuavam na superfície. Duas gordas azeitonas verdes embebidas em gim afundavam no espeto de plástico. Comi-as por último.

Michigan

A ESCOLA KEWAUNEE ERA UMA CONSTRUÇÃO DE TIJOLOS ACACHAPADA, no meio de um milharal, e com a neve rodopiando em volta me lembrava de um daqueles *bunkers* em que cientistas vivem durante anos na Antártica, conduzindo testes de magnetismo terrestre.

Jimmy me deixou lá e eu me juntei aos alunos que se afunilavam pelas portas de entrada. Crianças avolumavam-se ao redor de uma estátua alta, azul e branca, de um nativo americano. A placa na base da estátua dizia: “Terra dos Combatentes do Norte.”

Na época, eu acreditava que Marlena e eu tínhamos sido unidas por uma corrente invisível. Naquela manhã, quando ela chegou, trazendo junto uma considerável quantidade de neve, sem casaco, sem gorro, usando Keds e jeans *baggy* ensopado quase até os joelhos, fiquei feliz pelo que havia de destino em nossa amizade, embora o saguão da escola fosse, provavelmente, o lugar mais previsível para nos encontrarmos. O primeiro sinal tinha tocado dez minutos antes. Eu estava sentada na escada, sozinha. Embromando.

– Ei – ela disse, encostando-se ao corrimão de modo a ocupar minha visão. Em vez de uma mochila, carregava uma pequena sacola sem nada impresso a não ser a frase: “Cachorros também gostam de livros!” Não parecia conter nenhum livro. Tirou de lá um maço de Parliament.

– Pode fumar aqui? – perguntei.

– Você é uma idiota – ela disse, enfiando o cigarro atrás da orelha. Sua camiseta térmica era cor de mostarda, e acima do seu seio direito aquele broche que ela sempre usava captou a luz fluorescente do saguão. – Tive *aquela noite*. – Agarrou meu gorro pelo pompom e o arrancou da minha cabeça, jogando-o no ladrilho enlameado. – Não fica bem em você – disse, e me perguntei se aquilo estava acontecendo, se ela seria cruel comigo agora que estávamos na escola. – Quer dar o fora daqui? O primeiro dia de volta é sempre uma bobajada. Eles só vão ficar enrolando até a semana que vem.

Botânica e ecologia do solo tinha começado havia alguns minutos. Eu já tinha

perdido a chamada.

– Cabular?

No abril anterior, numa manhã, eu tinha cabulado o coro com Haesung, pela primeira e única vez. A gente se encontrou no banheiro mais distante da sala de ensaios. Estávamos tão nervosas que passamos o tempo todo trancadas em reservados diferentes, pulando para cima do vaso sanitário sempre que alguém abria a porta, com medo de nos reconhecerem pelos pés.

– Cabular? – Marlena imitou. Enrolou uma mecha do meu cabelo no dedo. – Você é de verdade a pessoa mais fofa que já conheci. – A mão dela estava tão fria que abaixou a temperatura do ar à sua volta. – Preciso pegar uma coisa no meu armário. Provavelmente você viu o centro de oficinas quando veio pra cá? Ninguém vai estar lá com esta neve. Você pode esperar dentro das casas. Vou levar uns cinco minutos.

Ela subiu a escada correndo, a sacola batendo no quadril, e desapareceu atrás das portas vai e vem.

o o o

A nevasca tinha amenizado, mas os flocos rodopiavam de todos os lugares ao mesmo tempo, como o jato de um motoneve. Abri o portão que cercava a área das oficinas, cristais brancos salpicando meus cílios. O local estava vazio exceto por uma dúzia de casinhas de cachorros, algumas grandes como galpões, outras tão pequenas que eu teria que rastejar para entrar. Enfiada no chão, perto da entrada, uma placa de madeira gotejava letras azuis: “150 Dólares! Trate seu CÃO como um REI e apoie o futebol da KHS! À LUTA NORTISTAS!” Todos os “Os” grafados como rostos sorridentes.

Abaixei-me e entrei na casa de cachorro maior para esperar Marlena. Dentro estava frio e seco. Montes de neve acumulavam-se nos cantos de trás, a madeira cristalizada com gelo vitrificado. Uma parede inteira estava coberta com a palavra “pizza”, escavada repetidas vezes na madeira. Bem embaixo, numa grafia diferente: “FODA-SE PEITUDA.”

Sentei-me apoiando as costas nas palavras. Decidi que iria embora depois de exatamente trinta e dois minutos. O que quer que acontecesse em Silver Lake não seria trazido até aqui; isto era uma lição. Mas dezessete minutos depois, quando ouvi passos arrastando-se pela neve lá de fora e Marlena surgiu à porta, bloqueando a luz,

tive que admitir que, até então, quase tudo que eu havia previsto em relação a ela estava errado.

– Engraçado como você deduziu qual seria a sua – ela disse, e senti um alívio desconfiado. Sua sacola tinha sido substituída por uma mochila, e agora ela usava, pela primeira vez desde que nos conhecêramos, uma verdadeira jaqueta de inverno. Tinha se maquiado um pouco. Os olhos estavam contornados de preto, e suas faces brilharam quando ela puxou o cabelo para detrás da orelha.

– O Ryder é quem fez isto. Não as pizzas, a parte do foda-se.

– Achei que talvez você não viesse.

– Tive que pegar umas coisas. – Ela se livrou da mochila. – Minha partitura, livros, e tudo o mais.

– Você levou um tempão.

– Bom, estou aqui, não estou? Frio.

– Tudo bem, tudo bem, me desculpe – eu disse. – E agora?

Ela tirou uma lata de Altoids do bolso do casaco e abriu.

– Primeiro, vamos fumar este baseado.

Tirou um baseado, ligeiramente mais fino do que os que Jimmy escondia numa caixa de baralho na gaveta de cima da sua escrivaninha, e cheirou antes de acendê-lo. Alguns segundos depois, a fumaça saía ondulando pelos cantos da sua boca. Sua voz saiu contraída, como se estivesse espremendo as palavras através de um canudo.

– Sua vez.

– Não, obrigada.

Mesmo assim, ela me estendeu o baseado, a fumaça soltando um cheiro doce, como o agasalho de Jimmy depois de terminar um turno.

– Não.

Eu meio que queria, mas tinha muito medo de experimentá-lo naquele momento, ainda mais na escola.

– Se você quiser companhia, tem que fumar. – Ela levantou ligeiramente uma sobrancelha, como que desafiando.

– Não quero.

Revirou os olhos. – Estou só brincando. A sua cara! Nossa! Acha mesmo que eu te faria puxar fumo? Quem pensa que eu sou? Espero que a esta altura você me conheça um pouco.

Forcei um sorriso e tentei sacudir a cabeça num gesto que podia significar: “Você

me pegou!” A nuvem de fumaça estava me deixando tonta.

– Você drogou o seu irmão – eu disse, por fim.

– *Touché*. – Ela soltou uma série de anéis, a garganta fazendo “pff” antes de cada “O” sair da sua boca. Fiquei impressionada. – Me enchi de fumaça até as tampas, um montão de vezes, nesta casa de cachorro. Se a gente fizesse uma fogueira com ela, a cidade inteira ficaria chapada. Os bebês ficariam chapados. Estou falando sério. Os fetos no útero ficariam chapados. Ficariam meio que “ahhh, mamãe, que porra”.

– Este troço não vai estragar a sua voz?

– O quê, maconha? Você nunca ouviu falar na Janis Joplin? Ou na Stevie Nicks? Você acha que elas não davam um tapa?

– Claro que já ouvi – eu disse, embora não tivesse ouvido.

Na primeira vez que Marlena cantou “Rhiannon”, tirando os acordes lentamente no violão de Jimmy, perguntei o que era.

– Você deve estar brincando – ela disse. – Temos que dar um jeito nisso imediatamente, porque sua alma corre perigo.

Mandou uma mensagem de texto a Ryder dizendo para ele não vir nos pegar, e passamos o resto da noite escutando o primeiro álbum do Fleetwood Mac, até cada palavra ficar impressa no meu DNA.

É a música da Marlena, não a coisa que tocava no rádio, que me pegava. Ela amava os Pixies, David Bowie, Frank Zappa, e Sublime, tanto quanto gostava da coisa lenta, boa de cantar, Joan Baez, Billie Holiday, Loretta Lynn, Etta James, e, é claro, a deusa Joni Mitchell, cantoras da velha guarda que também lhe foram apresentadas por seu pai. Não ouço essas músicas. Anos atrás, um namorado tocou Fleetwood na sua antiga vitrola e voltei a ter quinze anos, uma sensação desestabilizadora, como dobrar uma esquina rápido demais. Disse a ele que não gostava.

Ela esfregou os olhos marejados com as costas da mão. – Vamos? – disse, e pela segunda vez em menos de duas horas agi como seu espelho. Levantei-me logo depois dela. Até ajustei minha mochila, sem pensar, quando ela passou as alças da sua nos ombros.

o o o

Acompanhei Marlena nos bairros residenciais próximos à escola. Aquelas casas

tinham chaminés, venezianas e vários andares, telhas elegantes, curtidas pelo tempo, varandas à volta toda. Marlena afirmava saber o sobrenome de cada família que morava em cada casa, dos dois lados da rua. Testei-a, apontando uma casa amarela com *baywindows*, uma de tijolinhos, malconservada, com portão de ferro. Ela sempre conseguia identificar os moradores, ou era uma ótima mentirosa. Contou-me histórias aleatórias sobre as pessoas lá de dentro: os Grinells, onde o pai (irmão do juiz da Vara de Sucessões!) foi preso uma vez por tentar esfaquear a mãe; os Davisons, onde o filho mais velho era um ex-fuzileiro naval sobrevivente de uma queda de mil metros de um avião, depois que um paraquedas não abriu.

– Mar – interrompi. – Aonde estamos indo?

– Ah, é. Pra casa do Ryder. Foi mal.

Logo depois da agência de correio cruzamos vários trilhos de trem, seguindo-os até que eles terminaram em uma pilha de dormentes arrebatados. Continuamos pela rua até chegarmos a um motel chamado Mapletree, uma palavra só, que anunciava “Não há vagas/ Chalés e quartos”. Uma cerca de madeira envolvia a construção principal, onde uma tubulação de néon em uma grande janela piscava B-A-R, uma letra de cada vez. Nunca havia estado em um lugar que parecesse mais vazio. Uma dúzia de chalés de um quarto salpicava o bosque à nossa volta, tão frágeis e feitos às pressas quanto as casas que uma criança construiria com blocos de madeira.

– Ele mora num hotel?

– Mais ou menos – disse Marlena. – Ele e a mãe dividem um apartamento na construção grande. Mas é legal porque ele tem total liberdade pra fazer o que quiser nos chalés vazios. Alguns deles têm moradores, mas muitos não.

– Então, como eles ganham dinheiro?

– Eles têm alguns locadores. Tem esse cara maluco que teve o rosto todo queimado, então ele só tem esses três buracos, meio que no formato de o que deveria ter aqui? Como buraco do nariz, buraco do olho, buraco da boca, sabe? Uma vez esbarrei com ele aqui fora, no escuro, quando estava deixando o Ryder e juro por Deus que quase borrei a calça.

O bar – que presumivelmente desdobrava-se em recepção, porque havia uma placa com os preços dos quartos, pendurada ao lado da caixa registradora – estava inundado de uma luz cor de chá que passava pelas cortinas de renda que ladeavam a única janela. Não havia ninguém na sala, mas uma TV encostada na parede dos

fundos passava uma reprise de *Everybody Loves Raymond*, num volume de ensurdecer. Uma sacola de mantimentos sobre o balcão do bar tinha o nome “MARLENA” escrito com hidrográfica, as letras todas maiúsculas. Ela tirou o conteúdo um a um: quatro latas tamanho família de sopa sabor medalhão de filé, com pedaços, da Campbell, alguns rolos de papel higiênico, e algumas espigas de milho emboloradas, os cabelos sedosos pendendo frouxamente de suas extremidades.

– Veio da mãe do Ryder – ela disse. – Não sei como cozinhar isso.

– Minha mãe grelha.

– *Très gourmet.*

Ela enfiou tudo de volta na sacola e a puxou do balcão, carregando-a de encontro ao quadril. – Acho que eles estão no 42 – disse, e eu fui atrás dela passando por uma porta à esquerda da TV, que se abria para um pátio coberto de sal, avançando aos poucos pela neve salpicada aqui e ali por tampas de garrafas de refrigerante, embalagens de balas, lenços de papel, filtros de café, talvez, manchados de um rosa-avermelhado. Só havia oito chalés, mas os números davam pulos, como que feitos para confundir qualquer um que estivesse procurando um lugar específico. Quando chegamos ao 42, o número pintado na porta em algarismos vermelhos minúsculos, Marlena gritou:

– Tum, tum, tum!

A porta escancarou-se, talvez quebrada, quase a atingindo no rosto. Ela recuou, os mantimentos misturando-se na sacola.

– Puxa vida! – ela disse. – Não precisa arrebentar a porta.

– Quem é ela? – perguntou Ryder.

Um cheiro, como o de ovos cozidos, tinha-o acompanhado até lá fora. De perto ele era menor do que parecera naquela noite no carro. Mal chegava à minha altura. Seu cabelo era de um acobreado claro, algo entre o loiro e o castanho. O nariz tinha um arrebitado de bebê e dezenas de sardas claras que cruzavam com sua marca de nascença cor de morango – uma lágrima distorcida, presa à pele abaixo do olho esquerdo. Fiquei magoada que ele não se lembrasse de mim.

– Ela é legal, juro.

– Ela é legal? Você não pode simplesmente trazer pessoas aqui ao acaso.

Marlena falou para além da cabeça de Ryder, dentro do chalé:

– Greg, Tidbit, querem dizer pra ele me deixar em paz?

– Deixe ela em paz! – gritou uma voz de menina.

Marlena passou por Ryder e sumiu. Tentei ir atrás dela, mas Ryder impediu-me. Agarrou meu pulso, surpreendendo-me, e o apertou até que meus tendões cederam sob a pressão dos seus dedos.

– Você é fofoqueira?

– Não – respondi. Minha consciência tinha migrado para o lugar onde nossas peles se tocavam.

– Não foi convincente.

– Não sou. – Puxei o braço, mas seus dedos apertaram com mais força. Seus olhos pareciam esquisitos: fugidios, as pupilas grandes, como se ele quase não estivesse vendo nada. – Ryder, isso dói – eu disse, e ele soltou. – Não tenho ninguém pra contar – disse a ele, esfregando onde ele tinha tocado. – Só conheço vocês.

– Vou descobrir se você estiver mentindo – ele respondeu, mas percebi que acreditou em mim.

Dentro do chalé estava escuro, como se fosse noite, ainda que a luz de cima estivesse acesa. Alguém tinha prendido pedaços de lona azul sobre cada uma das janelas. O cheiro de ovo estava pior, mais químico, como se as paredes fossem pintadas com líquido de limpeza. Cada vez que eu inalava, meu nariz sentia um lento arrancar da pele interna. Ouvi um zumbido alto, um ventilador ou um ar-condicionado, mas não deu para ver de onde vinha. Em cima da TV, havia uma vasilha fechada de acetona. Ryder sumiu atrás de uma porta que, presumi, levava ao banheiro. Marlena estava espalhada na cama, de bruços, ao lado de uma almofada amarelada, os mantimentos e a mochila ao seu lado. Ao pé da cama, uma menina esquelética usava uma filmadora para filmar Greg, o outro cara que eu tinha conhecido no carro, no Réveillon. Uma peça tão boa de tecnologia parecia extremamente fora de contexto naquele quarto. Agora me ocorre que, provavelmente, fosse roubada. Empoleirei-me no canto da cama, perto da saída.

Greg estava desmontando uma bicicleta infantil. Enquanto ele tirava o assento, o pneu traseiro, explicava tudo que ia fazendo, e depois colocava cada parte no chão à sua frente, desmontando e remontando ao mesmo tempo, com eficiência.

– Eles estão fazendo um filme – Marlena disse. – Greg acha que é aquele cara do *Vovô sem vergonha*.

– Por quê? – perguntei.

Greg levantou os olhos da bicicleta por meio segundo. – Porque é demais. – Limpou o suor do lábio superior, a única parte do seu rosto livre da acne.

– Mas por que uma bicicleta?

– A gente achou ela – a menina disse.

– Merda – Ryder sibilou. – Merda, merda, merda. – Alguma coisa ressoou. – Puta *merda*.

– Ótimo – a menina disse. – Adoro isso.

– Você está bem, querido? – Marlena perguntou, e quando Ryder não respondeu, ela se levantou e foi até a porta abrindo-a completamente. Não era um banheiro, era mais como um closet muito entupido, onde Ryder estava junto a uma mesa coberta com garrafas de dois litros pela metade, uma cesta decorada transbordando de pilhas, fitas brilhantes esquisitas, e uma pedra gigante do tipo que minha mãe usava para separar partes do jardim. A seus pés, havia uma caixa amassada de comprimidos genéricos para resfriado e sinusite. O cheiro me dificultava a respiração. Aqui e ali um par de tubos transparentes de plástico, enrolados em volta das garrafas; meu estômago começou a borbulhar um aviso, me dizendo *saia*, me dizendo *estas pessoas não valem a pena, isso não é pra você, não precisa ser, você ainda pode ir embora*.

Marlena pôs a mão no ombro de Ryder.

– Não me toque – ele disse, afastando-a.

Estava mexendo em alguma coisa. Havia um ventilador apoiado na janela aberta, acima da sua cabeça, virado para trás, as pás girando com velocidade. Greg e a menina começaram a rir, o som um pouco alucinado, e o borbulhar subiu do meu estômago para a ponta dos meus dedos, dizendo *vá*, Cat, *vá*. Só que, mesmo dizendo *vá*, algo sobre o fato de estar ali, aquele borbulhar, dava uma *boa* sensação. Era como estar me divertindo, ou algo tipo um primo disso, e eu tinha sentido falta dessa sensação.

Um punhado de recipientes estava conectado aos tubos, mas eu não conseguia entender realmente para que aquilo servia. A coisa toda me lembrava um projeto insano de uma feira de ciências, uma tentativa de C+ de uma criança com pais inúteis. Não pensei de imediato em drogas, apesar de já ter juntado as peças. Aquilo eram drogas, mas não eram *drogas*, certo?

Agora é tão simples reconhecer aquilo tudo pelo que era; minha inabilidade humana básica de reconhecer a floresta pelas árvores, o que papai me disse uma vez ser o maior problema com o “meu, se não fosse por isso, cérebro perfeito”. Ele tinha

me beijado ao dizer isso, bem onde estava a risca do meu cabelo. Mas floresta, árvores, o que seja, quando Ryder raspou cuidadosamente algo de um dos filtros de café e o colocou na balança minúscula, eu soube o que ele estava fazendo. Mesmo sem conhecer a ciência atrás daquilo, mesmo sem conhecer todos os nomes das ruas que tinham me levado até ali. E se ele estava chapado naquele momento, qual era o meu envolvimento ali, observando-o sem virar as costas e voltar pelo caminho por onde vim, como aquela ação engolida determinaria quem eu seria quando adulta?

o o o

Eu e Marlena na mata, seis meses depois daquele dia no Mapletree, verão, quatro meses ou coisa assim antes de ela morrer. Tínhamos nos esgueirado das nossas casas e nos encontrado no trepa-trepa. Estávamos descalças. Aquilo era parte do desafio, uma das maneiras de podermos exibir nossa rebeldia. Pela manhã, tiraria cascalho do calcanhar com a unha do polegar, enfiaria os pés na água quente da banheira, e daria um gemido, a dor, uma espécie de doçura, enquanto a sujeira e o sangue espiralassem na água. Eu já havia lhe perguntado, fazendo rodeios em torno do assunto, mas naquelas noites, com os grilos trilhando à nossa volta como os sussurros alucinados do próprio mundo, eu bêbada, ou sóbria, ela, com toda certeza, sempre no mínimo um pouco alta, as estrelas deslizando para dentro das árvores como algo que tivesse aguentado por um longo tempo e estivesse pronto, finalmente, para se soltar, eu a pressionaria em busca de um motivo. Perguntei-lhe repetidas vezes. Se ela detestava tanto o cristal, depois de ter fritado os miolos do seu pai, levado a mãe para sabe-se lá onde, depois de seu primo Barry morrer quando sua mochila explodiu, por que ela achava tudo bem que Ryder lidasse com aquilo? Como é que ela podia gastar o dinheiro que ele ganhava com aquela merda, como podia esperar no carro, enquanto ele a vendia para adolescentes de Boyne City, para os amigos da mãe, para os turistas que transbordavam dos condomínios do litoral, no verão?

– Você é tão ingênua – ela disse, com aquele brilho que perdura em coisas perdidas, que apresenta o que pertence ao passado como o pior tipo de bênção. Estaria a luz ali, então? Não consigo me lembrar dela sem isso. – Quero saber como você vê o mundo. Quero conseguir ver as coisas como você vê, decidir com tanta facilidade que uma coisa é certa, que isto é bom – ela puxou um talo de grama e o colocou com cuidado sobre o cobertor – e que isto – puxou mais um – é ruim – e o rasgou.

Marlena dizia que eu era ingênua, mas o que eu realmente acho que ela queria dizer é privilegiada, palavra que as pessoas usam como um insulto em Nova York, mas que eu sempre considere significar segura. Privilégio é algo para o qual se deve estar atento, lutar para ver além, mas acabar lhe sendo agradecido. É como um colete à prova de bala: faz com que você se torne mais difícil de matar. Quando sacudimos o cobertor, o talo de grama rasgado tremulou em pedaços até o chão.

– Tem a ver com dinheiro, Cat – ela disse. – Não passa disso.

o o o

Quando Jimmy chegou com o rodado Subaru de mamãe, que para nós era novo – ela o chamava de botinha, por ser preto e ter a forma exata de uma bota de cano curto –, eu tinha acabado de voltar para a escola e estava esperando, sob o beiral próximo às portas principais, como se tivesse estado lá desde o último sinal. Estudantes fervilhavam no estacionamento, seus gritos subindo em explosões enevoadas.

Jimmy estacionou junto à calçada. Entrei de um pulo, batendo a porta. – Vamos, por favor – disse ao porta-luvas.

– Ruim assim, é? – ele disse.

Eu sabia que a maneira mais eficiente de mentir e me safar exigia manter uma espécie de reserva ferida, mais uma coisa que aprendi com papai. – Qual é a da colônia de patchouli no seu porta-luvas, seu bandido? – Ouvi mamãe perguntar uma vez, quase flertando. Ela nem mesmo podia acusá-lo de alguma coisa sem tentar ser fofinha, procurando convencê-lo a *gostar* dela. Ela continua do mesmo jeito, com Roger, só que ele gosta disso.

A atitude de Marlena com Ryder me lembrava de como minha mãe dançava na mão do meu pai. *E ela é legal, juro*. Seu sorriso afoito, rápido demais, os lábios rachados pelo frio, pele escamada grudada no lugar com brilho labial de primeira.

Mamãe forçando uma risadinha e desviando o foco para o frango, que estalava sob a luz do forno e encarava pelo vidro como se fosse lhe fazer uma pergunta. Papai levando a cerveja para a sala de TV onde se sentou em silêncio, todo irritado e mais alguma coisa, quase enojado, como se ela tivesse acabado de cuspir nele. Vi tudo que se passou entre eles, parada sob a luz clara da geladeira, *está tudo bem, só pegando uma bebida, não tem nada de estranho acontecendo aqui*.

– Ah, para com isso – Jimmy disse, tentando, e eu lhe desferi um olhar sem olhar,

dirigindo os olhos para o lado, para verificar se ele estava desconfiado. Ele mexeu no aquecedor, abaixando-o, e depois o aumentando para o máximo, de modo que a ventoinha encheu o carro de barulho. Não havia como eu cheirar normal. Uma agudeza química aderiu-se às bordas de cada inspirada que eu dava. Além disso, a mochila caída aos meus pés estava tão murcha para uma menina supostamente matriculada em dois cursos de nível avançado, que fiquei tentando empurrá-la sob o painel para que Jimmy não notasse.

– O que você quer que eu diga? – falei, cruzando os olhos com os de uma criança em um carro oposto ao nosso, também parado no sinal. – Foi um dia normal. – Flocos de neve como lantejoulas nos ombros de Marlena, Ryder, os ossos do ombro aparecendo pela camiseta, seu cheiro poeirento, uns poucos fios da barba rija emergindo dolorosamente da sua face. Todo aquele lixo sobre a mesa, o que aquilo significava.

– A coisa melhora, sabe, toda essa bobagem de ensino médio. Juro pra você. – Ele estava tentando ser simpático, mas me senti emputecendo. Ele havia sido um dos escolhidos como líder da escola e, além disso, era menino, era diferente. No ensino médio, as meninas se limitavam a gostar, os meninos é que escolhiam. Ele não tinha ideia de como eu me sentia.

O China King Buffet ficava entre uma academia de ginástica feminina e uma loja da Hallmark, no sórdido centro comercial que segregava Silver Lake de Kewaunee. Nós só comíamos comida chinesa duas vezes no ano: depois do primeiro dia de aula, e depois do último, tradição familiar iniciada por papai, disse comigo mesma, mas provavelmente iniciada por Jimmy, que ainda punha shoyu em tudo. Mamãe esperava em uma mesa de canto, bebendo um copo de vinho turvo.

– Mande Jimmy ir buscar você, assim eu poderia guardar uma mesa – ela disse, levantando-se como se fosse me abraçar. – Ficava no caminho!

Mamãe podia identificar o que você tinha almoçado horas depois de você ter comido. – Pizza de *pepperoni* hoje – dizia, beijando-me no rosto depois de eu ter descido do ônibus. Girei para a minha cadeira, tentando evitá-la, e ergui um copo d'água, espirrando metade dele no colarinho da minha camiseta.

– Veja esses otários – ela disse, olhando as pessoas que aguardavam mesa. Eu detestava como ela amava fingir que as coisas mais idiotas, mais óbvias, eram pequenos milagres.

Quando a garçonete chegou, Jimmy pediu o que sempre pedíamos: arroz frito

com vegetais, frango agri-doce, *chow mein*, mas três rolinhos primavera em vez de quatro. Desta vez, não teve filé com brócolis. Enquanto o garçom anotava nossos pedidos, reabri o cardápio e dei uma olhada nas opções.

– E um pato à pequim, por favor. – Era a coisa mais cara do cardápio, ficava por, no mínimo, dez dólares. A caneta da garçonete pairou acima do bloco. Ela olhou para mamãe, como se dissesse: “Hum?”

– Você não gosta de pato – mamãe disse, a voz distante e professoral, como se estivesse falando com a filha de outra pessoa.

– Gosto sim.

– Custa vinte e sete dólares – Jimmy sibilou. – Você nunca comeu isso.

– Comi na casa de uma amiga.

– Que amiga? – Jimmy perguntou.

– Haesung. – Eu quase podia me lembrar de ter comido pato na casa de Haesung. Uma carne escura, gorda, molho doce numa minúscula vasilha de cerâmica feita de um vidro fácil de sujar, sobre a mesa da cozinha. – Os pais dela faziam isso o tempo todo.

– Tudo bem – mamãe disse. Depois, voltando-se para a garçonete: – Vamos querer o pato, mas não os rolinhos primavera, por favor, nem o *chow mein*. – A garçonete assentiu e desapareceu, aliviada.

– Ótimo – disse Jimmy. – Obrigado por dispensar a coisa que *eu* gosto.

– Você não teve que ir pra escola.

– Você tem razão – Jimmy disse. – Só tive que trabalhar durante oito horas.

– Chega – disse mamãe, e nós todos ficamos quietos.

Jimmy começou a me dizer que eu precisava raspar as gotas de tinta seca do carpete do meu quarto. Respondi que ele não era meu pai, portanto, ele podia enfiar as gotas de tinta no cu. Então, mamãe me mandou parar com aquilo, e Jimmy lhe disse para parar de se intrometer. Eu disse que eles dois estavam arruinando a minha vida, e Jimmy me chamou de uma porra de uma maníaca, mamãe revirou os olhos, terminou o vinho e pediu mais uma taça; nós três ficamos quietos por um tempinho, até a garçonete trazer o arroz frito.

O pato chegou alguns minutos depois do restante da comida, flutuando pelo salão numa travessa imensa, atraindo os olhares de todas as mesas. Havia uma dúzia de pedaços de carne na travessa, todos cobertos por uma pele dourada. O espetáculo me fez corar, o que Jimmy notou com certo triunfo, recostando-se nas costas da

cadeira.

– Hum – Jimmy disse. Sob a pele, a carne tinha um tom próximo ao roxo.

– Alguém, com certeza, tem o suficiente pra comer – mamãe disse para sua taça de vinho. O arroz frito era meu prato favorito, mas não quis nem um pouquinho dele. Em vez disso, comi tanto pato que meu rosto pareceu inchado.

Quando estávamos saindo, mamãe parou em frente a um quadro de avisos na entrada, e estudou o que estava afixado: animais de estimação perdidos, procura de baby-sitters, avisos pessoais e propaganda de aulas de música, todos arrematados por números de telefone que se agitavam no calor proveniente do radiador. Arrancou dois números e os enfiou no casaco.

Antes do divórcio dos meus pais, mamãe não trabalhava, a não ser por um ocasional trabalho de baby-sitter aqui e ali. Nas manhãs de escola, ela me acordava com uma animação ritualística, abrindo repentinamente a porta do meu quarto, servindo o cereal e o leite, aquecendo o carro durante vinte minutos, antes de irmos para a escola. Eu realmente não tinha prestado atenção nisso, até que em Silver Lake tudo parou. Ela gostava de procurar pedras achatadas sobre as quais pintava, hobby que me dava aflição. Haesung amava uma que minha mãe fez para ela; guardava-a na sua escrivaninha. Suas iniciais enrodilhadas em um violoncelo minúsculo, pintado no lado mais largo da pedra. Tenho uma dessas pedras na minha mesa, no trabalho: uma pedra cinza chata transformada num girassol, duas das pétalas meio arrancadas. Outra que está na prateleira acima do fogão. Coloco meu celular ao lado dela quando mamãe me telefona, e aperto o viva-voz, assim posso ouvi-la enquanto cozinho ou abro a correspondência, sua voz preenchendo o apartamento.

Arrependo-me por ter passado tantos anos tentando fugir dela; assim que de fato consegui, quis tê-la de volta. Posso dizer com facilidade: amo minha mãe. Mas, naquele ano, e pelos cinco anos seguintes, ou coisa assim, mal podia pensar nisso. Lembro-me de detestar como todos os meus amigos adoravam-na. Às vezes, queria que ela não fosse minha, para também poder amá-la com tanta facilidade, com tanta naturalidade.

– Olhe, faxineira – mamãe disse quando estávamos no carro, olhando para mim e acenando uma tira de papel. – Graças a vocês, crianças, isto é uma coisa em que sei que sou boa.

Eu não estava ouvindo. Tudo o que me interessava era por quanto tempo eu poderia me safar não indo para a escola.

Naquela noite, tive muita dificuldade para pegar no sono, problema que pareceu vir com Silver Lake. Enfiei a mão direita dentro do elástico da cintura da minha calça de pijama, e pressionei meu dedo médio dentro de mim. Um arrepio percorreu a parte inferior do meu corpo, de modo que levantei a pélvis em direção à minha mão. Fechei os olhos, tentando apagar o que circulava pela minha mente, enquanto meu dedo mexia-se. Uma colagem de cores, fumaça, o lilás lascado nas unhas de Marlena, e palavras também, como “papai, ela, não”, e depois “sim, tudo bem, sim, sim, sim”. Por tudo isso rodopiava a imagem de um braço musculoso, tatuado, envolvido num cabelo loiro-branco, mas de certa forma meu, como em um sonho quando você é e não é você mesma. Meu couro cabeludo coçava.

A sensação intensificou-se de maneira frustrante, e o suor irrompeu ao longo do meu lábio superior, e ao redor das minhas têmporas. Joguei as cobertas para longe do meu corpo, e empurrei a calça para baixo até a metade, ainda me esfregando sobre a calcinha, cheia de uma certeza física estranha de que, se parasse, qualquer que fosse a coisa imensa e terrível de que eu estava próxima, não aconteceria. Olhei para a janela, subitamente nervosa de que Marlena, naquela distância, dentro de sua casa adormecida, pudesse de alguma forma me *ouvir*, pudesse saber o que eu estava fazendo. Pressionei dentro de mim com mais força, mas a urgência refluíu e a sensação voltou a se transformar em arrepio. Tirei a mão e cobri meus olhos com as duas palmas. Meus dedos cheiravam. Belisquei a pele do meu braço, puxando-a para longe do osso. Flácida. Flácida e grosseira.

Foi como se, por um instante, eu tivesse me esquecido de quem era. Meu corpo constrangeu-me, especialmente as partes íntimas, cuja normalidade eu não poderia confirmar em comparação com as de outras pessoas. Haesung, eu sabia, gostava de usar o chuveirinho no banheiro dos seus pais para gozar. Mas eu não conseguia replicar a intensidade do que ela descrevia. Todas as vezes que eu lhe contava que achava que tinha conseguido, que tinha gozado, ela me olhava com ar superior: – Não é algo que você *ache* – dizia, referindo-se às revistas femininas que eu também tinha lido. – É algo que você sabe.

– Eu sei o que acho que tive – eu dizia, mas seu olhar permanecia.

Como é que deveria ser a sensação? Geralmente, eu tentava no chuveiro, em pé, com os olhos bem fechados. Por fim, depois do que parecia um milhão de longos e

angustiantes minutos, eu sentia algo, como se estivesse à beira de uma coceira, o começo de um crescendo, e depois, acabava. Haesung disse-me para fantasiar, então eu imaginava os meninos do outdoor da Abercrombie, que acabavam herdando, graças ao meu foco, abdômens bem definidos. Naquela época, eu acreditava que havia algo de errado comigo. Talvez eu fosse sexualmente retardada, avariada de alguma maneira fundamental. Esta preocupação estendeu-se além do sexo, mas era especialmente potente nesse setor, mesclada, como era, com uma tendência poderosa à vergonha. Não sei de onde vinha aquilo. Talvez tivesse algo a ver com mamãe e papai, com o fato de eles serem gelados um com o outro ou por estarem se atracando. O clima na nossa casa era determinado, em grande parte, por algo que ocorria ou não no quarto deles, e que lhes dava muita aflição. Ou talvez fosse apenas pelo fato de eu ser uma menina.

Levantei-me e fui ao banheiro, onde lavei as mãos duas vezes em água fervendo, o sabonete espumando até os cotovelos. De volta à cama, não conseguia me livrar da sensação de ter sido vista. Em algum lugar ao longo do caminho, havia internalizado a ideia de que o sexo, meu corpo, não era algo com o qual pudesse sentir prazer, a não ser que um homem fizesse isso primeiro. Se eu não era um tesão, e até então não tinha motivos para pensar que fosse, para que servia o meu corpo? Enfiei-me debaixo das cobertas, puxando-as sobre a cabeça. Como inúmeros adolescentes, estava sempre preocupada de que alguém pudesse me flagrar fazendo algo errado, e cheia de uma surpresa contraditória e esvaziada quando ninguém jamais me surpreendia, ou sequer chegava próximo de prestar tanta atenção em mim quanto eu mesma.

Assim, sentia falta de muita coisa. De Marlena e, sobretudo, da minha família. Aquelas três pessoas com as quais tinha passado a maior parte da minha vida acabariam se tornando tão desconhecidas quanto tudo o mais.

o o o

Na manhã seguinte, peguei o ônibus para a escola. Não havia sinal de Sal, embora Marlena tivesse dito que ele o usava. Fiquei vagando perto da entrada por um tempo, esperando que todos entrassem, achando que a veria, ou talvez Greg, Tidbit, o nome que havia ouvido em relação à menina doentiamente magra.

No dia anterior, Ryder tinha se juntado à Marlena na cama, depois de deixar de fazer hora atrás da cortina. Eles pegaram outro baseado na lata de Altoids de

Marlena. Ela foi lá para fora para acendê-lo, e quando voltou os dois compartilharam-no com Greg e Tidbit. Agora estou ciente de que, em algum momento naquela tarde, nós quatro poderíamos ter nos explodido. A precaução que Marlena tomou, acendendo o baseado do lado de fora para impedir de incendiar qualquer que fosse a merda que desprendia da pilha de produtos químicos no canto, era no máximo uma meia medida, como ficar sabendo que algo vai matá-la, dar de ombros e fazê-lo assim mesmo. Todas essas coisas me parecem sinais, agora; acho que ela devia saber os riscos naquela época.

Quando Greg fez menção de me passar o baseado, Marlena arrancou-o dele, sorrindo para mim com o nariz enrugado, e, simples assim, eu estava fora do círculo. Sentei-me em uma mesa de cabeceira, os joelhos erguidos até o queixo, as costas contra a parede. Minha outra única opção era o colchão, com Marlena e Ryder. A perna dela estava enfiada entre a coxa e a virilha dele, e a perna dele estava confortavelmente enganchada sobre a dela, de modo que seu joelho roçava a costura interna do jeans de Marlena. O toque deles era distraído, de uma maneira que eu não conseguia entender. A mão dele envolvia a cintura dela, e subia pela sua camiseta, os dedos ondulando o tecido.

Para onde eu deveria olhar? Nunca tinha sido beijada, ou mesmo segurado na mão de um menino. Até Haesung tinha tido um namorado. Parecia grosseiro olhar, mas era Marlena quem mantinha a conversa em curso. E também não seria infantil não olhar, como se estivesse constrangida ou, pior, de certo modo *interessada*? Quando me levantei, explicando que precisava voltar lá pelas três para não perder a carona (disse isto com uma ênfase extra, como se fosse ser apanhada por alguém mais exótico do que o meu irmão), Marlena ergueu a cabeça do peito de Ryder, atordoada, e só disse: “Tudo bem”, antes de aninhar o rosto de volta na camiseta dele. Greg e Tidbit continuaram concentrados na bicicleta. Tinham feito alguma bobagem com a corrente, e não conseguiam fazer os pedais girarem.

– Você nunca esteve aqui – disse Ryder. Seus olhos estavam tão suaves e castanhos quanto os de uma vaca.

– É, é – respondi. – Nem mesmo se tentarem decepar a minha mão.

– Rá, rá – disse Tidbit. Lambeu uma mancha de óleo na palma da mão, e a esfregou com os dedos. Saí, liberando uma coluna de fumaça reprimida no ar de inverno.

O primeiro sino tocou e os últimos retardatários da manhã dirigiram-se para a

Kewaunee. Fui para as casinhas de cachorro, mas saí quase imediatamente, sem querer me esconder. “Esta que está escondida é a Cat.” Ou esperar pessoas que não estavam esperando por mim. Eu tinha menos motivo ainda para ir para a classe do que no dia anterior. Se fosse, de fato poderiam me perguntar por que eu não tinha aparecido na quinta-feira, e depois mamãe seria arrastada para a confusão.

Não havia recado na secretária eletrônica quando chegamos em casa vindos do China King Buffet na noite anterior. Por enquanto, eu estava salva.

Fui para o centro da cidade, fazendo o percurso que Marlena tinha me mostrado. Tudo estava acontecendo em queda livre sem consequências. Eu tinha sentido algo parecido, antes, brevemente, em aeroportos, viajando sem meus pais. Havia um prazer inebriante em sair dos trilhos. Descobri que estava sorrindo, e então parei, profundamente constrangida, como se alguém tivesse me flagrado.

No café Horizon, pedi café puro, embora papai tivesse me ensinado a gostar dele com creme e açúcar. A menina atrás do balcão, cabelo tingido de vermelho-tomate, olhou curiosa para mim depois que pedi, mas logo ficou entediada de tentar adivinhar minha agenda, e voltou para seu celular. Enrodilhei-me no assento da janela e li o *Kewaunee News-Review* de ponta a ponta: “Mansões à venda à beira-mar”, “Adolescente local canta solo no Jantar do Governador”, “Annie Swantkowski, de 87 anos, deixa dezessete netos...”, “Estação de esqui a pleno vapor”.

Deixei o café e fui até a biblioteca, reluzindo minha identificação da Concord Academy para a bibliotecária, cuja mesa flutuava no meio da sala. Ela mal registrou. Eu não sabia mais o que fazer, ou aonde ir. A biblioteca era um edifício cheio de teias de aranha, grande como uma quadra de tênis. Ao lado do canto das crianças, uma fileira de computadores dava para uma janela que ia do chão ao teto, de frente para a rua. Sentei-me em um deles, sacudindo o mouse sujo até a tela ganhar vida. Encarei meu rosto na janela coberta de gelo sobre meu computador. No reflexo eu era mais bonita. Meu eu fragmentado que vivia em vitrines, poças, no capô de um carro que passava, no ponto escuro do olho de Marlena – essa menina era puro potencial.

Digitei o nome de Becky no campo de pesquisa, mas não achei nada. Acessei minha conta do Hotmail e abri o e-mail mais recente de papai. Tinha quase um mês. Eu mal tinha olhado para ele, porque abaixo da única linha de texto – “Como está a minha Catherine!? Saudades. Veja a qualidade deste novo scanner! Da hora,

certo?” – havia um retrato dele com Becky. Minha mão tremeu sobre o mouse. Becky tinha se formado na Universidade Estadual de Grand Valley no ano em que comecei o ensino médio, o que significava que ela devia estar beirando os vinte e sete, vinte e oito anos. Na foto, estava aninhada contra o meu pai com um grande sorriso, segurando um buquê de flores horrorosas. Dava para diferenciar flores vagabundas por seus veios cor de néon. Elas tinham um tingimento barato, como a menina no café que pensava que alterando algo essencial na sua aparência, estava se tornando mais ela mesma.

Algo ricocheteou no vidro acima da minha cabeça. Levei um segundo para registrar a origem do barulho. Olhei para a bibliotecária que digitava ao longe. O gato em seu moletom piscou para mim, a luz fluorescente reluzindo de suas íris de strass. Outra saraivada de silvos atraiu meu olhar para a janela. Lá fora, a poucos metros, Marlena, Ryder e Greg formavam um triângulo. A mão esquerda de Ryder estava cheia de seixos, recolhidos da área ajardinada perto das sebes da biblioteca. Ele os atirava no vidro que me separava deles, mirando direto nos meus olhos.

Fechei meu e-mail. Do alto, vi-me levantar, a cadeira rodopiando um pouco quando meu corpo a deixou, saindo pelas portas principais, exatamente como fiz. Mas uma menina, uma outra menina, ficou no computador, a salvo dentro da biblioteca, enquanto eu saía. Em outras palavras, vi-me dividida em duas.

o o o

Subimos os degraus da igreja de São Francisco ao sol do começo da tarde como se esta fosse “uma coisa perfeitamente normal para se fazer numa terça-feira à uma da tarde”. No vestíbulo, os três enfiaram o dedo em uma bacia de água benta, sem brincadeiras, e fizeram o sinal da cruz. A igreja estava vazia, um recipiente de bonita luz salpicada, Jesus esticado em uma cruz no altar, o rosto pendendo em direção ao queixo, torso tenso e musculoso, quase obsceno. Também mergulhei minha mão na água, e toquei os dedos da testa para o ombro, para o peito, novamente para o ombro, confusa quanto a que parte tocar, em que ordem. Seguimos Marlena por uma passagem na penumbra. Ryder ficava beliscando sua bunda, e depois corria em círculos à sua volta, quando ela tentava bater nele. Na terceira vez, ao se dirigir para ela, ele puxou a parte de trás do meu cabelo. Seus nós dos dedos roçaram o meu colarinho.

Chegamos a um ginásio, retraindo-nos com a claridade. Uma embalagem

individual de leite integral aberta, com um canudo enfiado, jazia sobre a divisória da quadra. Um quartinho dividia uma sequência de esteiras gastas, presas à parede. Fechamo-nos lá dentro. Ryder arrastou de um canto uma lata de lixo cheia de bolas de basquete. Sob ela havia um alçapão, e atrás dele, uma escada que se estendia nas sombras.

– Os novatos primeiro – Marlena disse, olhando para mim, entediada.

Quando cheguei ao fundo, estiquei a cabeça para seus três rostos, de maneira muito semelhante a quando estiveram do lado de fora da janela da biblioteca. Um triângulo, Marlena sempre no topo. Quanto disso era um truque da minha perspectiva? Ryder cutucou-a com seu ombro, e ela sorriu para ele em dúvida, desaparecendo da vista. O alçapão fechou-se com um estrondo.

A escuridão aderiu. Senti como se estivesse em mim. Lá em cima, a voz de Marlena ficou mais alta, e parecia a voz de um vizinho furioso num apartamento próximo, mesclada com som de risadas. Atrás de mim, algo exalou um vento oleoso na minha orelha, a temperatura de um arrote. Ninguém no mundo sabia onde eu estava. Estendi a mão para manter o equilíbrio, mas meus dedos deslizaram pela superfície empoeirada e escorregaram no *vazio*. Tropecei, batendo a canela na escada.

Subi e esmurrei o alçapão com os punhos, quase perdendo o equilíbrio. A abertura inundou-se de luz, e fui aos tropeços em sua direção, o coração aos pulos.

– Uau – disse Ryder. – A gente só estava buscando umas lanternas.

Ergui-me, usando a lata de lixo como apoio.

– Sinto muito – disse Marlena, soprando na minha pele, o hálito com ranço de café. – Ele é selvagem. Ela cobriu o polegar com a camiseta, e esfregou meu nariz. – Você ficou empoeirada.

Desta vez, Ryder foi primeiro, seguido por Greg. Ryder soltou um gemido fantasmagórico, eletrizante, enquanto desaparecia no buraco.

– Não vou voltar lá.

– Eles fizeram isto comigo um montão de vezes – Marlena disse. – É bem menos assustador com as lanternas, juro.

O que eu deveria fazer? Há muito passara da hora de dizer não.

Fomos por um túnel, o chão e as paredes feitos de cimento. O vapor subia vindo de uma fileira de aquecedores e parecia respiração. Greg e Ryder tinham cada um uma lanterna. As vigas sucediam-se até o teto, onde grafites exprimiam paixões,

ressentimentos e coisas sem sentido. Marlena passou o braço pelo meu, mantendo-me tão perto que quando errávamos o passo, meu cotovelo batia nela.

– Estes são os labirintos da igreja – Greg disse. – Foram construídos junto com a São Francisco, na mesma época da escola de ensino fundamental, que costumava ser um convento de freiras, de modo que elas podiam ir para a igreja fazer tarefas para os padres sem ficarem com frio e outros problemas no inverno.

– Ah – concentrei-me no braço de Marlena em vez de nos hábitos que podia ver flutuando nos lugares escuros atrás de nós.

– Tarefas como chupeta – Ryder disse.

– Esta foi nossa escola do ensino fundamental – disse Marlena. – Nenhum dos nossos pais jamais vai à igreja, mas fui crismada.

– Por causa do almoço grátis, boneca – disse Ryder. – O faminto não ia querer toda aquela tralha católica.

– Dá pra ver que a teologia é o seu forte – eu disse.

– A PRISIONEIRA FALA! – Ryder gritou, virando a lanterna repentinamente no meu rosto. – E suas palavras, como queimam! – Marlena deu um tapa no fundo da lanterna dele, de modo que o facho de luz pulou loucamente pelas paredes.

O túnel passava por um arco e dava num cômodo que se abria para uma espécie de vale, onde mais motores desligados amontoavam-se no escuro. Talvez uma freira dormisse dentro de cada um, as mãos dobradas sobre o peito.

– Lar doce lar – disse Ryder, iluminando com a lanterna uma pilha de cobertores aninhados contra um gradil de metal. Greg examinou entre eles até sacar um pacote de Doritos. Seu invólucro de alumínio faiscava ao pegar o foco esporádico da lanterna. Lá embaixo, eles fizeram praticamente a mesma coisa que eu já os tinha visto fazer. Marlena tirou um baseado; Ryder assustou todos nós em turnos; Greg terminou o Doritos, sacudindo o pacote na sua boca aberta, e limpou os dedos no jeans, deixando uma trilha suja ao longo do joelho, visível apesar da má iluminação. Isto era estar junto. Eu não podia deixar de compará-lo com o que eu fazia com Haesung. Pintávamos desenhos elaborados nas unhas, fazíamos testes em francês uma com a outra, ensaiávamos músicas pop em nossos instrumentos. Acontecíamos à luz do sol. Éramos crianças, e eles eram outra coisa. Adolescentes, percebi com algum assombro.

O baseado circulou repetidas vezes, seu cheiro de mato dissolvendo-se no espaço. Ninguém o passou para mim. Como é que eu tinha deixado tão claro para eles

minha posição no que se referia ao fumo, quando eu mesma não estava totalmente segura? Marlena deitou-se e colocou a cabeça na minha coxa. Sentei-me com as pernas esticadas, pressionando os joelhos contra o chão, até meus músculos ficarem rígidos, porque, quando eu relaxava, sua cabeça movia-se alguns centímetros em direção à minha genitália.

– E aí? – Greg perguntou. – Você simplesmente não vai pra escola?

– Acho que não – respondi. – Era para eu começar no início do terceiro trimestre, mas não comecei. Acho que ninguém nem reparou.

– Fodona – Ryder disse, e fiquei inchada de orgulho, embora minha perna doesse pela tensão de mantê-la perfeitamente parada.

– Ela é de *Detroit* – Marlena disse, embora eu não o fosse, exatamente. Pontiac era um subúrbio, e chato. Não a corrija. Seu cabelo, sempre oleoso na raiz, estendia-se sobre o meu joelho, me fazendo cócegas quando ela se mexia. – Puxa, menina, suas pernas são confortáveis. Fofas, fofas como um travesseiro.

Ela se sentou, atirando uma nuvem de fumaça no meu rosto. Marlena ficava diferente comigo quando estávamos com os meninos; flertava comigo de uma maneira quase desagradável, do mesmo modo que flertava com eles.

– Toda esta liberdade, e você vai para a biblioteca – Greg disse. – Isso não é um tanto contraditório? Tipo “nada de escola pra mim, só vou meter a cara nos livros”.

– Que seja, cara – disse Ryder. – Aqueles computadores não têm filtros de segurança.

– É, tenho certeza de que ela está mesmo tirando vantagem de todo esse acesso livre ao pornô.

– Eu não disse pornô! Quem disse pornô?

– Não é um pouco sexista da parte de vocês deduzir que não estou? – interrompi, agarrando o baseado de Marlena. Segurei no peito a nuvem com gosto de verde por dois longos segundos, exatamente como os tinha visto fazer. Segurei a coceira na garganta, os olhos se enchendo d’água.

– Fodona pra valer – Greg disse, com um falso esnobismo na voz, o mindinho estendido, como se estivesse segurando uma xícara de chá.

O baseado circulou, circulou, circulou. Eu estava ficando chapada? O tempo parecia uma gota suspensa na beirada da torneira. Crescia, mas não caía. Minha sede quase chegava a um grau extravagante, a língua grande demais, um gosto esquisito preso na garganta, cascas de maçã empoeiradas, sabor que beirava o azedo. Se isso

era ficar chapada, não parecia uma coisa que valesse tanto a pena. Eu tinha ficado mais descontrolada depois de beber Mountain Dew. O fumo foi substituído por um cantil amassado (*Ah! Álcool!*, pensei feito uma idiota depois do primeiro gole) que queimou minha boca e fez meus dedos tremerem. Mantive minha vez quando ele voltava para mim, mesmo depois de Marlena sacudir a cabeça e dizer, enrolando a língua: – Longe de mim! – Ficamos nesta até Greg segurar o cantil de cabeça para baixo para provar que estávamos “zerados”.

– Não – Ryder gemeu, arrancando o cantil das mãos de Greg com um tapa, de modo que ele foi escorregando pela grade e pela ribanceira, bateu em um dos tanques abaixo, antes de parar em algum lugar fora do alcance da vista.

– Nããããoo – gemi também.

Eu não estava assustada, nem nervosa, nem pensando. Eles diziam coisas, mas as palavras eram apenas sons, como quando você volta um vídeo com o volume aumentado e todos falam ao contrário. Não me lembro. Não é raro que eu apague enquanto bebo. Existe uma teoria de que os alcoólatras ficam congelados para sempre nos doze, vinte e um, quinze anos, qualquer que seja a idade que tinham quando beberam pela primeira vez, consumidos pelos mesmos antigos medos e desejos, seu desenvolvimento sequestrado e substituído por uma série de garrafas que não para de crescer. Aquelas horas na São Francisco seriam o começo, então. A parada.

A última lembrança nítida que tenho daquela tarde é de Marlena. Ela está inclinando-se para o meu rosto, as faces iridescentes como se as lágrimas tivessem acabado de ser enxugadas, a boca contra o meu queixo procurando meus lábios, e então sua língua, com algo de cru e molhado demais, algo de idiota, e, assim que começo a formular uma palavra para aquilo que está acontecendo, “beijando”, ela se desmancha em risada, soprando-a para dentro de mim, até que a risada borbulha da minha garganta e transborda da minha boca como se sua risada fosse uma criação minha. E um cheiro, como quando se arranha um galho com a unha até que seu cerne verde apareça, o resíduo preso nos dedos. Meu primeiro beijo, aquele que servirá de padrão para todos os outros, pelo menos nos próximos anos. Minha primeira bebida.

Depois disso, não há nada.

Alguma vez você tentou delimitar as horas entre o momento em que pensava que jamais cairia no sono, e o instante após abrir os olhos, seu quarto inundado com o

rosa nebuloso e açucarado do amanhecer? Entre os pontos A e B existe você, você está *viva*, sua respiração tornando-se mais lenta, a temperatura corporal caindo, as sombras projetadas pelos seus móveis alongando-se e encolhendo-se conforme a lua gira pelo céu acima da sua casa insignificante, se é que você está lá. Todas as noites, qualquer coisa poderia acontecer, e você jamais saberia. O que estou tentando dizer é que naquele dia aprendi que o tempo não lhe pertence. Você só tem as suas lembranças. Uma fração; menos.

o o o

Acordei no escuro. Uma mesa, um abajur encostado numa parede, uma cadeira de balanço, e logo comecei a ligar os pontos. Mais tarde, na minha vida, eu acordaria sem saber onde estava, e seriam outras manhãs perdidas que voltariam várias vezes para mim, de modo que eu também teria que abrir caminho por entre memórias tumultuadas. Aquela manhã na casa de Marlena vem à tona com frequência. Eu estava em uma cama. Um cobertor cobria minhas pernas até os joelhos, e alguém dormia apenas a alguns centímetros, sua respiração subindo e descendo pelo quarto. Eu estava apenas de sutiã, e, percebi, depois de investigar com a mão (que se movia menos como se me pertencesse do que como uma criatura fugindo), que também usava um short aberto na braguilha, como uma cueca masculina, e que ainda estava vestida com a minha(?) calcinha. Uma sensibilidade ao longo da minha perna direita, particularmente notada quando eu deitava de lado. Pressionei a pele logo abaixo do quadril, experimentalmente, até que uma dor lancinante me fez encolher. Eu não estava cansada, mas sentia uma sede histórica. Alguma coisa horrível tinha acontecido na minha boca; parecia possível que eu tivesse morrido e, de alguma maneira, acordado.

No escuro, o cabelo de Marlena brilhava prateado, como se estivesse encordado com festão de Natal. A coberta, um acolchoado de motel com padrões em losango, chegava-lhe até os ombros, de modo que ela era apenas cabelo e aqueles braços fibrosos envolvendo o travesseiro. Ela sempre dormia de bruços. Em noites posteriores, era esta a posição que ela assumiria quando nossa conversa ia rareando, quando estávamos bêbadas ou cansadas demais para continuar falando. Era assim que eu sabia que ela já não queria saber de mim. Ela passaria de uma posição esparramada de costas, olhando direto para o teto, ou enrodilhada de lado de modo a ficarmos de frente uma para a outra, para o que eu vim a pensar que era a sua

posição de boa-noite-de-verdade. Após se jogar de bruços, aninhava o arco do pé esquerdo sobre a parte externa do seu joelho direito, e levava os braços acima da cabeça. Uma bailarina caída num *demi-plié*. Sua respiração era sempre ruim. Naquelas noites, geralmente era um alívio quando ela se virava.

Sentei-me, arrancando a coberta para longe do seu corpo.

– Humm – ela murmurou no travesseiro, levando os braços para o lado e puxando a coberta de volta. – Você está viva.

– O que aconteceu? – cochichei.

– Você encheu a cara. Estava basicamente babando. Greg teve que te carregar.

– A dor na minha perna?

– É, você caiu ao subir a escada.

Um rodamoinho de sombras, um quadrado de luz escaldante acima de mim, uma corda dilacerando as minhas mãos com tanta rapidez e tão quente que não conseguia segurar nela por mais que tentasse.

– Onde estamos?

– Na minha casa. Onde você acha?

– Tenho que ir pra casa.

– Psiu. Cuidei de tudo. Mandeí uma mensagem de texto pra sua mãe do seu celular, do tipo “estou no vizinho”, e ela escreveu de volta “divirta-se”, com uma careta literalmente sorridente, então, pode voltar a dormir. Até acertei seu maldito alarme porque você precisa estar em casa às oito da manhã. Por favor, não deixe aquela merda ficar tocando, porque é sábado e essa não é a minha.

– Como é que você sabia o número do celular da minha mãe?

Ela virou de barriga para cima.

– Ela está no seu celular como mamãe, cara, *jura*? Agora, podemos dormir, por favor? Estou morta.

– Estou morrendo de sede.

Eu estava quase em órbita, com uma excitação de manhã natalina. Nunca havia entrado na casa dela. E, no entanto, por detrás daquilo, espreitava um horror doentio e intenso. Quantas horas eu tinha vivido das quais não me lembrava? O que tinha feito?

– Tem água lá embaixo. Só não faça barulho. O Sal tem sono leve, e se ele acordar vou ter que me levantar.

Ela voltou a se deitar de bruços, levantando os braços.

Escorreguei para fora da cama e remexi na sua bolsa até achar o meu celular. O corredor não era mais largo do que um escorregador infantil, e parecia existir só para separar o quarto de Marlena de outro quarto. A porta estava entreaberta e só dava para perceber o que pensava ser Sal dormindo em uma poltrona reclinável totalmente deitada. Desci uma escada de mão que dava num cômodo cercado de sofás. A maior parte do teto subia até as vigas do celeiro; onde isto não acontecia, o lugar de onde desci, uma espécie de mezanino improvisado continha os dois quartos. Outro quarto, sob este teto mais baixo, estava fechado com uma divisória. No canto oposto, um balcão de cozinha atravancado corria a extensão da parede, iluminado por uma luz contra insetos que brilhava por uma janela na porta dos fundos. Segui até a cozinha, levantando bem os pés com medo de onde poderia pisar. Um corpo mexeu-se no sofá mais próximo e paralisei, contando até cem antes de voltar a me mexer, tempo que papai disse que as pessoas levavam para adormecer.

A pia transbordava de pratos. Os armários estavam quase vazios, mas achei uma vasilha de plástico numa prateleira mais alta. Usei-a para pegar um filete de água e bebi, antes de enchê-la novamente. A cada gole, o dia anterior ia ficando mais claro na minha cabeça. Marlena disse que eu tinha babado. Estava brincando? E o que era aquela última lembrança, adejando na periferia da minha memória como uma borboleta? Nós tínhamos nos beijado? Eu tinha que cair fora dali.

A areia lixava o linóleo, grudando nos meus pés descalços. Onde estavam os meus sapatos, minha camiseta, minha mochila? Experimentei a porta dos fundos. Abriu facilmente. Quando isto aconteceu, percebi que tinha meio que esperado que estivesse trancada. Olhando a distância entre a minha casa e a dela, o caminho abarrotado de neve que levava até o suporte de latas de lixo que nossas duas casas compartilhavam, decidi seguir em frente. Olhei para trás. O pai de Marlena, que deve ter me ouvido, estava na entrada do seu quatinho que saía da cozinha, olhando-me sem interesse, o rosto psicoticamente atento.

Saí em disparada pela porta, sem me preocupar se ela ia bater e quase com certeza acordar Sal, e por consequência Marlena, os pés descalços levantando um borrito de neve, a pele dos meus braços, do meu peito, da minha barriga, dos meus dedos dos pés tão gelada que queimava, como se eu tivesse congelado meu corpo ao perder a cabeça.

Àquela altura, eu tinha me dado conta de que o pai de Marlena produzia cristal, e fazia isto no vagão de trem atrás das nossas casas, da mesma maneira que eu sabia

que o pai de Haesung trabalhava em um hospital, embora jamais me lembrasse de ela ter me contado isto diretamente. Como tudo a ver com os nossos pais, suas ocupações eram desagradáveis e chatas, e, se o cristal me assustara, lembro-me menos disso do que de achar que era idiota. Mesmo assim, quando vi o pai de Marlena naquela manhã, lembrei-me de que provavelmente ele tinha feito coisas que eu não poderia imaginar.

Abri a porta da frente da minha casa, agradecida por não estar trancada, meus pés descalços um vermelho gritante por terem corrido pela neve suja. Fui direto para o chuveiro, e fiquei ali, debaixo da água corrente, virando a torneira até a água ficar tão quente que doía. Não saí do banheiro até mamãe bater na porta, gritando que tínhamos que ir.

o o o

Espremi-me no banco do carona do carro de mamãe, um balde cheio de esponjas e spray de limpeza azul, tufo de esponjas de aço aos meus pés. Minha dor de cabeça estava, ao mesmo tempo, distante e crescente, como se meu crânio estivesse muito estufado de algodão, expandindo-se.

Então, isto era uma ressaca.

– No dia em que cabulei a aula de oratória, não me vi chegando aos quarenta sem um diploma de faculdade – mamãe disse. – Ou ganhando dinheiro limpando casas, aliás.

– Ou morando em Silver Lake – eu disse.

Ela ligou o rádio. Quem diria que os beijos fossem tão *molhados*? Talvez fossem só os de Marlena. Não conseguia pensar a respeito.

– Ou morando em Silver Lake – mamãe concordou.

Fomos ao longo do lago Michigan, em direção a Coral Springs, uma repetição menor e mais rica de Kewaunee. Saímos da estrada para um enclave de casas de quatro andares que observavam da base de longas entradas particulares. A música retumbava do rádio do carro; um lixo que Marlena jamais toleraria. “Amor, eu estou por minha cooontaaa...”

Mamãe tinha cursado a faculdade por sete meses. Eu tinha ouvido a história um milhão de vezes. No ensino médio, ela estava entre as melhores da classe, uma menina estrábica, cujas notas altas e os óculos devem ter escondido sua beleza. Primeira viola na Orquestra Jovem de Michigan. Começou a faculdade para se

formar em inglês. Queria ser professora. Mas ficou inquieta. Depois de tanto tempo estudando, a ideia de mais quatro anos fez com que quisesse, segundo ela, arrancar a pele. Eu tinha feito as contas, ela devia estar grávida do Jimmy de uns dois meses quando desistiu. Logo depois de termos nos mudado para Silver Lake, mamãe inscreveu-se em tempo parcial na NCC, a faculdade local, cursando duas matérias básicas. Iria se formar em enfermagem, ou em estudos gerais, “era uma boa e ampla base para um mestrado?”, ela nos perguntou durante o jantar.

– Sou mesmo inteligente, saibam disso – ela disse. – Tenho opções.

Eu não conseguia entender o motivo de todo seu planejamento. Aquilo tudo servia pra quê? O que ela queria? Ela era mãe, como poderia ser qualquer outra coisa?

Embora tivesse parado de falar, mamãe tinha um olhar tenso e indagador. Gostava de falar do passado, principalmente depois de um ou dois copos de vinho. O ouvinte – a criança – era opcional. Àquela altura, eu a avaliava e a dispensava a todo o momento. Deve ter sido horrível ficar perto de mim. Mais tarde, vi-me voltando para Silver Lake da mesma maneira como tinha voltado repetidas vezes para nossa antiga casa em Pontiac, e me pergunto se um desprendimento difícil do passado possa ser uma propensão familiar, como uma tireoide problemática.

– Estamos procurando o 2044 – ela disse, debruçando-se sobre a direção. Os poros ao lado do seu nariz estavam muito grandes. Passamos pelo 2038, seu telhado incrustado de neve, uma janela gigante suspensa acima das grandes portas duplas como um olho cochilando. A estática do rádio piorou e depois se resolveu sozinha. Todas as casas estavam trancadas e abandonadas. Como a maior parte de Michigan no inverno, o bairro tinha o clima de um naufrágio: estruturas meio afundadas na neve, abandonadas em nome da sobrevivência.

Incrivelmente, o 2044, um castelo azul-ardósia com janelas por toda parte, era a maior casa que já tínhamos visto. A entrada de carro estava com tanta neve que o carro zuniu com esforço enquanto íamos para a garagem. Mamãe pulou do carro com exagerada energia, e puxou a chave de dentro de um vaso de hera pendurado perto da porta. Contando a garagem, a casa era, na verdade, formada por duas construções: a principal e uma menor quase idêntica, atrás dela, próxima ao lago. A menor tinha o dobro do tamanho da nossa, e um segundo andar.

– A gente vai ter que limpar aquela, também? – perguntei, apontando-a. Quando levantei o braço, minha cabeça flutuou, a pulsação presa alucinadamente lá dentro.

Meu batimento cardíaco nunca pareceu tão frágil, tão impreciso.

– Se aquela for a casa de hóspedes, então, sim, teremos.

Levamos o material de limpeza para dentro, o que foi mais difícil do que deveria porque minha perna vibrava a cada passo, e eu tinha que fazer um esforço especial para esconder meus sobressaltos de mamãe, que iria querer saber o que tinha acontecido, e que era tão boa em arrancar a verdade que não havia dúvida de que eu entregaria a coisa toda e nunca mais poderia sair de casa.

A porta da frente abria-se para um cômodo espaçoso, toda a parede dos fundos era uma placa de vidro que dava para o lago. Nada parecia sujo, embora o ar tivesse um cheiro de coisa fechada, como se uma flor tivesse murchado em algum lugar lá dentro, morrido em sua própria água suja.

– Puxa vida! – mamãe disse. Ela era Cinderela parada no chão de mármore, o cabelo loiro preso fragilmente com uma bandana, leggings preta de ginástica, flanela na mão.

A casa tinha três andares com um átrio no meio, como aquele do hotel de Chicago em que eu tinha ficado durante uma competição de coros no meu primeiro ano. De qualquer andar, você podia ficar em uma espécie de balcão e olhar para o salão do andar de baixo. Andamos por lá, avaliando a situação.

– Isto é excitante, hein?

– Quanto mesmo eles estão pagando por isto?

– Vinte por hora. Dezesseis, depois de tirar a sua parte. Então, minha cara Watson, aproveite seu tempo doce, doce.

Cada uma das cadeiras, na mesa da sala de jantar de doze lugares, era feita com a pele de uma criatura exótica semelhante ao leopardo. Vinte por hora parecia pouco. Eu não sabia, de fato, quão terrível era nossa situação econômica, se era terrível como a de Marlena, Ryder, Greg, terrível como o quarto no Mapletree, ou o quê. Jimmy estava pagando um terço da hipoteca da nossa casinha vagabunda, e mamãe ficava sempre num clima animado de compras de mantimentos quando os cheques da minha pensão eram depositados nos dias primeiro e 14 de cada mês. Ela tinha tirado mais em empréstimos estudantis do que devia para a faculdade, e me dizia para agradecer sua “comissão” do governo para as minhas botas de neve novas. Alguns dias antes, no Glen’s, eu tinha posto uma pizza congelada no carrinho. Dois segundos depois, mamãe tirou-a, dizendo que quase seis dólares por uma única refeição era um pecado contra a humanidade.

Mamãe desapareceu em uma escada em curva, entrando nos cômodos acima. Cabeças de antílope ou alce observavam das paredes com olhos vítreos, um tapete espesso, amarelado, de algum outro tipo de pele, cobria o espaço entre dois sofás em “L”, de couro. Os donos desta casa eram assassinos. Tirei os sapatos, esfregando os dedos dos pés na pele.

Na mesinha de centro, um pote em bico de jaca cheio de amêndoas cruas. Eu nunca tinha experimentado uma amêndoa inteira, assim. Abri a tampa e peguei um punhado, jogando uma na boca. Ela se dividiu em duas sob a pressão dos meus dentes, liberando uma doçura familiar numa espécie de avesso, como se finalmente eu tivesse alcançado a origem de algo que só conhecia por eco e gesto – a pasta dentro de um chocolate Almond Joy, o café de um posto de gasolina aromatizado com xarope... As amêndoas deixaram um resíduo calcário na minha língua. Continuei comendo-as. Agora, as amêndoas têm gosto daquela casa, do sucesso de alguém. Têm gosto de *furtadas*. Para mim, sempre terão gosto de dinheiro.

Menos de uma hora depois, eu estava vomitando no banheiro principal, correndo água para disfarçar o barulho, ainda que eu estivesse no terceiro andar e mamãe lá embaixo, esfregando a tampa do fogão com uma esponja, cantando junto com a estação de rádio country. As amêndoas voltaram, uma areia na minha garganta. O rosto de Marlena, o cintilante tremeluzindo nas maçãs do seu rosto. Ela sempre usava maquiagem, ou era apenas a sua pele? Vidro fosco, a aparência de uma bola de neve num dia ensolarado, quando você a leva até o olho. Seus dedos pegajosos, passeando hesitantes pelo meu queixo.

Limpei como se estivesse fazendo penitência, até meus braços doerem e meus olhos arderem com a poeira, até poder sentir o travo químico da água sanitária, até alvejar meus pensamentos. Mamãe conferiu o meu trabalho, mas não era preciso, eu tinha aprendido por observá-la nos dez anos de tarefas semanais. Puxei o canto torcido de um trapo umedecido com um produto de limpeza por todas as beiradas de balcão. No banheiro, cacei até os menores fios de cabelo, meus joelhos movendo-se com desconforto sobre os azulejos. Quando mamãe e eu terminamos, o sol derreteria-se dentro do lago, tornando todo o universo um rosa apocalíptico.

Fiquei na varanda da frente observando a vizinhança deserta, enquanto, lá fora, mamãe enxugava o suor. Eu mal conseguia esticar os dedos, e um cordão tenso corria pelo meu pescoço desde a base da cabeça. Logo ficaria escuro. Era assim que o céu funcionava no entardecer em Michigan: ficava rosa e então, segundos depois,

preto-azulado. Depois de trancar a casa, mamãe colocou as chaves de volta no vaso de hera e enfiou o esfregão debaixo do braço. Uma casa tão grande que quatro ou cinco da nossa caberiam dentro dela com espaço sobrando, e vazia na maior parte do ano. Ainda acredito que, naquele momento, eu não tinha tomado qualquer decisão.

Juro.

o o o

Marlena apareceu logo depois de mamãe e eu chegarmos em casa. Eu estava lendo no sofá. A cada duas páginas, juntava uma lasca de brie com uma bolacha apimentada, cavoucando o meio cremoso, pungente e não exatamente bom, longe da casca. Eu tinha roubado estes dois alimentos exóticos da mansão, juntamente com um punhado de amêndoas que enfiei no bolso interno do casaco. Tudo bem pegar o queijo e as bolachas, mamãe disse, porque as datas de validade venceriam antes que os Hodsons chegassem.

Sem bater, apenas entreabrindo a porta, o rosto de Marlena surgiu com um ar interrogativo tipo “tudo bem eu aqui?”. Assim que larguei o livro, um exemplar em frangalhos de *David Copperfield* que cheirava a leite azedo, ela entrou ventando.

– Você está sempre tão bonita – Marlena disse a mamãe, em lugar de oi. – Até conhecer você, eu não sabia que as mães poderiam continuar sensuais.

– Que coisa simpática de dizer – mamãe disse, endireitando um pouco o corpo, como se tivesse sido regada. O comportamento de Marlena era espontâneo, mas ela era o que papai chamaria de cativante. Era abrupta de uma maneira que sempre associei com pessoas grosseiras, mas conferia uma espécie de brilho a qualquer coisa que despertasse seu interesse. Se acontecesse de ser você, nada pareceria mais sublime. No entanto, quando o raio de sua atenção afastava-se como um holofote esquadrinhando o próximo trecho do horizonte, doía. Ela teria se saído bem em Nova York, onde tantas pessoas cultivam aquele ar de intensidade entremeado com indiferença.

No meu quarto, ela se atirou na minha cama chutando os pés para cima e cruzando-os nos tornozelos, pronta para fofocar. As paredes pintadas conferiam ao cômodo uma espécie de zumbido. Achávamos que éramos espertas por chamá-lo de célula de reflexão. Às vezes, ela escancarava a porta do meu quarto e cantava em altos brados: “Eu vivo em uma caixa de tintas...”

Fechei a porta, rezando para ela não tocar no assunto do beijo. Mal me lembrava dele, mas os detalhes enevoados já eram tão fortes que até a lembrança cautelosa e fugidia – Ryder e Greg rindo, a testa de Marlena batendo no meu nariz – colocava meu corpo em estado de pânico.

– Você realmente consegue encher a cara – ela disse, remexendo no seu broche, girando-o tanto que sua camiseta ficou torcida. Falava de um jeito calmo, relaxado, talvez se lembrasse do beijo ainda menos do que eu.

– É, isto pra mim é novidade – respondi, me espalhando ao lado dela.

– É verdade que você nunca tinha bebido? Tenho uma vaga lembrança de você ter dito isso.

– Não, a não ser que você considere um gole na cerveja do meu pai.

– Vadia fodona. Você virou aquele frasco como se fosse uma caixa de suco. Como uma profissional.

Marlena amava vulgaridade. Uma vez, ouvi-a dizer ao professor do nosso coro para não “deixá-la molhada”. Acho que era seu jeito de reagir contra a sua beleza, que dizia ser mais uma maldição do que uma bênção, o que para mim foi a coisa mais ridícula que já ouvi. Mas agora acho que entendo como uma beleza como a dela pode aprisionar uma pessoa, como pode reduzir sua vida cada vez mais, até isso ser tudo o que as pessoas pensam sobre você.

– O fumo me deu sede!

– Blá-blá-blá. Da próxima vez, avise a gente. Além disso, por favor, se foder naquele nível é uma prerrogativa sua, mas não na São Francisco, quando alguém tem que te carregar.

– Prerrogativa – eu disse. Ela pronunciara prerrogativa “per-rogativa”.

– O quê?

– É assim que se diz.

– Você está tirando um sarro da minha cara? – ela disse. – Acabou de corrigir a minha pronúncia? Eu usei a palavra de um jeito errado?

– Bem, não.

– Então, você só quer deixar claro que é mais inteligente do que eu?

– Não, eu só...

– Você é uma esnobe.

– Estou tão...

– Arrependida? Eu estou arrependida. Este é um estado de merda.

Quando não disse nada, ela recuou, provavelmente percebendo, acertadamente, que eu estava humilhada.

– Esqueça isto. O que eu realmente preciso é que você seja uma menina imediatamente. Dá pra você fazer isto? Como uma menina estúpida e fofoqueira?

– Ah, claro. – Sentei-me, ainda ruborizada, e assumi uma pose de quem escuta. Como era o que eu estava fazendo não sendo uma menina?

O problema de Marlena era o seguinte: ela e Ryder não estavam mais transando, pelo menos não quando não estavam de barato, bêbados, ou chapados, e o pior era que ela nem se importava. Não sentia *falta*. Mas não era estranho que ainda gostasse de fazer carinho, beijar e coisas assim? Ela ainda o amava, sempre o amaria. Quer dizer, ela nem mesmo sabia o que era o amor, a não ser em relação a ele. Sentia-se mal até em *dizer* este tipo de merda. Seria possível que eles estivessem se desinteressando um do outro? Tudo isto era uma traição assustadora. Se algum dia ela soubesse que ele tinha pensado alguma coisa parecida com aquilo que ela estava dizendo, cortaria seu pau fora e daria pro Bolt comer.

– Bom, isto não parece justo – eu disse. – Principalmente porque é provável que o Bolt gostasse se o Ryder não tivesse um pau. Menos concorrência.

Ela simulou uma ânsia. – Você acha que o Ryder está pensando a mesma coisa, não acha? Como é que eu não posso suportar a ideia de que talvez ele não esteja mais, assim, absolutamente louco por mim, quando tenho tido tanta dificuldade em sentir tesão por ele?

– Meus pais pararam de transar anos e anos atrás. Ouvi minha mãe conversando sobre isto com uma amiga.

Eu estava morrendo de vontade de perguntar a ela qual era a sensação de fazer sexo, mas também não queria que ela soubesse que eu era virgem, a não ser que já tivesse descoberto só de olhar para mim. Os homens haviam feito coisas com ela, e ela tinha feito coisas de volta. Como é que ela sabia o que fazer, e quando fazer, e o que significava o que o homem fazia, e, por acaso, alguma daquelas coisas era o que ela queria? Algum dia alguém faria essas coisas comigo?

– Ah, buá. Os *pais* de ninguém fazem sexo. Não foi por isto que eles se divorciaram. Eles se divorciaram porque não suportavam um ao outro, e provavelmente porque um deles estava trepando com outra pessoa.

– É, acho que sim.

Alguma coisa na maneira como eu disse isto me entregou. Talvez fosse o fato de

eu não conseguir olhar para ela. Ou vai ver que foi porque minha voz falhou no meio da frase.

Ela deu uma virada, passando de deitada de bruços para sentada ao pé da cama, as pernas balançando.

– Uau. Você ficou fodida com isso?

– Não é isso. – Meus olhos marejaram e eu precisava parar de falar, mas não pude. – Só quero ir pra casa. – Algumas lágrimas rolaram pelo meu nariz até a boca. Pelo menos, eu estava tentando. – O caos é que nem sei o que isso quer dizer.

Marlena inclinou-se para frente e enxugou as lágrimas do meu rosto com os nós dos dedos. – Tudo bem. Vá em frente, desembuche. – Ela me abraçou. Apoiei-me nela como uma prancha de madeira. Ela penteou meu cabelo com os dedos, do couro cabeludo até as pontas, como minha mãe mal fazia agora. Sem pensar, relaxei no seu ombro, acabando por afundar o rosto em seu pescoço e chorar com tanta força que estremeci.

– Ei – Marlena disse. – Estou aqui.

Mamãe bateu na porta. Dei um pulo da cadeira, girando de frente para a porta.

– Meninas – ela disse.

– Sim – respondemos.

Ela entrou no quarto, dando-se conta da minha postura tensa e dos olhos ainda congestionados, da atitude petrificada de Marlena.

– Marlena, querida, está convidada para passar a noite – mamãe disse. – Você precisa ligar pra alguém, ou de alguma coisa?

– Ah, não – Marlena respondeu. – Tudo bem.

– Certo. – Mamãe nos encarou por um segundo. – Então, eu vou pra cama.

o o o

Assim que o espaço debaixo da porta de mamãe ficou escuro, Marlena e eu montamos acampamento. Ela explorou os nossos armários, pegando uma lata de feijões fritos e uma lata de pimentões verdes picados no tamanho de comida para gato, que com certeza não era algo que costumávamos comer e é bem possível que tenha vindo com a casa. Misturou o conteúdo das duas latas numa pasta que espalhou numa assadeira rasa, e depois cobriu aquela bagunça marrom malfeita com uma camada de queijo americano, enfiando tudo no forno frio.

– Ops – disse, e o ligou. – Alguma coisa pra beber?

Abri a geladeira e tirei um galão de leite integral, fingindo que o bebia avidamente. Marlena riu com a boca escancarada, uma risada feia. Curvou-se, socando-se na coxa, sem que um som saísse dela a não ser uma espécie de chiado. Depois de nos acalmarmos, Marlena voltou a inspecionar a despensa. Caixas de Franzia Chablis, a bebida noturna de mamãe desde quando eu me lembrava, enchiam a prateleira de baixo. Com esperteza, Marlena tirou uma caixa bem do fundo.

– Sua mãe gosta mesmo dos seus bons vinhos brancos. Tem umas cem destas.

Enquanto Marlena enchia de vinho dois copos plásticos gigantes, rearranjei as caixas de Franzia para que se percebesse menos a que estava faltando. Um gorduroso feixe de nervos juntou-se no meu estômago. Não era exatamente desagradável. Senti-me superalerta, como sempre me acontecia com Marlena, aquela sensação de estar no olho do furacão. Mamãe não tinha motivo para não confiar em mim, e comprava uma nova caixa sempre que ia à mercearia. Quando Meijer fazia liquidação, comprava quatro. Minhas chances de ser pega eram pequenas. Imaginei mamãe acordando por estarmos fazendo barulho e nos encontrando bêbadas; mamãe notando a garrafa que faltava, depois de arrumar a despensa a esmo; mamãe sentindo o cheiro da comida no forno e acordando de um pulo, certa de que a casa estivesse pegando fogo. Mas eu me lembrava: Jimmy e eu sacudindo mamãe pelos ombros, depois de ela adormecer no sofá às onze da noite de um sábado; Jimmy e eu brigando aos gritos no banheiro em frente à porta do seu quarto, numa daquelas noites antes do divórcio, quando papai ainda não chegara em casa. A mamãe adormecida não acordou até estar na hora. Mudei as caixas de Franzia para cobrir a falha. Não seríamos pegas.

Fizemos duas viagens para levar até a sala a caixa de vinho, nossos copos, a pasta de feijão, e um pacote de bolachinhas salgadas, substituto para as lascas de tortilhas que não tínhamos. Devoramos tanto a comida – não tão ruim quanto eu esperava, especialmente depois que tomei o primeiro copo – quanto o vinho, suficiente para nos fazer tentar plantar bananeira, apoiadas na parede. Depois de um tempo indeterminado, bati a cabeça na mesinha de centro com tanta força que na manhã seguinte minha têmpora ostentava um galo do tamanho de meia bola de pingue-pongue. Marlena soltou um fluxo surpreendente de bobagens, que soava quase como francês. Sentei-me na cadeira do computador ligando o modem, e Marlena estendeu-se no sofá. Quando a tela acendeu, soube que tinha passado da uma da

manhã.

Peguei, com um biscoito, o que restava da pasta de feijão, e digitei meu e-mail e a senha, esperando alguma coisa de papai. Nada. Abri um e-mail em branco, desejando estar sóbria o suficiente para escrever para ele algo sobre todas as maneiras como ele tinha falhado, desejando saber colocar em palavras o cosmos horrível dentro de mim, *explicar*. Será que ele ficaria preocupado em receber um e-mail meu àquela hora?

– Preste atenção em mim – Marlena exigiu, jogando uma das pernas sobre o braço do sofá, até que seus pés bateram no meu cotovelo, estremecendo minha mão no teclado.

– Tudo bem, tudo bem – eu disse, fechando o navegador.

– Se você fosse se matar – Marlena perguntou, estalando um biscoito entre os dentes –, como é que faria? – Estava com um dos braços dobrados atrás da cabeça. As pontas brancas dos seus dedos curvavam-se junto ao queixo.

– Me afogando. Como aquela fulana. A escritora. Virginia Woolf. Os bolsos cheios de ferraduras, ou de alguma coisa.

– Afogada! Isto é terrível. Esse deve ser o número um dos piores jeitos de se matar. Leva uma porrada de tempo.

– Não, é como morrer congelada. – Girei na cadeira para dar ênfase. – No começo dói e talvez você se arrependa, mas só por um segundo. Depois fica tranquilo e você só quer dormir.

– Acho que eu usaria uma arma – Marlena disse, olhando o nosso ventilador de teto que girava. – Ou talvez só ficasse muito, muito chapada. Puft. Como morrer lutando.

Ela chutou a minha cadeira com força, repetidas vezes, de modo que girei tão rápido que quase caí no chão.

– Você sabe o que eu detesto – eu disse, reabrindo minha caixa de entrada do e-mail. Ainda nada de papai.

– Deixe eu adivinhar.

– Agora ele está de *bigode* – falei. – Detesto ele por causa disso. E por Becky ter, literalmente, doze anos. Também pela vez que ele me buscou na escola dominical com uma hora e dez minutos de atraso. O fato de eu ter a porra dos olhos dele. E sua estúpida covinha.

– Você sabe que o fato de ter um bigode não conta de fato como uma razão para

se detestar alguém, concorda? Na verdade, a maioria dessas coisas não conta. Os motivos de eu detestar o meu pai são tipo ele ter gastado todo o nosso dinheiro e eu ter que pedir comida pros vizinhos.

– O bigode conta sim, conta. É nojento. É um símbolo – eu disse, mas sabia que estava sendo infantil. E então, com medo de estar monopolizando a conversa: – E você? – Deduzi que ela começaria com Bolt; conforme fôssemos ficando mais íntimas, esperava que ela explicasse o mistério da sua presença. – Quem faz parte da sua lista de merda? – Ela ficou ali sentada por um segundo, chupando um cubo de gelo. – Quem, Mar?

– O sr. Ratner – ela disse, cuspidando o gelo de volta no seu copo de vinho. – Meu professor de ciências do primeiro ano.

– O Bolt não?

– Ele é inofensivo – ela disse, mas estava mentindo, e mesmo bêbada eu sabia disso. – O sr. Ratner está nas escolas às voltas com as meninas o dia todo, cinco dias por semana. Provavelmente, foi por isso que ele aceitou o trabalho.

– Certo – eu disse.

– O sr. Ratner – ela disse. – Porque ele era legal comigo. Porque fazia me sentir como se eu fosse muito especial, como se fosse melhor do que todos os outros. No começo, era como ter ganhado alguma coisa, e ele sabia disso, sabia que nenhum professor jamais prestara atenção em mim de verdade, exceto quando estavam anotando meu nome por ter perdido uma prova ou sei lá. Ele me olhava de cima, na frente da sala, como “Ei, você”, e eu realmente acreditava que se tratasse disso, que se tratasse de eu ser boa em *ciências*.

Poderia acontecer com qualquer menina. Talvez fosse este o motivo de ela gostar mais de contar isso do que de falar sobre Bolt. Um dia, quando estava procurando um béquer no armário de material, o sr. Ratner enfiou as mãos nos bolsos traseiros do jeans dela. Ela escapou e ganhou um D, e, embora tecnicamente merecesse isso por não voltar para a classe naquele semestre, detestávamos o sr. Ratner com especial intensidade.

Não demorou muito para ela passar das transgressões para a justiça. Passou muito tempo descrevendo a punição que o sr. Ratner merecia: a secção violenta e criativa das suas bolas por um falcão em queda livre, atraído pelo camundongo amarrado à base do seu pênis. Marlena era ótima em justiça; os crimes deprimiam-na. Queria servir ovos cozidos cujas gemas fossem substituídas por sacos minúsculos da porra

de um estranho aos homens que a tinham enganado. Queríamos que fossem assassinados, desmembrados, armazenados em câmaras frigoríficas, e depois comidos acidentalmente por seus próprios irmãos. Mas nunca, em todos os meses em que ficamos nessa lengalenga entediante, superestimando os delitos feitos contra nós pela maioria dos homens que conhecíamos, ela tocou em Bolt. O quanto da sua abominável, ridícula e fantasiosa violência era realmente destinada a ele?

– Não sei – Marlena disse, depois de sugerir que o sr. Ratner fosse simplesmente mergulhado, com a cabeça à frente, num barril de ácido que corroesse a pele. – Nada disso parece suficientemente psicológico.

– Você tem razão. O que ele fez com você foi, de fato, mais um jogo mental. Ele é como o meu pai. Um mestre na manipulação. É como mamãe chama as pessoas desse tipo.

– Que raios – disse Jimmy. – São três da manhã. – Ele estava parado na entrada da sala de visitas, as sombras azuis da TV projetando-se no seu rosto.

– Oi – Marlena disse, sentando-se. Espanou as migalhas do peito, e abaixou a camiseta.

– Como foi o trabalho? – perguntei.

– Trabalho – ele respondeu.

– Incrível. Dá pra você sair?

– E se eu quiser ver TV?

Gemi. Marlena liberou a maior parte do sofá até ficar colada no lado mais próximo a mim, deixando duas almofadas inteiras para Jimmy. Apesar de todo aquele espaço vazio, ele se sentou na almofada bem ao lado dela, cruzando a perna direita de modo a acomodar o tornozelo sobre o joelho; o arco do seu pé e a curva da coxa dela ficaram separados por um sussurro.

– Você quer mudar de canal? – ela lhe perguntou, estendendo o controle remoto. Ele o pegou com cautela, como se estivesse lidando com algo quebrável. Não acho que tivessem se tocado nem uma vez. Marlena estava aninhada no braço do sofá, e Jimmy na outra ponta, ocupando uma quantidade de espaço imprópria. Mas quando finalmente nos levantamos para ir para a cama, exatamente no momento em que a noite desmancha-se em manhã, ele disse o nome dela.

– Marlena – disse. – Boa noite.

– Pra você também – ela disse, demorando-se junto ao sofá.

– Você precisa de uma escova de dentes? – perguntei, alto demais para aquela

hora, da porta aberta do banheiro.

O que quer que eles tenham dito a mais, se é que disseram, eu não ouvi.

o o o

A única aula que Marlena frequentava com alguma consistência era a do coro, então, na maioria dos dias de semana, quando eu estava cabulando depois de ter sido deixada na escola pelo ônibus, ou por Jimmy, eu a encontrava na casinha de cachorro e de lá seguíamos o nosso circuito de uns dois quilômetros e meio, que incluía o centro da cidade, o Mapletree, o subterrâneo da São Francisco, e o quebramar com o farol ocupando poderosamente a sua extremidade, onde fumávamos cigarros e baseado, e uma vez dividimos um comprimido misterioso que Marlena achou debaixo da mesa de pingue-pongue, sobre a qual sua família fazia as refeições.

Nenhuma pesquisa na internet, nem mesmo combinada com o vasto conhecimento de Marlena sobre comprimidos, sua variedade e uso, nos aproximou da identificação do pequeno círculo branco, mais ou menos do tamanho de uma borracha de lápis e sem marca. Nós o ingerimos às onze da manhã; quarenta e cinco minutos depois, decidimos que era Ecstasy. Passamos o resto do dia acampadas nos labirintos da São Francisco, percorrendo as veias dos nossos braços com uma linha que Marlena puxou do seu chapéu, e questionando a respeito do paraíso.

Marlena acreditava e eu não, isto até o Ecstasy começar a gritar pela minha corrente sanguínea, detonando fogos de artifício nas pontas dos meus dedos. Decidi: o paraíso não era realmente um conceito, um estado da mente? Será que não deveríamos aspirar a tê-lo aqui, agora, em vez de no futuro incerto, o futuro onde era tão provável sermos vermes quanto seres celestiais, o que poderia ser seu próprio tipo de paraíso, se você pensasse nisso a fundo? E assim por diante, durante horas. Quando o efeito começou a passar, nós duas estendidas de costas, a cabeça inclinada uma em direção à outra, de modo a se tocarem, perguntei-lhe qual era a sensação de transar.

– Às vezes é como uma cócega bem dentro de você, como na sua barriga – Marlena disse. – Às vezes, dói pra burro. Já teve vezes em que não senti absolutamente nada. Não é mais do que sexo, Cat. A sensação é de sexo. Se eu tivesse que graduar isso, como nas Olimpíadas, eu daria uma nota 3,5. Um quatro.

Nos dias em que ela não cabulava completamente, eu a esperava na biblioteca ou na livraria, fazendo hora até que o coro ou a aula de trigonometria, sua improvável

segunda aula favorita, terminasse. Nunca associei minha vagabundagem ao que papai tinha feito durante meses, fingindo ir para o trabalho em vez de fazer o que quer que fosse – Becky, sem dúvida –, mas provavelmente também horas e horas de coisas idiotas para matar o tempo, as mesmas coisas que me vi fazendo: olhar pelas janelas do café, percorrer os mesmos dez quarteirões. Era uma cidade pequena; o único motivo de eu não ter sido descoberta é que ninguém sabia de quem eu era filha.

Naqueles longos dias sem aula, Kewaunee era tanto nossa prisão quanto algo parecido com um parque de diversões; cada minuto poderia se abrir para uma aventura, porque, afinal, nós não éramos grandes demais, deslumbrantes e livres demais para esta cidade no fim do mundo? Duas meninas que pensavam que só poderiam ser vistas se o permitissem, andando furtivamente pela J. C. Penney, saindo com seis peças de lingerie debaixo das roupas; esgueirando-se para dentro do bar e contorcendo um cabide na máquina de cigarros até retirarmos um, ou vinte, maços de Parliament; soltando cachorros da guia; incentivando Fred Dixon, de quarenta anos, e que morava em um apartamento em cima da lavanderia, a beber a água amarela do fundo do seu narguilé, até ele vomitar pela janela e descermos às pressas pela sua saída de incêndio, rindo; pedindo elaborados drinques de café com sotaque alemão; cortando o cabelo uma da outra no banheiro do bar do Mapletree, e depois fingindo ignorância quando a mãe de Ryder exigia que nos responsabilizássemos pela bagunça; tentando roubar sandálias de dedo perto dos bancos do parque no centro da cidade; cantando versões mais lentas das músicas do rádio nas esquinas para as quatro pessoas que passavam; regalando-se com croissants do dia anterior, tirados da lata de lixo em frente à padaria francesa, onde eles se recusavam a nos servir; tatuando os nomes dos nossos inimigos nas paredes de todo banheiro público em que conseguíssemos entrar; levando Ryder e Greg à loucura ao falar apenas em código ou não falar nada, comunicando-nos por sinais que só nós entendíamos, usando apenas os olhos e as mãos. Estávamos *muuuuuuuuuuuto entediadas*, profunda e tragicamente entediadas. Não merecíamos coisa melhor? Não éramos a coisa mais especial que este lugar já vira?

A nostalgia já não é considerada uma doença, não tecnicamente, mas já foi. O médico suíço do século XVII, Johannes Hofer, deu à aflição esse nome que vem das palavras gregas *nostos* (lar, ou mesmo, volta ao lar) e *algos* (dor). Uma doença responsável por suicídios, pelo aparecimento de fantasmas, pela chegada de vozes

incorpóreas, deixando suas vítimas frenéticas de saudades. Melancolia aguda, mas específica em relação a um objeto ou lugar. Os casos diagnosticados apareceram em certas estações, normalmente no outono, e perante certas músicas. Rios. Avalanches. Califórnia, estradas vicinais. Acordes em progressão, Lá, Dó, Sol. Melhor cantar. *Nostos algos*. *Quero ir para casa* – frase que está presa num circuito que ouço antes de cair no sono, esperando na fila do café, apertando o botão do elevador e subindo pelo céu até o meu apartamento, agarrando as palavras como uma pedra da sorte e, no entanto, meu desejo não está ligado a nenhum lugar específico, nem a Silver Lake, Marlena, mamãe, papai ou Jimmy. Quero ir para casa, quero ir para casa, mas o que quero dizer, aquilo pelo que anseio, não é um lugar, é uma sensação. Quero voltar. Mas voltar para onde? Talvez para a primeira vez em que ouvi Stevie Nicks; voltar a olhar a neve caindo lá fora com um livro aberto no colo; ao momento antes de experimentar álcool; à virgindade e a não saber de fato que as coisas morrem; voltar a acreditar que algo maravilhoso ainda me aguarda; voltar para antes de fazer as escolhas que me restringiriam à vida que levo agora. Uma vida que, às vezes, acho que lamento, só por ser minha, por ter ficado assim e não de algum outro jeito, porque não posso voltar e mudar o que acontecerá. Nem o que aconteceu com ela.

Nostos algos – dor do lar, a dor no extremo cerne do meu eu.

Então, muito rapidamente, como se pode ver, em apenas uma questão de semanas, ela virou minha melhor amiga. Eu era a primeira pessoa, segundo me contou, cujo cérebro movia-se com a mesma rapidez que o dela, que entendia as coisas esquisitas que ela dizia, suas piadas, seus xingamentos torpes inventados, e podia aprimorá-los com os meus. Uma melhor amiga é uma coisa mágica, como encontrar um cepo cheio de água que a fará viver para sempre, vagar por um campo tomado por unicórnios, ou estar parada na frente de um guarda-roupa e no minuto seguinte se achar numa floresta cheia de neve. Eu não estava disposta a tomar aquilo como definitivo, com suas coincidências estranhas, e as promessas apaixonadas – ditas e não ditas – necessárias para sua manutenção. Mas fiz sacrifícios dia após dia, embora, na ocasião, não parecessem sacrifícios, redefinindo-me de acordo com quem ela era, até nos tornarmos a dupla perfeita: ela impulsiva e corajosa, eu, calculista e alerta; ela, perigosa, eu, confiável; ela, bonita, eu, meiga; ela chapada, eu, bêbada, e assim por diante. Eu pedia informação ao caixa, enquanto ela roubava anéis, livros de capa dura, um par de sapatos masculinos, e, depois, na mudança de turno, quando alguém novo entrava para trabalhar, eu devolvia aquilo tudo para ser

reembolsada. Eu bebia *latte* porque ela preferia *mocha*. Ela cantava a melodia, eu vinha com o vocal. Ela loira e esquelética, eu morena e quase rechonchuda. Nós duas, uma perfeição de menina.

Às vezes eu tinha medo; quando notava uma câmera espiando do teto da loja, quando o carro de polícia circulava pelo parque enquanto nos escondíamos no coreto, os bolsos de Marlena com um fumo tão potente que eu tinha certeza que a polícia sabia, mesmo estando com as janelas fechadas; quando ela se encontrava com Bolt na marina e dizia para eu ir dar um passeio, voltar dali a trinta minutos, uma hora, e especialmente quando eu voltava cedo e a via montada no colo dele, o rosto tomado por um enorme sorriso falso, ela calada pelo resto do dia, refugiada em si mesma, remexendo no novo pacotinho de comprimidos no seu bolso, longe, por mais que eu tentasse trazê-la de volta. Quando Bolt aparecia, ela passava metade do tempo com o corpo fechado, um computador desligado; algumas horas depois, tocava o nome dele para fora da conversa como se não fosse mais do que um inseto. Agora eu acho que ela realmente não conseguia decidir. Bolt era uma coisa. Ela se achava no controle, quando o usava para conseguir seus comprimidos, quando ele fazia qualquer coisa que ela dizia em troca de favores, um beijo aqui e ali, mais um pouco, às vezes, geralmente quando ela estava tão chapada que não parecia real. Mas sozinha, ou comigo, acho que quando ela pensava em Bolt ficava com um medo alucinado e – pior do que isso, para Marlena, uma menina que sabia como viver com medo – humilhada. É por isso que acho que ela não podia me contar. Não queria que eu a depreciasse, e em algum ponto ao longo da nossa convivência, uma das coisas em que fui mais idiota foi ao lhe dar a impressão de que, se eu soubesse, a depreciaria.

Eu nunca disse não, nem parei, nem a pressionei para me dizer o que estava, de fato, acontecendo. Também não pensei duas vezes sobre voltar para a escola, principalmente depois que percebi que ninguém jamais notaria se eu fosse ou não. Aqueles dias eram tão monumentais e eletrizantes que engoliram o futuro e o passado. Eu olhava para ela com o canto do olho, um passo à minha frente, as faces vermelhas, a curva sorridente da sua boca, e sabia. Se eu desistisse de Marlena, deixaria com ela, para sempre, algo importante, algo meu que nunca recuperaria.

Acreditava nisso então, e veja como acabou se revelando verdadeiro.

Nova York

MEU TERCEIRO MARTÍNI TINHA ACABADO, e o *lounge* estava cheio. Bebedores do happy hour. Eu tinha feito um almoço ligeiro. Uma banana. Uma tigela de sopa de legumes. Pedi outro drinque quando o garçom passou perto, e, ao mesmo tempo, a conta. Se pagasse, seria mais difícil concordar com mais um. O martíni já não tinha o gosto de qualquer coisa.

Terminei-o, bem como quase toda a vasilha de castanhas que tinha aparecido a certa altura, enquanto eu estava sentada ali. Meu sofá continuava vazio, embora todos os outros estivessem lotados. Um grupo de mulheres na casa dos vinte tinha chegado, sentando-se em todas as superfícies disponíveis, menos na que eu tinha escolhido. Talvez estivessem tentando ser gentis. Ou achassem que eu estava esperando alguém. Tinham o cabelo longo e solto, e a maioria delas estava de jeans, e camisas de abotoar, caras, de seda, que desciam até o quadril. Eu estava suficientemente perto para ouvi-las. “Sinto muito, mas”, a mais alta dizia sempre que começava a falar. A que estava jogada junto ao braço do sofá estava puta com o marido, e contou o motivo a todas, duas, três vezes, acrescentando um detalhe a cada versão. Uma ficava acenando para a garçonete, tomando a dianteira das outras; outra acalentava o mesmo copo de vinho branco pela metade, desde que chegaram. Aquele nível constante e imutável me deixou ansiosa. A magrinha pegou o triângulo de queijo branco com os dedos; sua vizinha da direita espetou a fatia translúcida de maçã verde com a ponta do garfo. Mexiam demais no celular. “Droga”, a mais bonita disse para o seu copo, olhando para as outras depois que a conversa foi retomada, e pedindo com os olhos algo que não poderia dizer.

– É como se ela estivesse literalmente possuída – disse uma mulher para outra, sobre alguma conhecida grávida, e eu ri tão alto, olhando diretamente para elas, que, de repente, elas tomaram consciência da minha presença. Trocaram sorrisinhos horrorizados.

– Mas é verdade – eu disse, mas as palavras saíram erradas. Uma delas soltou um risinho discreto, uma delicadeza. Verifiquei que tinha incluído uma gorjeta e assinado o cheque absurdamente alto. Então, vesti o casaco.

Quando espero ficar amiga de uma mulher, normalmente nos encontramos, de início, em bares. Lugares na penumbra com listas complicadas de vinho, e pratos pequenos para serem compartilhados. Pedimos coisas elegantes e caras, verificando entre nós nossas escolhas. O belo círculo de atum, a maneira como as gemas cruas resvalam para o prato quando você bate na estrutura com a faca. As fatias grossas de *focaccia*, a massa entremeada de alecrim... Assim como sexo, cozinhar, assistir a programas ruins na televisão sobre como comer e sobre como existir no mundo depois do pôr do sol, falar também se tornou difícil para mim sem uma bebida. Depois de um pouco, uma hora, menos se não for dar certo, começo a reparar na maneira como a mulher interrompe e segue em frente com a sua história, ou me faz uma pergunta depois da outra. Como ela pede um segundo drinque – geralmente quando eu peço o meu, o que acontece antes de ela ter terminado. Como ela come, levando com cuidado uma porção para seu próprio prato, guardanapo aberto no colo, ou se sente imediatamente à vontade, usando os dedos. Se ela escolhe. A qualidade da sua escuta. Seu tom quando menciona o companheiro, a última pessoa com quem transou. Se ela se interessa pelo que eu penso. Qualquer um dos e todos os tiques. As que falam com as mãos, as inquietas, as que mordem os lábios, as que evitam contato visual, a mulher que adorei instantaneamente, que chegou perto demais quando estava tentando defender uma ideia, que punha a mão enfaticamente em qualquer parte minha que pudesse alcançar e tentava me levar ao entendimento pelo toque. Noto, e começo a ver o esboço da melhor amiga, a menina sob a qual ela se formatou. Para inúmeras mulheres, o processo de se assumir requer duas mulheres. Não é difícil perceber as marcas deixadas pela outra.

Lá fora, hesitei à porta da entrada. As luzes da rua emanavam seu brilho nebuloso. O mundo inteiro era um círculo, encolhendo-se comigo no centro. Seu raio era curto. Peguei meu celular, segurei-o na mão enquanto atravessava a rua e entrava no parque da Washington Square, onde me sentei na borda da fonte.

Sal atendeu no segundo toque. – Alô? – ele disse. Uma pergunta. Tive que me concentrar para não deixar que minhas consoantes se derretessem em vogais. – É você – eu disse. Eu estava bêbada o bastante para que não fosse um problema fingir que fosse normal falarmos ao celular. Ele não pareceu tão velho quanto na mensagem de voz. Eu quase disse isso. Vivenciei nossa conversa como se estivesse me olhando de uma distância próxima. Disse, com facilidade, “claro que me lembro de você”, “estou muito feliz que tenha ligado”, “amanhã, claro, às seis está bom?”,

“parece perfeito, não vejo a hora”, “a gente se vê, então”. E aí, um leve vacilo na minha voz, “vai ser bom conversar sobre ela, com alguém que a conhecia”. Aguardei ansiosa, no silêncio que vinha do celular, até que a palavra “é» finalmente veio, depois de uma sólida pausa. É.

Desliguei e mandei a Sal o endereço do bar onde nos encontraríamos no fim do dia seguinte, um lugar perto do trabalho, onde também era possível pedir café e chá. Por que ele parecia relutante? Este era exatamente o tipo de coisa que ela teria gostado. Nós dois, depois de tantos anos, o drama disso, a prova adicional de seu carisma duradouro.

O parque estava cheio de gente. Três meninas lindas, de dezenove, vinte anos, ressoavam seus saltos, o cabelo em corte reto e brilhante. Observei-as magnetizarem as partículas do ar, de modo a atraírem a atenção de todos por quem passavam. Depois de um tempo, levantei-me para ir embora, mas ninguém olhou para mim.

Michigan

CINCO ANOS DEPOIS DO MEU CURTO PERÍODO como alguém que desistiu do ensino médio, aprendi, num curso de inglês na faculdade, a regra das três unidades de Aristóteles. Vi a mim mesma de jeans rasgado nos joelhos, sentada ao lado da minha mãe na sala do diretor Lacey, roendo uma Bic. Tão insanamente jovem. Como foi que me enganei pensando que o assassino que vinha em nosso encalço desde o primeiro parágrafo não terminaria matando alguém no final? No entanto, o tempo todo eu *sabia*. Surpreendente e inevitável – existe alguma coisa que descreva melhor a sensação de ser descoberta em uma mentira?

No dia em que fui pega naquela mentira, mamãe consultou o meu horário, que estava pregado na geladeira, e cronometrou seu dia de modo a ter fome exatamente quando eu deixasse a aula de história mundial e fosse para a hora do almoço. Ao dirigir para a cidade, pegou uma pizza de cinco dólares no Spicy Bob's, o *drive-thru* dentro do posto Shell. Não tinha um plano, é claro, e vagou pelo perímetro da lanchonete três vezes, segurando a embalagem de pizza, até mandar uma mensagem de texto: “Na escola com SPICY BOB’S, apareça, apareça, onde quer que esteja!” Depois de alguns minutos, ela deu uma chegadoinha à secretaria para perguntar se poderiam me chamar pelo alto-falante. E assim começou o que eu imagino ter sido uma sequência cômica de falta de comunicação, com mamãe insistindo que eu estava vindo para a escola desde o começo do semestre, e a sra. Tenley (chefe do atendimento) insistindo, ainda com maior energia, que eu nunca havia aparecido, e que minha ausência a levava a deduzir que não havíamos terminado nossa mudança.

No segundo em que recebi a mensagem de mamãe, pedi a Ryder para me deixar no centro da cidade, dizendo apenas que precisava encontrar alguém. Caminhei cerca de oitocentos metros restantes até a escola com a determinação empertigada de quem é acusada injustamente.

– Eu disse que ela apareceria – mamãe afirmou.

Sua segurança murchou quando a sra. Tenley nos arrastou até a sala do diretor Lacey, onde aguardamos num silêncio nervoso que uma procissão de adultos preocupados enchesse suas xícaras de café e arrumasse uma meia-lua de cadeiras. A

irritação roxa causada pela lâmina de barbear no rosto do diretor transparecia. Além do diretor e da sra. Tenley, tivemos que nos explicar com uma bisbilhoteira que tomava notas (– Ah, puxa, basta me chamar de Cher – ela disse, durante as apresentações), que era uma psicóloga, ou assistente social.

– Fui para a biblioteca, sei lá. Fiquei andando. Pode perguntar pra bibliotecária – eu disse, pensando se ela se lembraria das duas horas que passei ali, quando a sra. Tenley me pediu para explicar as seis semanas que eu faltara.

– Mas por quê? – perguntou mamãe.

o o o

Mais cedo, naquele dia, eu tinha encontrado Marlena e Ryder no ponto de ônibus. Tinha escolhido a minha roupa com um cuidado especial, sabendo que logo ia ver Ryder. Meu jeans agitava uma boca de sino que começava acima dos joelhos, e minha camisa, pertencente a Jimmy anos atrás, era lisa, abotoada, grande demais, mas não enorme, um alfinete de segurança fechando-a na intersecção com meu sutiã preto de bojo. Alguns botões tinham caído há muito, e eu substituíra cada um deles por um alfinete de segurança, tendo notado que Marlena frequentemente resolvia seus consertos de roupas com grampos de papel ou alfinetes, preferindo essa estratégia rápida a costurar. O ônibus aproximava-se de Silver Lake como uma lagarta sobre a colina branca, quando Ryder chegou com sua picape.

Marlena abriu o porta-luvas e tirou um pote de pasta de amendoim, que jogou para mim. Seu vestido pêssego de algodão brilhava na cintura. Por baixo, usava jeans. Não havia grampos, nem alfinetes de segurança à vista.

– Tome cuidado com isso – Ryder disse, olhando o ônibus pelo retrovisor.

Marlena e Ryder tinham dado um *tempo*, como ela dizia, por duas semanas. Num dia, estavam frios e putos um com o outro, no dia seguinte tão melados que deixavam todo mundo de fora. Hoje, eles estavam num meio-termo.

– Grana, grana, grana – Marlena disse.

– Minha grana – Ryder corrigiu.

O pote não pesava nada. Abri-o. Toda a pasta de amendoim da sua vida passada tinha sido lavada, embora ainda permanecesse um leve cheiro da castanha. A parte interna fora pintada com uma cor de lama, de modo que, numa primeira olhada de longe, faria pensar que ainda contivesse pasta de amendoim, embora de uma variedade para lá de escura, podre. No fundo, duas embalagens plásticas, cada uma

grande o bastante para conter um aparelho de dentes infantil. Puxei uma para fora, segurando-a pelo lacre de encontro à janela da picape, lambuzada de sal. Os cristais arroxeados pareciam pirulitos Rock Candy sem o palito. Quase divertido, embora eu não fosse boba.

– *Barney e seus amigos* detonando – disse Marlena.

– É cristal, não é? – Percebi que nunca tinha dito *cristal* em voz alta. Marlena e eu sempre dançávamos em volta da palavra. – Por que é roxa?

– *Cristal*? – Ryder disse, me imitando. Talvez eu tivesse chamado aquilo pelo nome errado. Eles diziam *ice* ou *tina*, ou até mesmo, brincando, cocaína do povão, mas eu pareceria ainda mais idiota se a chamasse assim. – É, é *cristal*. Algumas gotas de corante pra comida, é isto. Tudo é uma questão de marketing. Não fode de um jeito diferente, mas posso fazer as pessoas acharem que sim, só por causa da aparência dela.

– Além disso, ele cobra mais – disse Marlena. – Porque mesmo sendo uma merda absoluta, é muito fofa.

– Agora sei todos os seus segredos.

Eles confiavam em mim o suficiente para me deixar ir com eles; eu me sentia quase agradecida, honrada. Teria feito qualquer coisa que me pedissem.

– Estou apavorado – Ryder disse. – Você tem consciência de que é basicamente uma cúmplice, certo?

– Ah, ela nunca contaria – disse Marlena, girando no banco para me lançar seu olhar Ryder-é-um-idiota, olhos revirados para cima, a boca contraída. – A amiga é um túmulo.

– Barney? – perguntei. *Cúmplice*?

– Amo você, você me ama...” – Ryder cantou. Tinha uma boa voz, também. – Poderia ser o cara roxo do *Chester the molester*^[1]? Mas Greg acha que as pessoas se sentem mais seguras comprando algo que tenha um nome que remeta à memória infantil. Acho que as pessoas comprem drogas porque são drogas, mas os melhores líderes baixam a guarda de vez em quando para dar a seus servos a ilusão de controle. Então que seja Barney.

– Greg sabe que você se refere a ele como servo? – perguntei.

– Não – Marlena disse. – Porque lorde Ryder só tem culhão para dizer coisas deste tipo junto com menininhas dóceis.

Ryder riu e arrepiou o cabelo dela com a mão, continuando a dirigir com a outra.

Eu nunca conseguia saber se a provocação o deixaria bravo ou bem-humorado. Já o tinha visto furioso por muito menos. Marlena não parecia se importar de um jeito ou de outro.

Joguei a embalagem de volta no pote de manteiga de amendoim, atarraxeí a tampa até não poder apertá-la mais, e a estendi para Marlena. Ela a colocou no porta-luvas. Meus dedos ficaram com uma sensação estranha depois disso. Esfreguei as pontas uma na outra, tentando determinar se algum pó ou resíduo tinha ficado na minha pele. *Cúmplice* era uma palavra bonita.

Fomos pelo centro, Ryder e Marlena cantando junto alguma velha música country idiota sobre manchas de churrasco.

Todas as vezes que Marlena atirava-se na minha cama e confessava sua última escorregada no tempo que estavam dando: “A gente transou *de novo*”, ela suspirava, “mas não *significou* nada”, eu sentia uma centelha de ciúmes. Uma ideia tinha se infiltrado na minha cabeça, nas semanas do esfriamento deles. Se Marlena não estava com Ryder, isso significava que ele poderia começar a gostar de outra pessoa. O pensamento era persistente, e se expandia sempre que ele me dava uma atenção especial. Como agora, com a maneira com que ele modulava a voz sob a dela. Ou como quando ela lhe disse para mudar a música, e ele esperou que eu concordasse antes de dizer sim.

Viramos num beco sem saída, a poucos quilômetros do centro de Kewaunee, onde mansões como aquela que limpei com mamãe formavam um anel perfeito em torno de um passeio circular.

Marlena e eu esperamos na picape, enquanto Ryder pulava para fora do carro e batia na porta. Aos dezessete anos, Ryder provavelmente não chegava a pesar sessenta e cinco quilos. Com o corpo reto, não era muito mais alto do que Marlena. Sem camisa, era todo vigoroso, músculos ativados, parte animal e parte menino. O corpo de Marlena, o meu corpo, nossas barrigas onduladas em dobras de acordeão quando sentávamos, e a clara diferença entre nossos dois pares de seios: os dela pequenos e largos, mamilos como um bombom Kiss, da Hershey; os meus maiores, *mais ridículos*, pareciam quase descuidados, como se Deus, ou quem quer que fosse, não tivesse se incomodado em vir com um molde para um corpo de mulher. Quando você olhava para Ryder, não dava para imaginar que outra aparência ele poderia ter. Quando eu olhava para mim mesma, via um milhão de diferentes possibilidades. Um pouco menos peso aqui, meus seios levantados só um

pouquinho assim, pele mais escura, um corte diferente de cabelo, com pelos púbicos, sem. Qual era o melhor? De qual ele gostaria mais?

Ele bateu na porta novamente, mão aberta.

– Detesto quando eles não atendem – Marlena disse. – Sempre acho que significa que chamaram a polícia.

Ryder tirou o celular do bolso e o levou ao ouvido. Seu cabelo projetava-se acima do pescoço em um rodaminho acobreado, e quando ele ficava de perfil, podia-se perceber a leve marca de nascença em forma de lágrima, esboçada em sua maçã do rosto. A distância, aquela marca lhe conferia um tom de tristeza que se transformava em alguma outra coisa quando ele chegava mais perto, algo selvagem, como se ele fosse uma panela de água, segundos antes de ferver. Ele bateu de novo.

A porta abriu uma fresta. A boca de Ryder moveu-se e a porta abriu-se de vez. Dois caras, mais ou menos da idade de Jimmy, ocuparam o espaço vazio. Os dois usavam camisetas Polo, golas levantadas, um sorriso aberto e estúpido no rosto do que trocou o pote de pasta de amendoim de Ryder por um maço de dinheiro.

– Richie Rico – disse Marlena.

Depois que os caras sumiram para dentro do seu palácio, Ryder ficou ali parado, contando o dinheiro. Dobrou-o e o enfiou no bolso antes de voltar para a picape. Toda a transação não levou mais do que dois minutos. Até os meninos ricos, os moleques da faculdade, compravam cristal. Eu já tinha perdido a sensação de que fosse algo para se ter medo. O fato de aqueles meninos também serem adeptos, em sua grande casa, fazia com que parecesse ainda mais banal.

Isto, é claro, foi outro engano.

Pegamos Greg (parado em frente ao 7-Eleven, mãos no bolso, rosto de um vermelho gritante), que se sentou às pressas no banco de trás ao meu lado, em um torvelinho de neblina fria, e fomos para o Taco Bell. No balcão, Ryder pediu um jumbo de vinte e cinco tacos (Eu só tinha visto um desses, ao vivo, uma vez. Foi levado por um pai para um jogo de futebol da Concord), e quatro refrigerantes extragrandes. Pagou com uma nota de cinquenta dólares. Eu estava morrendo de fome, mas só me permiti um único taco. Não queria que Ryder e Greg me vissem me empanturrando. O surto de adrenalina da manhã estava me deixando tonta. Soprei o Mountain Dew por um canudo na direção de Marlena.

– *Sua vaca!* – ela gritou, ensopando meu taco com molho de pimenta.

O caixa veio e disse que nossas duas opções eram “ficar de boca fechada ou se

comportar como bobocas em outro lugar”.

o o o

– Qual você diria que é o seu nível de ansiedade em situações sociais? – perguntou Cher, apoiando os cotovelos nos joelhos como se fôssemos eternas melhores amigas trocando segredos. Sua franja entrava nos olhos. – Você acha que se sente deprimida com todas estas mudanças em sua vida? Como se ninguém estivesse se importando com o que você quer e precisa? Como se ninguém ligasse para o que *Catherine* sente?

– Fiz a escolha errada – eu disse. O gosto de tinta, da caneta que tinha mastigado, espalhou-se amargo no meu céu da boca.

– Ela realmente nunca fez nada parecido – mamãe disse. – Estou muito espantada. Esta não é a Cathy. Ela não é assim.

Cher jogou a cabeça, uma espécie de relincho silencioso, e olhou para a mamãe tipo “você diria isto, não diria?”.

– É importante – a sra. Tenley disse, cuspidando cada palavra como um caroço – você deixar que ela fale por si mesma.

Era quase revigorante me ver como ela me via: uma menina fodida, *problemática*, em vez da perfeccionista bajuladora que eu tinha sido a vida inteira. Eu precisava levá-los para longe, longe da realidade de onde eu andava passando o meu tempo. Não apenas por mim mesma, mas por Marlena, Ryder, até por Greg. Por *nós*, me vi pensando. O que mais eu poderia fazer?

Então, é claro, menti.

o o o

As mentiras que uma pessoa conta para se safar de algum problema são sorrateiras. Evoluem, durante a narrativa, porque seu único propósito é manter a verdade protegida – a verdade, no caso, era que eu tinha andado envolvida em uma transação de droga com Marlena quando estava cabulando, ou tinha enchido a cara. Essas mentiras não precisam, necessariamente, ser elegantes, embora requeiram a destreza de um mágico, a habilidade de atrair atenção para seus dedos, quando deveríamos estar olhando suas mangas onde as cartas estão desaparecendo. Pergunto a Liam sobre o seu dia sem olhar em seus olhos, e vou direto tomar uma chuva de

por exemplo. Naquele dia, descrevi o que gostava de fazer no centro da cidade, como me escondia nas estantes da livraria e da biblioteca, onde ia tomar café quando tinha um trocado. Falei, falei, e quanto mais eu falava, maior a distância entre o que eles acreditavam que eu estivera fazendo, e o que eu realmente fizera. Mentir pareceu flexionar um músculo. Aconteceu que eu era boa nisso.

o o o

Mamãe não falou durante o trajeto para casa. Pulou do carro no segundo em que estacionou, deixando-me sozinha no banco do carona, o motor estalando enquanto esfriava. O ar à minha volta aguçou-se até se igualar à temperatura externa. A casa de Marlena tinha algumas luzes acesas, mas não havia carros na entrada. Sal estava em casa, mas provavelmente sozinho, ainda que fosse pequeno o bastante para precisar de uma babá. Fiquei me encarando no retrovisor até ficar escuro e minhas mãos formigarem.

Dentro, mamãe estava ao telefone com papai. A voz dela quando falava ao telefone com ele era instantaneamente reconhecível. Suas palavras eram atentas e convincentes, como se estivesse tentando fazer um acordo e, ao mesmo tempo, parecer relaxada. Pressionei a porta da frente até o fecho correr quase em silêncio no batente, e tirei os sapatos e o casaco, pairando pelas sombras do corredor, para não atrair a atenção de mamãe. Ela andava em círculos em volta do balcão da cozinha, a passos largos, protestando no bocal. Peguei o sem fio do seu berço na parede perto do banheiro, e fui com ele para o meu quarto, onde corri a porta do armário, empurrei uma pilha de sandálias e Keds de verão, e me aninhei no canto do fundo antes de começar a ouvir.

– Você pode fingir tudo o que quiser, pode falar que é apenas uma fase, mas estou dizendo neste exato momento, Rick, tem alguma coisa errada. Você alguma vez viu Catherine fazer uma coisa dessas? Não se incomoda nem um pouquinho que a sua filha tenha andado vagando por aí, largando a escola, passando o tempo sabe lá Deus onde, e que não pareça nem remotamente preocupada com as consequências?

– Não estou entendendo como isto é culpa minha. Não sou eu que estou aí todos os dias, que deveria ser responsável pelas idas e vindas dela – papai disse. – Ela é uma menina inteligente, tem o direito de fazer algumas bobagens. Não transforme isto num grande alarde para tentar chamar a minha atenção.

– Não se trata de nós, pelo amor de Deus – mamãe sibilou. – Trata-se da nossa

filha. Sua filha de verdade, não esta aí, filha da crise de meia-idade que deixa seu pau molhado.

Deixa seu pau molhado deixa seu pau molhado, meu cérebro esganiçou repetidas vezes.

– Bom – disse papai –, aí vai a sua credibilidade.

No lado dele, ouvi uma voz de menina.

– Ai, meu Deus! – mamãe disse.

Desliguei.

o o o

Mandei mensagens de texto para Marlena umas dez vezes naquela noite, coisas estúpidas, desesperadas. “Preciso falar com você”, “Minha mãe está louca”, “Socorro”, “Cadê você”, coisas desse tipo, fragmentos compostos de quatro ou cinco palavras, enquanto era tomada por tal emoção febril que quase me deixava cega. Grande solidão, isolamento profundo, uma sensação avassaladora e cataclísmica de ser incompreendida. Quando esse tipo de sentimento profundo simplesmente para? Para onde vai? Aos quinze anos, o mundo acabava vezes sem fim. Ser tão jovem é uma espécie de violência. Nenhuma previsão, uma sensação exagerada de que é invencível, e, no entanto, você ainda é responsável pelos seus erros. É um pouco apavorante lembrar a intensidade e a precisão com que eu *sentia*. Agora, se o mundo realmente acabar, acho que apenas me sentiria entorpecida.

Enfiei dois cigarros no sutiã, prendendo os filtros no meio, no espaço entre os seios. Queria beber um trago. Queria alguma coisa.

Espiei pela janela da porta dos fundos do celeiro, antes de bater. Marlena estava com o pai no sofá, Sal entre eles. Estavam assistindo a alguma coisa em sua televisãozinha de merda. Fui embora sem bater e fumei os dois cigarros sozinha, no trepa-trepa. Não havia um lugar para eu ficar. De volta pra casa, enquanto mamãe tomava uma ducha, enchi um copo alto até a boca com vinho, e me fechei no quarto, ligando meus fones de ouvido no toca-CD, para ouvir uma das coletâneas feitas por Marlena: Pink Floyd, Weezer, bastante Janis Joplin e Neko Case; coloquei minha mente embaixo de tal altura de som que meu corpo se dissolveu.

o o o

Na minha lembrança mais remota, papai está sentado comigo no chão da despensa, nossos joelhos se tocando. Está me ajudando a organizar as latas. Não sei ler, então organizamos por cor, pela extensão dos nomes, pelo tamanho. Latas azuis em baixo, latas vermelhas no alto. Empilhamos as latas de atum num cilindro alto. Depois de termos tirado todas e de tê-las colocado de volta perfeitamente organizadas, ele me pega no colo e me balança pra lá e pra cá, mas numa rapidez louca, não como um bebê. Ele se levanta e me leva com ele, apertando com tanta força que minhas costelas se flexionam para dentro, e todo o barulho é pressionado para fora de mim. Quando ele me põe no chão, há uma faixa de dor surda ao redor do meu peito. – Eu amo você – ele diz. – Amo demais.

o o o

No dia seguinte, em vez de me deixar em frente à escola, Jimmy deixou o carro no estacionamento e o desligou.

– Vou com você até lá dentro – disse.

Um lambuzado de sal formava um desenho de floco de neve no painel.

Quando eu era pequena, acreditava que ninguém pudesse me ver a não ser que eu quisesse. Depois que mamãe e papai me davam um beijo de boa-noite, eu me esgueirava até lá embaixo, e ficava parada no canto da sala de visitas, enquanto eles assistiam à TV, mamãe com a cabeça no colo de papai, o braço dele sobre o seu corpo. Eu me movia através das sombras e me enfiava entre a parede e as costas de uma poltrona. A tela jogava uma luz trêmula nas páginas do meu livro. Só depois que mamãe e papai desligavam a TV e entravam em silêncio no seu quarto é que eu voltava para cima, a casa tão escura que eu sentia como se tivesse me transformado em escuridão com ela, a mesma ausência de cor como tudo à minha volta.

Abaixei o espelho do visor, ignorando o gemido de irritação de Jimmy. Qual seria a sensação de ser uma aluna precedida por uma má reputação, em vez de uma boa? Eu parecia diferente. Uma cor amarelada manchava os cantos abaixo dos meus olhos, chegando ao roxo abaixo das minhas maçãs do rosto. Meu cabelo estava nos ombros, dividido no meio de modo a cair reto de cada lado dos meus olhos. Sem grampos, sem maquiagem, um borriço de espinhas minúsculas sobre o queixo. Depois que o despertador tocou, eu tinha olhado no guarda-roupa durante uma meia hora, experimentando roupa após roupa, antes de puxar um jeans e um moletom de Michigan de dentro do cesto de roupa suja. Achava que a liberdade de

me vestir da maneira que quisesse seria uma das poucas coisas boas da escola de Kewaunee.

– Agora.

– Estou indo – retorqui.

Deslizei pelo banco da frente e pulei uma luva que se afogava numa poça de neve derretida. Jimmy caminhou alguns passos à frente, de cabeça baixa e mãos afundadas nos bolsos do casaco. Assim que chegamos ao saguão, ele praticamente me arrastou até o escritório.

– Catherine, por favor, sente-se – a sra. Tenley disse, erguendo o olhar do computador. Sentei-me na mais limpa das cadeiras manchadas que acompanhavam a parede. Jimmy me fez uma saudação de dois dedos, ao jeito de papai. Quando ele estava saindo, a porta da sala abriu-se de um golpe, reverberando um conjunto de sinos em volta da maçaneta. Marlena. O rosto de Jimmy.

– Os irmãos siameses – Marlena disse.

Ela se inclinou sobre a barreira acima da mesa da sra. Tenley até seus pés mal tocarem o chão.

– Alô – Marlena lhe disse. – Cheguei! – Como sempre, sem casaco. As costas do seu vestido preto pendiam abaixo das omoplatas. Entre elas, uma rede de veias azuis emaranhava-se cruzando a espinha.

– Estou vendo, srta. Joyner – disse a sra. Tenley. – Em um instante, Cher estará com você.

– *Do you believe in life after love?* [Você acredita na vida depois do amor?] – Marlena cantou irritantemente alto. Jogou-se na cadeira ao meu lado. Cheirava levemente a ninhada de gatos. Jimmy tinha ido embora.

– Bom, eu realmente não acho que tenha tanta força – eu disse. – Mas?

Marlena riu, uma versão mais solta, de boca aberta, da sua risada normal. Sua risada-Cat. Torceu uma mecha de cabelo em volta do dedo, e a enfiou no coque frouxo no alto da cabeça. Quatro hematomas subiam pelo seu pescoço, cada um deles do tamanho preciso de uma moeda de um quarto de dólar.

– Não sabia que você vinha – eu disse baixinho para Marlena.

– Eu não faria você passar por isto sozinha.

Marlena puxou um bloco da sua sacola e escreveu: “Este lugar será a minha morte.” O bloco parecia ter sido mergulhado na água, e depois estendido sobre um aquecedor para secar. Com toda a merda em que eu estava afundada, não me atrevia

a escrever de volta, então tentei dar a Marlena um aceno de “eu também”, que só ela perceberia. Eu tinha certeza de que a sra. Tenley podia ver o bilhete, embora não fosse possível de fato. Marlena passou para uma página em branco e desenhou uma menina sendo atacada por flechas de todas as direções. Em baixo, acrescentou: “Pelo menos, Galinheiro vai parecer INCRÍVEL no meu funeral... AQUELES TRAJES”. Peguei sua caneta e escrevi “líquen + fio dental = aquele suéter”.

Marlena tirou o broche do peito, aquele que ela sempre usava, e o abriu no colo, protegendo-o da visão da sra. Tenley ao cruzar as pernas. Tirou um comprimido e o enfiou rapidamente na boca. “???” Escrevi no bloco. “Dor de cabeça”, ela escreveu de volta, e depois passou a caneta tantas vezes pelas palavras que rasgou o papel.

– Agora? – Eu estava escrevendo quando o diretor Lacey esticou a cabeça para fora da sua sala e acenou para mim.

– Não esqueça as bolas – disse Marlena.

– Vá se foder – gesticulei com a boca, pendurando a mochila no ombro.

Sentei-me num sofá junto à mesa do diretor. Uma janela dando para o campo de futebol emoldurava sua cabeça. Um por um, os alunos da banda marcial formavam um “N” na neve. O diretor pressionou as palmas das mãos na mesa, e atravessou os meus olhos com os seus olhos azul-claros. Ele estava falando sobre peixinhos, sobre como eles começavam pequenos, aparecendo na sua sala depois de perder alguns dias de aula, chegando tarde, mas como iam ficando cada vez maiores, perdendo compromissos, sendo pegos com maconha, saindo com pessoas erradas. Eu não podia deixar de imaginar a ruiva rechonchuda no retrato ao lado do seu abajur, ajoelhando-se à sua frente no centro da sala. Eu ia matar Marlena. O suor formigou no meu lábio superior. Enquanto ele falava, cutuquei uma das espinhas no meu queixo, até manchar a ponta do dedo de sangue. O “N” dissolveu-se num quadrado que se expandia e se contraía. Em tal distância, a banda soava como um elefante asmático.

– Então, *bam* – ele disse, e bateu as mãos na madeira me fazendo pular.

O retrato da mulher caiu de frente. Ele o endireitou. Agora ela olhava diretamente para mim. A cena dela ajoelhada veio novamente à tona, e me mexi, descruzando e cruzando as pernas.

– A próxima coisa que se sabe é que tenho uma baleia assassina nas mãos.

– Sinto muito – eu disse, quase que a sério. – Não acho que seja o meu caso.

– Qual era a sua média de pontuação na outra escola?

– Três ponto oitenta e sete.

Ele assobiou. – Três ponto oitenta e sete. Três ponto oitenta e sete. Você quer ir pra faculdade, Catherine?

– Quero – respondi, automaticamente.

Ele disse algo sobre como isto era um grande cocô, e essa palavra na sua boca me fez querer morrer. Bateu palmas, esfregando-as uma na outra de modo a fazerem um som de cochichos. Tinha conversado com a minha orientadora da Concord, que me chamou de aluna “estelar”. Por causa do seu testemunho e do meu relevante desempenho no primeiro ano, tudo que eu precisava fazer para compensar a minha ausência era comparecer a um mês de detenção, a ser cumprido antes ou depois da escola; comprometer-me a dois encontros com Cher por semana, para discutir o progresso da minha adaptação, e qualquer outra coisa que me viesse à cabeça; e coordenar projetos compensatórios com cada professor. Também havia uma cláusula geral sobre fazer escolhas que refletissem meu potencial. Eu tinha errado feio, mas, independentemente do efeito daquilo, a escola não queria me punir. Eles queriam ajudar.

– Obrigada – eu disse, levantando-me. Puxei meu moletom para baixo o quanto pude, e resisti à vontade de levantar meu capuz e sumir.

– Catherine? – o diretor Lacey chamou. Sorria como se estivesse sendo sincero. Dentes encavalados e amarelos. Rugas irradiavam-se dos cantos externos dos seus olhos. Um fumante. – Não seja um dos meus peixinhos, certo?

o o o

Os corredores estavam vazios. Um relógio eletrônico sobre um conjunto de bebedouros informou-me que eu estava nove minutos atrasada. Meu celular vibrou no bolso do meu agasalho. Um recado de Jimmy. “Você consegue.” Bati na porta de botânica e ecologia do solo, espiando pelo vidro. Toneladas de pessoas, todas escarrapachadas junto às mesas que pareciam feitas de quadro-negro. Tidbit e Greg estavam na fileira mais perto da parede dos fundos. Fiquei surpresa ao ver Greg. Todos os dias em que eu tinha cabulado e saído com Marlena e Ryder, Greg também estava junto, pelo menos parte do tempo.

– Entre! – o professor gritou. Olhei meu cronograma. Levei um minuto para registrar seu nome por completo. As letras pareciam existir individualmente, como se cada uma pertencesse a uma palavra diferente. – Pode entrar, eu disse. – O sr.

Ratner estava segurando a porta aberta. Entrei.

Ele era de meia-idade, altura média, as feições completamente regulares. Esperava que parecesse um estuprador, mas o que isso queria dizer? Até seu cabelo era de um castanho normal, um composto de cada tom que já se manifestara em uma cabeça humana. Camisas havaianas enfiadas numa calça cáqui.

– Seu celular.

Levei um segundo para entender o que ele queria dizer. Um riso abafado: menina, segunda fileira, rabo de cavalo loiro, arrogante, seios comprimidos um contra o outro, emoldurados pelo “V” do decote da sua camiseta. O sr. Ratner piscou para ela, sacudindo os dedos.

– Por favor – disse. Coloquei o celular na sua mão, querendo chamá-lo daquilo que eu sabia que ele era. – Por que você não nos conta um pouco sobre você?

– Que sou nova aqui?

– Estava me referindo a alguma coisa que não fosse tão óbvia, mas isto vai ter que servir, uma vez que já saímos demasiado dos trilhos com a sua chegada – disse o sr. Ratner.

Tidbit levantou o pulso da mesa, uma saudação genuína e minúscula, e relaxei. A caminho do único lugar vazio, no meio da terceira fileira, tropecei em uma mochila aberta, equilibrando-me no ombro de um menino com a gola levantada. – Cuidado – ele falou, desnecessariamente alto. Cabeças voltaram-se. Afundei na cadeira ao seu lado.

Passei a aula amortecida em um casulo de autoconsciência, emergindo apenas quando as pessoas começaram a se mexer nas cadeiras, a enfiar os cadernos nas mochilas. O menino ao meu lado guardou a caneta num cachorro-quente de espuma, enfiou o resto na mochila e depois abraçou a coisa toda no colo, como se fosse um animal que precisasse ser contido. Na Concord, você ganhava um ponto negativo por antecipar o sinal. Quando ele finalmente tocou, o sr. Ratner apontou para mim, e depois para o chão perto da sua mesa.

Deslizou um exemplar surrado de *Fundamentos da ecologia: Graus 9-10* em minha direção. Dentro da boca de um sapo de néon que bocejava, algum aluno que agora deveria estar na meia-idade, tinha escrito: “NUNCA MAIS!!!”

– Se você chegar atrasada amanhã, por favor, não se dê ao trabalho de entrar na minha aula.

– Não foi culpa minha – eu disse.

Antes de saber que ele era o sr. Ratner, eu tinha planejado um pedido de desculpas, mas a melhor amiga de Marlena não sentia muito, não estava errada, e estava pouco ligando para o que o sr. Ratner pensasse a respeito dela.

Ele fez uma marca vermelha em seu caderno, e disse, pensativo: – Nunca é, não é mesmo? – Pegou meu celular, e passou o polegar sobre as palavras no verso do aparelho – *Que sensação* – antes de virá--lo nas mãos.

– Não sei – eu disse. – Algumas coisas são. Abusar de uma posição de poder, eu diria, por exemplo. – Peguei o livro da sua mesa. – Posso ter meu celular de volta, por favor?

– Você o merece?

– É meu.

Ele apertou o botão de chamada e a tela iluminou-se. Arranquei o celular dele e fui embora, odiando-me por não dizer alguma coisa sobre o que eu sabia.

Tidbit estava lá fora, jogada contra os armários, Greg muito perto dela, as mãos apoiadas em seu quadril.

– Estou tão contente que você esteja na nossa classe – Tidbit disse, livrando-se dele.

– Aquele cara é o fim – eu disse, embora Tidbit tivesse automaticamente feito com que eu me sentisse melhor.

– O sr. Ratner é um pé no saco – Greg disse. – Ele dá notas com base em coisas como o tempo. Ou o que comeu no almoço.

Tidbit me deu o braço. Percebi, com uma sensação de orgulho, que Marlena não tinha lhes contado sobre o sr. Ratner.

– Ou baseado na maneira como está se sentindo – disse Tidbit.

– Foi isso que eu quis dizer – Greg retorquiu, irritado. Depois, para mim: – Tenho certeza que *você vai* ficar bem, srta. Biblioteca. Apertou-me de lado contra ele, um abraço com um braço só que demorou demais. Tentei relaxar. Cat, uma menina com uma porção de amigos homens, uma menina para quem o toque não era nada demais. O bíceps esquelético de Tidbit apertou-se contra o meu, definindo território. Ela pediu para ver meu horário, e eu o puxei do bolso de trás. Greg me soltou.

– Oba, seu almoço vai ser com todos nós – ela disse. – Coro e francês III você vai ter com a Mar, e história, não faço ideia, eu nem sabia que era uma opção.

Francês III?

Eles me acompanharam até a principal artéria da escola. Aqui, as meninas usavam jeans desbotados com rasgos intencionais e sombra pastel nos olhos. Andavam pelos corredores aos bandos.

– Quer fumar um cigarro com a gente? – Tidbit perguntou. Respondi que não, ainda abalada com meu atrito com o sr. Ratner. – Azar seu – Tidbit disse, e arrastou Greg em direção ao auditório. Antes de sumirem na multidão, ele se virou e olhou para mim uma vez, e foi então que eu soube que gostava de mim mais do que deveria. Eu ainda não tinha palavras para designar isto: a consciência da consciência de um menino.

Em álgebra II, reconheci dois rostos: a loira esnobe da risadinha, e o menino do estojo de lápis de cachorro-quente. Ocupei uma carteira vazia no fundo. Estojo de Lápis mudou do canto da frente para um lugar ao meu lado. Perto do final da aula, Estojo de Lápis, cujo nome revelou-se sendo Micah, inclinou-se sobre o corredor e colocou um pedaço de papel sobre o meu livro aberto. Nele, estava desenhada uma mão, um sinal de mais e um pênis, seguidos por um sinal de igual, e uma porção de linhas denteadas, que só pude presumir que representassem esperma. “LIÇÃO NÚMERO UM”, ele tinha escrito, cercado por um monte de coraçõezinhos.

Eu tinha saído da sala e estava a meio caminho para o coro quando o sinal parou de tocar. Ainda não tinha achado o meu armário. A sra. Low, maestrina do coro, me fez cantar uma rápida escala maior antes de me entregar uma pilha de partituras, e me relegar para a fila da frente com o resto das contraltos encarregadas da harmonia. Tidbit era uma soprano II. Loira Esnobe, minha gêmea no escalonamento, sentava-se a duas cadeiras à minha esquerda.

– Deduzo que ninguém tenha visto Marlena hoje – disse a sra. Low. Apontou para a Loira Esnobe, que escorregou para a beirada da cadeira e cantou o solo de Ezequiel, a voz aguda e monótona, espremida através de um tubo.

Todas as escolas de ensino médio são, em essência, a mesma coisa. O carnaval na lanchonete meio que resumia o universo da escola: dois meninos brincando de pegar uma bola com uma caixa de achocolatado; uma cadeia de meninas montadas no banco da mesa fazendo trança embutida uma na outra; quatro nerds incentivando um quinto, fascinados por um retrojogo do Game Boy; uma fila de dar volta para o balcão da pizza. Dava para saber quem eram os adolescentes populares pelo ar de riqueza que ostentavam. Senti uma pontada de gratidão tardia pela Concord, onde suas roupas não poderiam revelar sua posição financeira, e onde todos deduziam que

todos eram ricos e, caso alguém não fosse, pelo menos era inteligente o bastante para ser um estudante com bolsa de estudos e, portanto, merecedor de uma espécie de indiferença benevolente.

Marlena estava sentada sozinha em uma mesa redonda no canto do fundo. Sentamo-nos com ela, e, alguns minutos depois, Greg juntou-se a nós, escolhendo o lugar ao meu lado.

– Courtney cantou Ezequiel hoje – disse Tidbit.

Então era esse o nome dela.

– Eca – disse Marlena, fazendo uma imitação perfeita da soprano nasal de Courtney.

Todos nós fizemos fila para o balcão da lanchonete, onde a escola vendia Yoohoo, bolinhos de mirtilo e biscoitos por atacado, para aqueles que não traziam lanche de casa ou não tinham vontade de comer hambúrguer nem pizza borrachuda.

– Eu recomendo os biscoitos Pop-Tarts – disse Marlena, o que, por algum motivo, nos fez uivar.

Marlena estava contando o troco na palma da minha mão, tentando ver se tinha dinheiro suficiente para Pop-Tarts e um Yoohoo, quando Loira Esnobe deu um leve encontrão nas minhas costas. Algumas moedas caíram no chão. Olhei de volta para ela e ela me encarou com ar de inocência, de mãos dadas com Micah, o menino que tinha deixado o desenho no meu livro de álgebra.

Marlena curvou-se para pegar as moedas que eu tinha deixado cair. Atrás de mim, ouvi Courtney dizer claramente:

– A vadia drogada tem uma amiga nova.

– Posso pegar emprestado só um dólar? – Marlena disse, como se não tivesse ouvido. As alças do seu sutiã estavam sempre aparecendo: tiras bege sujas que se revelavam contra a sua pele.

Assenti e puxei do bolso uma nota dobrada de um dólar. Courtney estava dizendo algo a Micah, mas não consegui entender o quê. “Vadias” ouvi novamente, tão baixo que ela poderia ter somente articulado a palavra com a boca, e “grosseiras”. “Atum” ela disse, ou algo que se parecia com isso. Subitamente, senti que estava a ponto de chorar. Marlena continuou falando, embora também devesse ter ouvido, então não chorei. Pagamos nossos Pop-Tarts e voltamos para a nossa mesa, acompanhadas pelos sussurros como se fossem olhos.

Provavelmente, todos eles se ofereceram para ficar comigo no meu tempo de

detenção porque eu parecia nervosa. Mas quando o fizeram, Marlena em primeiro lugar, e logo em seguida, Greg e Tidbit, as palavras ditas por Courtney evaporaram-se, substituídas por um entusiasmo crescente e eufórico. Eu nunca tivera tantos amigos.

o o o

A maior surpresa do dia foi francês III, uma classe de quatro pessoas, apenas duas meninas caladas com roupas idênticas, jeans boca de sino e camisetas, além de mim e Marlena. A sra. Lupin passou a aula toda moderando uma conversação conhecendo-um-ao-outro, porque acreditava que sem nos sentirmos “*à la aise*», jamais evoluiríamos para uma “*véritable compréhension*” da língua e da cultura francesas. Soube que a cor favorita de Marlena era o *noir*, que amava o Led Zeppelin, sempre tinha querido ir para o Alasca, que Sal era sua pessoa favorita, que achava o casamento um conceito “masculino” e ofensivo, e gostava mais de gatos do que de cachorros.

A sra. Lupin falava apenas em francês, e eu mal conseguia acompanhar, mas com Marlena era o oposto, falava tão rápido quanto a professora, soltando piadinhas, acho, considerando sua inflexão.

– Você é fluente – acusei-a, depois da aula.

– *Ferme ta bouche, ma pêche*. Meu pai é de Quebec. Falo québécois desde sempre. É por isso que minha ortografia é uma merda.

– Mar – eu disse, quando ficamos finalmente sozinhas. – O sr. Ratner está no meu primeiro período. Ele foi *muito* inadequado.

– Você não está sendo um pouco dramática? – ela disse, depois de ouvir a minha história. Então deixei de lado, decepcionada por ela não a enxergar como algo que pudéssemos ter em comum.

o o o

A detenção ficava a cargo da treinadora de tênis, uma senhora com músculos bem definidos chamada Linda, que mal registrava que estávamos ali. Com Tidbit sentada no colo, Greg abriu um site com aparência vagabunda e fundo todo em preto. “O mundo de Greg”, dizia o cabeçalho em *comic sans* brancas luminosas. Clicou num vídeo no meio da tela, aquele que tinha feito naquele dia no Mapletree. Levou um

tempo dolorosamente longo para baixar, o Quick Time congelando e armazenando indefinidamente.

– Por que você não põe as suas coisas no YouTube? – perguntei. Jimmy estava entusiasmado com o site, que na época ainda era uma novidade. Eu não acessava o YouTube, mas intuitivamente sabia que era legal, e tinha orgulho de mim mesma por pensar em sugeri-lo.

– Minha sensação é de que as pessoas acessam “O mundo de Greg” por algo específico. Por que iriam pro YouTube?

– Coloque nos dois – eu disse. – Vai dar uma audiência maior.

– Você é esperta – Greg disse.

Tidbit escorregou do seu colo e foi para a cadeira ao seu lado.

Passamos um tempo tentando ajudá-lo a encontrar um nome de usuário. Marlena votou por “O mundo de Greg”, que já era um clássico, mas Greg achou que não seria correto. Tidbit sugeriu “GregTesudo”, mas foi ignorada por todos nós. “Michigan Jackass” foi descartado por ser pouco original. Percorremos dezenas de possibilidades: “Bush LOVER”, “Chchchchanges”, “BombsAway14”, “GManthe Candy Man”, até que, por algum motivo, Greg parou em “Não seu Noel”. Ele fez uma longa preleção sobre qual era a chave para atrair atenção online e tornar-se familiar e inacessível ao mesmo tempo, uma combinação traduzida como “descolado”. Por isso o Noel, por isso o “não seu”, por isso o *projeto em geral*.

– Isto é pura bobagem – disse Marlena.

– É o que diz a menina que nunca teve nem um MySpace – ele retorquiu.

Puxou sua filmadora da mochila e a conectou ao computador. Em minutos, o vídeo apareceu, a qualidade muito melhor do que a do “O mundo de Greg”.

– Boa ideia, Cat – Greg disse. – Vou ter que te incluir nos lucros.

Marlena e eu perdemos grande parte do interesse assim que o perfil apareceu. Tidbit, sentindo-se incluída, aproximou cada vez mais sua cadeira do computador de Greg, que repassava o vídeo vezes sem fim.

Na metade do vídeo, Ryder aparecia ao fundo. Abria a porta do quartinho, ia até a TV pegar um cilindro de acetona, e voltava com ele, sem notar que tinha deixado a porta aberta, de modo que toda sua instalação foi registrada pela câmera: os vidros de xarope para tosse, as baterias abertas, o frasco vazio de dois litros, e o vidro de removedor de esmalte, do mesmo tipo que mamãe usava, até a pedra de jardim. Todas as vezes que o número de acessos subia, Greg grunhia de prazer. Ninguém

observou que a maioria dos acessos vinha de nós, mas Marlena olhava para mim sempre que Greg fazia o mínimo som, de modo que passei a maior parte do tempo de detenção à beira de estourar numa gargalhada.

o o o

Marlena pegou uma carona para casa comigo. Jimmy buscou-nos e deixei que ela entrasse no banco da frente, onde mexeu no botão do rádio, e ele a provocou por sempre voltar para a estação de música country, que parecia tocar eternamente as mesmas quatro músicas obsoletas: sempre “Barbecue Stains”, “Friends in Low Places” e “Jolene”.

– A gente pode ouvir country – Jimmy disse –, mas só se você cantar.

Ela ficou para jantar, e depois que terminamos de comer – ela mal tocou na comida, mas elogiou tanto minha mãe que deixou todos nós sem graça –, eu a ajudei com sua lição de inglês. Ela era desleixada para escrever. Eu basicamente fiz a lição, enquanto ela ficava sentada ao meu lado conversando com Jimmy de um jeito alegre e espontâneo. A certa altura, ele se levantou, sumiu no banheiro e voltou com um tubo de Neosporin e um chumaço de algodão. Aplicou-o em um corte na têmpora dela, que eu mal tinha notado, olhando para ela com uma reverência que me incomodou. – Um rabo de coelho – ela falou ao ver o algodão. E riu.

Mamãe mandou Marlena para casa com um Tupperware cheio de ensopado de atum para Sal, depois de fazê-la prometer que se precisasse de alguma coisa sentiria liberdade para aparecer e pegá-la diretamente na geladeira. Fiquei parada na porta, olhando enquanto ela seguia com dificuldade pela neve acumulada na nossa entrada de carro. Apesar da temperatura, andava devagar. Tentei não me permitir expressar totalmente o que estava sentindo: que o dia tinha sido o melhor de todos, que era o começo de uma nova vida para mim, uma vida de verdade, cheia de amigos e talvez um pouco de perigo.

Marlena levava o casaco em um braço. O saco plástico pendurado no seu pulso batia contra a coxa, nua exceto por uma película de meia-calça rasgada. No meio do caminho entre sua casa e a minha, ela parou subitamente e inclinou tanto a cabeça para trás que tive certeza que cairia. Começou a rodar em círculo, braços estendidos, o saco girando até que as alças se enterraram no seu pulso. Rodou, rodou, rodou e depois ficou ali parada, oscilando de tontura por tanto tempo que me cansei de observá-la. Mas, então, a porta do celeiro abriu-se, lançando um facho de luz

alaranjada sobre a neve, e uma voz masculina rebocou-a para casa. Na luz estendida, a sombra que ela projetava parecia ter asas. Isso me deixou arrepiada.

1. *Chester the molester* é uma tirinha criada por Dwaine B. Tinsley para o público adulto. (N. da T.)

Omissões

EXISTEM COISAS QUE GOSTARIA Que não fizessem parte desta história.

Até agora, não computei o que ela engoliu naquele dia na escola, o que ela inalou. Não descrevi os cigarros que fumamos juntas entre a aula de francês e a detenção, em pé num vaso sanitário de um banheiro feminino afastado, perto do ginásio, expirando num exaustor do teto para que a fumaça não vazasse para o corredor. Não contei que ela recebeu mensagens de texto o dia todo, uma em seguida da outra, ou como todas as vezes que olhava para o celular, algo acontecia em seu rosto. Deixei de fora o fato de, depois do encontro com Cher, Marlena ter tomado outro comprimido de Oxicodona e ter adormecido no espaço espremido debaixo do palco do auditório, ficando ali por três horas, chapada a ponto de ficar inconsciente durante todo o ensaio da banda de jazz, razão de ter chegado tão cedo para o almoço. Mal mencionei o corte que estava cicatrizando na sua têmpora esquerda, deixado à mostra intencionalmente, ainda ligeiramente úmido de sangue.

No decorrer da nossa amizade, inteirei-me dos comprimidos avulsos de Marlena. Eram azulados, e seu interior precioso era protegido por um revestimento que precisava ser aberto antes que o comprimido fosse esmagado com uma carteira de identidade escolar sobre um livro ou sobre o balcão da cozinha, disposto em fileiras esbranquiçadas, e cheirado com uma nota de dólar enrolada, um canudo cortado em pedaços, uma folha arrancada de um caderno. Ou eram pequenos e amarelos, ou pequenos e brancos, e podiam ser dissolvidos debaixo da língua. Eram alaranjado-vivo e faziam você se borrar, ou eram oblongos e brancos e o deixavam com o intestino preso durante dias. Saíam do broche de Marlena, um e dois de uma vez, ou de um tubo sem rótulo da sua sacola, todos misturados, surgindo quando estávamos em algum banheiro, no meu quarto com a porta fechada, ou caminhando pela mata a caminho do vagão de trem, onde eu tinha que me esconder atrás das árvores para não ser vista, porque ela precisava de dinheiro.

Ela mantinha um controle cuidadoso dos seus comprimidos. Na palma da sua mão, todos tinham cores e tamanhos diferentes, e eram passagens minúsculas, expandindo as opções do lugar onde vivíamos em um milhão de vezes. Eram

chamados de Oxis, benzos, percocet, Xanax e Aderall. A Ritalina e a Concerta não passavam de Ritalina, mas não eram o ideal; a Ritalina era fraca demais e a Concerta, com seu invólucro e sua barreira plástica, dava muito trabalho. Além disso, ela achava os apelidos estúpidos.

Marlena conseguia os Oxis e os Percocets com Bolt, as anfetaminas com os meninos mais ricos da escola, os benzos na gaveta mais alta da cômoda do pai, o Ecstasy e tudo o mais com Ryder, que era um fornecedor menor e um amador, um produtor idiota, mas em quem se podia confiar e que sempre tinha alguma coisa. Eles custavam muito dinheiro, especialmente o Oxi, um dólar por miligrama, mais, mas ela tinha um arranjo.

A primeira vez que ela esmagou um Oxi na minha presença, estávamos cabulando aula, escondidas na sua casa, e eu estava inebriada demais com a coisa toda, nossa amizade, este mundo novo, ir além de ser apenas curiosa. Pedi um pouco para ela e ela me pediu trinta dólares. Ri, pensando que ela estava brincando, mas não estava. – Tome – ela disse, e me deu um Vicodin. Comi aquilo com o coração disparado, excitada e ansiosa, um pouco relutante, mas querendo, mais do que tudo, mostrar a ela que eu achava que não tinha nada demais. Passou-se uma hora, depois duas e nada aconteceu realmente. Assistimos à TV durante horas, senti um pouco de sono, mas foi isso, um anticlímax que me deixou ainda com menos medo.

Ela não dividia os Oxis comigo, nem com ninguém. E com os comprimidos estava tudo bem, porque vinham de um médico e não eram cristal, que “mataria você”. A sensação, pelo que soube, era de um orgasmo de corpo inteiro, o que parecia tentador, mas faria você perder o rosto e os dentes. O cristal era grosseiro, Marlena dizia. Para peões. Ela tinha um desprezo terrível por aquilo, e aquele desprezo não parecia se comparar ao que tinha por seus comprimidos, por seu pai e seu laboratório no vagão, e por sua mãe e seu desaparecimento. Uma vez, procurei Oxi na internet, quando ela tremia na minha cama, chamando Bolt sem parar, chorando um pouco, embora mal parecesse notar seu próprio rosto molhado. Eu me consolei lendo um artigo bem extenso e detalhado que afirmava que se você tomasse Oxi como era recomendado, o que ela garantia fazer na maioria das vezes, ele não viciava. Sua pele tinha um cheiro rançoso. No dia seguinte, lavei meus lençóis.

À sua maneira, Marlena era protetora em relação a mim. Não me era permitido esmagar nada; ela gostava de me lembrar de que eu tinha quinze anos, como se não tivesse posto nada no nariz apenas dois anos antes, na minha idade. Quando dividia

comprimidos comigo, o que era raro, geralmente eram anfetaminas, ou Ritalina – divertidos de tomar junto porque faziam com que falássemos sem parar –, e eu tinha que ingeri-los da maneira normal. Numa dessas vezes, nós duas entramos numa conversa elaborada que foi das nove da manhã às sete da noite; caminhando pela mata, fumando uma centena de cigarros, ela me contou que ela, se fosse uma droga, seria um comprimido grande como uma bolinha de gude, uma composição nova e mágica.

– Aspire-me ou me devore – ela disse. Seu barato seria como dormir, poderia acontecer qualquer coisa e nada afetaria, só que o usuário estaria completamente acordado.

– E eu? – perguntei. – O que eu seria?

– Você? – ela disse, confusa.

Naquela noite, depois do meu verdadeiro primeiro dia de aula, depois que ela fingiu comer o jantar, ela arrumou minha planilha de álgebra. Depois de terminado, tirou da bolsa a tiracolo um maço de Parliament amassado, abriu-o e deixou cair na mão um comprimido branco do tamanho de uma vitamina. Colocou-o na língua como se o estivesse abotoando na pele, seu ritual, e depois deu um gole no meu suco de laranja.

– O que é isso, Mar? – perguntei, e ela deu de ombros. Talvez fosse mesmo uma vitamina, ela era fascinada até mesmo por elas, o frasco de comprimidos gigantes que mamãe deixava no balcão, com a promessa de saúde. Então, ela abriu o broche de casa no seu peito e pegou o disco que caiu, colocando na boca também aquilo.

– Para os meus humores – ela disse. – Para conservar a força.

Ri dela, como se tudo fosse uma brincadeira divertida. Porque àquela altura ainda era, eu era muito ingênua, ou talvez eu soubesse, talvez soubesse desde o começo, este é o problema com a minha memória.

No espaço de uma hora, a voz dela tinha deteriorado um pouco, como se suas palavras estivessem usando roupas sujas, tivessem dificuldade em se manter eretas. Suas pupilas ficaram minúsculas, as pálpebras pesadas. No vizinho, Sal estava só, geladeira vazia, enrodilhado debaixo de um cobertor cheio de fiapos, assistindo a *South Park* numa droga de TV. No meio da mata, o pai de Marlena, trancado no vagão com Bolt, fazia uma coisa que já tinha matado pessoas que Marlena conhecera e amara, e continuaria matando até que, mesmo os que restavam, estariam mudados para sempre, andariam por aí já com algumas partes mortas.

O cristal era uma droga, mas os comprimidos eram uma cura.

Contei a você as coisas boas. Era o primeiro melhor dia de uma vida que eu pensava que queria, e apenas por um instante, mesmo ao olhar para trás – bom, para mantê-lo assim, eu precisava deixar algumas partes de fora. Por exemplo, não sei por que menti sobre o fato de me esgueirar, quando criança, para dentro da sala de visitas, e ver mamãe e papai no sofá. Algumas vezes eu descia até lá furtivamente, depois de ter sido posta na cama, para roubar um lanche e ler, como disse, ou assistir à TV por mais tempo. Porém nunca os encontrei juntos. Essa parte foi invenção minha, admito agora, mas eles devem ter tido momentos assim, ainda que eu não estivesse lá para ver.

Mas isto não significa que a outra versão não seja verdadeira.

o o o

II

Nova York

NOSSO APARTAMENTO FICA EM UM PRÉDIO razoavelmente novo, todo em vidro e ângulos brilhantes, perto do canal Gowanus. Liam gosta de linhas retas. A maior parte da área foi transformada em quarteirões de condomínios como o nosso, mas logo ao nosso lado há um terreno vazio polvilhado de vidros quebrados e agulhas, onde uma colônia de gatinhos vira-latas corre solta.

Saí do metrô checando meu celular: sete da noite. Como tinha saído cedo do trabalho, não era muito mais tarde do que normalmente chegava em casa. A hora fez com que eu me sentisse menos bêbada. Parei na bodega do outro lado da rua para comprar meia dúzia de Stella, a preferida de Liam, e uma lata de Fancy Feast. Puxei a tampa e deixei o disco de carne perto de um pneu, no terreno vazio. Os gatinhos olharam por debaixo de pilhas de madeira, entre pedaços de plástico esvoaçantes, seus olhos reluzindo ouro. Alguns corajosos lançaram-se em direção à lata, depois voltaram para o esconderijo, e vieram em direção à lata novamente, esperando para ver o que eu faria. Quando me virei para ir embora, todos eles saíram em atropelo, lutando pelo que conseguissem pegar.

Cumprimentei Sam, o porteiro, com um aceno zonzinho de cabeça, e apertei o botão do elevador. Sam e eu constrangíamos um ao outro. Há meses ele não me ajudava a chegar até a minha porta, mas tudo bem. No apartamento, uma lufada de calor, alho refogado, e o som de Radish, pressionando a minha cabeça contra a minha canela.

– Oi, bebê – eu disse, tentando falar em voz alta, animada, sóbria. Eu nunca sabia se era melhor confessar que tinha tomado alguns, ou esperar até que Liam perguntasse.

– Oi! – gritou ele de volta, um tanto distraído.

Tirei os sapatos e pendurei o casaco no cabide. Deixei as cervejas no chão, e fui direto para o banheiro. Levantei o vestido até a cintura e tirei a meia-calça preta, pendurando-a, pés fantasmagóricos balançando no suporte da toalha. Depois de urinar, olhei-me no espelho durante um minuto. Por que *quatro* drinques? Meus olhos estavam bem. Castanhos, castanhos, o rímel um pouco duvidoso, mas bem,

até onde eu podia perceber. Firmes. Liam dizia que eles meio que ficavam estrábicos, sem foco, quando eu estava bêbada, e eu na verdade sabia o que ele queria dizer, porque os da mamãe fazem a mesma coisa. Não é uma vesguice literal, mas visível aos íntimos. Ela era tão nova quando teve a mim e ao Jimmy, que agora estava mais solta do que nunca, tanto ela, quanto Roger; quando vinham em visita a Nova York, sempre bebiam e comiam demais, mamãe ficava barulhenta e boba, os olhos vagando antes mesmo de termos terminado nossas entradas. Minhas rugas também estavam seguindo o padrão das de mamãe, um “V” aprofundando-se entre as sobrancelhas, traçado trapezoidal do nariz até os cantos da boca. Só senti meu corpo atraente depois dos trinta, e agora, apenas um punhado de anos depois, já podia ver os fantasmas do meu eu mais velho nas linhas débeis do meu rosto.

E que segredos Liam estava escondendo de mim? Tínhamos nos conhecido aos vinte e quatro anos. Estávamos chegando a dez anos juntos, três deles, casados. Ele queria ter um filho, mas isso não era exatamente um segredo. Eu ainda tinha tempo. Disse a ele “logo”, disse a ele “mais tarde”. “Meu corpo”, eu dizia. E os nossos sábados? Não lhe contei que estava com medo de ficar sóbria durante nove meses. Medo de não poder dar conta disso, ou pior, medo de me ver grávida e ambivalente, ainda querendo meus drinques noturnos. Ou que aquilo me *impedisse*: gravidez, um bebê com dedos ávidos, e o rosto sério de Liam, e que de fato eu nunca mais bebesse. O lado que eu mais detestava em mim sentia falta desses drinques antes de tudo; não estava certa de poder abrir mão deles. E se eu realmente parasse por um tempo, mas quando a criança tivesse cinco, seis, dez anos, eu recomeçasse? Um copo ou dois, em certas noites, alguns a mais, eu como mamãe era, ali, mas entorpecida, ali, mas ausente.

Nosso apartamento é um quadrado claro e luminoso, as paredes nuas com exceção de algumas fotos de paisagens em branco e preto. Temos uma televisão grande, e estantes de livros embutidas. Os complementos são novos, ainda que não o sejam, não realmente: aço clássico e granito, assoalho com madeira envernizada. Nada aqui tem alguma história. Enfiei as cervejas na geladeira, e perguntei a Liam se ele precisava de ajuda.

– Estou bem – ele disse, levantando os óculos. Estava desconfiado, provavelmente por causa do meu cumprimento excessivo mas teria sido estranho da minha parte não parar, abraçá-lo um pouco pela cintura. Liam é alto, todo cotovelos e joelhos, cabelo preto caído, cintura estreita. Afundei o rosto no lugar em que ele se encaixa,

bem entre as omoplatas.

– Trouxe cerveja – disse para sua camiseta, antes de me desvencilhar.

Às vezes, quando estava alta, chamava atenção para o álcool de propósito. Ataque como defesa. Empurrei todas as revistas e a correspondência antiga para um canto da mesa, e logo estávamos comendo um dos casuais salteados de Liam, com tudo da geladeira, uma cerveja aberta em frente a cada um de nós. Senti-me a salvo porque ele havia me perguntado se eu queria uma, e quando eu disse claro, não houve uma pausa longa e desaprovadora, nenhuma rigidez na sua voz, nenhum “você precisa mesmo de mais uma?” Contou-me sobre o seu dia, ele é contador público, e são sempre histórias sobre as pessoas do escritório: Randy, que chegou ao meio-dia e deu um jeito de se sobressair nas reuniões; Selenia, que era entusiasmada e magra demais e, eu desconfiava, sua paixão no trabalho. Sempre que eu ia a um dos eventos de trabalho de Liam, Selenia dizia a mesma coisa, no mesmo tom brincalhão:

– É tão legal que ainda existam bibliotecas!

– Estão crescendo – eu sempre dizia de volta, o que era verdade, e de uma maneira tão tediosa e sem humor que isso, efetivamente, punha um fim à conversa.

Quando chegou a minha vez, contei a Liam sobre Sal, mas fiz com que parecesse não ser grande coisa, realmente, como se eu estivesse mais perplexa pela estranha coincidência da coisa, pelo *timing*, do que pelo fato de ver Sal ao vivo tão logo, depois de tanto tempo. Liam sabia sobre Marlena, mas apenas em largas pinceladas. Se alguém da minha vida fora de Michigan sabia, e não eram muitos, pinceladas era tudo que conseguiam. Quando eu era menina, tive uma amiga que morreu. Éramos próximas. Eu não falava a respeito. Constrangia-me, acho, o quanto aquilo ainda tinha importância. Quando você vira adulta, aquela que você era quando adolescente assume uma importância mítica, ou se torna completamente risível. Eu queria ser o tipo de pessoa que apagasse aqueles anos; em vez disso, temia que eles me definissem.

– Você deveria dar uma olhada naquela velha caixa – Liam disse, levantando-se, seu prato como o de uma criança, limpo, com exceção dos brócolis. – Lá no guarda-roupa. Talvez tenha alguma coisa que você queira levar pra Sal.

Ele saiu e voltou com uma caixa de sapato cheia das coisas de Marlena, coisas do meu antigo quarto em Silver Lake. Mamãe a tinha mandado para mim depois de ter perdido a casa para a hipoteca e se mudado para Ann Arbor, no verão seguinte ao

meu primeiro ano na faculdade. Desde então, eu a carregava comigo de apartamento em apartamento. Era uma caixa velha e normal da Adidas, o conteúdo forçando a tampa por baixo. Levei-a, juntamente com uma nova cerveja, até o escritório, enquanto Liam limpava a cozinha.

Papéis, na grande maioria, pedaços cobertos com corações e com a fofoca do dia. Um recorte evasivo de jornal dobrado, um artigo com o cabeçalho: “VALENTÃO LOCAL DESFIGURADO.” Uma polaroide minha com Marlena na praia, nós duas muito mais parecidas fisicamente ao meu olho adulto do que meu olho adolescente acharia possível; acima de tudo, nós duas parecíamos apenas crianças. O broche de Marlena, maior do que eu me lembrava, e assustadoramente detalhado: o telhado com telhas sobrepostas, as janelas desenhadas de tal maneira que cada uma continha a insinuação de cortinas, de uma vida acontecendo lá dentro. Empurrei a frente, fazendo-o abrir-se. Vazio, a não ser por uma camada branca de pó de comprimido. Corri o dedo ao redor da cavidade, e depois o enfiei na boca, sugando o pó amargo. No fundo da caixa, um nó sedoso de colarinhos de camisetas, do tamanho do punho de Liam, que de início me confundiu. Debaixo de tudo, meu velho celular, mumificado pelo fio do seu carregador. Enfiei-o na tomada e segurei o botão de ligar, sentindo um longínquo fascínio quando ele ganhou vida aos poucos, o símbolo da Nokia surgindo na luz, os pixels reorganizando-se para a tela em descanso. Um minúsculo túnel do tempo. Ali estávamos nós: texto seguido de texto seguido de texto. O celular bipou. Mesmo ligada na tomada, a bateria parecia não segurar a carga. Abri meu laptop e comecei a copiar nossas mensagens às pressas.

Acho que é muito comum os adolescentes fantasiarem sobre uma morte prematura. Nós sabíamos que o tempo nos impeliria a sacrifícios; queríamos detonar antes de fazer as escolhas que determinariam quem nos tornaríamos. Quando se é adulto, toda a promessa da sua vida foi embargada, todos os dias são só uma série de compromissos mitigada pelos pequenos prazeres que a distrairão da sua antiga rebeldia, da sua verdade. Sylvia Plath, Marilyn Monroe, Edie Sedgwick, Janis Joplin. Elas tinham que ficar lindas para sempre. E não era esta a suprema conquista feminina, ser deslumbrante demais, fodida demais, talentosa demais, triste e vulnerável para sobreviver, como algum tipo excêntrico de orquídea com apenas dois minutos de vida? Quem mais poderíamos admirar? Ser jovem não parece ser o suficiente; nós botávamos pilha uma na outra, as duas comprometidas com estas teorias venenosas, até chegarmos a um ponto onde a discordância significaria uma

traição à nossa amizade. Como pudemos estar tão enganadas e ser tão estúpidas? Durante anos, depois da morte de Marlena, era um conforto me lembrar dela falando sobre como jamais queria ficar velha. De qualquer modo, para ela não teria sido a morte chegar aos vinte e cinco, trinta, naquele celeiro, ainda tomando comprimidos ou, pior, tendo perdido a beleza, a voz, o cérebro cada dia mais confuso? Silver Lake era areia movediça. Que possibilidades haveria ali para uma menina como Marlena, além dos comprimidos, os altos e baixos. Talvez ela tivesse acabado em um lugar completamente diferente, talvez sua vida tivesse dado uma reviravolta inimaginável, uma virada, mas não consigo ver isso. Depois que as coisas desmoronaram, em vez de tentar cair fora, ela se acomodou.

Peguei mais uma cerveja. Eu não queria, não estou mentindo, eu não queria, mas senti um desejo por aquela cerveja que era independente de querer, um anseio que veio do corpo, forte e claro, propulsor. Aquilo foi me corroendo enquanto eu digitava todas as bobagens que Marlena e eu dizíamos uma para a outra, várias delas sobre estar fodida, bêbada, de porre, chapada. “Só quero me divertir”, ela escreveu para mim mais de uma vez. “Vamos esmerilhar esta noite”.

Pensei em tomar chá. Não, uma cerveja. Por que não, não era tarde demais? Eu já estava bêbada. Eu não iria. Não. Tomei. E repeti. Liam foi para a cama sem me dar boa noite, então eu estava enganada, ele estava puto e logo mais eu teria que lidar com isso, mas por enquanto eu estava sozinha, livre. Quando abri a cerveja com a extremidade do abridor de latas, o círculo de metal pregueado girou no ar, retinindo de encontro à lata de lixo. Eu já estava sedenta de água, meus membros destacados do corpo. Uma agonia muito maçante. Os restaurantes, com seus lindos cardápios, a sensação das cinco horas, só um drinque, dois, os truques que nunca funcionavam: nenhum destilado marrom, nenhum destilado claro, nenhum tipo de destilado, nenhum vinho, só cerveja, todas as regras que eu tinha tentado, as horas diárias decorridas até as três, quatro da manhã, sedenta e de fogo, o sono que nunca voltava, trabalho no dia seguinte, semanas inteiras envelopadas em gazes acolchoadas, o gosto no fundo da garganta, a fome e a eterna falta de saciedade, o cheiro forte demais de todas as comidas, o jeito como meu cabelo ficava parecido com palha, depois, os contornos do rosto intumescidos, a vontade de mais e a vontade de parar com a mesma intensidade, não com a mesma intensidade, ainda não, mais um drinque. E repetir. Quando eu chegasse aos quarenta. Se tivéssemos um filho. O celular bipou novamente, mais alto, e morreu. Apertei o botão de ligar,

mas ele não voltou. Eu tinha perdido um monte. Ctrl-S. Passei meses inteiros certa de que tinha me avaliado mal. Meses normais, bebendo igual a todo mundo, parando como Liam, depois do primeiro. Tentei mais uma vez o botão de ligar; nada. Mas a vontade estava sempre lá, o puxãozinho insidioso, a maneira como ceder àquilo era como cair na risada, me liberar. O quanto disso era uma escolha. O clique doce e fácil, depois o esmaecer para a escuridão.

Michigan

N O ALTO DE MICHIGAN, mais próximo do Canadá do que o restante dos Estados Unidos, apenas uma viagem de vinte minutos de carro até o sul da ponte Mackinac, o inverno chega em meados de outubro e permanece até março, caso você tenha sorte, até abril, se não tiver. Talvez fosse a lonjura daquele lugar, isolado ainda mais pela neve quase constante, que nos tornava tão indiferentes ao restante do mundo. Nunca falávamos sobre política, celebridades, nem qualquer coisa que aparecesse no noticiário. As tendências levavam muito tempo para chegar até nós. Acontecia uma guerra no Iraque que não entendíamos e éramos vagamente contra ela. Marlena não tinha computador, e Ryder nunca estava online; às vezes, Greg, Tidbit e eu conversávamos online, mas minha conexão de internet era discada e não confiável. Ouvíamos CDs baixados que Marlena, uma ditadora em relação a estas coisas, compilava na minha casa com atenção cirúrgica. Até o rádio parecia transmitir alguma época passada. Cada dia tinha um escopo estreito. Nós nos concentrávamos, sobretudo, em ficar chapados e bêbados, e tudo que fazíamos era organizado a serviço daquele objetivo imediato e urgente, principalmente se Marlena estivesse doente ou puta da vida. Nosso universo era limitado a nós, circundado pelos perímetros de Silver Lake e das cidades à sua volta, nas quais o Oxi já tinha lançado raízes, cultivado por médicos no tratamento de uma dor que quase todos pareciam sentir. A meca era Grayling, a menos de uma hora, onde havia um médico que lhe daria qualquer coisa se você enumerasse os sintomas certos, e enfrentasse a fila para vê-lo, fila que lotava o estacionamento e se estendia pela rua, pessoas esperando horas dentro do carro, pedindo pizzas que eram entregues em suas janelas, alguns deles até usando roupas de dormir. Marlena tinha visto isto.

Eu descobriria mais tarde que, por toda a América rural existiam crianças como nós; éramos basicamente uma estatística, Marlena especialmente, membros de um exército entorpecido, fileiras aumentando diariamente. Sozinhas nos nossos quartos, pegando no sono durante a aula, encontrando-nos em estacionamentos e no meio do mato. Marlena tratava seus comprimidos com uma espécie de ritualismo amoroso, selecionando a dose diária do seu estoque, onde quer que estivessem

escondidos, ocultando-os em seu broche. Uma vez, alguém lhe deu um encontrão no corredor da escola, e o broche abriu-se, dois comprimidos escapando para o chão. Observei-a, normalmente de uma indiferença patológica, perdendo o controle, rastejando de quatro no chão, quase às lágrimas. Uma tendência que realmente nos pegou. Em dez anos, seria chamada de epidemia. Agora, isso me toca como uma coisa profundamente americana, uma epidemia que teve início como um abuso da cura, uma doença criada por nós mesmos. Mas o que eu realmente sabia, então, sobre a América? Eu sempre tinha sido infectada com uma apatia política crônica, sintoma, talvez, de fazer parte de uma família que mal conseguia se manter, e então, quando o cenário mudou, estava cansada demais para me incomodar, condicionada a desconfiar do sistema.

Durante todo o mês de fevereiro, e a maior parte de março, fazia sempre muito frio para ficar lá fora, e se nos sentávamos no carro de Ryder, tínhamos que acionar o aquecimento, o que devorava sua gasolina. Assim, nos finais de semana, revezávamo-nos entre dois lugares: a casa de Marlena, se seu pai estivesse fora, e o labirinto debaixo da São Francisco.

– Ninguém vai esperar que quatro adolescentes fiquem chapados dentro de uma igreja – Ryder dizia, raspando o chifre do unicórnio temporariamente tatuado em seu rosto. Marlena o tinha dado para ele na noite anterior, depois que terminamos uma caixa do Franzia da minha mãe, aconchegadas e de braço dado sob o trepa-trepa, passando a caixa de lá pra cá, e mantendo aberta a tampa de plástico, de modo que o vinho escorria pelos nossos queixos, ensopando a gola dos nossos casacos. – É tão idiota que é genial.

Ele estava relaxado, e isso nos deixou à vontade. Algumas semanas depois de eu ter começado a ir para a escola, ele passara a se mostrar ansioso. Na noite da sua tatuagem, tinha me feito caminhar com ele por todo o bairro. – Pziu – disse, agarrando a minha mão para eu parar. – Ouça. – Ficamos assim, no meio da rua, a algumas dezenas de metros da minha casa. Não ouvi nada além do vento. Todas as vezes que batia um vento, um passarinho saía de uma árvore, ou alguma coisa invisível arrastava-se pela sarjeta, Ryder apertava a minha mão. A umidade entre nossas mãos vinha de mim. Quando ele recomeçava a andar, eu soltava a mão, sem saber se ele pretendia continuar segurando-a. Enfiei-as nos bolsos do casaco, tentando secá-las no náilon, sem conseguir, e segui Ryder até o fim da rua, e depois de volta, por uma série de quintais até chegarmos ao meu.

– O que é aquilo? – perguntou ele, chegando tão perto que eu podia sentir sua respiração passando pelas minhas maçãs do rosto, seu cheiro de talco de bebê. Levantou lentamente o braço, apontando para a janela da minha cozinha, onde a sombra de mamãe flutuava atrás da cortina.

– Ryder, tenha dó, é a minha *mãe*!

– Por que ela está na janela?

– Minha casa é um ovo. Se você estiver na cozinha, fica em frente da janela.

Marlena disse que ele estava ficando paranoico.

– Não sinto a menor pena dele – ela me disse naquela noite, depois que os meninos foram embora e estávamos debaixo das cobertas, ocasionalmente aterrorizando uma à outra, ao pressionar um dedo do pé gelado nas costas da outra.

– Nunca quis que ele começasse a traficar. Ele tinha que ficar paranoico. É estúpido nesse assunto. Antes de desistir de estudar, costumava alardear por toda a escola que vendia baseados mergulhados em cristal, todos os seus truques imbecis para tentar ganhar um dinheiro extra. – Ela dizia que a merda que ele fazia era “um preparado esquisito, basicamente uma fraude”, e me contou que se não fosse pelo fato de vender a maior parte para turistas de gola levantada, teria sido espancado um milhão de vezes. – É perigoso – ela vivia dizendo. – E idiota em muitos sentidos.

Senti um pouco de pena dele depois disso. Talvez ele tivesse começado a traficar para impressioná-la. Dava para entender.

Tenho saudade da São Francisco. Ainda sonho com ela, sonhos onde vago pelos túneis, procurando alguma coisa que não consigo encontrar, e sonhos que parecem transcorrer ali sem qualquer motivo. Estou fazendo compras no supermercado, comprando os produtos normais, só que em vez de prateleiras e luzes fortes, a loja fica no porão da São Francisco, agora com pés de alface alinhados nos corredores. Eu amava a maneira como nos esgueirávamos com tanta ousadia, subindo aos pulos os degraus da igreja, e entrando no saguão como se nós também estivéssemos ali em devoção. Amava molhar os dedos na água benta, fria e de certo modo viscosa, como se de fato contivesse uma essência viva. Amava o leve solavanco de medo que ricocheteava percorrendo as minhas veias, quando abaixávamos a cabeça ao dobrar colunas, espiando para ver se havia freiras, antes de correr para a academia e o quartinho do zelador, nossos sapatos guinchando no chão encerado. E depois que meu medo foi superado, cheguei até a amá-lo no subterrâneo, naquele lugar que tínhamos colonizado, como exploradores.

Mas Greg e Marlena reclamavam. Por que não podíamos ir para o Mapletree, onde havia aquecimento, uma TV, camas e sofás, acesso a um bar totalmente abastecido, e uma máquina de venda de cigarros?

– Aqui é tão chato – Greg disse. É escuro demais para reparar em qualquer coisa, Tidbit tem medo de que, se ficar chapada na igreja, Maria não guardará um lugar para ela no céu, e eu posso ouvir as porras de uns camundongos. Provavelmente neste momento essas porras de camundongos estão em cima de mim.

– Porras de camundongos! – eu disse.

– Estou com o Greg – disse Marlena. – Ryder, faz um tempão que eu não vejo a sua mãe. Quero agradecer a ela pelos mantimentos.

– Eu disse não. Tem alguma coisa acontecendo – Ryder disse. – Tem alguma coisa errada.

– Do que você está falando? – Marlena pôs a mão na perna dele, logo acima do joelho, a voz tomada por uma preocupação exagerada. Estava voltando a se insinuar no papel de sua confidente. Passava semanas tratando-o como se ele fosse uma chatice, mas assim que queria alguma coisa – informação, cigarros, uma carona – assumia essa atitude exagerada que todos percebiam que era mentira, exceto Ryder, aparentemente.

Greg apertou meu pulso. Eu não conseguia vê-lo, mas sabia a cara que estava fazendo.

– Em primeiro lugar, vi alguém olhando perto dos chalés. – Ryder olhou para a mão de Marlena, depois para o seu rosto. Ela fez um gesto de assentimento. – Pensei que ele estava olhando pra comprar. Fui até ele e ele me olhou duro, como se estivesse tentando guardar o meu rosto. E então, apenas sacudiu a cabeça. Foi pra lá de esquisito. Acho que era da polícia.

Isso era tudo? Esperei que Greg e Marlena dispensassem a coisa com uma risada, mas os dois ficaram quietos.

– Você viu em que tipo de carro ele entrou, ou coisa parecida? – Marlena perguntou.

– Não, me comportei feito um idiota. Não queria levar ele até o 42, onde a minha merda estava toda exposta, então, só fui caminhando pra dentro do mato, e me congelei a ponto de cair, por ficar escondido ali mais ou menos uma hora.

– Ele tinha pelo no rosto? – Greg perguntou.

– Greg, você é muito veado – Ryder disse.

- Você disse “em primeiro lugar” – eu disse. – Aconteceu mais alguma coisa?
- Estou dizendo pra vocês, os policiais não têm pelos no rosto. Vocês já viram um policial com pelo no rosto?
- Ando recebendo esses e-mails – Ryder disse. – Alguém que diz que vai me dedurar, que vai acabar comigo. Diz que tem prova em vídeo. Que me viu online.
- Que *porra* – disse Greg.
- Por que você não contou isso pra gente antes? – Marlena perguntou.
- Agora ele está falando em chantagem – Ryder disse, arrasado.
- Jesus. – Greg assobiou.

Pensei no vídeo que Greg tinha postado no YouTube, a bicicleta se desmontando e voltando a se recompor, o longo vislumbre de Ryder carregando a acetona, o número de acessos subindo, talvez não totalmente por nossa causa. Ouvi-me dizendo baixinho:

- Sua audiência vai aumentar.

Sempre me incomodava a maneira como Ryder hostilizava Greg; talvez eu só não quisesse que Greg se complicasse, ao tocar no assunto da postagem. Obviamente não lhe tinha ocorrido, da maneira que acontecera comigo, no instante em que Ryder disse “vídeo”. Marlena me provocava por causa da minha mania de pedir desculpas por tudo. Talvez, o vídeo de Greg e o torturador de Ryder não tivessem ligação. Ou talvez eu quisesse que Ryder fosse pego.

Mas teria feito diferença? Se Greg tivesse tirado o vídeo? Isso não teria impedido Ryder de fazer o que estava disposto a fazer.

- Se não for alguém da polícia, a gente pode falar com o meu pai – Marlena disse.
- É, claro! – Ryder respondeu. – Ele não vai me ajudar. – Ele disse “ele” com uma ferocidade tão repentina que a palavra invadiu meus pensamentos, interrompendo-os. – Ele mesmo me prenderia, se pudesse.

o o o

Em Pontiac, Jimmy estava sempre cercado por um bando de meninos que mal sabiam meu nome. Eles se apropriavam do controle remoto e faziam a sala de visitas feder com seu cheiro de meia-e-baseado. Mas acho que em Silver Lake ele estava solitário porque, pouco a pouco, foi se infiltrando mais no nosso grupo. Na época, achei patético, mas agora percebo como deve ter sido difícil para ele, um garoto de dezenove anos, trabalhando numa fábrica de plásticos, viver com a mãe e a irmã

numa cidade nova. Ele se juntava a nós no sofá quando chegava em casa vindo do trabalho, ou batia na porta de Marlena, se nós quatro estivéssemos lá, levando meia dúzia de cervejas, ou um litro de cerveja mais alcoólica que, a princípio, se recusava a dividir comigo, embora não fizesse exatamente objeção ao fato de eu beber; apenas não queria ser o fornecedor. Havia um posto de gasolina BP, na rodovia 31, que lhe vendia cerveja, caso quem estivesse no caixa fosse a mulher. Ele tinha folga apenas umas duas noites por semana, mas era mais frequente passá-las conosco, especialmente quando Greg e Ryder estavam fora, fazendo outra coisa. A gente mal conseguia se encarar quando estávamos com Marlena, Ryder, Tidbit e Greg. Jimmy tratava-me menos como uma irmã do que como um objeto disposto de maneira inconveniente, uma cadeira no meio da sala.

Mas às vezes, no nosso jeito fraternal – aquela intimidade particular que se perdera para nós desde que deixei Michigan – tínhamos momentos de inspirada colaboração.

Eu tive a ideia: a estátua, a proteção da noite, que seria um pênis, o básico. Mas a logística do assunto pênis foi toda de Jimmy. Ele sugeriu que fosse feito de papel-machê, e até se ofereceu para dirigir o carro. De início, falou hipoteticamente, chapado e divagando um pouco, mas quanto mais Marlena ficava empenhada, mais ele também ficava.

– Papel mastigado! – Marlena disse. – Você é um gênio! Tão vulgar e acertado!

Achamos uma porção de receitas diferentes de papel-machê na internet, mas, no fim, apenas rasgamos um monte de jornais amarelados, tirados de uma pilha de lixo na casa de Marlena. Para dar forma ao pênis, Jimmy começou com um pedaço de madeira que Marlena afirmou ter feito parte da cadeira de balanço preferida da mãe, e dispôs as tiras molhadas por cima.

– Mamãe aprovaria – Marlena disse, mergulhando um esponja amarrotada em um Tupperware cheio de cola. Meus olhos arderam por causa da cola. Ela enrolou com cuidado uma tira extra em volta do que viria a ser a cabeça. – O frênuo – disse, usando as pontas do dedo para moldar uma pequena prega.

– Como se alguém fosse conseguir ver que ele tem um frênuo.

– Que tipo de pessoa é você, Cat? O tipo que procura a saída fácil, ou que se assegura de que as coisas estejam certas?

Com as costas do pulso, de maneira excessivamente proposital, e muito obviamente dirigida a Jimmy, ela afastou dos olhos os fios loiros que tinham

escapado do seu rabo de cavalo.

Para as bolas, optamos por duas toranjas que Marlena garfou da loja de produtos naturais do centro, onde os turistas faziam compras. Foi preciso um jornal inteiro e outra metade de um tubo gigante de cola para fazer com que aderissem à vara. Depois de secas, Marlena disse que as bolas pareciam demais com suportes de livros, mas para mim parecia um pinto, como uma versão em 3D dos desenhos que Micah ficava deixando na minha carteira na aula de álgebra.

– Qualquer que seja o oposto de um pau curto e grosso, aqui está – Marlena disse.

Naquele tempo, se você entrasse em Kewaunee pelo sul, subindo pela avenida Charlevoix, o primeiro ponto de referência que você veria antes de chegar propriamente ao centro era o Big Boy. A lanchonete ocupava um grande imóvel com uma arcada e um minigolfe chamado The Jungle. O próprio Big Boy estava pousado em um pedestal de pedra, talvez a um metro do chão, com seu avental xadrez vermelho e branco, cabelo em bico de pato, um hambúrguer gigante equilibrado na mão direita esticada, os olhos azuis e lunáticos. O restaurante fechava às dez, o banco Fifth Third à sua direita fechava às cinco, e o Walgreens do outro lado da rua fechava às onze. Jimmy e Greg nos levaram de carro até lá às três da manhã; no banco de trás, entre nós, o pênis e uma lata de tinta spray preta, eu e Marlena em cores escuras, gorros puxados até as sobancelhas, e rolos de fita adesiva nos pulsos. Ryde, cuja paranoia tinha atingido níveis histéricos, recusara-se a vir.

– Isto é exatamente igual a *Laranja mecânica* – eu disse.

– Ah, é, totalmente – disse Marlena. – É totalmente como alguma coisa de uma coisa obscura que ninguém jamais ouviu falar a não ser você.

– Vá se foder, filisteia – eu disse, e inclinei o pênis até ele tocar o seu rosto. Jimmy riu, tomando meu partido, e o agradei em silêncio.

A ida de Silver Lake até o extremo de Kewaunee levou quase quarenta minutos numa noite de quinta-feira, mesmo com as ruas principais completamente livres de carros. Na cidade, nada ficava aberto vinte e quatro horas, com exceção de um posto de gasolina lá atrás, na direção de Coral. A iluminação pública estava apagada, exceto uma na esquina, projetando uma luz aguada no cruzamento deserto.

Jimmy estacionou a dois quarteirões de distância, e Greg montou guarda para carros de polícia na rua. Primeiro tivemos que secar a estátua com as mangas dos nossos casacos, já que ela já estava escorregadia com o orvalho, a umidade quase

virando gelo. Era março, e o estacionamento ainda estava circundado por montes de neve manchados por escapamentos.

Marlena segurou o pênis contra o corpo do Big Boy, enquanto eu tentava prendê-lo com a fita adesiva, rasgando as tiras do rolo com os dentes; mas ela estava chapada, rindo, e não parava quieta, e todas as vezes que eu pensava ter usado adesivo suficiente, assim que soltávamos o pênis, ele caía no chão.

– Mar – disse entredentes. – Pare. Não consigo fazer isto com você se mexendo.

– É pesado! E eu estou congelando!

– Eu disse pra usar luvas. Disse que você ia sentir frio. Você sempre faz isso, não usa a merda certa e depois reclama.

– Carro – Greg cochichou em voz alta, e Marlena e eu pulamos do pedestal e nos escondemos nos arbustos atrás dele, respirando forte, o pênis meio grudado.

Por fim, percebi que teríamos que colar o pau bem entre as pernas ligeiramente abertas do Big Boy, justo no volume da sua barriga, no pequeno espaço trapezoidal que havia lá, e a fita adesiva teria que dar a volta toda, como um cinto. Só para ter certeza que ele ficaria até de manhã, enrolamos até acabar a fita, fazendo um oito ao redor das bolas, de modo que, quando acabamos, a metade inferior do seu macacão estava quase toda prateada. Marlena pintou com spray “Sr. Ratner”, nas costas do Big Boy, e depois a palavra “Ratner” repetidas vezes, na fatia do alto do pão de hambúrguer, no peito azul-néon do Big Boy, até na base do pedestal. O pau estava coberto com a palavra “PERVERTIDO”. Tínhamos feito isso com pincel de tinta permanente, assim que a cola secou.

– Carro! – Greg disse, mas não fez diferença porque tínhamos acabado.

Marlena tirou uma foto com o celular sofisticado de Jimmy, e nós três corremos, corremos, corremos. É disso que eu mais me lembro, nossos corpos atravessando a noite, eu e Marlena de mãos dadas, as fileiras de casas adormecidas assistindo ao silvo da nossa respiração no ar, e como batemos as portas do carro e Jimmy saiu em disparada, nossos corações galopando, as janelas abertas e o ar congelante chicoteando nossos cabelos, rindo por trinta minutos seguidos. Tínhamos muito tempo. Oito meses e um punhado de dias até que a encontrassem no rio, tempo suficiente para mudar o que estava por vir, se soubéssemos identificá-lo.

Juntos, tínhamos poder. Podíamos nos vingar. Como eu disse, nós duas formávamos uma menina perfeita, irretocável. Nada poderia nos atingir, desde que não estivéssemos sós.

O sr. Ratner morava na mesma rua do Big Boy, e teria que passar por lá para chegar à escola. Além disso, tomava o café da manhã lá pelo menos duas vezes por semana, ou pelo menos foi isso o que disse Tidbit, que trabalhava como caixa no Jungle. Ela contou que ele se sentava com a esposa e o filho de quatro anos em um reservado à janela que dava para o estacionamento e para a estátua do Big Boy.

Assim que ele entrou na sala, uns cinco minutos atrasado, metade da classe começou a dar risadinhas. Ele ignorou o fato. Disse que assistiríamos a um filme, o rosto inexpressivo. Falou sobre Bill Nye e alguma coisa sobre vulcões. Por várias vezes, saiu da sala escurecida. Pela estreita janela da porta, eu podia vê-lo conversando com outros adultos, com o sr. Lacey, com um policial. O filme terminou quinze minutos antes do final da aula.

– Vocês podem sair – ele disse, e deixamos a sala em fila.

Arrumei minhas coisas lentamente, mas ele não pareceu reparar em mim, nem se incomodar, embora normalmente sentisse um prazer especial em me parar quando eu estava a caminho da porta, dizendo que eu precisava me concentrar e que tinha me visto mandando mensagem de texto debaixo da carteira. O que teria sentido, quando parara no sinal luminoso? Sentira-se exposto? Saberia o motivo? Afastei uma centelha de piedade.

No dia seguinte, éramos notícia de primeira página. Uma primeira e última vez para todos nós era o que eu imaginava, salvo por Marlena. O artigo continha uma fala de Janice Ratner, a esposa do sr. Ratner, que, na foto publicada, parecia bonita e não muito mais velha do que eu e Marlena. – Esta é uma comunidade pequena – disse Janice – e espero que quem quer que tenha feito isto pense por um bom tempo e a sério nos impactos sofridos por nossa família, como tive que explicar isto ao meu filhinho.

O sr. Ratner recusou-se a comentar. O pênis foi retirado e Big Boy foi pintado com spray preto da cabeça aos pés, a única maneira, deduzimos, com que eles conseguiriam cobrir o nome do sr. Ratner.

– Você está se sentindo mal? – perguntei a Marlena naquela noite.

– Ele recebeu o que merecia.

– Mas não pensei na esposa dele.

– Fizemos um favor a ela. – Marlena virou-se na cama, de modo que suas costas

empurrassem meu braço estendido. Era espaçosa na cama. – Ela deveria saber com quem se casou.

– Você acha? Talvez pra ela seja melhor não saber. Eles têm um filho.

– Não seja idiota. Aquela criança ganha muito mais sem ele. A perversão é contagiosa. Antes de qualquer coisa, como é que você acha que caras como ele se tornam pervertidos?

– Pode ser.

– Me conte uma história – disse Marlena, quase adormecida.

– Você não gostaria do que estou lendo. É sobre uma governanta órfã que se apaixona por seu antigo patrão, só que ele está com a esposa louca trancada no sótão. E ela vive obcecada com Deus.

– Viu? Não é só você. Ninguém pensa nas esposas. A governanta sabe a respeito dela?

– Ela acha que é complicado.

– Não, não quero isso. Nada de meninas bobas. Me conte outra coisa.

– Como o quê?

– Conte uma história sobre a gente. – Ela se virou para olhar para mim, mais desperta. – E que seja boa. Que a gente tenha facas ou alguma coisa. Faça a gente ser forte.

o o o

No mesmo dia em que nosso pênis ganhou a primeira página do jornal, o *News-Review* também relatou um assalto na Ludlow, uma farmácia familiar local, a uns oito quilômetros do Big Boy, perto de um conjunto de casas de verão que nessa época do ano estavam quase todas vazias. Nossa brincadeira, com sua ostentação vulgar, tinha ocupado a maior parte da capa, embora a matéria sobre a farmácia preenchesse uma coluna estreita à esquerda da terceira página. Notei-a por pura sorte; estava só olhando o jornal por causa do artigo a nosso respeito. A polícia suspeitava de que o responsável pelo crime tivesse uma ligação com um empregado da Ludlow; não havia sinais de arrombamento em nenhum ponto do imóvel, mas centenas de milhares de dólares em drogas – isto é o que o jornal dizia, um número que eu não conseguia calcular – tinham sido levados das prateleiras. A maioria do que faltava enquadrava-se nas categorias Tabela I e Tabela III, drogas cujos ingredientes ativos incluíam a Oxicodona, o metilfenidato, as benzodiazepinas e a

dextroanfetamina. Eu não tinha nenhuma prova de que Bolt fosse responsável pelo assalto, e enquanto morei em Silver Lake, ninguém foi preso e processado pelo crime. Mas desde então, e durante boa parte do verão, Marlena parecia ter um acesso ainda mais fácil aos comprimidos.

o o o

Eram 18h30 de uma sexta-feira de abril, e mamãe arrumava-se para um encontro. Ia do quarto ao banheiro envolta em perfume, ansiedade, e spray de cabelo, uma roupa diferente a cada vez que caminhava, insegura em suas botas de salto fino, para checar seu reflexo no espelho do corredor de entrada, o único da casa de corpo inteiro.

– Eu sabia que este dia viria – disse a Marlena, que já tinha devorado duas vasilhas de Cap’n Crunch. Às vezes, Marlena comia com vontade.

– Claro que sim. Sua mãe é gostosa, e “pragmática”, e “vai experimentar qualquer coisa uma vez”. Merda, eu transaria com ela – disse Marlena, citando o perfil de encontros online da minha mãe.

Uma noite, Marlena entrou no meu computador para ver se Greg estava online e encontrou, para seu prazer mortificado, a conta da minha mãe no Plenty of Fish, baixada e aberta na tela. Pelas três da madrugada já tínhamos praticamente decorado a coisa toda.

– Você é hilária.

– Jimmy está trabalhando, certo?

– Não sei. Provavelmente.

– Vai ver que a sua mãe nem vai voltar esta noite. Um gol de placa.

– Por favor, por favor, por favor, dá pra você não ser grossa em relação à minha mãe?

– Por favor, por favor, por favor, dá pra você não ser uma sacana em relação à sua mãe?

– No que eu estou sendo sacana?

– Você é muito ruim com ela. É meio que muito *arrogante*. Ela poderia aparecer aqui e dizer que está com câncer, e você reviraria os olhos. É como se você se esquecesse que alguns de nós não têm o luxo de ser sacanas com as mães.

Ela jogou a vasilha na pia, que retiniu de encontro à minha, e depois saiu impaciente em direção ao quarto da minha mãe. O que eu deveria responder a isso?

Eu me ressentia da maneira como Marlena, ocasionalmente, usava os detalhes de merda da sua própria vida para estabelecer uma espécie de superioridade moral sobre mim. Ressentia-me de como ela sempre conseguia lançar mão da cartada da amiga fodida, como meus problemas pareciam muito infantis comparados aos dela. Ela estava de mau humor por não ter comprimidos e porque a pessoa a quem ficava enviando mensagens de texto não respondia. Por que eu deveria ser punida por isso? Mas ela tinha razão. Eu era sacana com a minha mãe, por um único motivo inevitável: ela era minha mãe.

– Ela não está incrível? – Marlena gritou do banheiro, sem qualquer belicosidade na voz. – Venha ver.

O cabelo de mamãe estava tão esticado pela chapinha, que reluzia à luz do banheiro, ainda mais brilhante por se refletir daquela cascata de loiro cintilante. Ao lado das duas, era eu quem não fazia parte. Elas eram luminosas e amarelas, biquínis e picolés, grama cortada e cadeiras de vinil quentes de arder ao sol do meio-dia.

Mamãe estava com uma camiseta dos Eagles que eu nunca tinha visto, macia de tão usada, com buraquinhos delicados circundando o colarinho, como renda. O jeans era apertado. Ela não parecia velha, mas havia alguma coisa no rosto... Você nunca a confundiria com uma menina jovem como nós. Em algum lugar recôndito, eu sempre tinha plena consciência de que as meninas da minha idade tinham acabado de atingir o auge da beleza, e que assim que meus belos anos fossem gastos, meu valor começaria a se esvaír. Via isso na TV, nas revistas, nos rostos das minhas professoras e das mulheres na mercearia, mulheres que já não eram olhadas, e via isso quando minha mãe analisava a mim e a Marlena, alguma lembrança faiscando em seus olhos.

– Onde é que você arrumou esta camiseta? Quero ela emprestada.

Encostei-me ao batente da porta. Com as duas ali, não havia espaço suficiente no banheiro para mim.

– Tenho ela desde que eu tinha a sua idade, por aí. – Ela pendurou um triângulo prateado no lóbulo da orelha, estremecendo. – Algumas coisas são sagradas. Tudo nesta casa é de vocês, filhos. Tenho que ter algumas coisas que sejam só minhas. Cem por cento minhas. Você entende isso, não entende? Você não gosta quando eu pego emprestado alguma coisa sua.

– Mãe! Eu nunca a vi *com* ela!

– Você vai mesmo fazer disto um carnaval? – Marlena tirou um tubo de gloss

cintilante do bolso e o estendeu para a minha mãe. – Acho que você deveria passar gloss em cima do batom. O batom é muito “me leve a sério”. O gloss é tipo “você não quer me beijar?”

A campainha tocou.

– Um segundo! – gritei.

Tínhamos checado alguns dos caras para quem minha mãe estava mandando mensagens, antes de eu fazer Marlena fechar o site. Em sua maioria eram velhos ou tipos patéticos envelhecidos, que provavelmente continuavam casados e só usavam o Plenty of Fish para ter um ânimo, para se anestesiarem contra a banalidade das suas vidas no meio do nada, seu tapete berbere, as embalagens de Capri Sun empilhadas em suas garagens. Alguns deles eram veranistas ricos, procurando engatilhar encontros antes de chegar para os meses mais quentes. Escreviam coisas para mamãe como “ei, gostosa, qual é a sua pra hoje à noite?” ou “me mande uma foto!” ou “você+eu+barco=4 de julho!” Notei com certo alívio que mamãe nunca respondia a estes.

Quando abri a porta, quem estava esperando era Bolt, cabelo raspado, tatuagem enrodilhando-se para fora da manga da sua jaqueta jeans, e se abrindo nas costas da mão que segurava uma única rosa cor-de-rosa.

– *Meu Deus* – Marlena murmurou de algum lugar logo atrás de mim.

– Só um minuto! – mamãe gritou do banheiro. – Diga pra ele entrar.

Ele olhou para Marlena sem surpresa, um sorriso esboçando-se no rosto.

– Espere aí – eu disse, batendo a porta na cara dele.

– Que porra o Bolt está fazendo aqui? – sibilei para ela.

– Sei lá. Como é que eu vou saber? – Ouvi-a me pedindo para não criar problema, relaxar, deixar rolar.

Bolt deu duas batidas educadas.

– Não me trate feito idiota, Marlena. Trata-se da minha *mãe*.

– O que vocês duas estão fazendo? – mamãe perguntou, parada no corredor de entrada, parecendo algo recortado de um universo melhor e colado de qualquer jeito na cena. Ela estava prestes a sair com um traficante disposto a trocar saquinhos de comprimidos por dez minutos de bolinação com a minha melhor amiga, e eu não disse nada. – Vocês fecharam a porta na cara dele?

A porta abriu-se alguns centímetros e Bolt enfiou a cabeça na abertura. – Está tudo bem?

– Ah, entre – mamãe disse, sem parecer nem um pouco nervosa, estranha, ou a fim de um encontro. – Mike, estas pestes mal-educadas são minha filha Catherine e sua amiga Marlena.

– Conheço Marlena desde que ela era deste tamanho e tinha metade da beleza. – Bolt arreganhou uma fileira de dentes cinza e esticou a palma da mão aberta, medindo uma criança invisível. – Sou amigo do pai dela desde o colegial. – Ele a apertou junto a ele, beijando-a no alto da cabeça com um som exagerado.

Mamãe arrepiou-se. No enterro de Marlena houve muita conversa sobre a sua presença, o clima que emanava dela por onde fosse, como a efervescência que paira sobre a superfície de um copo de Coca-Cola. Isso fazia com que fosse fácil interpretá-la – quando estava acanhada, assustada ou infeliz, tudo que fazia dela ela mesma se desligava e aquele clima desaparecia, de modo que ela se tornava, não existe palavra melhor para isso, uma concha. Com o toque de Bolt, Marlena enrijeceu-se, e mamãe também notou isso.

Bolt não era feio, mas seus dentes eram encavalados. Nunca o tinha visto de tão perto, em luz normal. Tinha o rosto atraente, de uma maneira levemente ameaçadora; balançava-se nos saltos dos pés, batendo a flor de encontro ao seu jeans. Muito diferente do meu pai que, com sua incompetente e fingida necessidade de ajuda e afeição que parecia a versão masculina de uma princesa em apuros. Bolt empurrou a flor para a minha mãe. Quem pararia isto?

Em minutos eles tinham ido embora.

– Ela vai ficar bem. Ele não é bem um demônio. Eles vão pro Applebee's. Não pire. – O rosto de Marlena sempre ficava meio estufado depois que ela comia muito, e ela precisava lavar o cabelo. – Se ele fosse virar meio que o seu padrasto – ela continuou –, garanto que a gente faria alguma coisa. – Mas é só um encontro – ela ficava dizendo, lembrando-me de que a minha mãe nunca saía de casa depois que ficava escuro, ou punha uma roupa especial, nem mesmo ia comer um hambúrguer num bar, tomar uma cerveja como uma pessoa normal. – Não existe a menor chance de a sua mãe gostar dele de verdade. Ela é um tesão. Inteligente. Ele tem dois pensamentos na vida, e um deles é “estou com fome”.

Deixei que a voz dela desligasse o alarme que tocava pelo meu corpo, minha convicção de que mamãe estava em perigo, que ao escolher proteger Marlena (E do quê? De Bolt? Do que a minha mãe pensaria dela?), eu entregara minha própria mãe para o que quer que fosse que me fazia ter um medo instintivo do pai de Marlena,

um medo que pairava na periferia de tudo o que fazíamos, uma sombra segurando algo afiado.

Além disso, quando Bolt beijou Marlena, mamãe tinha empinado em suas pernas, sinal que só eu podia interpretar. Acontecia raramente naqueles dias, mas eu conhecia aquela sua reação desde a infância, desde o tempo em que lhe contara que Maxwell Berry cuspiu catarro no meu cabelo todos os dias no ônibus que me levava da escola para casa, e sempre nos minutos tensos depois que papai cancelava uma visita. Por detrás da porta fechada, antes do som de um carro acelerando e se afastando, ouvi a risada de mamãe. Falsa e desconfiada, no tom de sei-não eu-não-sei-sobre-isso.

O que tudo isso levava a crer, senão que ela tinha tudo sob controle?

o o o

Depois que mamãe saiu, Marlena e eu fomos batalhar um vinho, arrastando um Franzia fechado lá do fundo do armário, onde tínhamos alinhado cuidadosamente algumas caixas para ocuparem o lugar da antiga reserva de mamãe. Enchemos duas garrafas de água com vinho e levamos as duas ou três caixas de macarrão com queijo até a casa de Marlena, para ficar um pouco com Sal antes de colocá-lo na cama. Marlena e Ryder não estavam se falando por algum motivo estúpido que não consegui acompanhar, e Greg estava com Tidbit, então éramos só nós. Eu gostava mais assim, embora tivesse me juntado a Marlena, resmungando sobre como era chato passar o sábado com uma criancinha. Eu até gostava de Sal, de como, quando estávamos com ele, deixávamos de lado a ousadia e ficávamos bêbadas idiotas em vez de bêbadas de cair, íamos para a cama cedo o bastante para ver o lado ensolarado da manhã de domingo.

Provavelmente, a maioria dos adolescentes acha um tédio o lugar onde mora. Mas não existem palavras para a catastrófica insipidez de morar no norte de Michigan aos quinze anos, no final do inverno, quando o sol não aparece há semanas e a neve não para de cair: não se tem aonde ir, você está sempre gelada, todos os seus conhecidos são pobres, o cine Gaslight só recebe dois filmes de merda de muitas em muitas semanas, e não há um único lugar que fique aberto vinte e quatro horas, salvo um posto de gasolina. Não podíamos esquiar porque só as crianças ricas, como Courtney e Micah podiam, e a não ser que você conhecesse alguém que trabalhasse nas encostas. A escola era uma piada. A única coisa que lembrava um local para

shows era o bar Goldwater depois das dez da noite, às sextas-feiras, quando o professor de música do ensino médio tocava covers de James Taylor, enquanto se encharcava de rum com Coca-Cola; e eles eram rígidos em relação à faixa etária. O shopping mais próximo ficava a noventa minutos de carro ao sul do estado, duas horas sólidas com tempo ruim, e o tempo estava sempre ruim. Tudo era lindo do lado de fora, pingentes de gelo do tamanho de criancinhas, o ar tão límpido que sua respiração contaminava-o. Então, todo mundo bebia. Os professores chegavam à classe de ressaca. Os pais recebiam multa por dirigir intoxicados, depois de deslizar além do sinal vermelho.

Nós bebíamos, Marlena tomava seus comprimidos e Ryder vendia seu cristal de merda. Até Jimmy, a pessoa mais inteligente que eu conhecia, era um zumbi miserável, arrastando-se de lá pra cá, de casa para a Plásticos Kewaunee, para casa, como se alguém tivesse dado corda nele e o colocado no chão. Às vezes, dirigíamos qualquer carro em que conseguíssemos pôr a mão, afastando-nos pelo interior ainda mais longe do que o lugar onde vivíamos, e estacionávamos junto a um dos zilhões de lagos congelados num raio de trinta quilômetros, só para uma mudança de cenário profundamente insatisfatória. Não éramos crianças que podiam se dar ao luxo de patins de gelo, e mesmo que pudéssemos, ninguém nos ensinara a usá-los.

A sala de Cher tinha uma luz ultravioleta e, durante as sessões, ela a virava para o meu rosto, prometendo que me deixaria animada. O que ela não entendia, e nunca consegui lhe explicar completamente, era que, apesar de viver em Silver Lake ser realmente entorpecedor, opressivo, perigosamente entediante, eu estava mais feliz lá do que jamais estivera. Sentia-me estranhamente livre. Tinha decaído em todos os aspectos, mas o mundo não acabara. O inverno abafava tudo.

O celeiro estava uma bagunça, como de costume, mas pelo menos os pratos estavam relativamente limpos. Dei mais uma lavada em uma panela enorme e pus água para ferver, colocando duas caixas de macarrão com queijo no balcão.

– Minha mãe sempre põe ketchup nele – Sal disse. Tentávamos ignorar sempre que ele mencionava a mãe; ele vinha fazendo isso ultimamente, falando sobre ela como se estivesse no andar de cima, em vez de ausente há mais de três anos.

– Que tal se a gente puser um monte de ketchup só no seu?

Ele pensou a respeito franzindo o cenho. Sal era rápido, e ninguém parecia reparar ou dar importância àquilo que em poucos meses eu tinha observado: seu humor mudar para algo intratável, uma pequena fera enrodilhada dentro dele,

sedenta de sangue.

– Mas você precisa experimentar – ele disse.

Levantei-o pelas axilas, um monte de timidez que não chegava a vinte quilos, para que ele pudesse esvaziar as caixas de massa na água. Ainda não estava fervendo, mas Sal estava impaciente. Qual fora a última vez em que tinha comido? Marlena estava no banheiro. Depois de soltar a massa, deixei Sal ficar em cima de uma cadeira e misturar o queijo em pó com meio tablete de uma manteiga apenas parcialmente endurecida, que eu tinha achado na gaveta de baixo da geladeira. Não tinha leite, então usamos água para umedecê-lo, e acrescentamos bastante sal e pimenta.

– Eu quero *um montão* – Sal me disse. – Consigo comer mais do que a minha irmã. – Ele sempre se referia a Marlena desse jeito: minha irmã, minha irmã, sinal de posse e orgulho.

Assistimos a um programa estrelando um grupo de monstros adolescentes frequentando uma escola de monstros. Um deles levava os globos oculares nas mãos, usando-os ocasionalmente como armas. Comi uma vasilha inteira de macarrão rosa, só para deixar Sal feliz. – *Tu es mon diamant* – Marlena disse a Sal, quando ele terminou toda a comida. – *Je t'aime beaucoup*. – Você é meu diamante. Amo você demais. Que estranho ouvir essas vogais incríveis, todas as luzes da cidade, pães crocantes, venezianas azuis e perfume caro, naquele lugar com chão de cimento, frio de doer, e armários vazios. Aquilo me deixou repentinamente no auge da tristeza, e puxei Sal para mim, abraçando-o com força.

– Não – disse ele, olhando a TV.

Quando o pai de Marlena chegou em casa, estávamos fazendo uma transformação em Sal. Ele estava sentado em um baú lascado que funcionava como mesinha de centro, cercado pela impressionante coleção de maquiagem de Marlena, a maioria roubada de farmácia.

– Você não é tão bonita quanto a minha irmã – disse ele, enquanto eu desenhava círculos vermelhos nas maçãs do seu rosto, com batom.

– É mesmo? – respondi. – E agora? – Arreganhei os dentes e pus o queixo para a frente. Sal riu, espalhando salpicos de rímel debaixo dos olhos.

– Você vai ser recompensado pela sua lealdade, Sal – Marlena disse, ajustando a tiara de strass na cabeça dele. – *Voilà! Você, mon petit prince*, é o mais bonito de todos.

Nenhum carro anunciou a chegada dele. Mais tarde, quando pensei a respeito,

deduzi que ele devia ter vindo da mata, do vagão, por motoneve. Caso contrário, teríamos visto faróis brilhando através da única janela na parede do celeiro que dava para a rua. Ele bateu a porta da cozinha, pegando a todos nós de surpresa, de modo que Marlena derrubou um tubo aberto de sombra para os olhos, espalhando-a pelo chão.

– Está cheirando aqui – disse ele, a palavra *aqui* se dissolvendo em uma série de espirros de sacudir o corpo.

Por que é sempre tão óbvio quando alguém está muito, muito chapado? As juntas do corpo não combinam com seus entornos, é como se a pessoa tivesse sido recortada da sua vida e depois costurada de volta de um jeito completamente errado. Quando Marlena estava de fato surtada, era como se o seu filme fosse em branco e preto, enquanto o meu continuava nas velhas cores normais de todos os dias. O pai de Marlena estava pirado, seu desacerto ondulando como fumaça pela sala.

– Tire esta merda do rosto – disse a Sal, dando alguns passos oscilantes. – Quem é essa aí? Quem é você? – Seus olhos dirigiam-se para logo acima da minha cabeça, então não tive certeza de que ele estava se referindo a mim ou a alguma criação visível apenas para ele. Sal sumira num truque de mágica. A franja do cobertor que tínhamos amarrado no seu pescoço desapareceu no corredor escuro que ficava acima.

– Papai, é a Cat. Você conheceu ela. Sabe quem ela é. Nossa vizinha.

– Ah, é, a barulhenta. Intrometida.

Ele se sentou entre nós no sofá, e limpou os lábios com os nós dos dedos. Não gostei da sua perna encostada na minha. – Vocês duas andaram bebendo?

– Não – respondi.

– Você é uma mentirosa – ele disse.

– Cat, vá pra casa agora – disse Marlena. – Você precisa ir.

– Está tudo bem – eu disse.

– Está tudo bem, está tudo bem – o pai de Marlena disse, me imitando. – Ela não quer ir.

Marlena disse alguma coisa em francês, rápido e ríspido demais para que eu pudesse entender.

Ele pôs a mão no final das minhas costas e todo o meu corpo enrijeceu-se.

– O que você é, indiana? – Seu polegar percorreu a minha espinha, um lugar que ninguém jamais tocara. – Você tem olhos indianos. – Em seguida, sua mão estava

sob o meu moletom, brincando com o fecho do meu sutiã. – Pretos – ele disse. Abriu-o com uma torção dos dedos, e respirou alto, uma versão de risada. Eu podia sentir Marlena pensando profundamente em sua imobilidade. Meu sutiã pendeu aberto, liberando meus seios, mas não me mexi. Ele tirou a mão, e um arrepio me percorreu quando sua pele raspou a minha ao me deixar. – Você tem as tetas de uma menina gorda, mas você é pequena – ele disse.

Eu dei uma porra de uma *risadinha*.

– Pare com isto – disse Marlena, sem olhar para ninguém.

– Você bebe demais, Lena, meu bem. Bebe como um homem adulto. Como uma fracassada. Acho que bebe mais do que eu. – Ele pegou uma das garrafas de água, desatarraxou a tampa e cheirou. Atirou com força a garrafa destampada. Ela bateu na escada numa explosão de gelo, o plástico aterrissando no chão com um som surdo. – Onde você aprendeu isto? Sua mãe não bebia assim.

– Vamos embora – eu disse, levantando-me e cruzando os braços sobre o peito.

– Entenda uma indireta – Marlena disse, ainda olhando para o vazio.

– O quê?

– Você é muito pegajosa! – Ela apertou a palma das mãos contra os olhos fechados, como fazia quando sua cabeça doía. – Isto não é problema seu. Quero que vá embora. Por favor, não me faça dizer isto um milhão de vezes. Só saia.

– Venha comigo.

– Vá pra casa, Cat.

Eu não ia chorar, mas o que ela disse tinha me deixado sem fôlego, esvaziada.

– Marlena?

Ela sacudiu a cabeça.

Eu tinha sido dispensada, e ela continuaria me ignorando. Como na noite em que eu a tinha visto no carro de Bolt, em frente à sua casa. Uma atitude de viciada, agora eu sei, essa exclusão. Às vezes eu faço isto com Liam. Marlena cochichou para seu pai em francês, tranquilizando-o, como se fala com um cachorro amedrontado, massageando a parte de trás do seu pescoço, os lábios junto ao seu ouvido. Era assim que Marlena lidava com os homens. Era assim que tirava seus ferrões sem que eles notassem. Era assim que ela se convencia de que saíra vencedora, mesmo que eles tirassem dela até a última gota que quisessem. Fiquei ali parada até não poder mais, o sutiã ainda aberto. Depois, deixei-a sozinha, do jeito que ela queria.

Lá fora, esforcei-me para arrumar meu sutiã sem tirá-lo, levantando meu

moletom, e olhando de relance a mata vazia e escura, tão ilusoriamente quieta, cheia até a borda, *eu sabia*, de vigilantes. Eu estava a uns vinte minutos de caminhada até o vagão, lugar que tinha tirado tanto de Marlena. Quantos fósforos seriam precisos para explodir aquilo pelos ares? Eu poderia usar o fluido de isqueiro que havia na garagem. Se jogasse o fósforo de uma distância segura e ele não apagassem no meio do caminho, eu poderia ser capaz de correr rápido o bastante para escapar das chamas.

Peguei meus cigarros no bolso de trás e me sentei nos degraus da frente de casa, as mãos fluidas. Acendi cada novo cigarro no toco do que estava na minha boca, até que todo o maço se foi. Dentro do celeiro, eles gritavam um com o outro, numa mistura de francês e inglês, nada que eu conseguisse decifrar.

Com minha mão nua, cavei uma pequena cova na neve acumulada junto à escada, e enterrei as sete bitucas. A porta da frente da casa estava destrancada; geralmente estava e senti um medo retroativo das centenas de noites que tinha ido dormir num lugar a que qualquer um poderia ter acesso, a qualquer hora. Dentro, as luzes estavam todas apagadas. O relógio do fogão piscava 22h42, mais cedo do que eu pensava. Provavelmente, mamãe ainda não tinha voltado da sua noite com Bolt. Eu precisava dela. Uma sensação primitiva, um desejo celular. Queria ligar para ela e que ela viesse para casa, se sentasse comigo no sofá, minha cabeça sobre uma almofada no seu colo, enquanto assistíssemos a ...*E o vento levou*, alguma coisa bem comprida que apagassem cada passo horrível que eu tinha dado longe de casa. Peguei o celular e liguei. Até hoje, a lembrança do número de quando eu era adolescente ainda está na ponta dos meus dedos. Alguns segundos depois de apertar o botão de ligar, ouvi seu celular tocando perto, dentro de casa. Segui o som pela cozinha, até o corredor que dava para os quartos. A casa parecia profundamente vazia, exceto por aquele *trim, trim*; minha mãe nunca se incomodou em mudar seu toque de chamada. A porta do seu quarto estava aberta, e entrei certa, a princípio, de que não havia ninguém lá. Meus olhos ajustaram-se à escuridão, objeto por objeto: cômoda, cortina meio aberta, aquarela na parede. Ela estava deitada na cama de bruços, por cima das cobertas, usando a camiseta dos Eagles, as pernas nuas.

– Mãe – eu disse. – Mamãe?

Tropecei nas suas botas ao me aproximar, certa, certa, certa do quê? Fui tomada pelo medo, fora de mim com essa sensação. Debrucei-me sobre ela, e puxei um dos seus ombros, até ela se virar de costas, de um jeito desajeitado. Seus braços caíram pesadamente. Ela estava dormindo, a expiração exalando vinho.

Nova York

A CORDEI EM ALGUMA HORA DOENTIAMENTE INCOLOR, o gato observando-me do chão. No banheiro, engoli dois comprimidos de Advil com dois grandes copos de água, e depois afundei de novo em uma inquieta proximidade de sono, alerta apenas o suficiente para monitorar a horrível claridade do apartamento. Quando o despertador de Liam parou de tocar, nosso quarto todo ensolarado, fiquei na cama. Não queria tomar o metrô com ele. Estava novamente de ressaca. Uma das ruins.

No escritório de casa, o conteúdo da caixa estava espalhado pela escrivaninha. A lata de lixo continha três garrafas vazias de cerveja. Uma quarta, onde restava apenas um gole, estava perto do meu laptop aberto. Quando toquei no *touchpad*, a tela revelou um documento do Word, coberto de texto. Fechei o computador e tirei o broche da caixa, para Sal. Pus mais maquiagem do que o normal para esconder o tom doentio do meu rosto. Tinha deixado o estojo das minhas lentes de contato destampado; minha escova de dente estava na banheira com as cerdas viradas para o ralo. Quando saí do apartamento, peguei as garrafas e a embalagem vazia das seis cervejas na geladeira e levei para o cesto de reciclagem no fim do nosso corredor.

Em pé no metrô, prensada entre dois homens de terno, meu estômago subia e descia, subia e descia, chegando até a garganta e despencando até os meus pés. Por mais que eu me sentisse enjoada, nunca vomitei, nem na noite em que bebia, nem no dia seguinte, a não ser que eu me forçasse. Eu não tinha nenhum botão de desligar, nada que me impedisse, nenhum mecanismo interno que dissesse chega, por favor, o que você está fazendo dói. Eu estava muito cansada. Então veio a vergonha, aquela velha conhecida, e vi meu reflexo encolher-se no vidro do metrô, pensando na cerveja e nos martinis se misturando, coalhando meu sangue. Pela manhã, era sempre possível eu nunca mais voltar a beber, mas depois pensava em mim mesma entrando aos tropeços na cozinha enquanto Liam dormia, abrindo mais uma, impotente. Não poderia continuar assim. E, no entanto, com uma mescla cansativa de desejo e temor, eu já imaginava o momento naquela virada tardia da tarde quando já seria novamente apropriado beber.

Quando cheguei lá, ela não estava, mas passadas algumas horas, quando descí

para fazer uma pergunta a Alice, a menina estava no seu lugar habitual. Estava ostensivamente alerta, olhando um pesado dicionário ilustrado de raças caninas. Seu rosto estava limpo e muito pálido e, quando me aproximei, vi que traçava o contorno dos cachorros na página igual uma criança faria, com o indicador. Usava um jeans emplastrado de sujeira, e uma jaqueta comprida marrom, a mochila cheíssima e coberta de rabiscos, aplicações e manchas de terra. Dezenove anos, imaginei, embora Alice achasse que fosse mais velha, perto dos vinte e cinco. Mas eu sabia que as drogas acabam com você em plena vida, deixando-a, mesmo que se torne sóbria, um pouco mais perto da morte. O que mais é a idade, senão uma conscientização, em expressão e gesto, em carne e osso, do seu próprio relógio biológico?

Eu tinha uma caixa de barras caras de granola na gaveta da minha mesa de trabalho, o tipo que traz amêndoas inteiras e pedaços de chocolate amargo. Liam comprava-as a granel, preocupado com a taxa de açúcar no meu sangue. Eu sabia que, se não parasse de beber, ele me deixaria, e também sabia que o amava, amava a doce e confortável segurança das nossas vidas, os salários, e a volta para casa sempre sabendo que ele estaria ali; a maneira como ele colocava as esponjas debaixo da pia, como chamava o gato de Bebezinho; Bebezinho para mim também. Quando mamãe conheceu Liam, no segundo em que ele se levantou para ir ao banheiro, ela me disse que ele era um tédio. Ela estava um pouco alta, vale a pena dizer, e Liam raramente bebe. Levou anos para ela mudar de opinião, ver o que eu via, que Liam era um homem que só iria embora se você forcesse a mão. Acho que Marlena teria entendido isso. Queríamos ser a que abandona, e não a que é sempre abandonada.

Levei duas barras de granola para o andar térreo, para a sala de leitura. A menina estava concentrada na última página, onde não havia imagens de cachorros, apenas uma lista de referências e créditos das fotos, em tipos minúsculos. Cheguei por trás dela e toquei no seu ombro, o que provavelmente foi um erro, mas eu não estava no meu juízo perfeito, minha cabeça estava pesada e lenta, e meu batimento cardíaco, desligado. Estava tendo problemas com perspectiva. Ela se virou de um estalo, e quando vi seu rosto de perto, soube que o que estava usando não era heroína.

– Eu trouxe isto para você – eu disse, estendendo-lhe as barras de granola. Ela olhou para aquilo, depois de volta para mim, os olhos vermelhos. Abriu a boca retesando os lábios, e soltou um silvo. Seus dentes tinham um contorno amarelo encardido, e faltava um na parte de baixo. – Sinto muito – eu disse, e me inclinei

para a frente, numa distância que desse para jogar as barras sobre o livro. Ela continuou silvando, dentes à mostra. O cuspe chacoalhou no fundo da sua garganta, pulando da boca e vindo parar no meu braço, uma fileira de gotas brilhantes. Recuei, mas ela continuava silvando, dobrando-se por cima das costas da cadeira. Perto de mim, uma garotinha numa poltrona próxima à entrada da sala das crianças olhava, amedrontada. Ela se lembraria disso mais tarde, talvez, quando adulta, a mulher desequilibrada na biblioteca, uma pequena brecha na sua realidade.

Eu estava a uma distância segura, perto do balcão de registro, quando Alice apareceu ao meu lado. Agora, a menina parecia estar puxando os olhos, como se tentasse escavá-los do crânio. Depois de algumas tentativas, ela parava, sacudia-se, e depois esfregava as palmas das mãos no rosto. Os lábios estavam se movendo, mas nenhum som saía deles; teria sido impossível não reparar nela. As sacudidas do seu corpo, dos seus braços, eram tão inumanas que soltavam uma espécie de som. Enxuguei o braço no meu jeans, mas continuei sentindo seu cuspe ali. Algumas crianças saíram pela porta da frente, conduzidas pela mãe.

– Eu chamei – Alice disse. – Estão vindo. Você está bem?

– Chamou quem? A polícia? Por que você fez isso?

– Cat, está tirando uma comigo? Olhe pra ela. Não dá pra confiar. Está sob efeito de crack ou de alguma coisa.

– Acho que é cristal.

– Que seja – Alice disse. – Está na pior. Sempre que vejo pessoas como ela, fico imaginando onde anda a família, sabe?

Quando a polícia chegou, a menina estava calma. Conduziram-na até a entrada da biblioteca, cada um de um lado, como se a tivessem acompanhando a um baile.

– Estou tão aliviada que tenha acabado – Alice disse, depois que a biblioteca retornou a sua tranquilidade habitual. – Talvez agora ela consiga ajuda.

– Você sabe o nome dela?

– Não – Alice respondeu, me olhando de um jeito estranho. Talvez eu cheirasse a bebida.

Michigan

— **I**NACREDITÁVEL – DISSE JIMMY, incorporando mamãe. Estávamos em pé no quintal de Marlena, no escurecer de uma quinta-feira, apenas nós três, fumando. Eu conseguia fazer anéis perfeitos. Jimmy não se incomodava que eu fumasse, mas não concordava que eu faltasse à escola. Não observei que seu raciocínio parecia um tanto confuso; só estava feliz em poder contar com ele para ir até o posto de gasolina e me comprar cigarros com o dinheiro que eu economizava das faxinas com mamãe. Depois de começar com Camel, tinha optado por Parliament, como Marlena, um sabor mais seco e mais sofisticado, como de fato disse uma vez a Greg, que foi gentil o bastante para não rir da minha cara.

– O quê? – perguntou Marlena.

Peguei o celular e abri a mensagem de texto. Papai tinha mandado a mesma mensagem para mim e para Jimmy, notificando-nos que no domingo estaria por algumas horas “nas nossas bandas”, e queria nos levar para almoçar para podermos “pôr as coisas em dia”.

– Uau! O diabo surge de seu covil de iniquidades. – Ela expirou uma nuvem de fumaça. – Acho isso legal. É bom. Pelo menos ele quer ver vocês.

– Quase seis meses – Jimmy disse. – É este o tempo que estamos aqui, a apenas algumas horas de viagem de onde ele mora. Cat praticamente passou dos limites e ele leva seis meses pra vir até aqui pra gente poder “pôr as coisas em dia”?

Jimmy jogou seu desperdício de cigarro fumado pela metade em um fluxo de neve derretida, e se virou em direção à nossa casa, embora nós três estivéssemos jogando Banco Imobiliário há uma hora com Sal. Suas botas deixaram pegadas que se enchiam de água assim que ele as deixava; era começo de maio e a neve ainda pintalgava nossos quintais, deixando esculpidas marcas marrons como lama. Apesar das porcarias de casas, dos lixões e dos carros amassados, Silver Lake tinha ficado estranhamente linda no final do inverno. Mas nas últimas semanas, conforme o clima ia esquentando, tudo estava enfeando de novo.

– Bom, não vejo motivo para ele chegar e sair em disparada – disse Marlena, transparecendo sua decepção e curiosidade.

Ela havia aparecido na minha casa logo cedo, no dia seguinte após o incidente com seu pai, quase em lágrimas, uma série de hematomas subindo pelo seu braço direito. Abraçou-me e disse que lamentava ter me chamado de pegajosa. Disse: – O que eu faria sem você? – Contou que só tinha dito uma coisa tão maldosa porque sabia que, para fazer com que eu sáísse, para me proteger, tinha que ferir muito meus sentimentos a ponto de eu ir embora. – Posso me virar com ele – ela disse. – Você não. É meu pai. Por mais que às vezes eu tenha um ódio absurdo dele, ele faz parte de mim, entende? Eu entendo ele. – Acreditei nela.

Segui-a até o celeiro, fazendo um desejo de pai para cada uma de nós: que o encontro com o meu não fosse um desastre, que o dela não viesse para casa por um bom tempo, ou talvez nunca mais.

o o o

No domingo de manhã não conseguíamos encontrar Jimmy. Mamãe acordou-me às nove. Iríamos encontrar papai ao meio-dia em Gaylord, a duas horas de carro da nossa casa, três horas de carro, segundo ele, de onde estava. Ele e Becky estavam indo para Toronto e não podiam se dar ao trabalho de se desviar do caminho, apesar de Silver Lake ficar a apenas cerca de uma hora a oeste da estrada que pegariam para o Canadá. “Só temos uma semana de folga, afinal de contas”, papai escreveu, terminando sua mensagem com um :). Procurei por Jimmy lá fora. Provavelmente só tinha se levantado cedo, reforçando-se para o dia com uma vasilha de maconha, mas não o vi nem nos fundos nem na frente. Olhei em direção à janela de Marlena, percebi as pegadas que iam pra lá e pra cá da sua porta, com certeza eram aquelas que ele deixara no dia anterior.

A cama de Jimmy estava toda desarrumada, como se ele tivesse acabado de deixá-la, mas suas botas e seu casaco não estavam lá, nem os cigarros. Chutei as pilhas de roupas no chão, aproveitando a oportunidade para xeretar. Ele nunca me deixava entrar lá. Meu pé descalço acertou algo contundente e frio, que fez um barulho sob o meu peso. Curvei-me para ver onde tinha pisado. O broche de Marlena, aberto com a pressão do meu pé, derramando pó branco e pedaços triangulares de comprimidos. Eu a tinha visto usando-o havia muito pouco tempo, um dia antes; lembrava-me claramente de vê-la brincando com ele enquanto jogávamos Banco Imobiliário, um dos seus tiques quando pensava. A porta para a casa minúscula não estava fechando direito, e a parte do alfinete estava entortada de lado. Alguma vez eu

a tinha visto sem ele? Esfreguei o pó de comprimido no carpete até ele basicamente desaparecer, e levei o broche para o meu quarto, onde lidei com ele por um tempo tentando voltar à parte pontuda para o lugar, em pânico por ter quebrado uma coisa tão importante. O pânico distraiu-me da pergunta que eu deveria ter feito assim que percebi no que tinha pisado. Por que raios o broche de Marlena estava no chão do quarto de Jimmy? Alguém bateu à porta e, com o coração aos pulos, escondi o broche quebrado no bolso de um suéter vagabundo pendurado no fundo do meu armário.

– Ele podia, no mínimo, ter deixado um recado – mamãe disse, quando abri a porta, seu rosto meio escondido em uma espiral de fumaça que subia da caneca que levava.

– Ele é uma porra de um criança. Não posso acreditar que vai deixar que eu me vire sozinha com o papai.

– Que lindo palavreado!

– Porra – eu disse. – Porra, porra, porra.

Mamãe olhou no centro leitoso do seu chá.

– Saímos em vinte minutos, e, se você não estiver pronta, não vamos mais – ela disse.

Revirei os olhos, mas, depois, percebendo que ela já estava se afastando, suspirei alto e forte, para que ouvisse. Decidi que tentaria não pensar no broche, e no lugar onde o tinha encontrado, embora minha descoberta estivesse lá, adejando na beira dos meus pensamentos, esperando ser chamada. É fácil ignorar uma coisa que você de fato não quer saber.

Logo eu veria papai, nada mais importava, nem mesmo Marlena, pelo menos desta vez.

Nunca tinha tido um encontro com um menino, mas, naquela manhã, me sentia como se estivesse me preparando para um. Experimentei uma saia, depois outra, nenhuma delas tinha escapado do armário desde Detroit, antes de me decidir por algo de Marlena, o vestido pêssego que ela usara no dia em que eu presenciara Ryder fazendo uma entrega em Cascade. Ela o tinha deixado em casa semanas antes, hábito que adotou depois de perceber que mamãe lavaria suas roupas com as minhas. Enfie o vestido de algodão pela cabeça, surpresa por ele caber em mim do mesmo jeito que cabia nela; ele se abria um pouco mais nos meus quadris, que eram mais roliços do que os dela, mas o decote revelava um vale semelhante entre os meus

seios. Meu cabelo castanho-rato tocava os ombros. Nada que eu pudesse fazer a esse respeito. Passei base no rosto, e resaltei as maçãs com *bronzer*. Marlena tinha me ensinado como passar o pincel de esfumazar ao longo da borda superior das pálpebras, que o pó cintilante ia na reentrância entre a ponte do nariz e os dutos lacrimais, e o significado da palavra *contour*. Virei meus cílios e os cobri duas vezes com rímel. Para terminar, borrifei água de banho de baunilha no ar, e depois passei pela nuvem contundente.

No carro, mamãe fez questão de abaixar o vidro, apesar do frio e das baforadas de estreme que sopravam, enquanto saíamos de Silver Lake, ao passarmos pelos pastos ao longo da estrada. Ela também tinha se vestido com capricho. Usava um jeans preto *skinny*, e uma túnica fininha que mostrava a camiseta que envolvia seu torso; a pele do seu peito cintilava um pouco na luz, por causa daquela loção estúpida que ela usava. Se não fosse tão óbvio que estivesse tentando parecer jovem, eu admitiria que ela estava incrível. Nos últimos tempos, cada vez mais ela pegava emprestado minhas roupas, e comprava nas seções de adolescentes da Maurice. Quando usava gloss cintilante nos lábios e botas de salto alto, eu tinha vontade de sacudi-la, abraçá-la, e apagar sua existência, tudo ao mesmo tempo. Para culminar, desde sua desastrosa saída com Bolt – que não tinha se repetido – eu não podia deixar de notar como, toda animada, olhos claros, quadril estreito como o de um menino, e braços finos, ela parecia mais mãe de Marlena do que minha.

Em um sinal vermelho, a alguns quilômetros da cidade, mamãe abaixou o espelho do retrovisor e se olhou franzindo a testa, lambeu a ponta do dedo e limpou um borrão de sombra marrom que tinha criado vida própria abaixo do seu olho esquerdo.

– Está bom, mamãe – eu disse, surpresa pela onda de amor que interrompera a mortificação constrangedora que tinha sentido por ela desde que percebi que ela passara um bom tempo alisando seu cabelo já perfeitamente liso. – Você está mesmo bonita.

Ela fechou o espelho, passou um braço sobre o meu ombro e me deu um abraço. Minha face grudou-se no seu peito. Fiquei levemente preocupada com meu rímel, mas depois fechei os olhos sentindo sua essência, tão familiar que era além de sensória, um narcótico biológico a que eu resistia, ao mesmo tempo que ansiava. Deixei que me segurasse. A luz ficou verde e ela continuou me abraçando, não que realmente fizesse diferença, já que não havia um único carro na rua.

– Aí está a minha querida – ela disse para meu couro cabeludo. – Eu sabia que você estava aí dentro, em algum lugar.

o o o

– Livro lento? – mamãe perguntou, dando uma olhada no exemplar de *A mão esquerda da escuridão*, que estava fechado no meu colo.

– Não – respondi. – Só não estou conseguindo me concentrar.

A vinte minutos de Gaylord, meu celular vibrou. Uma mensagem de texto de Marlena: “*Ma peche*, não deixe o diabo deprimi-la!!!” Alguns segundos depois, meu celular voltou a zumbir: “Detesto quando você vai embora, detesto quando você vai embora.”

“Você sabe do Jimmy?”, escrevi.

Um instante depois: “Necas.”

Mamãe nos levou até o estacionamento de um restaurante chamado Culver’s, cercado por campos de pés de milho quebrados ao meio, em frente a um posto de gasolina BP e um Arby’s. O estacionamento estava vazio, com exceção de alguns carros que não reconheci.

– “Ele ainda não está aqui...” – cantarolou mamãe. Eram 12h14. Sempre que um carro passava zunindo, enrijecíamos, mas nenhum deles virou.

– Sinto muito, querida – disse mamãe às 12h32. – Provavelmente ele só está atrasado, teve que enfrentar o trânsito saindo da cidade ou coisa assim. Quer entrar e comer alguma coisa?

– No Culver’s?

Mamãe riu. – Afinal, que porra é o Culver’s?

– Não quero comer nada que pertença a alguém chamado Culver.

– Provavelmente eles nem servem comida. Deve ser como uma sala de visitas de algum jeca triste.

– Aposto que cheira como se cem milhões de feijões-verdes tivessem feito pum lá dentro.

Nós duas estávamos nos esforçando muito para rir de verdade, mas ainda assim me sentia mais à vontade com ela do que estivera em meses.

– Você disse *porra* – contei a ela.

– Porra – ela disse, e então nós rimos de verdade. Nossos sons mesclaram-se.

– Sabe quando foi que eu de fato comecei a pensar se o seu pai seria um atraso de

vida?

Eram 12h35. Mande para papai uma dúzia de pontos de interrogação.

– Eu estava grávida de você. Acho que tinha um monte de motivos para pensar isso quando Jimmy era bebê, mas eu era mãe de primeira viagem e estava completamente obcecada pelo seu irmão, dando mais atenção aos movimentos do intestino dele do que, digamos, ao que eu tinha comido ou não em dias.

– Que nojo!

– Com você, eu fiquei realmente gorda. Muito, muito gorda. Eu tinha esses desejos malucos por sanduíches de peixe do McDonald's; eles eram literalmente a única coisa que eu queria comer. Vovó costumava brincar que você sairia nadando.

– Puxa, mãe, agradeço o dano cerebral.

– Ah, você está bem.

Uma vez, ela disse, à vontade na história, que quando eu estava enorme na barriga dela, pronta para sair, ela perguntou se papai buscaria para ela um Filet-O-Fish. Jimmy estava manhoso, chorando por qualquer coisa, e eram, talvez, sete ou oito horas da noite, ela já tinha comido, lembrava-se disso, mas estava novamente com fome. Ela disse que um dia eu entenderia, quando estivesse grávida, qual era a sensação de ter fome desse jeito, o tempo todo, uma fome que não diminuía mesmo quando você estava literalmente mastigando. Quando papai não respondeu, ela perguntou de novo, mas ele continuou sem dizer nada. “Rick” ela disse uma, duas vezes mais, mas ele continuou vendo TV. Então, ela pegou Jimmy no colo, que, a essa altura, estava aos berros, e ficou parada em frente da TV, bloqueando a visão de papai. – Não foi porque ele não deu um pulo para atender ao meu pedido – ela disse. – Foi porque ele não me *respondia*. – Ele fazia muito isso, ignorava até perguntas diretas até que ela se sentisse como uma louca, como se abrisse a boca para falar sem que saísse nada. Quando perdeu a paciência e começou a ter uma crise igual à de Jimmy, papai levantou-se e saiu de casa. Ela deduziu que ele estava indo até o *drive-thru*, mas ele não voltou até a manhã seguinte. Mais tarde, ela encontrou dois sanduíches de peixe num saco de papel engordurado no banco de trás do carro.

Olhamos um caminhão zunir pela janela de mamãe e depois se perder na distância, além do Arby's, além da intersecção, bem ao longe. Com a história de mamãe, minha percepção dos meus pais passou por uma série de mudanças sucessivas, do jeito que as letras fazem num exame de vista, quando o médico muda

as lentes: clara, depois borrada, nítida, de volta a um borrão incompreensível.

– Entendi: ele enche o saco. Sou composta em cinquenta por cento pela pior pessoa imaginável. É isto que você quer que eu diga?

– Não seja tão imatura. Não quero que você diga nada. Só quero que saiba que isto, o que ele está fazendo, ele foi sempre assim. Simplesmente frio. Esquisito. Ele sempre teve esse jeito. Na manhã seguinte, agiu como se nada tivesse acontecido, mas não tentou me agradar, nada disso, e juro, senti essa portinha abrindo-se na minha cabeça, uma portinha pra um quarto cheio de toda bosta que eu não queria encarar em relação a ele, e era como, ah, o divórcio estava logo ali, como uma opção. – Ela se virou para mim e tentou me tocar. Encolhi-me em direção à porta do carona. – Ei, mas valeu a pena. Com certeza. Você, seu irmão, vocês dois compensam tudo. – Eu mal podia suportá-la. – Só não quero que você espere coisa alguma dele, é isto que estou querendo deixar claro.

Uma frase do meu livro rodopiou na minha cabeça. “Eu estava arriscando a minha vida, sem saber.” Uma lembrança muito antiga, tão fluida que frequentemente eu a afastava como um sonho: eu, cinco anos, quase adormecida no banco de trás do carro dele estacionado na entrada de uma casa que não reconheci, enquanto papai conversava na varanda com uma mulher que tinha uma mecha grossa azul no cabelo. Durante um verão, quando eu tinha oito ou nove anos, papai mudou-se para um apartamento perto do centro comercial. Quando eu ia de visita, ele me dava presentes estranhos: uma boneca, embora eu detestasse bonecas a ponto de ter pesadelos, um cachorro de pelúcia que tinha cheiro de loja de segunda mão. Tenho poucas lembranças dele daqueles longos finais de semana. Quando penso naquela época, minha imaginação estende sequências minhas vagando pela sua vizinhança em dias nublados, enterrando o rosto da boneca em uma pilha de lascas de madeira no canteiro de alguém, ninguém me procurando, ninguém preocupado com o que pudesse acontecer.

Mamãe abriu a janela até a metade e depois girou a manivela de volta, até que o vidro ficou aberto apenas um dedo, deixando entrar um bafo de húmus e um ar úmido de primavera.

– Quantos anos você tem? Dezesseis?

– Quinze.

– Você sabe o que eu quero dizer. Você consegue lidar com isto. Pode encarar a verdade.

Estávamos prestes a ir embora, quando às 13h03 ele parou um pouco além de nós, como que dizendo “estou aqui, mas não se acostumem”. Dirigia um carro desconhecido, uma coisa bordô de cinco lugares, com um grande amassado na porta do motorista. Lufadas dispersas de neve provavelmente acabariam com ele. Becky estava no banco do carona. É claro que eu sabia que ela estaria lá – “só temos uma semana de folga, afinal de contas” – mas vê-la ainda retorcia minhas entranhas.

Todos nós nos encontramos no caminho, e nos cumprimentamos de um jeito esquisito, mamãe e papai primeiro, num daqueles abraços falsos, onde os peitos ficam longe o bastante para conter no meio um casal que realmente se abraça, enquanto Becky me dava um tapinha falsamente afetivo na cabeça. Depois, ela e mamãe se ignoraram, enquanto papai, em vez de fazer sua investida superchamosa, girando comigo no ar, e geralmente fingindo que me ver era a melhor coisa que ele poderia imaginar, comportou-se timidamente, abatido, dizendo que eu estava uma graça, e meio que passou um braço à minha volta, puxando-me para ele. Mamãe disse que esperaria no carro, enquanto comêssemos.

– Tem certeza? – perguntou Becky, toda puxa-saco.

– Tenho – respondeu mamãe, já a meio caminho para o carro.

– Você abusou um pouco da maquiagem, não foi? – observou papai, e minha temperatura corporal subiu uns quarenta graus.

Dentro do Culver’s tinha uma luminosidade de hospital e cheiro de óleo de fritura e limpa-vidro Windex, o tipo padrão de lanchonete com um cardápio absolutamente idêntico ao do Dairy Queen. – Bem-vindos ao Culver’s! – berrou uma menina animada, obesa, atrás do caixa, com um uniforme branco horroroso de enfermeira, respingado de ketchup e gordura. Fui direto para o banheiro, e passei alguns minutos esfregando o rosto com um papel-toalha dobrado. O restaurante só tinha mais uma mesa ocupada, com uma mulher negra e dois meninos pequenos. Um deles tinha enfiado uma batata frita no espaço entre os dois dentes da frente, e sacudia a cabeça feito louco para o outro, que o ignorava.

Ali estava papai, finalmente. Papai, ocupando um espaço excessivo, distribuindo cardápios viscosos, espanando migalhas da mesa. Papai. Estava em melhor forma, ou coisa assim; os músculos dos seus braços tinham aquela contração de excesso de exercícios que faz com que os homens mais velhos pareçam cansados e um pouco patéticos. Batucava a ponta dos dedos no tampo da mesa, enquanto percorria suas opções. O nariz estava queimado de sol, e ele ficava tirando o cabelo, agora

comprido, da testa. Becky sentou-se tão perto que estava quase no seu colo, e enquanto papai analisava o cardápio, ela olhava seu celular aberto, digitando nele com as unhas metálicas dos polegares.

– Eu poderia trucidar um hambúrguer – papai disse. Eu nunca tinha visto aquelas rugas no seu rosto. – E vocês, queridas? Estão com fome?

– Claro – respondi. Estava louca para fazer qualquer coisa que pudesse terminar com aquilo mais rápido, e com menos acidentes.

– Iscas de frango para mim – disse Becky, sem tirar os olhos do celular. – Sem fritas.

– E um molho barbecue extra – disse papai para ela, numa voz de bebê insana, engolindo os “Rs”. Ele se levantou para fazer nossos pedidos.

– Vou com você – eu disse.

– Não, fique, fique. Vocês duas podem pôr em dia a conversa de mulheres. – Levei um segundo para perceber que o que ele estava fazendo com os dedos era desenhar aspas no ar.

– Tudo bem – eu disse. – Está bom.

Becky continuou com suas mensagens de texto. Parecia mais comum do que eu me lembrava, e isso tornou ainda mais triste o fato de meu pai ter largado mamãe que era – objetivamente, pensei – um milhão de vezes mais atraente. Assim que Becky percebeu que meu pai estava voltando com a comida, ela pousou o celular na mesa, com o visor para baixo, e me deu um sorriso desajeitado.

– O que eu perdi?

– Não seria conversa de mulheres se eu lhe contasse. – Dei um sorriso hermético.

Becky pegou o celular com uma das mãos e usou a outra para levar a isca de frango à boca.

– Então – papai disse, depois de termos comido tudo menos um pedaço de pão do hambúrguer em silêncio. – Você vai me contar o que anda acontecendo na escola ou vou ter que arrancar isso de você?

– Papai – eu disse, bancando uma menina que eu já não era. – Estou bem! Está tudo bem! No começo, eu não queria ir, mas agora estou bem, arrumei alguns amigos, foi só uma coisa, entende? Até gosto de lá.

– Eu disse pra sua mãe que não era nada – ele disse.

– Não foi nada – concordei. *Odeio você odeio você odeio você*. Inclinei a cabeça para que meu cabelo escondesse melhor o meu rosto.

– Você sempre foi exageradamente boa em qualquer lugar, eu achava. Um pouco de rebeldia é saudável para uma criança. Quando eu tinha a sua idade, era um verdadeiro pé no saco – ele disse. – E, ei! Acabei dando certo. Nunca vou ser o presidente dos Estados Unidos, mas estou bem.

Ele me contou sobre a vez em que jogou uma bombinha num bueiro na rua Calyer, e inundou um quarteirão inteiro; e quando bebeu água do recipiente de um narguilé e passou uma semana “zoadó”; e que roubou a lancha do vovô e saiu com ela pela baía por oitenta quilômetros para visitar alguma menina, no norte do estado, cujo nome já não se lembrava.

Becky não parava de tocar nele, beliscando a parte de trás do seu pescoço, correndo a mão pelo seu braço, pousando a testa no seu ombro. Ele mal olhava para ela. A certa altura, afastou sua mão como se fosse uma vespa. Pode ser que ele não nos quisesse de volta, mas era evidente que não estava apaixonado por ela, por essa Becky idiota. Do jeito como parecia entediada, ela também tinha consciência disso.

Depois de se despedir de mim com um abraço, papai pressionou uma nota dobrada na minha mão. – Não conte pra sua mãe – ele disse, fazendo um sinal de parafuso solto perto da cabeça, e me olhando como “está me entendendo?” – E Cath? O que quer que esteja fazendo com os cigarros, largue isso. Dá pra sentir o cheiro no seu cabelo.

Enquanto eu os olhava se afastarem, a mulher de dentro do restaurante caminhava pela calçada, um celular atrelado ao ouvido. Levantou a mão e me deu um sorriso surpreso. Sorri de volta e desdobrei a nota amassada, cinquenta dólares.

A próxima vez que o vi, eu tinha dezessete anos e estava a um dia de trocar Michigan por Nova York, para um futuro que seria definido, em parte, pelo seu próprio fracasso. Àquela altura era tarde demais. Eu nunca o perdoaria pela maneira como tinha me enganado.

o o o

Mamãe riu com a caixa, enquanto pagava a nossa gasolina. Um homem segurou a porta para ela sair. Ela puxou o casaco junto ao corpo, como que para protegê-lo dele. Observei-o vendo-a passar. Ele a olhou por trás por um bom tempo, a adrenalina começando a bombear dentro de mim, sinalizando perigo. Imaginei o quanto a vida seria melhor para mim e para todos que eu amava se não houvesse homens no mundo com exceção de Jimmy. Mamãe entrou no carro trazendo o frio

com ela e o interesse do homem ao lado da caçamba, ainda de olhar fixo nela, agora em nós, enquanto fumava um cigarro. Antes de virar a chave na ignição, mamãe abriu uma barra de Hershey e deu uma mordida, me passando o resto. Não tínhamos conversado sobre o encontro com papai, exceto quando ela me perguntou se ele tinha agendado um novo encontro. Não tinha. O chocolate era tão doce que ardeu na minha língua.

– O que você acabou comendo naquela noite – perguntei, enquanto ela saía do estacionamento, ainda podia sentir os olhos do homem, mesmo já não o vendo – depois que ele saiu?

– Pergunta estranha. Comi um Rice-A-Roni. Carboidrato direto da caixa. Me lembro disso porque fiz uma coisa de grávida maluca, quebrei um ovo cru em cima dele e misturei tudo junto.

– Que nojo – eu disse, mas nós duas sabíamos que eu não estava falando sério.

Estávamos passando pela escola Kewaunee, a apenas vinte e cinco minutos de Silver Lake, quando voltei a falar. O céu tinha endurecido e se tornado cinza-chumbo, uma cor que, se você batesse nela, teria um som metálico. Logo ia chover, ou talvez nevar. Olhei pela janela para a paisagem que sempre me atrairia, que me chamaria de volta durante anos depois de eu ter partido, e pressionei a testa contra o vidro até poder sentir o frio penetrando no meu cérebro.

– Se você soube tão no começo que ele era tão ruim, por que ficou com ele, afinal?

– Ele era sedutor – ela disse, depois de um tempo.

– É isso? Ele era sedutor?

Eu detestava o que a frase “ele era sedutor” sugeria: uma armadilha numa pizzaria cheia de ratos, lama cinza na rua, um futon com cheiro de pelo de cachorro e pipoca velha. Eu detestava ser fruto *disso*.

– Ele me fazia rir. Tive meu primeiro orgasmo com ele.

– Ah, meu Deus, limites, por favor.

– Se eu for lhe ensinar alguma coisa, que seja não se deixar cegar por um bom sexo.

– Anotado.

– Por falar em sexo...

– Sim, não, pare.

– Só que, se você estiver fazendo, pode me contar.

- Não estou.
- Tudo bem, bom, se fizer.
- Não vou.
- Você nunca na vida vai fazer sexo? Tudo bem, querida. Que seja.

Eu só queria ir para casa, onde os meus amigos estavam, onde Marlena me esperava. Ela estava sendo muito legal desde aquela noite no celeiro! Isso me ajudou a dissipar todas as minhas dúvidas de que ela quisesse de verdade me ter por perto. Eu estava na fase perigosa da minha vida e não sabia disso. Enquanto mamãe enchia o tanque, Marlena me mandou outra mensagem: “Venha logo!!!”

o o o

Como posso descrever o horroroso prazer de “não ser boa”? Mesmo aos quinze anos eu não era tão idiota a ponto de glamurizar o mundo de Marlena, a pobreza, as drogas que eram o tecido de tudo, mas mesmo assim eu me sentia atraída por aquilo. Sempre quis mais, mais, mais; o que eu tinha, nunca era bom o bastante. Em vez de escola pública, eu tinha que ter a Concord, com seus pátios, um rodaminho de folhas secas, minhas iniciais bordadas na gola, os livros cheios de mundos inteiros de uma linguagem que estava desesperada para entender. E, no entanto, com que facilidade eu tinha substituído meu desejo por aquele lugar pela minha vontade de pertencer a Silver Lake.

Talvez fosse por isso que eu tinha tanto medo da terrível energia, do enraizamento pessoal que me possuía naquelas noites insones, quando escorregava a mão pelo estômago, por baixo do elástico da calça, e descobria uma necessidade que era completamente minha. Com ela, veio a consciência de que se eu me rendesse à sensação de beira do abismo, eu estaria transformada, pertenceria a mim mesma de alguma maneira nova. Todas as vezes, eu parava cedo demais.

o o o

Marlena veio assim que viu nosso carro estacionando na entrada. Naquela noite, ainda faltavam seis meses para novembro e eu estava cega para o que poria fim à nossa amizade, a nós duas. Eu nem mesmo sabia que existia o rio Bear até eles acharem Marlena ali.

Mamãe fez ensopado de atum. Eu me lembro porque Marlena pediu que ela não

pusse ervilhas. Também me lembro de que não conseguimos ficar altas. Dessa vez, mamãe estava perigosamente perto de ficar sem vinho, e a investigação de Marlena no quarto de Jimmy resultou em não mais do que alguns fiapos de fumo, a maioria recolhida no peitoril da sua janela. O que nós realmente queríamos era Ecstasy, ou Marlena queria, mas isso era quase impossível de conseguir, e a única pessoa que respondeu sua mensagem estava cobrando vinte dólares por um comprimido. Passamos tantas noites tentando arrumar maneiras de ficar surtadas, e agora me pergunto para quem estávamos fazendo isso. Marlena quase sempre tinha seu Oxi, e eu me interessava menos por drogas do que pela natureza embutida do “nós contra eles”, pela vontade de ganhar vantagem numa pontuação. Naquela noite em particular, desistimos mais rápido do que o normal.

Em vez disso, conversamos, como em tantas outras noites, lado a lado no meu colchão, no escuro, a colcha puxada até os nossos queixos, meu pai em algum lugar perto da fronteira do Canadá, o dela no vagão por perto, nenhum dos dois pensando em nós. Quis acreditar que o jeito como Marlena estava naquela noite não tinha nada a ver com comprimidos. Sua voz baixa e monocórdica, como a superfície de uma poça, quebrava enquanto falava, de modo que eu não sabia como responder às coisas que ela dizia. Tipo que a sua vida parecia uma sentença, que vinha se precipitando sobre ela desde que ela começou a falar, e que na verdade não era bem uma vida. Nada a não ser sua voz no meu quarto escuro, a ponta do meu nariz fria como gelo, nossos pés frios e úmidos presos nos lençóis, um farfalhar uma vez ou outra, quando ela se virava de lado, quando arrumava o travesseiro, luz de estrelas brilhando como sempre, porque nunca tive cortinas de verdade.

Marlena, treze anos, Bolt beijando-a pela primeira vez atrás da casa dela, os pais em lugar não sabido, o que ela mais se lembrava era de deixar o maxilar ficar frouxo, a língua dele como um dedo na sua boca. Alguns meses depois, ela beijou Ryder, só para ver qual seria a sensação de ser aquela cuja língua fazia o movimento. A primeira vez em que tomou Oxi a fez pensar em balões de ar quente, não em viajar em um, mas em *ser* um. Como costumava levar Sal até o vagão quando precisava de alguma coisa do pai, normalmente dinheiro, antes de ter idade suficiente para saber que, apenas respirar quaisquer que fossem os vapores que emanavam das janelas trincadas da porta da frente mantida aberta poderia ser o bastante para arruinar seus pulmões para sempre. Pensava na mãe sempre que via minhocas secando na calçada depois de uma tempestade, pontos de interrogação grudados no concreto. A mãe de

Marlena costumava abrir todas as janelas quando chovia; o pai de Marlena chamava-a de bruxa, e ainda que aos catorze Marlena fosse muito crescida para acreditar em algo tão estúpido, por muito tempo pensou que a mãe tinha lançado uma maldição sobre eles ao ir embora. E se tivesse feito isso, qual seria? Que parte da sua vida estava amaldiçoada? Às vezes, Sal ficava tão bravo, provocado pelas menores coisas, que Marlena achava que ele poderia provocar uma convulsão em si mesmo. Nas tardes de verão, sua mãe costumava levar todos de carro até o Dairy Queen, até a praia. Sal sempre estragava o passeio, derrubando seu sorvete de propósito, sabotando o dia antes que alguém o fizesse. Se Marlena tomasse exatamente a mesma quantidade de Oxi, e começasse a beber exatamente no mesmo ponto na curva do seu surto, ela poderia ser um balão de ar quente por muito, muito tempo; pensando bem, eu mesma não achava que ela merecia despedir-se de si mesma, às vezes? Marlena, na parte de trás do caminhão de Bolt, no verão antes de eu me mudar para o norte, a primeira vez que fez sexo oral com ele. Seu pênis tinha um gosto forte, ela disse, como massinha. Ele tem exatamente a mesma idade do meu pai. Eles estavam no mesmo time de basquete, dois meninos de Silver Lake. Se ela pudesse ter qualquer coisa, um desejo, seria dinheiro. Era isso. Só montes e montes de dinheiro, como naquele livro infantil onde a mulher faz o macarrão – ela se lembrava disso do quarto ano quando eles leram a história em voz alta para a classe, ela ficou tão motivada que fez sua própria versão – dinheiro vomitando dinheiro vomitando dinheiro e todos riram.

Eu não fazia nada. Estava fascinada, mas não realmente assustada, como se estivesse ouvindo uma história que não acreditava que fosse mesmo verdadeira. É claro que eu já sabia que a relação entre eles era um acordo de troca de favores por comprimidos, favores em troca de comida, cigarros, caronas, provavelmente até dinheiro. Eu tinha esperado todo aquele tempo para ela me contar, falar só a verdade, ponto, e de certa maneira me sentia agradecida. Olhei para Marlena, ela era valente e linda, e nem uma vez pensei que não estivesse no controle. Estava além de mim em inúmeros aspectos; como eu era imbecil de me sentir tão próxima, quando conversávamos, a ponto de imaginar que nossos contornos se confundiam!

o o o

Naquela noite, depois de termos inventado um mundo com novas margens, claro e melódico, o amanhecer pressionado contra a janela do meu quarto como se

estivesse com ciúmes, adormecemos vestidas com nossas roupas, em cima das cobertas. Acordei por volta das dez horas e ela já tinha ido embora, a coberta amarfanhada onde seu corpo estivera, mas fria.

Peguei o celular na mesa de cabeceira e escrevi: “Pra onde você foi? Está tudo bem?” Tive uma pontada de preocupação de que algo tivesse acontecido no vizinho, de que seu pai tivesse vindo para casa e surtado por ela não estar lá. Virei na cama e afundei a cabeça no travesseiro, meus olhos grudentos de sono, ainda cansada. Alguns minutos depois, ela abriu a porta do quarto e me empurrou para o seu lado na cama, os dedos esqueléticos fortes e irritantes. Mudei-me com relutância.

– Eu estava no banheiro – ela disse.

Não estava, e ela sabia que eu sabia disso.

Nova York

UM BRINDE POR AINDA SER UMA MENINA. Um brinde pela maneira como, a cada dia, tínhamos menos tempo restante. Um brinde a só passar por cada idade uma vez. Um brinde ao cabelo dela à luz do sol, na neve, no estacionamento do Walmart nos minutos entre o pôr do sol e o escuro, logo depois do acender das luzes, seu cabelo no subsolo, abaixo da superfície do lago, quando você abre os olhos e o cabelo se espalha entre vocês, de modo que quase não dá para vê-la sorrindo, bolhas escapando da sua boca. Um brinde ao pó. Um brinde a um rosto num vidro de trás, à maneira como o cheiro da sala muda quando ele entra, à pressa na voz dela quando sussurra: “Não estou com medo.” Um brinde aos preservativos. Um brinde aos aniversários, a dizer eu amo você, a dizer não. Um brinde a fazê-lo por dinheiro. Um brinde aos apelidos, um brinde ao gotejar amargo no fundo da sua garganta. Um brinde ao fechar dos olhos quando você engole. Um brinde a um sim que você não quer. Um brinde a conhecê-la há menos de um ano. Um brinde a perguntas sem respostas, a levantar a mão, a perguntar mesmo assim. Um brinde a “Foi apenas um verão”. Um brinde a um corte na parte superior do seu braço, ao saber de como o sangue não tem nada a ver com a maneira como uma coisa dói. Um brinde ao segurar da faca. Um brinde ao sal. Um brinde a jamais esquecer, e um brinde, ainda, à mentira que você diz quando fala que não vai. Um brinde ao lugar onde *vai parar* o que é esquecido.

Erga seu copo. Brinde à tentativa, como esta, de trazê-la de volta.

Michigan

NAS SEMANAS SEGUINTEs, desviei-me do meu caminho para evitar o pai de Marlena. Quando o via entrando e saindo do seu caminhão, deslanchando na sua motoneve pelos campos atrás das nossas casas, era tomada por uma mortificação desnorteante, tão profunda e camuflada que me tornava temporariamente invisível. Às vezes, do nada, sentia a ponta dos seus dedos queimando a minha espinha, abrindo o meu sutiã, a ponta acesa de um cigarro que subia mais e mais. E então as perguntas: *E se eu tivesse ficado? O que fiz de errado? O que significa o fato de eu querer que ele me ache bonita?* Eu mal podia suportar olhar para o celeiro, para qualquer coisa que eu associasse ao seu pai. Marlena era boa em arquivar coisas difíceis, o que podia ser enlouquecedor. Quando eu tentava aludir à sua mãe, ou ao que ela tinha me contado sobre Bolt naquela noite no meu quarto, às vezes ela simplesmente se recusava a responder logo de cara, mas nesse caso eu me sentia grata. Agora, quando nos encontrávamos em Silver Lake, era na minha casa ou fora, às vezes no trepa-trepa. Sal vinha muito mais vezes, também, e uma vez chegou a passar a noite debaixo de um forte gigante que fizemos com lençóis na sala.

Na escola, eu passava a maior parte do tempo de ressaca. Lia romances que escondia em livros escolares, e me concentrava intensamente em fazer caricaturas e escrever histórias de dez frases que faziam Marlena rir. De algum modo, terminei o semestre com quatro As e dois Cs-, um em álgebra II, é claro, apesar das ressuscitações de Marlena na lição de casa, e o outro em botânica e ecologia do solo, que tinha sido arrematada com um final horroroso. Ao lado das minhas notas, em maiúsculas vermelhas, o sr. Ratner tinha escrito: “UMA DECEPÇÃO REALMENTE INACREDITÁVEL.” Eu me perguntava se ele sabia. Passadas algumas semanas depois do incidente, ele tinha voltado ao normal. Logo sua esposa estaria grávida do segundo filho.

Ajudou o fato de muitas das minhas matérias serem um eco de coisas que eu já tinha aprendido na Concord. Devo ter estudado um pouco. Posso me lembrar de estudar com Marlena no chão da minha sala de visitas, preenchendo folhas de exercícios, esse tipo de coisa, mas não muito mais. Do que eu me lembro em vez

disso? Dos olhos de Courtney me arranhando durante o coro ou a aula de inglês porque – e me lembro muito bem disso – alguém tinha começado uma fofoca de que Micah e eu estávamos transando, o que fez de mim o alvo de um monte de atenção indesejada de meninos que me chamavam de Kitty-Cat nos bilhetes sujos que enfiavam na grade do meu armário. Eu me lembro de fumar cigarros, cascatas de cigarros, dez cigarros a cada canto razoavelmente isolado do campus, duzentos cigarros no banheiro quebrado, quinhentos cigarros na oficina de casinhas de cachorro, até que o tempo esquentou o bastante para tornar o local perigoso. Lembro-me da manhã, olhando no espelho do banheiro, um dos meus olhos circundado de preto, o outro limpo, em que percebi que o delineador tinha se tornado tão essencial para mim quanto as roupas íntimas.

E me lembro de Ryder, apenas alguns dias antes do final do ano escolar, descendo às pressas os degraus da frente. Mamãe estava me deixando na escola com algum atraso, porque eu tinha perdido o ônibus. Foi suspeito porque ele parecia tentar parecer casual, como se não fosse esquisito que ele, um menino de dezessete anos que tinha largado os estudos, estivesse deixando a escola às onze da manhã num dia ensolarado de junho.

Conforme os dias foram passando, a pessoa que eu tentava desesperadamente ser e a pessoa que outras pessoas acreditavam que eu fosse estavam se movendo lentamente uma em direção à outra, e esta foi a origem da minha absorvente felicidade, uma alegria tão completa que eu andava numa espécie de torpor, perdendo a maior parte do que acontecia à minha volta: o aumento das ausências de mamãe à noite, o mistério de Jimmy, que encontrei nos corredores escuros da nossa casa como um fantasma inconveniente, uma pessoa que eu meio que conhecia, cujo rosto ecoava o meu de maneira perturbadora. Alguma coisa estava acontecendo entre ele e Marlena, mas me convenci de que não havia prova suficiente para confirmar isso. Lembro-me de uma colagem de noites em que eu passava enrodilhada no banco do carona de qualquer carro que pudéssemos conseguir, Marlena dirigindo, o rádio tão alto que eu sentia o baixo no meu peito, o céu vasto e escuro, e estávamos correndo em direção à borda, prestes a nos atirar no esquecimento. Lembro-me de estar feliz, e completamente *presente*. Nunca mais me senti tão impulsivamente viva.

Marlena e eu estávamos andando pela mata a apenas alguns metros do vagão, e quando ela comentou como Ryder estava agindo de um jeito esquisito, como ela queria animá-lo, lembrei-me das chaves, as chaves para o castelo perfeito que minha mãe limpava, enfiadas no vaso pendurado perto da porta, as chaves para a casa que eu sabia que estaria vazia até a chegada dos Hodsons, algumas semanas mais tarde do que o normal porque sua filha iria se casar, um grande casamento realizado em Maiorca.

– Ah, Maiorca – Marlena disse. – Prefiro muito mais Mônaco no verão, mas me esforço para não julgar as escolhas alheias.

– Você sabe como é a pequena burguesia, querida, sempre procurando o que há de mais moderno.

– Dinheiro novo! – Marlena gritou, depois caiu numa risada histérica.

– Não, falando sério – eu disse. – Pense nisto. Uma casa grande, totalmente vazia, um bar estocado até a boca, que é como um verdadeiro restaurante. E eu tenho as chaves. Ou, tudo bem, ter eu não tenho, mas sei como conseguir elas.

– Ah, meu Deus! Quando foi que você virou essa criminoso? – Corei e fiz uma reverência, o sol tremeluzindo entre as folhas, salpicando meus ombros nus de calor. Tínhamos andado sem mangas desde o começo de maio. – É por influência minha? Eu meio que quero ganhar um crédito por isso.

Decidimos que a festa aconteceria na primeira quinta-feira de junho, nosso último dia de aula. Os Hodsons tinham um padrão migratório idêntico à maioria dos turistas do sul de Michigan, os *fudgies*. Eles vinham para o norte do estado por umas duas semanas, na época do Natal, e depois novamente, no recesso da primavera. Depois disso, sumiam até o verão. Assim que o relógio batia as doze badaladas no Dia do Trabalho, Kewaunee e Coral Springs voltavam para seus moradores locais. Minha mãe mantinha o cronograma dos Hodsons em nosso calendário, as datas de suas vindas e idas anotadas nos quadrados num prateado brilhante, cor que ela deve ter escolhido, conscientemente ou não, porque simbolizava o quanto eles eram valiosos. Nossas atividades eram escritas com uma velha hidrográfica comum. Os Hodsons não voltariam até meados do mês, o que deixava mais do que tempo suficiente para nos safarmos com a festa.

Em abril, Marlena tinha ajudado minha mãe e eu a limpar a casa dos Hodsons depois da sua festa da primavera para levantamento de fundos para o CancerCare. Tiramos festões dos corrimões, jogamos crostas de queijo e guardanapos caros, de

tecido, manchados com batom e vinho tinto, em latas de lixo que levávamos de quarto em quarto. Marlena sentiu um enorme respeito pela velha casa, pelas traves no teto, pelas esculturas de nus obesos, e pelo quintal dos fundos que se transformava numa praia privativa quando chegava à água. Tomei cuidado para não deixá-la sozinha por muito tempo, e me permiti me separar dela apenas uma vez, quando precisei ir ao banheiro. Depois, custei a encontrá-la. Subi até o terceiro andar, e lá estava ela, de pernas cruzadas sobre o carpete, em frente a um quadro de uma casa com telhado de sapé, vagando num mar de flores.

– Não é lindo? – ela disse. – É lá que eu quero morar.

Eu não achava que era lindo, e deduzi que os Hodsons também não achassem, caso contrário, por que esconderiam aquilo lá em cima?

– Lá? – perguntei. – Eu queria morar *aqui*.

– É – ela disse. – Mas, lá, ninguém poderia achá-la.

A verdade é que fiquei o dia todo atrás dela, porque pensei que ela poderia roubar. Ela realmente checou dentro de todos os armários de remédio e gavetas de mesas de cabeceira. Mas o fato de você ter mentido e roubado não significa que você seja uma mentirosa e uma ladra, e Marlena não era realmente uma ladra. Talvez por tédio ou necessidade, mas não em espírito. Até vê-la tocando os suéteres de caxemira da sra. Hodson com interesse, e não com a amargura que senti ao ver aquele guarda-roupa ridículo, não tinha pensado o quanto ela era diferente de mim em relação ao fato de ser pobre. A única razão de eu não roubar das casas que mamãe limpava, dos muito, muito ricos, era por ter medo de ser pega. Marlena não roubava porque não via motivo. Não se pode roubar toda uma nova vida.

o o o

Ela tinha dito “eu”. Não “nós”.

o o o

Novou no último dia de aula, lufadas espasmódicas que vinham e iam com o arrastar do dia. A sra. Tenley manteve as portas principais abertas mesmo assim, como que por uma tradição anual, e o ar lá dentro parecia cheio de facas. “Neve em junho, dá pra acreditar?”, todo mundo dizia, sentindo-se perplexo e um pouco assustado. Alguns dos professores mais velhos ficaram às janelas de suas classes,

assentindo: “Isto não é tão raro”, diziam. Já tinham visto isso antes. Os flocos de neve sumiam assim que batiam nos corredores azulejados, e entre as pancadas, o sol gotejava uma gema muda, inútil. Sabíamos reconhecer um presságio, mesmo quando não sabíamos o que significava, além do óbvio, isto é, que o tempo era mais uma prova da nossa sorte de merda.

– Neste ano é mesmo verdade, eu sei disso – Marlena disse. Estávamos fumando, como de costume; desta vez, num bosque perto das quadras de tênis. – O verão nunca vai voltar. Ele abandonou a gente.

– Vá se foder, verão! – Greg gritou para o alto das árvores. Um punhado de passarinhos dispersou-se no céu confuso. – Não precisamos mesmo de você.

– Eles nem parecem flocos de neve – Tidbit disse. Estendeu a palma da mão e alguns evaporaram no contato com a sua pele. – Parecem mais cinzas.

Voltamos para a escola de braço dado. Estávamos todos apaixonados uns pelos outros por causa da festa que faríamos. Nunca tinha sentido grande coisa pelo fim de ano letivo. O que me esperava? Ir até o shopping com Haesung. Principalmente ler, era assim que eu me virava com o tempo, a última página de um livro abrindo para a primeira página do próximo, de modo que eu vivia numa espécie de superlivro emendado, ao lado de Anne Shirley, Hermione, Bunny e Heathcliff.

Mas neste verão não. Eu não tinha voltado nem uma vez à biblioteca.

Ryder pegaria nós quatro depois da escola. Sua paranoia tinha aumentado, e nas últimas semanas Marlena se esforçara para convencê-lo a vir. Precisávamos de Ryder. Precisávamos do seu carro e do seu suprimento aparentemente inesgotável de cigarros, e acho que Marlena precisava dele para os seus comprimidos. Ele não queria ser visto próximo à escola, então iríamos encontrá-lo no posto BP, a oitocentos metros. Ele mandou que fôssemos pelo caminho mais comprido, saindo pelos fundos da escola, em vez de irmos em linha reta, pela rua principal que saía da cidade.

– Não posso ser visto com nenhum de vocês – tinha dito. – Enfiaram isso na cabeça?

– Sim, sim – Marlena disse. – Tem alguém seguindo você, já entendemos.

A primeira parada de Ryder seria na minha casa e na de Marlena, para que Marlena, Tidbit e eu pudéssemos dar uma olhada em Sal, dar comida para ele, enfiá-lo na cama, colocar nossas roupas de noite, e buscar Jimmy e seu carro. Segundo Marlena, era absolutamente necessário termos dois carros, para o caso de

acontecer alguma coisa e precisarmos dar o fora rapidamente.

– É mesmo? – perguntei, dando margem para uma confissão. – É *mesmo* por isso que a gente precisa de dois carros?

– É – ela disse, me olhando como *Qual é?*

Eu meio que achava que Jimmy iria nos dedurar, ou nos impedir de ir no minuto em que estivéssemos saindo, mas quando o infernizei quanto a isso: “Você não vai mesmo estragar tudo”, escrevi, ele escreveu de volta “Se você vai fazer isto, vai fazer isto. Alguém que não seja um idiota precisa estar presente”.

Tínhamos ensaiado o plano umas mil vezes. Cada um tinha sua parte preferida: Tidbit estava obcecada com a parada na minha casa e na de Marlena, porque tinha uma triste ideia de que, se usasse o minúsculo vestido preto Charlotte Russe, que não coubera em mim desde o oitavo ano, finalmente pareceria tão macérrima quanto precisava desesperadamente ser; Marlena estava com a ideia fixa de conseguirmos o potencial carro de fuga de Jimmy; Greg tinha desenhado um mapinha da rota até a casa e a rota de volta (por algum motivo, elas precisavam ser diferentes), e eu queria ter certeza de que não ficaríamos sem cigarros. Tinha levado só alguns meses para adquirir um hábito diário de meio maço. Ryder estava responsável pela cerveja, fácil para ele, já que tudo que precisava fazer era dar algum dinheiro à mãe mais o nosso pedido, e ela o pegaria na loja. Sentia-me orgulhosa da animação deles. Já os tinha visto fazer uma milhão de coisas mais perigosas, mas, isto, desde a invasão até a grandiosidade da casa, isto era um passo à frente, e tinha sido oferecido por mim, minha primeira contribuição real.

O dia todo na escola, passamos as aulas trocando olhares e mandando bilhetes. No coro, Tidbit e eu mudamos de posição, ela cantando a parte aguda, a voz forçada, eu fora do tom, levando Courtney à loucura quando juntava minha voz à dela durante o coro de “Sigh No More, Ladies”. Em álgebra, assistimos à segunda metade de um filme sobre um prodígio matemático. Dois minutos antes de o sinal tocar, Micah deixou um bilhete na minha carteira, como eu sabia que faria. “Até o ano que vem, Kitty-Cat”, dizia. Um gato cavalgava as costas de um foguete espacial no formato de um pênis, o corpo colorido à caneta. Em francês, Marlena e eu fizemos uma preleção elaborada sobre nossos planos para o verão de abrir uma loja temporária de raspadinhas na praia, nosso primeiro passo para repaginar a raspadinha como uma comida de luxo. Quando terminamos, Érica e Cassie bateram palmas, e a sra. Lupin exclamou: – *Bravo, deux pois dans une cosse!* [2]

Durante a aula de inglês avançado, outro filme, desta vez *A Separate Peace*, o sr. Chung chamou-me no corredor para minha reunião de estudos. Eu gostava muito do sr. Chung. Gostava das perguntas que ele escrevia nas margens do meu trabalho, em sua letra cursiva espremida e híbrida, e gostava especialmente de ele me deixar ler o que eu quisesse da lista dada em aula, desde que escrevesse um ensaio a respeito, e o entregasse no prazo que eu estipulasse. Ele me perguntou o que eu planejava fazer no futuro, citando uma frase de um poema de Borges, que nos tinha feito decorar. Eu queria contar, honestamente, que, quando me deixava sonhar, imaginava o paraíso como uma sala cheia de livros, mas repentinamente senti vergonha. Antes de me levantar, ele deslizou na carteira o conto que eu tinha escrito para o nosso exercício de escrita criativa, tarefa final do ano. Era sobre um concurso de ingestão de cachorros-quentes, que ativou uma série de vômitos, e que se espalhou como vírus por todos os presentes numa feira local, exceto entre duas meninas, amigas íntimas, que documentaram a coisa toda. Eu tinha escrito aquilo em duas horas estimuladas por nicotina, depois de ler um conto de Stephen King com uma trama quase idêntica, mudando os personagens para colegas de escola, e o cenário para as feiras de Kewaunee. Depois de terminar um esboço, li-o em voz alta para Marlena, e ela riu tanto que ficava dizendo que era *ela* quem iria vomitar. Os comentários do sr. Chung estavam na última página, debaixo de um pequeno A+ em tinta vermelha: “Mas por que ESTA história?” “E se você tratasse de um assunto que realmente lhe interesse?” De volta à classe, enrolei as páginas no formato de um pequeno telescópio, e olhei por elas, primeiro para a TV, depois para fora da janela e para a neve.

Depois do inglês, Marlena jogou-se contra o armário ao lado do meu, como se tivesse percorrido uma distância longa e cansativa.

– Não faltei a nenhuma aula hoje.

Alguma coisa que realmente lhe interesse.

Que tal a maneira como a ouço o tempo todo dizendo-me que não cabulou naquele dia, sua voz tão perfeitamente viva como estava naquele momento, e todas as vezes que isso acontece, sinto medo de que ela já soubesse que aquele seria seu último dia, de fato, na escola. Eu devia ter perguntado por que ela parecia tão triste. Devia ter ouvido o que ela não estava dizendo. Acho que ela continuou falando, foi em frente sobre as suas aulas, alguma coisa a respeito de Courtney; seja o que for está perdido, sumiu para onde quer que o que é esquecido vai.

Interrompi para lhe mostrar a minha nota. Ela me olhou com ternura e também com um pouco de pena, da maneira que eu a tinha visto olhar para Sal, acrescentado de algo só meu e dela, um olhar que traçou um limite ao redor do espaço entre nós, e me deixou subitamente consciente de toda a história que não compartilhávamos. Mais anos como estranhas do que como amigas, mas eu mal podia me lembrar da minha vida antes.

– É óbvio, estúpida. Você e esse cérebro grande e maluco vão detonar.

– Você é tão inteligente quanto eu. Provavelmente mais. Só que não tenta.

– O que vou fazer? Zarpar pra faculdade e deixar o Sal se virando sozinho? Cinco anos e você nem vai se lembrar deste lugar. É por isso que a gente tem que dar valor pra este tempo deixando seu cérebro pirado bem bêbado.

– Isso é óbvio, *ma chérie*. – Igualei meu tom ao dela, mas me deu certa raiva o fato de ela não querer discutir quando eu disse que ela era mais inteligente do que eu.

– Para recompensá-la pelo seu grande esforço acadêmico, assim que o sol se puser vou fazer o martíni mais irado e você vai ter que beber ele num cálice.

– Como é que você se atreve a insinuar a possibilidade de eu *não* beber num cálice!

A escola toda estava ansiosa, do seletor time de corrida aos nerds da arte, do grupo da Courtney aos intermediários anônimos. Mas nós éramos diferentes. Brilhávamos. Último dia de aula, neve em junho, festa secreta na mansão, como se nós quatro tivéssemos injetado algo especial e poderoso em nossas veias.

o o o

Fui com Ryder e Greg no carro principal. Marlena e Tidbit foram com Jimmy, Marlena na frente, Tidbit atrás. Ryder recusou-se a deixar Silver Lake antes de ficar escuro, e nos levou num passeio de sólidos quarenta e cinco minutos por Kewaunee, andando em círculo e na direção errada, para depois voltar a Kewaunee e terminar em Coral Springs, onde a propriedade de verão dos Hodsons se estendia por um acre de excelência da costa do lago Michigan.

– Aquele é o mesmo carro? – Ryder disse cerca de cem vezes, os olhos pulando do espelho retrovisor para o espelho lateral, de volta para o retrovisor.

– O mesmo carro que o quê?

– A mesma porra de carro, Cat! Aquele que vem rondando desde que a gente saiu

da sua casa.

– Isto é pra lá de estúpido – Greg disse.

Mas não me importei. Amei estar fechada no envelope escuro da picape, soltando fumaça de cigarro pela janela entreaberta do lado do passageiro, ao lado de Ryder, onde ela normalmente se sentava. Aqueles minutos silenciosos continham toda a promessa da festa, toda a promessa da noite, e do restante das noites que nós todos passaríamos juntos. Enfiei a mão no bolso do casaco e tirei a última das minhas amêndoas roubadas, jogando-a, velha e sem gosto, dentro da boca. Ali, no carro com eles, separada de Marlena, eu fazia mais parte do grupo do que jamais fizera. E seria errado gostar de como eles me tratavam quando ela não estava por perto? Mexi no rádio, e Ryder aceitou a maneira como eu mudava cada música depois de um ou dois versos. Greg, que gostava de mim, embora ninguém percebesse isso, debruçou-se entre os bancos da frente. Eles me tratavam como a ela, como alguém adorável, frágil e precioso.

Em Coral Springs, a luz das janelas tremulava entre as árvores, pequenas fogueiras calorosas que surgiam e sumiam de vista. Os veranistas já estavam lá, gins-tônicas transpirando em suas mãos, enquanto eles brindavam em suas varandas com vista para o mar, ou tostavam *marshmallows* nos quintais. As crianças pegavam vagalumes em potes de vidro, e os mantinham nas mesas de cabeceira como minúsculos abajures temporários. Mamãe e eu éramos as que desatarraxavam as tampas e jogavam seus corpos desligados nos vasos sanitários. Tantas coisas de ricos que nunca tínhamos feito, ou nunca tínhamos feito no nível deles, com aquela beleza de catálogo. Nossos *marshmallows* enrugavam-se no espeto sobre o buraco onde queimávamos nosso lixo. Pegávamos vagalumes na mão por um instante, se tanto, antes que eles escapassem; às vezes, eram esmagados entre as palmas das mãos, para podermos espalhar suas entranhas iridescentes nas faces.

– Esta vizinhança – disse Ryder, sacudindo a cabeça, mas a excitação tinha se apossado do seu rosto. A beleza aqui era contagiante, bem-vinda. Nada a ver com a beleza em Silver Lake, selvagem e rude em face das casas portáteis e dos nossos carros amassados.

– Muita inveja? – perguntou Greg.

– Há cinquenta anos, provavelmente, quem morava aqui nem era rico – eu disse.

– Na verdade, isto é falso. Este lugar tem sido um enclave da alta roda metodista de Chicago por no mínimo cem anos, se não mais – disse Greg. – Com toda certeza

você tem que meio que doar seu primogênito para o partido republicano para construir aqui.

– Mas em uma época havia índios!

– Isto é verdade. – Greg puxou meu rabo de cavalo. – Em uma época havia índios.

Eram quase nove quando viramos na longa entrada dos Hodsons. A casa estava posicionada tão no fundo do seu pedaço de terra, que as luzes das casas próximas eram pontinhos de alfinete. Eu estava explodindo com uma coragem nunca vista, confiante, e quando estacionamos em frente à mansão escura, como um castelo avantajando-se sobre o lago faiscante, teria apostado qualquer coisa que estava fazendo a escolha certa, um milhão de dólares, meu futuro, até mais, ao alcançar o vaso pendurado e afastar as folhas caídas de hera, até que meus dedos deram com a ponta gelada da chave.

Virei-me, sorrindo, minha pele umedecendo-se ao redor do metal. Eles tinham permanecido nos carros, sem acreditar totalmente que eu iria tirá-la, que esta aventura era nossa. Lembro-me deles naquele momento como se estivessem olhando uma pintura, seus rostos manchados com o amarelo da luz do carro, seus traços maravilhosa e suavemente americanos, os cinco pares de olhos eram as cores mais escuras na moldura. Eu os amava loucamente, todos eles, até a porra do meu estúpido irmão mentiroso, que tinha ido até ali por estar preocupado comigo.

– Gostosura ou travessura! – gritei. A frase era de Marlena, mas naquele momento parecia minha.

– Sua *vaca*! – Marlena gritou, saltando para fora do carro do meu irmão, e então entramos todos em ação, tirando a cerveja de Jimmy do porta-malas, correndo para a porta que, assim que abri, arrotou o cheiro mofado de ninguém-em-casa, folhas secas e pétalas esmagadas na mão, e o limão químico do limpa-móveis caseiro da minha mãe.

Dentro, Greg e Ryder irromperam pela casa acendendo todas as luzes, subindo atropeladamente as escadas, chamando um ao outro como crianças, venha ver isto, dá pra acreditar? Encontrei-os lutando no quarto mais a oeste do terceiro andar, Ryder pressionando a cabeça de Greg no carpete e gritando para ele: – Cheire isto, cheire pra valer. – Ryder saiu de cima de Greg e desmoronou ao lado dele, seus peitos de meninos forçando suas camisetas.

– Malucos – eu disse.

Greg virou-se e se aproximou de mim de gatinhas, um rosnado estendendo-se em sua garganta. Atacou meus tornozelos, fazendo ceder minhas pernas, derrubando-me sobre suas costas, até que minha cabeça pendeu entre os seus joelhos e então eu também estava no chão. Foi isto que Marlena, Tidbit e Jimmy viram ao entrar, nós três estendidos de costas no carpete, morrendo de rir, contemplando a claridade do céu e nos maravilhando com as estrelas luxuosas que se podiam ver claramente lá de dentro.

Começamos a noite no porão, onde o bar dava para uma sala com sofás fofos de couro, uma mesa de bilhar, e uma TV que cobria uma parede inteira. Como a casa era construída na lateral de uma colina, portas francesas abriam-se para o quintal dos fundos. Deixei-as bem abertas para deixar entrar o ar, que, finalmente, bem depois do pôr do sol, tinha começado a dar a sensação de junho. A alguns passos em direção à praia, uma coisa que parecia uma chaminé antiga, feita de azulejos azuis, assentava-se no meio de um círculo de bancos de textura tão macia que eu não conseguia acreditar que fossem realmente de madeira.

Marlena quis brincar de *bartender*, e enfileirou as garrafas de nomes mais deslumbrantes em cima do bar: Hennessy, Bombay Sapphire, Limoncello. Destampou-as uma por uma e cheirou a boca, depois despejou um pouco de cada em copos de conhaque e provou, forçando Jimmy a experimentar este ou aquele. Ele era terno com ela, gentil, sempre por perto, sua atenção girando à sua volta.

Foi então que eu soube, com toda certeza, que a coisa entre eles era não apenas concreta, mas provavelmente tinha vindo para ficar, e na verdade estava acelerando-se bem na frente dos meus olhos, como um vídeo em *time-lapse* de uma muda transformando-se numa árvore crescida. *Não*, quis dizer, *não*. Sentei-me em um dos banquinhos do bar, ao lado do miserável Ryder, que sabia, também percebi, e vi meu irmão passar um copo limpo para minha melhor amiga, descer uma garrafa de Maker's Mark de um lugar alto demais para ela alcançar, rir na mais completa alegria que eu jamais vira, quando ela fez uma careta depois de experimentar Limoncello. Tudo estava prestes a mudar, eu seria deixada para trás, descartada pelos dois, segura-vela para sempre. Aquilo se aproximava há muito, desde o dia em que a conhecera; a coisa encaixou-se com uma torção de tristeza, as notas de abertura da minha primeira desilusão amorosa.

Marlena passou para cada um de nós um dos seus coquetéis improvisados. Estendeu a mão para Ryder, agitando os dedos, e ele jogou um comprimido na sua

mão. Seu humor agora era impenetrável. Deu um gole no seu drinque, e depois o cuspiu de volta no copo.

– Isto é a pior coisa que já provei.

Concordei.

– Eu gosto – Tidbit disse com lealdade, recostando a cabeça no ombro de Greg. Ryder agarrou uma garrafa de Grey Goose e despejou-a em um novo copo, até ele ficar quase cheio.

– Uau! – disse Greg. – Isto é seriamente irregular. Eu deveria registrar isto num vídeo. Sinto como as pessoas ficariam realmente impressionadas de ver alguém beber isto.

– São só doses, meu amigo – disse Ryder. – Só que todas de uma vez. – Tirou um cigarro do maço do seu bolso, e foi para o quintal nos fundos. Fui atrás. Eu também não queria olhar para eles. Lá fora, Ryder puxou um saco de carvão debaixo de um dos bancos, esvaziou-o na chaminé, e salpicou o monte de pedras com um pouco da vodka do seu copo. Acendeu um fósforo e o carvão rugiu, cegando-nos por um segundo antes da chaminé reduzi-lo a um foguinho normal.

– Está tentando matar a gente? – Jimmy perguntou, aparecendo à porta. – Esta é mesmo uma ótima ideia. Com certeza torna a coisa o mais visível possível, para que os vizinhos não deixem de ver.

– Relaxe, garotão. Tudo bem. Está tudo certo.

Ryder já estava a ponto de ficar muito bêbado. Eu podia ver o álcool atuando nele, amansando seu medo, sua ansiedade, sua paranoia, ou o que quer que fosse que o vinha deixando tão esquisito ultimamente. Ele era um bêbado errático, facilmente irritável, mas tinha seus momentos.

– Não repita isto – Jimmy disse, fechando as portas francesas na nossa cara.

– Seu irmão é um pentelho – Ryder disse.

– É.

– Dayton é a maneira mais rápida para chegar aqui, certo?

– É, por quê?

Ele mandou uma mensagem, depois olhou do celular para mim, o rosto reluzindo com as chamadas, a marca de nascença suave.

– Você não vai ficar puta?

– Depende.

– O Mapletree deixou de ser um lugar seguro. Estou com pouco dinheiro e tenho

cinco tiras de Ecstasy pra descarregar, e depois chega, estou fora. Não posso ficar com estes comprimidos. Me pareceu um lugar seguro. Vai levar dez minutos, nem isto.

– Nossa, Ryder, o que você está pensando?

O fato é que eu só estava fingindo. Reconheço que ele achava que eu ficaria, deveria ficar puta; não era difícil entrar numa espécie de indignação suave, assumir essa atitude por um tempinho. Para ele, fazia diferença a maneira como eu me sentia. Ele pararia de me dar esta pequena atenção condescendente, tão rara da parte dele, de qualquer menino, se eu admitisse que não me importava muito com sua transação estúpida. Eu tinha perdido a habilidade de avaliar escolhas, ações, ou qualquer tipo de escala moral. Se eu conseguia ir tão longe quanto já tinha ido, invadindo a casa dos Hodsons, cabulando semanas e semanas de aula, quase repetindo em ciências, roubando e vandalizando, ficando bêbada de cair, o que poderia ser ainda pior?

– Eu devia ter contado pra você. Você já teve aquela sensação tipo, você sabe que não é boa, não está fazendo as coisas certas, como se pudesse ver a si mesma fazendo merda, como se estivesse vendo num filme, mas, mesmo que *sinta aquilo acontecendo*, não tem nada que possa fazer pra parar?

– Sei o que você quer dizer.

– Às vezes eu faço uns troços, e enquanto estou fazendo, minha cabeça fica gritando pra mim *pare, não faça isso, pare, pare*.

– Mas você faz mesmo assim.

– É, a maior parte das vezes eu faço. Qual é o sentido, entende?

A última pergunta parecia ter sido incluída de uma maneira ultrassarcástica, como se ele tivesse percebido o que estava dizendo e tivesse que rebatê-lo com uma brincadeira, algo que não tivesse qualquer significado. *Você não precisa agir como se não se incomodasse*, quis dizer a ele. *Não comigo*.

– A que horas eles vão chegar?

Ryder bateu no seu celular.

– Provavelmente logo. Já saíram. – Ergueu o copo para mim. Restavam menos de dois dedos de vodca. – Saúde.

– Saúde – eu disse, e batemos os copos, esvaziando os dois.

o o o

Jimmy, Marlena, Greg e Tidbit estavam na praia quando o cliente de Ryder apareceu. Eu tinha ficado com ele na casa, alegando não estar me sentindo bem. Teria Marlena percebido o tempo que passei com Ryder? Sentiria ciúmes? “Vamos até a praia”, ela havia dito. “Eu amo a praia à noite.” Sua trança estava se desfazendo, a franja embaraçada e comprida demais. Ryder não estava com vontade de ir, olhou para mim ao dizer “Não quero ir”, e foi por isso que menti sobre o fato de não estar me sentindo bem. Jimmy, que deveria me proteger, não se incomodou quanto a me deixar para trás, sozinha na casa com um menino de quem eu percebia que ele não gostava muito. Jimmy não me via como uma *menina*, menina, assim como eu não tinha acreditado pra valer que ele fosse suficientemente especial para estar com Marlena. Mas, agora, a coisa faiscante entre eles dois ofuscava. Eles foram para a praia, Marlena montada nas costas do meu irmão, agarrando com uma das mãos uma garrafa de champanhe. Tidbit e Greg iam alguns passos atrás. Os dois tinham desaparecido em um quarto logo depois que chegamos; quando saíram, quinze minutos depois, Greg parecia ter esquecido sua atração por mim.

Ryder e eu jogamos uma partida de bilhar. Enfiei quatro bolas nas caçapas, uma depois da outra, e ele ficou tão surpreso que bateu seu taco num banquinho de bar. Um estalido macio, como papel rasgando. Ele ergueu o taco no ar, dividido um pouco acima do meio por uma tira de tinta. A gravidade lentamente separou as partes, até que a metade de cima caiu no carpete. O lado que terminava em um tufo de farpas de madeira apontava para mim. *Estamos fodidos*, pensei, com uma sensação de enjoo. Ryder ainda segurava a outra metade quebrada, quando a campainha tocou.

– Deve ser o Micah – ele disse. – Isto me faz parecer um verdadeiro traficante? – Golpeou o ar algumas vezes com o taco arrebatado.

Havia inúmeros tacos; talvez, se escondêssemos o quebrado, os Hodsons não percebessem. E, além disso, ele estava flertando comigo?

– Micah? Que Micah?

– Sei lá, *Micah*. Sardento como um gengibre, rico, da classe da Marlena.

– Está falando sério?

– O quê?

– Detesto ele. Se isto levar mais do que dez minutos, vou matar você.

– Eu não sabia que tinha algum problema entre vocês. Não me mantenho a par de todas as fofocas da escola.

- Ele meio que me assedia sexualmente.
- É gozado ouvir você dizer a palavra *sexualmente*. Fale de novo.

Sacudi a cabeça, corando contra a vontade, e saí da casa. Sentei-me em um dos bancos perto do braseiro, agradavelmente bêbada, meu estômago tranquilo. Todos no norte de Michigan tinham uma ligação: parentesco, dormiam entre si, compravam os mesmos tomates na mesma quitanda detonada. O Plenty of Fish cruzou Bolt com a minha mãe porque os dois eram adultos solteiros de certa idade, vivendo no mesmo descampado de vinte e cinco quilômetros. Tidbit era prima da melhor amiga de Courtney. Micah, Ryder e Greg jogavam no mesmo time de beisebol no segundo ano. Não queria que Micah me visse. Ser encontrada sozinha na casa com Ryder bêbado daria crédito ao rumor de que eu era uma puta. Courtney abriu as portas de correr.

– Cat – ela disse, saindo da casa e fechando as portas atrás dela. Acomodou-se no banco ao meu lado. Não fiquei surpresa. – Então, você está aqui fora, evitando a gente.

- É. Não sou chegada ao seu namorado. E mesmo assim, aqui está você.
- Eu queria fumar. Dá um tempo.
- O terreno é grande.
- Sem brincadeira. Este lugar é ótimo. Imagino que seja a sua casa? Sei que não é do Ryder.
- Agora que vendemos a cobertura em Chicago, deixamos de ser veranistas. Meu pai está se aposentando precocemente. Quer passar mais tempo com a família. – Risadas agudas ecoaram no ar, vindas da praia. Começaram com ela.
- Sabe o que eu não entendo? – Ela acendeu um Parliament, do tipo mais longo, e soprou a fumaça pelo nariz e pela boca.

- O quê?
- Como é que você chegou a conhecer esses meninos, afinal?
- O que você quer dizer? – Eu pretendia parecer irritada, mas a pergunta saiu como se estivesse sendo feita porque eu queria saber. Eu realmente queria. A verdade é que eu não conseguiria explicar aquilo. Olhando objetivamente para a minha vida, de uma perspectiva ampla, praticamente não fazia o menor sentido.
- Eles são encrenca – Courtney disse. – Marlina é foda, me dá medo. Conheço ela desde que a gente tinha cinco anos, e desde então ela sempre me deixou me borrando de medo. Ela era a menina que levava cigarros para o playground antes

que qualquer um soubesse o que era um cigarro. Parece que você não se encaixa.

Ali estava mais uma pessoa me dizendo quem ela pensava que eu era. Se eu não me encaixava com Marlena, Ryder e Greg, isso significava que eu deveria combinar com Courtney, Micah e o grupo deles, com camas de bronzear, jogos de futebol, surtos de Ecstasy, e como eles, com certeza, dividiria uma grande casa durante quatro anos quando todos fôssemos para a faculdade, acabando exatamente onde tínhamos começado, depreciando pessoas como Marlena, qualquer um que fosse diferente de nós, para todo o sempre, amém. Se Courtney tivesse sido minha vizinha de porta, talvez eu ainda estivesse onde estava agora, só que teria chegado lá no PT Cruiser de Micah. Mas ela mudaria de opinião no segundo em que descobrisse que aquela não era a minha casa, que poderia contratar a minha mãe para limpar sua privada por quinze dólares a hora.

– Marlena é minha melhor amiga – eu disse. – Além disso, isso é hipócrita. Você está fumando neste exato momento.

– Só estou dizendo, Cat – disse Courtney – que você é de fato normal. O que você chega a ter em comum com eles? Do que vocês conversam?

– O que isso quer dizer?

Ela abriu a boca, soltando um anel de fumaça grande e perfeito, e depois mandou um anel menor flutuando no meio dele. Contra a minha vontade, fiquei impressionada.

– Vá se foder – eu disse. Parte daquilo era para mim.

– Sinceramente pensei que a esta altura Ryder estaria morto – ela disse. – Ele é como um tremendo anúncio de riscos à saúde pública.

Ela atirou o cigarro no fogo. Ele caiu um pouco fora da chama, e se enrugou lentamente.

– Eu a convidaria para dar uma saída, mas agora você está contaminada.

– Aproveite suas drogas, craqueira – respondi, mostrando os dentes.

o o o

Depois disso, fica enevoado. Não me lembro da volta de todos eles da praia. Tudo são como fotos instantâneas. Ryder abanando seu maço de notas depois que Micah, Courtney e seus amigos se foram; Ryder e eu sentados no chão, encostados em um dos sofás, passando pra lá e pra cá uma garrafa de alguma coisa morna e com gosto de pinho, como um enxaguante bucal feito com árvore de Natal; como os lábios de

Ryder se moviam quando ele ria para mim dizendo isso, como eu queria tocar a linha escura entre cada um dos seus dentes, como era engraçado que os espaços pudessem ser tão pequenos.

Para subir para o andar de cima, onde eu sabia que ficava a comida, tive que me segurar no corrimão e usá-lo para impedir que minha cabeça girando me mandasse pra baixo. Lá em cima, avistei-os. Mesmo na penumbra do cômodo, os refletores à meia-luz, dava para ver meu irmão e Marlena na cozinha, Marlena sentada no balcão de granito, seu tronco inclinado para ele, as pernas envolvendo sua cintura. Sua trança estava quase toda desmanchada, o cabelo desprendido das orelhas. Jimmy colocava-o para trás repetidas vezes. Eu não conseguia ver o que suas bocas estavam fazendo. Havia um milhão de quartos na casa, um milhão de armários, um milhão de nichos nas janelas e de escritórios, um milhão, um trilhão de banheiros. Por que eles teriam que se atracar ali, escancarados? Oscilei, cheguei um pouco mais perto, sem ter certeza de que deveria interrompê-los, sentindo como se tivesse esse direito, me perguntando se o que eu estava vendo era o que é o amor, duas pessoas apaixonadas. Eu já não tinha aprendido que um dos efeitos colaterais do amor é eliminar seu medo das consequências, levar você a fazer coisas que nunca faria?

Ao voltar para o andar de baixo, caí sem sentir dor, e mãos vieram me acudir, me puseram no sofá, um cobertor sobre o meu peito. Estavam conversando lá fora. O vento entrou pela porta, cheio de fumaça de cigarro. – Ela bebe rápido demais – alguém disse, e outra pessoa, um menino, talvez Ryder: – Nunca consigo decidir se ela é bonitinha ou tem um ar esquisito. Depois murmúrios, risadas, Marlena: – Procuro ser legal, mas às vezes fico morrendo de vontade de gritar, deixe isso pra lá já. – Ela é a caçula da família – Jimmy disse, ou talvez fosse: – Ela é um bebê.

Quis me levantar, explicar a eles que não tinha a ver com o divórcio, não tinha nada a ver com isso, mas o cobertor era pesado demais. O problema era como nada, ninguém, jamais, dizia a verdade.

o o o

Acordei no porão, todas as luzes apagadas, minha cabeça afundada na costura triangular onde o braço encontrava o assento e as costas do sofá. Pelas portas francesas, agora fechadas, o céu estava de uma escuridão atemporal. Jogadores de basquete do meu tamanho driblavam uma bola pela imensa tela de TV. Ryder estava no sofá, no canto oposto ao meu, assistindo ao jogo, bebendo algo de uma

caneca.

- Pode aumentar o volume – eu disse.
- Ela acordou!
- Sinto muito estragar a festa. Espero não ter dado muito trabalho.
- Tudo bem. Marlena cuidou de você.
- Que horas são?
- Umas três da manhã, e todo mundo já apagou. Que festa!
- Eu não.

Ryder procurou no bar alguma coisa “moderada”, decidindo-se por um quinto Malibu que tinha o gosto igual ao cheiro de um sabonete líquido. Lá fora fazia frio o bastante para eu ficar contente com o meu moletom, mas não frio demais. Passamos a garrafa pra lá e pra cá, enquanto íamos até a praia, tirando os sapatos quando a grama transformou-se em areia. A areia nos meus pés nus me deu calafrios, e Ryder aninhou meus ombros com um braço. Isso me acordou, mas foi um jeito curioso de acordar. Eu ainda estava bêbada, provavelmente; além disso, o Malibu açucarado reativava todos os antigos drinques ainda na minha corrente sanguínea, mas me sentia alerta e como se fosse eu mesma sob o álcool. Era como se, ao usar uma luva muito grande e ir colher alguma coisa, fosse preciso navegar pelo tecido extra, ajustar-se àquilo que se está usando.

Desvencilhei-me de Ryder e corri em direção ao lago, meus pés mal tocavam o solo, até que uma onda bateu nos meus tornozelos, tão fria que zerou o meu coração. Ergui a saia e fui mais para o fundo, o lago circulando ao redor dos meus joelhos, gotículas e arrepios condensando-se no interior das minhas coxas. Bem ao longe, o lago encontrava o céu, e ali estava o horizonte; dava para dizer onde ele começava por causa das estrelas assentadas bem contra a água, sem ondulações. Michigan era todo feito de lago, céu e estrelas. Pensei em Marlena me fazendo aquela pergunta sobre morrer, e continuei concordando com a resposta que dera. Haveria beleza em se afogar aqui, deixar toda a sua vida neste lugar, nunca conhecer o mundo mais feio, exterior.

Ryder estava sentado numa canoa na praia. Esperei que estivesse olhando para mim, para a imagem que eu fazia na água, mas quando fui até ele, subindo no barco estreito e me acomodando ao seu lado, sua expressão não mudou.

- Qual é o seu problema ultimamente?
- Não posso falar nisso.

– Não vou contar pra ninguém.

– Vai.

Dobrei os joelhos junto ao peito, e cobri minhas pernas nuas com meu moletom. Ryder me abraçou junto a ele. Quantas centenas de vezes eu tinha me imaginado sendo tocada por um menino? Especialmente Ryder? Seu corpo estava muito quente, devia estar uns cem graus mais quente do que o meu. Não foi como eu tinha imaginado que seria; de certa forma, foi ao mesmo tempo melhor e também profundamente anticlimático. Quando ele acompanhou a elevação da minha panturrilha debaixo do moletom, relaxei, caindo sobre ele, deixando minha cabeça tombar sobre seu ombro. Onde quer que sua mão fosse, era seguida por um formigamento, e eu estava enlouquecida com o prazer daquilo, de ser tocada por alguém. Não houve transição entre beijar e não beijar; olhei para ele, enquanto ele dava um gole na garrafa quase vazia, a garganta branca como papel, meus dentes a um centímetro da sua jugular, e então a garrafa estava na areia, fora do barco, e ele tinha meu lábio inferior na boca, e eu nem sabia o que fazer.

– Ei – sussurrei. – Não sei, talvez a gente devesse parar.

Ele não parou. Continuou me beijando, acomodando-me para trás contra a quilha do barco, balançando de um lado a outro enquanto sua mão dedilhava ao longo do meu quadril, e depois debaixo da minha camiseta. Qual seria a sensação do meu estômago para ele, meu estômago macio, tão diferente do de Marlena? Como era estranho ter Ryder tocando-me ali, apalpando minha cintura, me beliscando. Ele puxou meu moletom para cima, até cobrir a metade inferior do meu rosto. Encheu cada uma das mãos com um dos meus seios *tetas como as de uma menina gorda*, e apertou. Lambeu os lugares percorridos por seus dedos. Estranho, estranho, estranho, sua língua cutucando meus mamilos, que coisa estranha para ele fazer, principalmente porque ele acreditava que eu sentiria prazer nisso. Uma sensação boba, como receber cócegas em um lugar ineficaz. Fiz um ruído macio na garganta, a nota mais baixa que conseguia alcançar no coro. Pareceu adequado. Senti certa pena dele, a base do meu crânio raspando contra o barco, suas mãos movendo-se de maneira tão desajeitada, mais rápidas do que eu acreditava que ele imaginasse. Eu já não me sentia excitada como estivera antes de ele me beijar, quando ele era todo sussurros e pontas dos dedos. Nada do que estava fazendo parecia a urgência caótica e entorpecente daquilo que eu tinha feito comigo mesma. Era como a diferença entre água e gelo. Até a minha vergonha, que começou no momento em que minhas

omoplatas tocaram o fundo do barco, era de uma qualidade diferente da vergonha que sentia quando eu me tocava. Agora eu estava envergonhada do próprio desejo, do meu corpo, do corpo dele, da maneira ridícula como estávamos nos mexendo, do que Marlena pensaria se visse, do fato de eu não querer muito aquilo. E mesmo assim, não o impedia.

Passei os dedos pelo seu cabelo, puxando os cachos próximos às orelhas. Quando ele se cansou de chupar o meu peito, a boca escorregadia com a própria saliva, voltou a me beijar, e eu entendi que aquilo não tinha nada a ver comigo. Eu era incidental. Aquilo veio como um alívio humilhante. Sua mão subiu por dentro da minha saia até ele entalar um dedo dentro da minha... O quê? Minha boceta? Minha xoxota? Minha *vagina*? Todas essas palavras estavam erradas. Por que não havia palavras melhores? Uivei pra valer, um som que não pude controlar, e me imaginei sendo ela, Marlena, sabendo o que estava acontecendo, gostando daquilo, querendo aquilo, ele devia ter aprendido em algum lugar, devia ser o que eles faziam juntos. O que ela faria? Será que o beijaria de volta, a língua forçando caminho em sua boca, o quadril dando pinotes de encontro à sua mão enquanto ele retirava os dedos, abria o zíper da calça, metia-se dentro dela até que ela sentisse algo rasgando lá dentro?

Estava acabado, uma trama pastosa entre as minhas pernas, e agora eu estava muito, muito bêbada. Não doeu tanto quanto a internet dizia que doeria. Não quis ver o rosto dele, mas quis que ele me visse. Quis as pontas dos seus dedos de volta, que encaixasse os lábios sobre os meus, sentindo sua forma, que me dissesse que me achava bonita, e que, se eu quisesse, poderíamos fazer tudo de novo, que eu poderia decidir o que faríamos, quando e como. Detestei ter desejado algo tão clichê, que tivesse sido como duas pessoas fazendo sexo numa expressão de amor, em vez do que tinha sido.

– Você era virgem? – ele perguntou.

– Não.

– Então, você deveria tomar a pílula do dia seguinte.

– Tudo bem.

– Você beijaria melhor se prestasse atenção no que eu estava fazendo. – Ele acendeu um cigarro.

Nenhum dos livros que eu tinha lido descrevia o que tinha acabado de acontecer comigo, nunca era desse jeito. Eu o tinha beijado de volta; depois de superar a

surpresa do seu dedo dentro de mim, fiquei excitada por um momento, antes de ser tomada por uma mistura dissociativa de medo, insegurança, ansiedade. E fingindo; fingindo ser guerreira, que, como ela, sabia o que estava fazendo, como se eu não fosse eu mesma. Aquilo também tinha me excitado.

– Sinto muito.

– Tudo bem. – Ele me aconchegou em seu peito. A sensação era mais agradável do que qualquer coisa que ele tinha feito até então, seus braços enroscados em volta dos meus, nossos dedos entrelaçados. – Só relaxe um pouco. Vou ensiná-la.

Dentro de mim, o sêmen de Ryder estava nadando, sêmen que também estivera dentro da minha melhor amiga, sêmen que naquele exato momento estava fazendo o seu melhor biológico para arruinar a minha vida. Gozo. Eu tinha feito Ryder gozar. A coisa toda acontecera tão rápido, incluindo a parte dos beijos, em poucos minutos chegara ao fim.

– Você é uma boa menina, Cat.

– Você é um pouco pentelho.

Ele riu. Minha boca estava com um gosto esquisito. Sentia sede. Sentia a pulsação no cérebro. Contemplamos o lago batendo na costa, ondas minúsculas uma após a outra. Batiam na areia e depois se afastavam.

– Passei alguma informação sobre o pai de Marlena à polícia – ele disse.

– Informação?

– Você sabe a respeito do vagão, todo mundo sabe. *Eles* sabem. Só dei alguns detalhes que eles não tinham.

– Você contou pra ela? – Ela teria me contado. Ela não tinha me contado sobre Jimmy, mas teria me contado isso.

– Alguém viu um dos vídeos do Greg. O idiota postou no YouTube. É um site público. Tem toda esta merda nele, eu, o Mapletree, e dá pra ver onde eu fabrico. Fiquei recebendo e-mails desse endereço assustador, com um monte de “Xs”, e eles só diziam “Estou vendo você”, ou “Hah, Hah”. Sabe qual é a sensação? Como se alguém estivesse espiando você, entende? – Ele esfregou sua marca de nascença como se tentasse apagá-la. Eu nem tinha visto o seu pênis. Ou tocado nele de verdade, não com alguma parte minha que pudesse avaliar sua aparência. – Não posso ir pra cadeia, Cat.

– Então, o que você é, uma espécie de informante?

Tudo isso era culpa minha. Que coisa horrorosa e eletrizante que minha presença

na vida deles, uma sugestão estúpida, tivesse desencadeado acontecimentos verdadeiros.

– Eu não disse tanta coisa. Conteí sobre o vagão, aquele na mata, perto da casa da Marlena. Era tudo que eles queriam.

– E ela?

– Eu não sou a única pessoa a informar a respeito disso. Ela nunca vai saber que fui eu, não precisa saber.

– Noutro dia, antes do almoço, eu o vi saindo da escola.

– Eu não sabia mais aonde ir. Não tenho um advogado. O diretor Lacey é um cara legal. Ele e Cher chamaram a polícia. Vão me fazer frequentar uma escola do juizado no ano que vem, prestar algum serviço comunitário. É melhor do que a cadeia.

– O que é uma escola do juizado?

– Uma educação não tradicional, alternativa, segundo o panfleto. Escola pra marginais, drogados, segundo os outros. Você não pode contar pra ela, Cat. Você conheceu o pai dela. Sabe o que está acontecendo. Você não acha que pra ela e pro Sal é melhor se ele for embora?

– Acho que a escolha é dela.

– Não conte. Por favor.

Ele fuçou no meu pescoço, abaixo da orelha. Os arrepios na parte interna das minhas coxas voltaram. O que eu queria dele? “Sua audiência vai aumentar”, eu tinha dito. Ryder beijou-me nos lábios da maneira que eu vinha querendo o tempo todo. Senti o gosto dele, uma mescla de Malibu, cigarros, e um sal que provavelmente era meu, e soube, com um irromper doloroso de arrependimento, que mesmo que eu esquecesse milhares de lembranças daquela época, nunca perderia esta. Acima de nós, o céu, um espelho fragmentado do lago, e, é claro, as estrelas, tão distantes e incompreensíveis quanto cada pessoa que eu conhecera, até eu mesma.

o o o

Os Hodsons despediram a minha mãe por mensagem de voz. Em três dias, seus outros clientes de Coral Springs telefonaram e também a despediram. “Não temos mais trabalho pra você aqui”, todos disseram. Mamãe tentou entrar em contato com Jane Hodson para descobrir o que estava acontecendo, mas ela não atendia ao

telefone.

– Cuidei daquela casa com o maior capricho – mamãe me disse, mais confusa do que nervosa.

Tínhamos feito uma limpeza decente. Afinal de contas, Marlena e eu éramos ajudantes de mamãe, sabíamos o que estávamos fazendo, mas não conseguimos dar um jeito no taco de bilhar que faltava, na queimadura de cigarro no tapete do porão, no bar saqueado. Na manhã que os Bakers telefonaram, os últimos clientes que restavam para mamãe, ela chutou a lata de lixo da cozinha com tanta força que a lata virou, espalhando cascas de ovos e pó de café no linóleo. Ela bateu a porta do quarto, largando a bagunça para trás.

– Mamãe – chamei, depois de parecer que tinha passado um bom tempo. Girei sua maçaneta; estava trancada. Eu poderia forçá-la com um grampo, mas resolvi deixá-la em paz. De volta à cozinha, endireitei a lata de lixo e varri a sujeira, jogando um jato de desinfetante no lugar e o esfregando, de quatro, com um esfregão. O bar na casa dos Hodsons era tão grande! Como é que eles perceberam as poucas coisas que faltavam?

Três dias. Foi esse o tempo que levou para que a notícia de que minha mãe era uma ladra se espalhasse dos Hodsons para o restante dos seus clientes. Eu podia vê-los conversando sobre ela, enquanto comiam queijo gouda e bolachas no deque dos seus veleiros, as luzes de Silver Lake faiscando em terra firme. Disse comigo mesma que mamãe merecia coisa melhor do que limpar a sujeira deixada por gente rica. Mas quando se passaram semanas e o único trabalho que ela conseguiu achar foi fazer sanduíches catorze horas por dia numa padaria perto de Burt Lake, a vinte e cinco minutos de carro, desejei voltar atrás.

Mamãe nunca me perguntou sobre os Hodsons, e eu não tinha nenhum motivo real para acreditar que ela achasse que eu tinha algo a ver com o acontecido. Mesmo assim, acho de que alguma maneira ela sabia.

– Não sei o que vamos fazer – ela disse.

Em julho, nós, assim como vinte e cinco por cento da população de Michigan – mamãe adorava estatística – estávamos vivendo do programa de assistência do governo. O dinheiro para comida vinha sob a forma de um cartão, o Bridge Card, basicamente um cartão de débito; como pano de fundo, um esboço brega da ponte Mackinaw ao pôr do sol. De certa forma, tive a impressão de que não éramos as verdadeiras pessoas para quem aquele dinheiro estava destinado; mamãe fez com que

parecesse que o Bridge Card fosse apenas algo temporário, ou até que ela manipulasse o sistema de alguma forma; como se fosse menos vergonhoso realizar uma fraude de baixo nível do que se qualificar legitimamente para uma ajuda governamental.

Nos meus vinte anos, lutei com ansiedades incipientes em relação a dinheiro, que perderia o emprego, perderia meu apartamento, e cairia em queda livre para a miséria, ou acabaria de volta em Michigan. Quando mencionava meus temores a mamãe, ela me repreendia, brava. “Você teve tudo”, dizia. “Lembra-se do Natal? Lembra-se daquela escola?” E é claro que tinha razão, mas levei muito tempo para aprender coisas que muitos dos meus amigos em Nova York pareciam saber instintivamente: não gastar imediatamente o que você tem, por medo de que, se não fizer isso, levarão o que você tem embora ou que simplesmente, como que por mágica, o dinheiro desapareceria; que, se você tiver um trabalho e cumpri-lo, até certo ponto poderá contar com ele; que, se você se encontrar de posse de uma grande quantia, é grosseiro falar a respeito; que, se alguém se oferecer para pagar para você em um restaurante ou num café, você não precisa se desculpar repetidamente, nem pagar de volta imediatamente. Sempre que eu recebia um aumento, ou tinha um dinheiro extra, sentia-me compelida a contar para as pessoas. Liam foi o primeiro a me dizer explicitamente que aquilo era desagradável.

Uma vez por mês, nosso saldo no Bridge Card era recarregado. O clima em nossa casa dependia de quão perto estávamos da data da recarga. Na própria semana, era tranquilo em casa, relaxante, mas depois de duas, três semanas, eu podia sentir uma tensão no ar novamente, a geladeira ficando cada vez mais vazia, mamãe nervosa. Ela se constrangia de usar o cartão para comprar coisas caras: morangos, camarão congelado, iogurtes individuais; então, às vezes ficava esperando no estacionamento e me mandava comprar os mantimentos. Ninguém esperava que os adolescentes fossem outra coisa senão estúpidos com dinheiro, dizia. Uma vez, a menina do caixa acusou-me de usar um Bridge Card que não era meu, atitude desagradável já que tinha me visto com mamãe antes. Mamãe teve que entrar, furar a fila, explicar, mostrar sua identidade, enquanto os turistas que esperavam sua vez nos olhavam como se fôssemos lixo, fitando o conhecido cereal rico em fibras na esteira das compras.

Marlena era obcecada pelo Bridge Card; assim que fizesse dezoito anos, planejava também conseguir um.

Para ajudar a cortar custos, mamãe rebaixou-nos ao plano mais básico de TV a cabo. Jimmy e eu ainda estávamos no plano de celular do papai, caso contrário, tenho toda a certeza de que também teríamos perdido nossos celulares.

Jimmy aumentou suas horas na Plásticos Kewaunee. Muitos dos seus turnos começavam no final da tarde ou no começo da noite, e terminavam ao amanhecer, e, embora não tivesse sido confirmado, eu desconfiava de que estivesse dando mais dinheiro à casa do que era justo, talvez por se sentir culpado pelo papel que desempenhara na demissão de mamãe. Às vezes, ele deixava envelopes no balcão, “MAMÃE”, escrito na frente com hidrográfica. Uma vez, espiei dentro e contei três notas de vinte dobradas num pequeno retângulo, como uma gorjeta para o cara que lava seu carro.

o o o

Depois da festa, vi Jimmy e Marlena se atracando não menos do que um milhão de vezes, ou foi o que pareceu. Sempre que Jimmy estava por perto, era comum eu dobrar uma esquina e encontrá-lo junto com Marlena, os dois se esfregando contra uma parede, enroscados no sofá ou, uma vez, rindo no banheiro à uma da tarde, o vapor passando por debaixo da porta. Era repulsivo, e sempre que eu via aquilo, tinha aquela velha sensação, tão familiar no período anterior a Marlena e Silver Lake, como se todas as outras pessoas do mundo vivessem em um planeta, Terra, e eu os estivesse observando por um telescópio de algum lugar a anos-luz de distância.

– Quero ter certeza de que você está bem – ela disse. – Nós não queremos deixá-la nervosa.

– Por que eu ficaria nervosa? – perguntei.

Nós.

– Eu gosto dele de verdade – ela me contou, traçando uma linha preta ao longo da minha pálpebra, bem junto dos cílios. Enrijei o rosto, lutando por uma ambivalência. O que era mais esquisito? Sentir-me feliz por eles, ou este desconforto anormal, esta ansiedade perturbadora de que tudo estava prestes a mudar?

– Vocês são namorados ou?

– Não se trata disso. Não é sério, sério. É só divertido. De qualquer maneira, estou meio que machucada depois de Ryder. E ele tem suas próprias coisas. Sua ex. Aquela menina, Jenny.

Ela não achava que era sério, ou ele não achava? Quem merecia mais a minha

atenção, minha proteção? Às vezes, quando os via juntos, perguntava-me se estava vendo o amor.

– Acho que você não entende realmente – Marlena disse, mudando para minha outra pálpebra. – Como poderia?

– Isto é meio que insultante.

– Ah, Cat, só quis dizer que você não tem experiência. Só tente ficar feliz por mim, e não ficar esquisita. Isto é exatamente o que eu preciso depois do Ryder.

Ela me olhou diretamente nos olhos ao dizer isto, como se soubesse o que tínhamos feito na canoa. Lambeu a ponta do dedo e esfumou um pouquinho de delineador excedente ao longo do canto externo da minha pálpebra. Eu não sabia como tocar no assunto. Só de imaginar contar a ela já me dava uma espécie de ansiedade fantasma. E se ela não acreditasse em mim?

– Não acho legal você fazer o que quer que faça com o Bolt, enquanto tem um caso com o meu irmão.

– Tudo bem – disse Marlena, tampando o lápis de olho. – Bom, a gente não é um casal.

– Ele é meu irmão, e gosta de você de verdade. – Ela usou o delineador para remexer na bolsa de maquiagem, evitando meu comentário. – Alô?

– Certo – ela disse. – Não vou.

– Eu conto pra ele.

– Você não faria isto. – A dor na sua voz me assustou a ponto de recuar.

– Não, não faria. Claro que não. Mas, por favor, tentem não ficar se lambendo na minha frente.

– Vou fazer o possível pra me conter. Mas, se ele ficar circulando de cueca, todas as chances acabam.

– Eca. Ai meu Deus. Eca. Eu odeio você.

Retorci-me para longe, de modo que nossos joelhos já não se tocavam. Desejei que Jimmy, que só tinha uma folga por semana, assumisse mais horas. Remotamente, eu me preocupava com a maneira como ela lidava com o coração dele, mas, como eu nunca tinha tido uma decepção amorosa, não sabia o risco que ele estava correndo. Desde que ele trabalhasse o tempo todo, poderíamos continuar desse jeito, tudo bem igual.

Como o broche de Marlena estava quebrado e a salvo no bolso de um dos meus suéteres, e ela estava muito feliz, parecendo muito bem, tendo engordado um

pouco, com o rosto ligeiramente mais cheio, o que a deixava suave e mais nova, pensei que talvez ela estivesse indo mais devagar com o Oxi. Passaram-se dias sem que ela enviasse mensagens para Bolt. Eu sabia porque, quando ela escrevia para ele, seu rosto sofria certa distorção, uma combinação furtiva de ansiedade e desejo, o lábio inferior dentro da boca, os olhos inquietos. A voz ficou mais calma. Mas eu estava enganada. Umas duas semanas depois da festa, abri sua mochila à procura de cigarros. Ela tinha corrido para casa, para pôr Sal na cama, e eu não queria esperar vinte minutos, ou o que fosse, pela sua volta. Fui atrás do maço e meus dedos bateram num frasco grande e branco cheio de OxyContin quase cheio, do tipo que você vê nas prateleiras da farmácia, não prescrito para ninguém. Jimmy não gostava que ela tomasse Oxi, eu os tinha ouvido discutindo a respeito, então ela havia se tornado mais discreta. Agora, ela estava chapada com tanta constância, seu suprimento era tão regular, que não havia baixas no seu humor.

Eu poderia ter chamado meu irmão, então, no trabalho, e contado para ele. Provavelmente, ele era o único que tinha uma chance verdadeira de fazê-la parar. Mas foi alívio o que eu senti, alguma versão estranha e doentia quando vi aqueles comprimidos e soube que, por mais extasiada que ela parecesse com Jimmy, sempre mexendo no seu cabelo, montando no seu colo, mandando mensagens tarde da noite, ele também não tinha conseguido resolver seu problema? Eu queria ser a pessoa mais importante para ela, porque para mim ela era.

Devolvi os comprimidos à mochila e nunca os mencionei a ninguém.

o o o

A ideia da gravação foi minha. Iríamos postá-la no perfil. Não seu Noel de Greg, porque Marlena não queria fazer sua própria conta. Greg tinha enviado alguns outros vídeos, mas o da bicicleta, com Ryder trabalhando no fundo, era de longe o mais assistido. Meu estômago retorceu-se quando o vi na tela, pausado na cena de abertura em Mapletree, o colchão manchado, a acetona empilhada perto da TV, mas afastei a sensação para longe. Nada tinha acontecido – ainda.

– Sem querer ofender, gente, meus fãs não estão atrás de vídeos de meninas cantando músicas folk – Greg disse. Ele tinha uns cinquenta seguidores, embora os críticos fossem ativos.

“visão dupla II: Hoho que porra de craqueiro.”

“tratam-me como um anjo: Proativo www.proativo.com”

“dillypicles44_i: HAHA ME BORRANDO DE RIR NÃO SEU NOEL É MEU HERÓI”

“na na vaia: Esse cara é da minha escola e pra falar a verdade nunca ouvi ele abrir a boca.”

“meller berrador: puxa vida, não dá pra parar de ver isto!”

Ele tinha razão.

– É, mas você já tem seu público. Não tem sentido a gente começar do zero – eu disse. – Você tem uma audiência. Só vamos pegar ela emprestado.

Gravei o vídeo com a câmera de Greg, só Marlena cantando. Ela escolheu uma música de Neko Case sobre uma menina que estava tão solitária e cansada que queria ser a lua, em grande parte porque convinha à sua vivência e ela conseguia chegar à sua essência no violão do pai. Eu era a diretora. Fiz com que ela se equilibrasse na base do escorregador do trepa-trepa, uma fita trançada amarrada ao redor da testa, o violão aninhado no colo. Desenhei uma estrela azul minúscula nas suas têmporas; vínhamos brincando com a ideia de começar uma banda, denominando-nos as Northern Stars. Às vezes, achávamos que seria perfeito; outras vezes, estúpido demais para encarar. O dia estava ventoso, e o cabelo dela ficava entrando na boca, enquanto ela cantava. Nas notas altas, ela deixava sua voz falsear e quebrar, uma ligeira afetação que me dava arrepio.

Descarregamos a gravação e em três dias o vídeo tinha mais de quinhentas visualizações. “Putá merda”, estranhos escreveram. “Você faz sexo oral?” “Contrate essa menina pra uma gravação”. “TESÃO XXXXXXXX, cante pra mim pelo resto da vida”. À medida que mais comentários foram se acumulando, a maioria sujos, Marlena parou de olhar o vídeo.

– Mas também tem um monte de comentários bons – Greg disse, um pouco embriagado pela atenção online. – Acho que você deveria fazer outro.

– Quando você dirige uma câmera para qualquer coisa, as pessoas são levadas a acreditar que estão vendo algo profissional – Marlena disse. – Além disso, não preciso que estranhos me digam pra chupar seus paus. Já tive o bastante disso na minha vida.

Eu disse que ela estava maravilhosa, mas pode ser que ela tivesse razão quanto a um segundo vídeo. Sempre que ela acabava de aprender a tocar uma nova música, brincando com a ideia de gravar alguma outra coisa, eu dizia que não estava a fim. Mandei que parasse de ficar tão convencida.

– Quem você pensa que é? – eu disse. – Stevie Nicks?

o o o

O verão transformava o norte de Michigan. Kewaunee dobrava de tamanho, e o dia todo, todos os dias, veleiros costeavam pela baía. As ruas, em sua maioria desertas no inverno todo, ficavam congestionadas com o trânsito, então se levava ainda mais tempo para ir de Silver Lake ao centro da cidade.

Para nós, tempo bom significava praia. Afastávamo-nos dos turistas e nos instalávamos nas dunas, em uma pequena plataforma onde não havia muito mato, tínhamos uma boa visão da água e alguma privacidade. Passamos por curiosas combinações, dependendo de quem estava trabalhando e quando; geralmente éramos apenas Tidbit e nós, já que Greg tinha arrumado trabalho no Dairy Queen. De vez em quando, Ryder também vinha, e nos observava mal-humorado de uma cobertura na praia, seus ombros ganhando sardas ao sol, um tufo de pelos loiro-avermelhados no esterno, que eu sempre me vi querendo tocar. Às vezes trocávamos mensagens de texto, aleatórias, e tínhamos nos beijado novamente depois da noite na canoa, uma vez no carro dele, o console do meio entrando na minha coxa, depois de ele me dar uma carona para a falida Family Video, e de novo, uma semana depois, debaixo do trepa-trepa atrás da casa de Marlena. Eu tinha me divertido desta vez, e cheguei a deixar meus dedos vagarem até a saliência dura na sua calça. “Não pare”, disse ele, seu rosto um borrão de sombra, mas depois de alguns minutos eu parei, sentindo uma onda de satisfação quando ele gemeu com uma dor genuína. Ajudou o fato de eu não gostar, *gostar* dele, de verdade, especialmente depois do que ele me contou sobre o pai de Marlena e a polícia, e porque o que fizemos me deu muito pouco prazer. Bastava que, de perfil, ele se parecesse um pouco com o Cary Grant do pôster pendurado no saguão do cine Gaslight. Isso e o alvoroço que eu sentia quando percebia que ele me desejava.

O melhor era quando Marlena e eu íamos para a praia sozinhas. Eu tinha andado preocupada que o relacionamento de Jimmy e Marlena significasse ela passar menos tempo comigo, mas aconteceu o oposto; agora ficávamos juntas o tempo todo. O que quer que estivesse rolando entre ela e meu irmão tinha acabado abruptamente com a maneira como ela, às vezes, sumia por um ou dois dias, sem aviso ou explicação. Achei que meu irmão tinha dado um fim em Bolt.

Numa noite, enquanto o pai de Marlena estava fora, e Jimmy estava trabalhando

no turno noturno, Ryder e Greg passaram a noite conosco no celeiro. Ryder ignorou-me a noite toda, dirigindo seus comentários chapados para Marlena e Greg, enquanto eu ficava em uma das poltronas-saco, bebendo em silêncio, notando, na minha miséria, a maneira como seu jeans subia e expunha o tornozelo. Eu sabia que essa indiferença em relação a mim significava que eu tinha falhado em algum cálculo feminino, e continuaria a falhar, enquanto Marlena fosse parte da equação. Na manhã seguinte, acordamos cedo e abandonamos os meninos. Marlena roubou as chaves do bolso de Ryder, afundando as unhas no meu braço para me impedir de rir e acabar acordando-os. Pregou um bilhete na testa de Ryder, tocando-o com uma facilidade que me provocou um lampejo violento de raiva. “P.f. Faça Sal comer cf. da manhã. Volto logo. BJS.”

Fiquei à espera da polícia, mas, quando transcorreram semanas e nada aconteceu, comecei a pensar se Ryder teria exagerado a coisa toda. Como é que eu podia contar a ela sobre o contato de Ryder com a polícia, sem contar que tinha dormido com ele? E, de qualquer modo, ele continuava traficando, furtivamente e apenas para clientes antigos, mas, mesmo assim, não era uma grande mudança da atividade costumeira. Mandava mensagens de texto para compradores de um celular diferente do que usava para enviar para mim, e eu tinha visto um exemplar da *Bíblia das crianças* em sua picape e sabia qual era o seu uso.

o o o

Só tenho uma foto minha daquele ano, a polaroide que conservo guardada naquela caixa de sapatos. Não tirávamos muitas. O Facebook era muito novo então, usado, sobretudo, por universitários, ainda havia muito pouco das nossas vidas online. Eu tinha descarregado um monte de fotos no computador da minha família; talvez, a certa altura as tenha enviado para mim mesma, não sei. Estão perdidas, agora, tão sumidas quanto o próprio tempo. Jimmy comprara uma câmera de presente para Marlena, e ela a tinha levado para a praia conosco, no dia seguinte. Greg tirou a foto enquanto eu e Marlena voltávamos da água para a nossa manta. Lembro-me de ficar chateada. Como a maioria das meninas igual a mim, inseguras, cheias de raiva do próprio corpo, eu não gostava de ser fotografada. Como as fotos eram diferentes da maneira como eu me via.

Marlena puxou a fotografia de Greg, sacudindo-a, como diziam as instruções. Vimo-la se revelar. Ali estávamos nós, as duas franzindo os olhos à luz do sol, nossos

rostos radiantes, os corpos fortes, bronzeados, cintilantes de água. Lindas.

– Eca! – eu disse, porque ainda não sabia como dizer o que pensava, especialmente se fosse preciso segurança.

– O que você quer dizer com eca? Você é uma supermodelo.

– Não quero ver. – Mas tirei-a dela mesmo assim, e olhei a menina ao lado de Marlena, na foto. Agora me pergunto, por que passava tanto tempo odiando-a? Odiando suas orelhas de abano, a curva de gordura abaixo do seu umbigo, seus desejos, compulsões, e todos os seus sentimentos confusos? Ela tinha um rosto inteligente. Parecia normal e divertida, de braço dado com sua melhor amiga igualmente perfeita como alguém por quem eu poderia passar na rua e sentir inveja. Larguei a foto e a polvilhei com um punhado de areia.

– Não faça isto – Marlena disse, recuperando-a. – É minha.

Acho que agora posso explicar o que houve. Acho que eu estava triste por não amá-la o suficiente.

o o o

Depois do Culver's, papai parou de atender ao celular. Sempre que eu telefonava, "Country Roads" tocava sem parar. Ele me mandou só duas mensagens de texto depois do nosso almoço: primeiro, uma foto dele com Becky comendo mariscos fritos em um restaurante com vista para Niágara Falls ("Felizes como pinto no lixo!"), e menos de um dia depois: "Sodadi!" Ele não era bobo de nascença.

– Tem notícias do papai? – perguntei pra mamãe ao jantar.

– Não. – Ela bebeu seu vinho, o gelo retinindo contra o copo.

– E você? – perguntei a Jimmy.

– Ah, claro – Jimmy disse. – Estamos num tratamento mútuo de silêncio desde janeiro.

– Provavelmente ele só está ocupado ou trabalhando, ou alguma coisa, querida. Não se preocupe com isso. Não é sua responsabilidade. Ele é que é o pai. Ele é quem está pisando na bola, não você.

Mais tarde, naquela noite, mamãe dormindo, Marlena fora em algum lugar com Jimmy, escrevi um e-mail para ele:

"De: Catherine [catherine46@hotmail.com]"

“Para: Papai [spartanfan21@hotmail.com]”

“Assunto: Muito obrigada”

“Liguei pra você ontem. Você não atendeu. Liguei pra você um dia antes, e alguns dias depois desse, e muitas vezes o tempo todo desde que a gente se mudou pra cá, e adivinhe, papai? Você nunca atende.

Você se lembra de quando costumava ter cinquenta nomes diferentes para mim? Coisas idiotas como Xarope, Melvin, Bosta. Quando eu era pequena, achava a coisa mais engraçada do mundo sempre que você chamava Xarope, Xarope, na mercearia ou no playground.

Agora, vou deixar de esperar coisas de você.

Vou parar de ligar e de mandar mensagens de texto, e vou parar de fazer perguntas na minha cabeça, pensando no que você faria ou diria, se você sentiria orgulho.

Aposto que, se me esforçar, consigo me lembrar de todos os cinquenta nomes. Você consegue se lembrar de pelo menos cinco? Os três que acabei de lembrar pra você não contam.”

Parece coisa de muito tempo atrás, mas a vida é assim, acho.

“PS. A coisa curiosa, estúpida e constrangedora é que sempre tive orgulho do fato de ser mais parecida com você do que com mamãe ou Jimmy. As loucuras da juventude, ou o que seja.”

“PPS. Em todo caso, espero que você não esteja morto nem nada, e que seu silêncio não seja porque o governo canadense nem imagina quem é a sua família, porque, se for este o caso, vou me sentir muito culpada por ter escrito isto.”

Apertei a tecla para enviar sem reler.

E se ele apagou a mensagem e fingiu que tudo estava bem? Bem, se eu conseguiria perdôá-lo, depende. Depende de como ele se explicaria, se é que ele chegaria a tentar.

Porque eu ainda estava aqui, exatamente aqui, onde ele me deixara.

o o o

Sim, papai me ensinou como usar uma bússola; sim, ele me ensinou algumas coisas sobre árvores; sim, às vezes, ele me levava ao cinema e me ouvia ensaiar para testes no coro, e quando eu era uma menina muito, muito pequena, me lembro de que ele me jogava no ar, beijava minha testa fazendo boca de peixe, e eu ria até ficar sem fôlego. Mas e as coisas que tento esquecer de propósito? A vez em que ele e mamãe estavam aos berros, e ele lhe deu um empurrão e ela caiu contra o seu StairMaster, e ele continuou, e o pé dela ficou preso e ela quebrou quatro ossos delicados, tendo que usar uma bota de plástico o tempo todo em que ficamos na Flórida, nas nossas únicas verdadeiras férias de família? E a vez em que ele chamou mamãe de alcoólatra, e depois começou a quebrar coisas na cozinha, eu não tinha mais do que dez anos, e mamãe foi pra um hotel comigo e com o Jimmy, e ficamos lá por uma semana? E quando eu era ainda menor, logo depois de nos mudarmos para a rua Pike, e eu me escondi na parte de trás da carreta, e quando ele finalmente me achou, abaixou minha calça e me bateu com uma colher de pau até mamãe começar a chorar? E os meses inteiros em que sumia, e Becky, e as vezes em que eu lhe fazia perguntas que ele não respondia, só ficava ali, olhando pela janela, ou para a TV, ou ia embora, deixando-me imaginar o que eu teria feito de errado, por que não conseguia fazê-lo ficar?

No começo de agosto, os dois meses ao sol tinham feito algo comigo, ou talvez fosse culpa das semanas, como cada uma delas me levava mais perto dos dezesseis anos. Minha pele estava de um bronzeado perfeito, meu cabelo tinha ficado loiro-branco nas têmporas. Eu tinha me tornado uma boa nadadora. Se papai passasse por mim na mercearia, ou passasse por mim e Marlena tomando sol na praia, tenho certeza de que não me reconheceria.

o o o

Jimmy e Marlena tiveram a briga mais barulhenta, pelo menos a mais barulhenta que eu já tinha ouvido, na manhã seguinte ao dia em que ela e eu ficamos bêbadas a ponto de matar várias células cerebrais, e usamos uma faca de churrasco para talhar cortes idênticos de dois centímetros e meio na parte superior dos nossos braços, a meio caminho entre o arredondado do ombro e a dobra do cotovelo. Sangramos pela casa toda, rindo alto o bastante para acordar todo mundo, só que não havia

ninguém; minha mãe estava com algum namorado que ainda não conhecíamos, Jimmy trabalhando, então éramos só nós, nós e a caixa gigante de vinho que tínhamos secado, nós, a faca de churrasco e o sangue, ambas surpresas de como doía pouco.

E então, horas depois, antes de apagarmos, Marlena soluçando no sofá, dizendo algo sobre não ser boa o bastante para ninguém, eu dando tapinhas em suas costas, dizendo “não”, dizendo “psiu”, perplexa.

– Você é tão destrambelhada! – ouvi-o gritar com ela, os dois na cozinha, eu enrodilhada no chão do banheiro como um verme. – É repulsivo. Não consigo impedir nenhuma merda que você queira fazer contra você mesma, Marlena. Pra ser sincero, estou ficando cansado de tentar. Mas deixe a minha irmã fora disso. Ela faz tudo o que você faz. Ela tem quinze anos. Assuma alguma porra de responsabilidade.

– E quanto a mim? – ela disse. Estava chorando? – É como se nenhum de vocês jamais pensasse em mim.

– Agora você está sendo ridícula – Jimmy disse, e alguma coisa bateu, e então eles não disseram mais nada.

Fiquei com a cicatriz por cerca de dez anos, evidente sempre que eu usava algo sem manga, um sinal de igual onde faltava a metade. Há alguns meses, dei uma olhada no espelho antes de sair, e percebi que tinha sumido, absorvida pelo meu corpo como se não fosse nada.

o o o

Fazia umas duas semanas que eu não via, nem tinha notícias de Ryder, quando ele mandou uma mensagem numa noite quente de agosto, minha janela escancarada. Mosquitos negros arremessavam-se contra a tela, atraídos pelo meu abajur de cabeceira. Marlena, Greg, Tidbit e eu estávamos cheios de teorias sobre o desaparecimento de Ryder. Marlena achava que ele tinha conhecido alguém, ideia que me deixou eriçada; Greg achava que a mãe dele estava doente; Tidbit concordava com ambos a ponto de se anular, e eu, é claro, não disse uma palavra.

Ryder devia saber que eu estava sozinha. Teria contatado Marlena antes, que estava no cinema com Jimmy? Ou talvez ele conhecesse o cronograma do meu irmão e soubesse que aquela era sua noite de folga. A manipulação fazia parte da natureza de Ryder, eu não poria minha mão no fogo por ele.

“e aí”

“onde raios vc tem andado?”

“lugar nenhum”

“tá»

Dobrei a página, irritada. Marlena gostaria deste, *A outra volta do parafuso*. Ela adorava sentir medo.

“vc só vai dizer isto?”

“saudade”

“rs,rs”

“juro”

Então: “m mande uma foto”

Meu celular tinha uma porcaria de câmera, e ele sempre pedia fotos. “Dos seus peitos e da sua bunda”, ele me disse, esperançoso, na noite em que o toquei através da calça, no trepa-trepa de Marlena.

“desiste, ñ vai rolar”

“tá, então vou buscar vc”

Corei feito uma idiota.

“pq? Vc me quer pra q?”

“quero beijar vc”

Quero beijar você. Imaginei-o me beijando. Ele estava mais leso do que jamais estivera na vida real, e guardava a maior parte da saliva dentro da boca, e sabia qual era a minha cor favorita, e que eu não gostava de molho marinara, e não cheirava a fumo, cigarro ou cerveja, e a gente estava na minha cama, não em algum carro turbinado a erva, ou em pé encostado numa árvore, ou se escondendo das luzes da casa no meu quintal.

“quero mto foder vc d novo Cat”, ele escreveu, antes que eu pudesse responder.

“pq?”

“pq você é um tesão”

Passei um bom tempo pensando, antes de escrever “vc só fala merda. Comece de novo e m diga o q quer fazer comigo”. Então, eu estava realmente excitada.

“quero lambe sua xoxota apertada”

“*Apertada?*”

“ñ obrgda”.

Alguma vez eu já tinha dito não para ele? Não naquela noite na canoa, nem

depois disso, quando seu nome apareceu repentinamente no meu celular, me pedindo um encontro, nem na noite em que quis “sair para caminhar”, enquanto os outros assistiam à TV.

“imploro”

“ñ”

“vou sair agora”

“eu disse ñ Ryder”

“pq vc está me provocando? estou aí em 15”

“ñ”

Coloquei meu celular no vibrador. Então Ryder estava de saco cheio. E daí? Trouxe o Ryder imaginário de volta, e o coloquei ali, ao meu lado na cama. “Quero lambar sua xoxota”, aquele outro Ryder sussurrou no meu ouvido, e eu permiti, e me toquei onde minha calcinha estava molhada, e dessa vez não parei. Depois disso, não houve mais vergonha. Nada além de mim, sozinha no quarto, com um celular vibrando.

“oiiii cat?”

“oi?”

“da hora”

“q porra? cadê vc?”

o o o

Mamãe guardava alguns testes de gravidez no fundo do armário debaixo da pia do banheiro, atrás dos produtos de limpeza. Achei-os um dia, enquanto procurava um condicionador de reserva. Marlena e eu rimos com isso durante horas. Então, quando ela me contou que fazia quase dois meses que seu fluxo não descia, trancamo-nos pesarosas no meu banheiro. Ela se sentou no vaso sanitário e segurou o bastão branco entre as pernas. – Como é que a gente consegue fazer isto sem se molhar toda? – perguntou, e sua urina esguichou no vaso. Ela puxou a calcinha, e lavou as mãos, colocando o teste na beirada da pia. Apareceu uma única linha azul. Dois minutos, três, depois quatro, a linha permanecia solitária.

– Não ao quadrado – eu disse, aliviada porque não teria uma sobrinha ou um sobrinho, nem teria que especular se era do meu irmão ou de outra pessoa.

– Estranho – disse ela, e levamos o teste de gravidez para o meio do mato, onde o enterramos estupidamente numa cerimônia falsa, para que minha mãe não o

encontrasse no lixo.

o o o

Os carros de polícia vieram pela rua numa fila silenciosa, um depois do outro. O primeiro estacionou na entrada de carro de Marlena, o outro acelerou entre nossas casas, fora da rua, enfiando-se em meio ao lixo do quintal. Pegou a via secundária perto do trepa-trepa e lá se foi desabalado por entre os pinheiros, não deixando nada à vista a não ser uma luz vermelha que em segundos parou de piscar.

Vesti uma bermuda e uma regata e saí. *Sinto muito*, pensei. *Não era minha intenção*. Estávamos no extrasseco e molambento final de agosto, o ar pesado e zunindo com os insetos até às dez da manhã. A fim de parar o tremor das minhas mãos, enfiei-as debaixo das coxas, bem no alto, contra a madeira tostada do nosso arremedo de alpendre. Quando me levantei, tinha duas farpas profundas na palma da mão direita. Um policial bateu na porta da frente de Marlena. Abaixou o punho e inclinou a cabeça como se pudesse esperar o dia todo. Eu sabia que Sal estava lá dentro, pensando se deveria deixá-los entrar. “Sou um menino pequeno”, ele gostava de dizer, quando tentava nos convencer a deixá-lo ficar mais tempo na minha casa, a tê-lo por perto. “Não vou incomodar vocês.” Nós sempre caíamos na risada perante isso, por ele pensar que era menos incômodo só por ser pequeno.

Marlena irrompeu da minha casa, forçando caminho pelos degraus da frente, onde eu estava sentada, puxando o cabelo num rabo de cavalo, enquanto disparava descalça pelo quintal. Tinha dormido em casa, mas não comigo. Isto acontecia às vezes; passavam-se dias sem que ela e Jimmy conversassem, e então, numa manhã, eu acordava e lá estava ela, tomando café na mesa da cozinha com a minha mãe, olhando-me tipo “é, né”.

– Dá licença – ela exclamou. – Esta é a minha casa. – Usava uma camiseta de Jimmy sobre um short que mal despontava abaixo da barra da camiseta. Tinha as pernas longas e bronzeadas, e os dois policiais comeram-nas com os olhos, de alto a baixo, de alto a baixo.

– Se é a sua casa, o que você estava fazendo ali, nesta hora da manhã? – o policial perguntou. Seu colega recostou-se no carro, observando, braços cruzados sobre o peito.

– Não vejo que importância isto tem para coisa alguma.

– É lá que mora o seu namorado?

– O senhor tem um mandado, guarda?

Nunca soube que ela tivesse experiência em conversar com policiais.

– Uma passarela da vergonha bem conveniente. Logo ali.

O outro policial riu, raspou os pés na terra, voltou a olhar para Marlena como se ela fosse um tira-gosto.

– Eu fiz uma pergunta.

– Estamos seguindo uma denúncia. Temos recebido relatos de que aqui acontece uma atividade ilegal, menores à solta tarde da noite, fumando e bebendo, e sabemos que tem um menino pequeno naquela casa.

– Sal está bem.

– Você não tem idade suficiente para tomar conta sozinha de um menino. Seu pai está aqui?

– Tenho quase dezoito anos. Nunca encontrou ninguém que tenha filhos com dezoito anos?

– Só temos que dar uma olhada – disse o outro policial, chegando até eles. – Você entende isto, certo? Alguém pede a nossa ajuda, este é o nosso trabalho. Temos que dar uma olhada, ter certeza de que está tudo bem, de que ninguém está em situação difícil.

– Se o senhor não tem um mandado, vai ter que voltar outra hora. – Marlena cruzou os braços sobre o peito. Talvez os olhares deles tenham feito com que se lembrasse de que não estava usando sutiã. – Vão ter que voltar quando meu pai estiver em casa.

– Cadê o seu pai?

– Não sei. Não sou casada com ele. Não sei aonde ele vai.

Uma voz surgiu no rádio do carro, gritando números e estática.

– Nós voltaremos – disse o que estava entrando no lado do carona. – Arrume uma história que faça sentido. – Eles saíram, seguindo o carro que tinha entrado na mata.

o o o

Mais carros de polícia pela rua, e depois um grande furgão inclassificável, todos indo na mesma direção. Dentro do celeiro, Marlena discou o número do pai repetidas vezes. Na quarta vez em que ele não atendeu, ela atirou seu celular contra a parede, exatamente como ele tinha atirado aquela garrafa de água cheia de gelo e vinho.

– Filho da puta – ela disse. – Cadê ele?

A bateria soltou-se e foi pulando pelo chão de concreto. Eu podia ver a silhueta dele na raiva do rosto dela, na rapidez com que ela perdia o controle. Como se um tivesse sido calcado em cima do outro, dava para ver os dois traçados. Nossos pais estavam sempre conosco, nenhuma cirurgia poderia extirpá-los. Sal ficou no meio do grande cômodo do andar de baixo, vestindo uma camiseta do tamanho de uma camisola, os pés nus.

– Está tudo bem, Sal – eu disse, e ele enfiou sua mão na minha. Apertei sua palma grudenta. Ele não reagiu.

– Chame seu irmão – Marlena disse-me, tentando enfiar sua bateria de volta no celular.

– Está quebrado?

– Chame ele.

– O que você quer que eu diga?

– Diga que preciso que ele venha pra casa. Diga pra ele inventar qualquer coisa, que está doente ou que é uma emergência.

Liguei para Jimmy. Não atendeu. Ele nunca atendia quando estava trabalhando. “Jim, a polícia está na mata atrás de casa. Marlena disse que precisa de você. Ligue pra nós, certo?”

– Provavelmente ele não consegue ouvir o celular tocando. Ele tem que deixar ele guardado naqueles armários.

– Merda, merda, merda – ela disse. – Puta que pariu. Eles acharam, Cat.

Sua tristeza, quando ela permitia que transparecesse, geralmente parecia sábia e antiga, a tristeza de um oráculo, nada histérica, autopiedosa e adolescente como poderia ser a minha. Mas não naquele dia.

Aquilo, então, era o Oxi, não era? Ela escalava o comprimido até algum planeta acolchoado, muito acima dos destroços da vida na Terra e talvez sentisse por nós e por si própria, observando lá de cima, de tal altura que podia, talvez, ver o começo e o fim. Mas ela estava sempre a uma imensa distância.

Seus olhos encheram-se de lágrimas, relaxando seu rosto, curvando seus ombros, antes de se evaporarem quase no mesmo instante em que apareceram.

– Eles vão prender meu pai.

o o o

Por que eu fico fazendo isto? Falseando-a para que pareça mais do que era, mais digna, até onisciente, agradável e irreal. Ela podia ser uma tremenda sacana. Conseguia perceber o que você detestava em si mesma, e se você a irritava, ela jogava aquilo de volta na sua cara, garantindo que você soubesse que ela também achava a mesma coisa. Às vezes, tenho a sensação de que ela foi inventada por mim. É como se quanto mais eu contasse sobre ela, mais longe ficasse da verdade. Estou querendo segurar punhados de areia dentro das mãos, aperto com mais força, comprimo o punho, e ela escapa com mais rapidez.

o o o

Nunca tomei Oxi. Tomei Ecstasy mais algumas vezes na faculdade, flutuando pela bola da Times Square, o mundo todo se tornando púrpura, os rostos púrpuras no metrô, o halal púrpura, plantas púrpuras crescendo ao redor da base de árvores púrpuras, tão chapada que eu poderia jurar que ela estava à minha volta toda, que era o próprio ar que eu respirava. Cheirei carreiras de cocaína no fundo de um banheiro em um bar em Bushwick, um bastão fluorescente ao redor do meu pescoço, uma pirâmide de copos na mesa onde um homem que eu mal conhecia me esperava, todos eles vazios, a maioria graças a mim. Passei dois anos roubando remédios para déficit de atenção de colegas de quarto, enganando psiquiatras para prescreverem drogas que me faziam agir com tal rapidez que não tinha lembrança. Queria encontrá-la, acho. Queria saber algo sobre a maneira como ela se sentia, algo sobre esta coisa para a qual ela ficava voltando, mais do que a mim, mais do que a Jimmy, mais do que a Greg, Ryder ou Sal. Acho que me sentia responsável. Tive uma centena de oportunidades de impedi-la. Mais.

Substituí Silver Lake e um tipo de covardia por outro. Acalentei minha culpa fodida de sobrevivente, deixei que ela me dominasse, mas nunca experimentei Oxi, não depois de assistir como aquilo a arranhava com suas longas unhas, sem deixar nada além de um corpo. No meu primeiro ano de faculdade, meu namorado conseguiu alguns comprimidos, e quando os mostrou para mim, bati nele com tal força que minha mão ardeu. Nunca contei o motivo, e, logo depois disso, não éramos mais namorados.

Eu estava apavorada. Por mais fundo que eu caísse, algo me trazia de volta à segurança: a faculdade e sua ocasional dádiva fascinante, homens idiotas bem-intencionados, e livros, livros, é lá que a encontro com mais frequência, na

intimidade dos personagens, Ruth e Sylvie numa canoa, Dorothea numa mesa de café da manhã, Anna K., é claro, um instante antes de pular.

o o o

Não quero contar o resto.

o o o

As assistentes sociais vieram naquela mesma noite, uma senhora gorda, uma magra, ambas com a mesma coifa de cachos secos, a mesma flacidez madura nas faces. Para mim, as mulheres maduras vinham em duas variáveis principais: ou se pareciam com a minha mãe, ou com aquelas mulheres. Eu me perguntava se o fato de ser casada há muito tempo tinha algo a ver com isso, se fazia a pessoa envelhecer diferente. Seus corpos estavam, de certa forma, esgotados, lhes pertenciam menos, a pele manuseada, gasta por homens. Naquela época, eu não queria crescer para me tornar minha mãe, mas também não queria crescer para me tornar aquelas mulheres. Nem Marlena queria.

Elas bateram à porta. Sal estava dormindo no mezanino, ainda que mal tivesse passado das oito, aquele momento de toda noite de agosto em Michigan, quando o céu fica roxo por um segundo antes de esmaecer em azul, em uma noite mais fria. Marlena estava no sofá. Eu praticamente podia ver sua consciência pairando fora do corpo. Como reação à batida, ela virou a cabeça, piscando uma, duas vezes, resmungando: – Diga pra eles deixarem a gente em paz. – Ou talvez fosse: – Diga que não tem ninguém em casa.

Jimmy ainda não tinha voltado. Sabe-se lá onde mamãe estava, talvez no vizinho; precisávamos dela, mas não tínhamos pedido sua ajuda. Aquele dia era uma emergência minha e de Marlena, e a estávamos enfrentando como um time: acalmando Sal, tentando avisar seu pai e Bolt, e, o mais importante, inventando um monte de razões sólidas para justificar o fato de ela nunca ter sabido o que acontecia, por que o laboratório não tinha nada a ver com ela. Tentando arrumar uma história que fizesse sentido.

Sal não discutiu quando o pusemos na cama ridiculamente cedo. Mas a quem estávamos enganando? Assim que ele estava lá em cima, Marlena puxou aquele frasco branco, um truque de mágica, e tentei tirá-lo dela. Arranquei o frasco,

segurando-o acima da cabeça, dizendo que ela estava viciada em comprimidos, que agora não era hora de ficar chapada. “É exatamente a hora”, disse ela. “Que hora é melhor do que esta?” Ela o roubou da minha mão, e foi direto para a pia, rindo, rindo, linda como sempre, sem parecer nem um pouco doente ou viciada; então, me senti estúpida por tratar os comprimidos de uma maneira mais séria do que a brincadeira que ela fingia que fossem. Ela engoliu os comprimidos, não vi quantos, com água, diretamente da torneira, que transbordou as poças infectas, acumuladas em semanas de pratos sujos. Isso foi uma hora antes, e Marlena se foi.

As senhoras ficaram sob a lâmpada queimada que havia no alto, e eu vi que além delas havia um carro com um policial dentro, só de prontidão.

– As senhoras terão que voltar mais tarde – eu disse.

– Estamos procurando Marlena Joyner e um garotinho, Salamander? Você deve ser amiga deles, Catherine?

– Tivemos um dia puxado aqui. Por favor, talvez a gente possa deixar isto pra amanhã.

– Sinto muito, mas aqui tem um menor sem um adulto, e ele não pode passar a noite aqui.

– Ele está com a gente.

– Alguma de vocês tem dezoito anos?

– O aniversário de Marlena é no mês que vem.

– Deixe-nos entrar, meu bem – disse a senhora mais gorda, que estava no comando. Usava um cardigã, embora lá fora estivesse abafado. – Eu me chamo Candice, e esta é a Josie. Só estamos aqui pra ajudar. Ninguém está encrencado, mas você precisa nos deixar entrar. Senão, vamos precisar da ajuda do nosso amigo, o policial Dalkey.

Marlena estava visivelmente surtada. Eu nunca a tinha visto desse jeito, fora de órbita a ponto da insensibilidade.

– Marlena não está se sentindo bem – eu disse, deixando-as entrar.

Elas deram uma olhada no celeiro, uma olhada científica, algum cálculo de assistente social zumbindo em seus cérebros, registrando o cheiro que estava à beira de um ruim desconfortável, a mobília descombinada, o chão de concreto, os pratos por toda parte, a instabilidade da escada, e a maneira como o mezanino parecia estar se soltando das paredes do celeiro, à beira de um colapso. A porta do banheiro mal se fechava; sempre que eu usava o vaso sanitário, segurava a maçaneta para impedir

que alguém entrasse. Haveria uma máquina de lavar aqui? Nunca reparei. Talvez fosse por isso que Marlena deixava tantas roupas na minha casa. Não havia onde elas se sentarem; as duas cadeiras ao redor da mesa da cozinha, que na verdade era apenas uma mesa de pingue-pongue sem rede, estavam cobertas de tralhas, jornais, cabos e três inexplicáveis controles de Nintendo 64. Marlena estava deitada no sofá, onde mal cabia seu corpo inteiro, dormindo ou coisa pior. Por experiência, eu sabia que as duas poltronas-saco encostadas à parede eram a origem do fedor.

– Marlena – disse Candice. Ela se sentou na beirada do baú que funcionava como mesinha de centro, e tocou no braço de Marlena como uma mãe. – Meu bem? Está acordada? – Marlena resmungou e se virou para as costas do sofá. Sua regata subiu nas costas, revelando um hematoma feio, muito roxo, e salpicado de preto, subindo acima da linha do short.

Josie foi até o quarto do pai de Marlena. Eu nunca tinha entrado lá. Provavelmente, estava cheio de armas, de cadáveres, ou de pôsteres de meninas nuas da idade de Marlena.

– O que ela tomou? – Candice perguntou. Não havia nenhuma maldade na sua voz, nenhuma condenação. – Tudo bem, Catherine. Você pode me contar. Juro pra você que estamos aqui pra ajudar Marlena e seu irmão. É nossa função. Não somos da polícia.

– Nada. Só está cansada.

– Não acredito nisto. E aposto que o policial Dalkey também não acreditaria. Acho que Marlena andou tomando alguma coisa, e acho que pode estar correndo sério risco.

– Ela está cansada. – Por que eu não arrumava uma mentira melhor? Intoxicação? Gripe?

– Ouça. Vamos levar Sal conosco. É isto que vai acontecer. Se a Marlena também vier, ela vai passar por um exame de drogas, e se der positivo, acho que eu e você sabemos o que vamos encontrar.

Josie estava subindo a escada. Desejei que caísse. Desejei que Sal se escondesse.

– Ela pode ficar na minha casa. Ela só está enrolando. Por favor, não complique a vida dela.

Tive vontade de me curvar e puxar Marlena por aquele cabelo comprido e ensebado até que ela acordasse, até que sua cabeça desgrudasse daquele sofá. Como ela se atrevia a ficar ali deitada, roncando no sofá na minha frente e na frente dessa

senhora, esta Candice bem-intencionada, deixando que eu lidasse com o caos que era a sua vida?

– Por favor, por favor, ela está mesmo esgotada.

– Sua mãe está em casa? Ela vai concordar que Marlena fique com vocês por um tempinho? Mesmo deste jeito?

– Marlena fica comigo o tempo todo.

– Tudo bem. Então, se eu for falar com ela sobre o que anda acontecendo, ela vai abrir a porta pra mim?

– Vai. – Será que mamãe estava em casa? Eu não fazia ideia. Sal, provavelmente, estava se escondendo.

– Você parece uma boa menina, Catherine. Precisa ser amiga da Marlena neste momento. Ela vai precisar da sua ajuda.

Candice pegou minha mão entre as suas. Tinha as palmas enrugadas e sedosas. Talvez tivesse uma filha e por isso estava sendo tão bondosa conosco naquela noite. Tinha sido muito severa com a filha, mandando-a embora, então tentaria fazer a coisa certa dando-nos uma chance extra. Eu podia ver isto como se fosse um filme, a menina vomitando no mato atrás de um chalé pré-fabricado, esta Candice parada em frente ao telefone às quatro da manhã, pensando quando passaria a ser uma traição chamar a polícia. Eu não sabia se retirava minha mão ou subia no seu colo.

– Quero dar uma folga pra Marlena, entende? Quero mantê-la fora do sistema. Quero que ela tenha esta oportunidade porque sei o que acontece com as meninas quando se metem nisso. Mas isto significa que não quero vê-la deste jeito de novo.

Nós duas olhamos para Marlena. Estava com o meu short. Provavelmente também com a minha calcinha.

Sal desceu a escada, ainda de pijama, seguido por Josie, a mochila de Sal pendurada no seu ombro.

– Cat, posso ficar na sua casa? Vou me comportar.

– Eu sei, Sal, você é o máximo – eu disse, agachando-me para olhar no seu rosto.

– Mas acho que agora você precisa ir com estas senhoras, está bom? Elas são muito boazinhas, e amanhã a gente vai visitá-lo, quando Marlena estiver se sentindo melhor. Que tal?

Ele olhou para o chão, e vi que tudo o que sabia na vida é que não se podia confiar nas pessoas, que nada do que alguém dissesse jamais significava coisa alguma. E não foi uma coisa que ele precisara aprender, como eu, depois de algumas

reviravoltas de merda; Sal esperava ser abandonado.

– Qual é o problema com a minha irmã? – ele perguntou, soltando-se do braço possessivo de Josie. Ao chegar até ela, empurrou-a, o corpo dela pendendo, depois voltou a empurrá-la com todo o lado do seu corpo. Ela fez um som incompreensível, e então ele bateu nela, bem entre as espáduas, com seu pequeno punho. Bateu nela repetidas vezes, tentando, dava para perceber, fazer com que doesse.

– Pare com isto. – Agarrei sua mão. – Ela está doente.

– Ela não está doente. Está chapada.

Josie disse para Candice:

– É possível que essa menina precise ir para o hospital.

– Não, não precisa – Candice respondeu, mas eu não estava segura de que ela estivesse certa. – Senti seu pulso. Só apagou.

– Sal, ela está doente.

– Odeio você – Sal gritou. – Você não é mais minha amiga.

Ele cuspiu, e um jato molhado escorreu pelo meu pescoço. Saiu batendo a porta, e quando Josie abriu-a, ele já estava no banco de trás do carro delas, pronto para partir.

o o o

Nunca me senti mais agradecida à mamãe do que naquela noite. Depois que Candice conversou com ela, nós três juntas levamos Marlena para a minha casa, para a minha cama. Àquela altura, ela meio que resmungava coisas esquisitas: o nome do meu irmão, perguntas como onde estávamos, e algo que soou como “homem melancia”.

– Tudo bem com você? – mamãe perguntou, depois que Candice saiu e os carros se foram, o celeiro vazio até de Sal.

– Tudo.

Mamãe não fez mais nenhuma pergunta. Estava tão calada que me deu vontade de chorar. Tomamos uma xícara de chá juntas na penumbra da cozinha, esperando Jimmy.

Eu e Marlena éramos diferentes, mas, às vezes, quando estávamos juntas, conseguíamos apagar nossas histórias independentes apenas conversando, compartilhando uma brincadeira ou um olhar. Mas na cozinha com mamãe, a

cozinha que sempre estava limpa, onde sempre havia algo para comer, onde a água jorrava previsivelmente da torneira, e onde atrás de cada porta do armário havia pratos, apenas pratos, vi como estava errada ao sentir que eu e Marlena tínhamos tanto em comum, e vi o quanto eu era sortuda. Porque ali estava a diferença que importava. Minha mãe magérrima, com seu cheiro de chardonnay e sempre esquecendo de desligar o ferro de passar, com suas piadas bregas sobre puns de brócolis, os dentes arreganhados de raiva e as luvas de borracha no banco traseiro do carro, minha mãe que se recusava a deixar de me amar, que cometia erros bobos e bebia demais e era minha companheira de risadas, minha mãe que nunca, jamais iria embora, em quem eu confiava tão profundamente que um mundo sem ela excedia os limites da minha imaginação. Ali estava a diferença, e era enorme, e o fato de eu nunca ter percebido isso antes é uma coisa da qual até hoje me arrependo.

Naquela noite, dormi com mamãe em sua grande cama com seus bons e fofos travesseiros, ouvindo como ela acordava a cada duas horas com um único ronco que a fazia se virar, e a amei, como minha mãe e como pessoa, por tudo, por ser aquela que ficou.

o o o

A polícia prendeu o pai de Marlena no posto Shell, em Grayling. Ele estava escondido no banheiro, sentado na parte de trás do vaso sanitário, os sapatos na frente do assento, esperando que eles fossem procurar por pés e nada mais. Foi isto que ele contou quando ela foi visitá-lo na cela abaixo do fórum.

– Você sabe onde o parque dá uma subida – Marlena me contou. – É lá que ficam as celas. Estão no subsolo, logo ali, no meio da cidade.

Bêbados curando a ressaca debaixo do coreto, os decorativos dormentes de estrada de ferro, o jardim de girassóis. E todos aqueles homens andando em seus minúsculos espaços abaixo, esperando a transferência para a droga de lugar que viria a seguir.

Na história do *Kewaunee News-Review* sobre a prisão de Randall Joyner, Ann Simmons escreveu que ele ficou em cima de um vaso sanitário numa tentativa de escapar da polícia, gritando que tinha uma arma, a mão direita esticando sua camiseta, procurando enganar quatro policiais que empunhavam suas armas.

– Sabíamos que não havia arma – disse o policial Dalkey na única citação do artigo. – Não existe arma tão fina.

Algumas semanas depois da sua prisão, ele foi levado para a penitenciária no Michigan Superior. Até onde sei, Marlena nunca conseguiu visitá-lo lá.

o o o

Candice arrumou um emprego para Marlena atrás do balcão do Tortas Mulvie, no centro da cidade, ao lado do correio. Pegava-a todas as segundas, quartas e sextas de manhã, e a trazia de volta para nossa casa no final do seu turno. Num fim de semana, Candice tomou o café da manhã conosco e conversou com Marlena sobre como pedir a guarda de um menor, o que ela teria que fazer para ter Sal de volta, para ser seu *in loco parentis*, Marlena disse. *Loco*, como louco, o que fez sentido para mim, porque eu não conseguia imaginá-la tomando conta de uma criança. Observei-as planejando, o cabelo de Marlena amarelo-manteiga sob a luz do sol que entrava pela janela. “Não quero sua caridade”, Marlena deve ter me dito uma dúzia de vezes. “Se não me quiser no seu espaço, se for demais para você, tudo bem, durmo no celeiro.” Mas eu nunca deixava de querê-la no meu espaço. E ela queria sim a nossa caridade, não é? Talvez fosse por isso que Candice se esforçava tanto, ajudando Marlena a navegar no sistema, sua mãe ausente sem atestado de morte e sem poder ser rastreada para assinar um formulário de guarda. Barreira, após barreira, após barreira.

Depois daquele dia horroroso, depois que Marlena acordou e passou duas horas vomitando, ela agradeceu minha mãe com lágrimas correndo pelo rosto, e desde então me parecera, pelo menos para mim, cem por cento sóbria. Jimmy também pensava assim, disse que era por isso que ela andava tão calada e com o estômago enjoado. Prestava atenção na maneira como eu lavava os pratos depois de usá-los, e fazia o mesmo. Nunca pegou comida na geladeira sem pedir, embora antes ela fizesse isso. Flagrei-a uma vez no banheiro, puxando um chumaço de cabelo loiro do ralo do chuveiro. Na maioria das noites ela se sentava à mesa com a minha mãe e conversava com ela um tempinho, pedindo que contasse histórias sobre a sua vida, ouvindo-a com um verdadeiro interesse que eu simplesmente não tinha. Mesmo quando Marlena cantava naquelas semanas, cantava baixinho. Tínhamos que lhe dizer que não tinha problema, que ali ela podia cantar na altura que quisesse.

Nós três, supostamente uma família, ficávamos mais à vontade entre nós quando ela estava por perto. Ou talvez não passasse de matemática, nós três, para haver equilíbrio, precisávamos de um quarto.

– É bom que você tenha a casa – disse Candice. – Mas você precisa torná-la habitável. Precisa de uma renda. Precisamos de uma prova de sobriedade, ou eu preciso.

Então, uma vez por semana, ela ficava pelo centro da cidade depois de trabalhar no Mulvie, e ia para uma reunião dos Narcóticos Anônimos, na São Francisco. Ou, pelo menos, dizia que ia.

o o o

Pouco antes do início das aulas, perguntei-lhe, espontaneamente, o que ela ia vestir.

– Não vou voltar – ela disse. – Mas com certeza você deveria vestir aquela.

Olhei meu reflexo no espelho, o reflexo dela atrás de mim, folheando uma revista na minha cama. O jeans estava apertado demais. Ela achava que eu deveria usar roupas mais apertadas do que eu considerava confortável. Disse que eu não deveria privar o mundo do meu corpo, só por me sentir insegura. Respondi que nem todo mundo era abençoado com um espaço entre as coxas maior do que uma bola de beisebol. – É, nem eu.

– Não, falando sério. Não vou voltar. Conversei com Candice a respeito. Minhas notas são uma merda, Cat. No ano passado tirei E. Você tem ideia do que significa um E?

– Isto não é uma nota.

– Acho que sou a primeira pessoa a tirar uma. Inventaram uma nota pra mim, de tão porcaria que elas são. Não vou conseguir a guarda de Sal se estiver cursando o colegial sem dinheiro. Qual é o sentido? De qualquer modo, não vou para a faculdade. Candice concorda comigo, já conversamos muito sobre isso.

– Você vai ter uma escolaridade baixa, sabe disso, não é? Um ensino médio incompleto.

– Ei, meus pais também fizeram isso.

– É exatamente disto que eu estou falando.

– Posso fazer um supletivo enquanto estiver trabalhando.

– O que o Jimmy acha disto?

Desde que ela passara a viver conosco, eu me via perguntando-lhe qual era a opinião de Jimmy, como se ela fosse uma criança, e Jimmy e eu fôssemos seus pais, ou coisa assim.

– Ele disse que posso fazer o supletivo e assistir às aulas pela internet, se quiser.

Também disse que sou inteligente demais pra um lugar daqueles.

Era uma maneira de ela se vangloriar. Ele não tinha dito exatamente o oposto para mim, ou pelo menos sugerido isso, meses atrás, quando tive um ataque quanto a frequentar o ensino médio de Kewaunee?

o o o

E as aulas recomeçaram. Sem ela, era uma solidão, e também, de certo modo, melhor. Passei a gostar do que gostava ali, sem distração. Prestava atenção na aula. Levantava a mão. Em inglês, quando eu começava a falar, os garotos no fundo gemiam audivelmente. Não cabulava, embora ainda saísse furtivamente, nos intervalos, para fumar com Greg e Tidbit nas casinhas de cachorro, ou no bosque de árvores gravadas atrás do campo de futebol. Talvez por causa da Concord, comecei a receber brochuras de faculdades. A maioria delas para faculdades de Michigan, pequenos centros de artes liberais. Pedi informação para um punhado de lugares na região de Nova York. Pensei que poderia me inscrever em uma das mais baratas, chamada Hunter. Marlena e eu espalhamos todo o material pelo chão do meu quarto.

– Na Universidade de Nova York, você pode se tornar uma pessoa bem insuportável – ela disse. – Que desperdício de dinheiro. Todo mundo se torna insuportável mais hora menos hora, basta estar vivo. Pelo menos um pouco.

Ela adorava olhar os folhetos das faculdades. Passava horas com meu marcador de texto assinalando dados como a porcentagem de estudantes que continuam para fazer mestrado, se a universidade oferecia ou não grupos a capela e coros de câmara, periódicos literários e jornal do campus. Fazia a pesquisa para nós duas.

– Sinceramente, Mar, não dou a mínima – disse-lhe uma noite, enquanto ela tagarelava sobre cozinhas compactas nos alojamentos da cidade universitária. Era verdade. Nada me interessava nas faculdades, a não ser a localização.

o o o

Setembro, o ar adocicado por causa das folhas de bordo prestes a mudar de cor, ainda quente o suficiente no Bayview, o restaurante elegante do centro da cidade, onde nos deixaram sentar no terraço. Marlena colocou sobre a mesa seu cardápio encadernado em couro, e o leu com as mãos livres, tentando se comportar como se

o fato de saber francês significasse que conhecia todas as nuances da preparação dos pratos. Marlena tinha algum dinheiro de sobra do trabalho, e quis sair para comer num restaurante de verdade, não numa lanchonete. Comemos escargots sem estremecer, contemplamos o pôr do sol sobre o farol, bebemos água gasosa e o pão veio acompanhado de azeite, em vez de manteiga. Foi o primeiro de um milhão de outros jantares como aquele.

o o o

Às vezes, me pergunto como eu contaria isto se não tivesse tantos livros confundidos dentro de mim. A verdade é tanto uma vastidão intocada, quanto o menor espaço que se possa imaginar. Fica entre mim e ela, o que eu vi e o que ela viu, como vejo agora, e como ela não tem o agora. Dividindo ainda mais, entre o que quero dizer e o que digo, quem sou e quem pareço ser, quem ela dizia que era, agindo como se fosse, e também, é claro, quem ela era *realmente*, em toda sua gloriosa complexidade, toda sua desconhecida marlenice, todos os seus segredos. Imagine cada uma dessas perspectivas como círculos em um diagrama de Venn, um período minúsculo no meio, o ponto mais escuro do gráfico, o espaço mais escuro conhecido pelo homem. Talvez ali estivesse a verdade. Mas minha versão da história é toda a porcaria que nos resta.

o o o

Para o seu décimo oitavo aniversário, eu precisava lhe dar alguma coisa inesperada. Alguma coisa criada, alguma coisa que ela não tivesse percebido que queria. Tinha que custar quase nada, porque eu estava sem dinheiro. Queria que meu presente mostrasse para todos, para ela, como eu a conhecia muito melhor do que qualquer um. A ideia do broche veio do nada, nos últimos minutos da aula de trigonometria, eu cochilando na carteira, na sala pra lá de clara.

Naquela noite, tirei o broche de Marlena do seu esconderijo no bolso do meu velho suéter, satisfeita com a minha esperteza, e no dia seguinte levei-o ao relojoeiro na hora do almoço. Eles o consertaram em dois segundos batidos, de graça.

Ela passou o 27 de setembro, o dia em que completou dezoito anos a menos de dois meses da sua morte, com Sal, no seu provisório lar adotivo. Insisti, mas ela não me deixou ir junto. Em particular, Candice me contara que a nova mãe adotiva de

Sal tinha experiência com crianças com necessidades especiais, e era simpática, não uma dessas pessoas que aceitam crianças adotivas pelos cheques que trazem com elas.

Depois da morte de Marlena, visitei Sal um punhado de vezes. A casa parecia ser um lugar razoável, um sobrado sujo no lado mais sujo do centro da cidade, com crianças demais, sapatos empilhados próximos à porta dos fundos, brinquedos velhos grudentos transbordando de cestos por todo canto, mas sempre havia biscoitos ou brownies no balcão, risadas vindas dos quartos no andar de cima.

“Sal está mto puto comigo”, Marlena escreveu-me no meio do coro. “Ñ olha pra mim & age como se ñ soubesse quem eu sou!”

“dê um tempo pra ele, M”

“... merdamerdamerda”

“é seu aniversário!!!! fique feliz!!! vc é legalmente adulta!! pode me comprar cigarros!!!”

“estou TENTANDO”

“eu sei <3”

No fim de semana, enquanto ela trabalhava num turno extra, Jimmy e eu tínhamos feito um bolo para ela. Despejamos uma mistura de bolo branco Betty Crocker numa vasilha que não era grande o suficiente. O pó se espalhou por todo o balcão quando acrescentamos confeitos aos punhados. Os confeitos eram autorizados pelo Bridge Card e a cobertura também.

– Você tem certeza de que é assim que se faz com os confeitos? – Jimmy perguntou.

Ter Marlena por perto de certa forma deixara-o mais bonito. Ele parecia menos irritado o tempo todo. Isto, e ela tinha cortado o cabelo dele, aparando-o em pequenas camadas loiras. Eu desconfiava que ele estivesse apaixonado. Tinha adiado a faculdade por mais um ano, e eu sabia que isso significava que provavelmente ele jamais iria, que Marlena era um motivo bom o bastante para ele ficar.

– Por que não? Parece certo, não parece?

O bolo saiu do forno com todos os confeitos no fundo.

– Nunca consigo chegar a uma conclusão se a sua estranha segurança vai levar você muito longe, Cat, ou vai foder você de vez.

– Bom, obrigada, acho...

– Isto é o máximo que consigo ganhar. Você é nossa última esperança brilhante

para o futuro.

– Você ainda pode ir. Poderia começar na primavera. Não é tarde demais. Aposto que você até poderia conseguir sua bolsa de estudos.

– É, eu sei, mas não quero mais.

– Como? Como é possível você simplesmente não querer? Não entendo.

– Simplesmente não quero.

Ele cortou um pedacinho de bolo da assadeira, e o dividiu em dois, me passando metade. O bolo estava quente e os confeitos no fundo criaram uma espécie de crosta extradoce. Espalhamos por cima uma lata e meia de cobertura de chocolate, usando-a para cobrir o buraco de onde ele tinha tirado nossa degustação.

– Vocês dois vão meio que, assumir? – perguntei, enquanto ele escrevia uma mensagem para ela com creme de confeiteiro azul. Seu braço contraiu-se ao desenhar as curvas do “S”.

– Tão intrometida! Como é que eu vou saber? Mas acho que sim, espero. – Sua pele ruborizou-se. – Quando ela estiver pronta. Quando a vida dela voltar um pouco mais para o normal. Se ela quiser. Ah, sei lá. Não repita isso.

– Bom, você perguntou pra ela?

– Perguntei.

– E ela só continua dizendo não?

– Por enquanto – ele disse.

o o o

“FELIZ ANIVERSÁRIO PARA A NOSSA QUERIDA” foi o que ele escreveu sobre a superfície do bolo retangular, reto, uma mensagem tão comprida que cobriu a cobertura branca como se fosse uma página toda escrita. As curvas dos “Ss” ficaram deformadas. Não sabíamos dizer o que queríamos falar de outra maneira.

o o o

Levei o bolo até Marlena, que estava sentada à mesa da cozinha, usando jeans e uma das minhas camisetas sem colarinho, o cabelo num meio rabo de cavalo, o rosto iluminado em alguns pontos pela luz das velas. “Parabéns pra você”, cantamos, mamãe e Jimmy em harmonia, uma umidade que acho que só eu vi, inundando os olhos dela quando coloquei o bolo à sua frente. Ela assoprou as velas em três

tentativas, xingando a si mesma por ser fumante.

– Nunca tive um bolo de aniversário como este – ela disse. – O que aconteceu com os “Ss”? – Jimmy deu de ombros, seu rosto entregando-o.

Repassei aquele ano vezes e vezes, e é aqui que frequentemente paro. Aqui, exatamente aqui, na merda da nossa casinha de papelão, com nosso bolo de mistura pronta doce demais, 27 de setembro, o décimo oitavo aniversário de Marlena, um momento que na memória está, de certa forma, separado do motivo da sua morte, como se ela tivesse sido poupada, ainda por aqui, em algum lugar, seguindo com a sua vida, trinta e seis no momento desta narrativa, idade que logo farei. Olhe para ela, sentada à nossa mesa. É seu aniversário. Está esperando para descobrir quais entre todas as coisas possíveis de acontecer, acontecerão. Preciso que mais alguém a veja. Aquele meio rabo de cavalo, preso com um dos meus elásticos, as orelhas destacando-se um pouco, a luz das velas reluzindo entre elas, tornando sua pele rosa, a sombra da sua omoplata, todos os seus pensamentos, todas as coisas que ela queria que eu nunca soube, tudo que não conseguimos salvar. É disto que não consigo abrir mão, da última vez em que a vi feliz, esperançosa.

Marlena só tinha duas coisas para abrir, já que o presente de Jimmy estava misteriosamente “a caminho”. De mamãe, um livro de cozinha usado, com receitas para refeições de trinta minutos, e uma camisa branca de abotoar.

– Sinto serem presentes tão práticos, meu bem, mas qualquer pessoa com criança pequena por perto precisa saber como fazer comida rápida. E a camisa é pra trabalhar, assim você não precisa ficar sempre lavando a que tem. – Mamãe estava na sua terceira taça de vinho e estávamos todos meigos.

– Obrigada. É perfeito. Vou ter que contar isto pra eles na audiência: “Consigo cozinhar no mínimo dez refeições de trinta minutos ao gosto de uma criança!”

– Pode praticar comigo – disse Jimmy. – Vou comer toda aquela porcaria de frito pies.

– Não é curioso como não dá pra imaginar onde você vai parar? Nunca soube que vocês viriam, e agora são como a minha família. – Ela nos abriu um dos seus enormes e maravilhosos sorrisos, aquele que exibia quando tentava conseguir alguma coisa.

– Abra o meu – interrompi, me detestando.

Eu tinha embrulhado o broche num jornal, envolvendo-o todo com fita adesiva, então era estupidamente difícil de abrir.

– É uma bomba? – Jimmy perguntou.

Marlena chupou a cobertura da sua faca, e a enfiou debaixo da fita adesiva.

– Onde foi que você achou isto? – A voz dela, monocórdica. Meu estômago retorceu-se.

– Eu não peguei, só encontrei no chão. Perto do sofá. – A mentira foi instintiva.

Ela o segurou próximo à chama de uma vela, no centro da mesa, e depois o trouxe para junto do olho, um joalheiro examinando algo duvidoso.

– Ficou perdido por um bom tempo. Pensei que tinha sumido.

Sua marlenice estava se esvaindo, transformando-a de volta numa adolescente normal, toda aquela felicidade ausente. Ninguém conseguiria perceber a não ser eu; mamãe estava muito alta, Jimmy muito chapado.

– É o seu broche? – ele perguntou querendo pegá-lo, mas ela não o passou para ele. Abriu a portinha, fechou-a, abriu-a novamente.

– Tive que mandar consertá-lo. Não queria contar que tinha achado, porque era pra ser uma surpresa! Queria consertá-lo e fazer uma surpresa. – Eu não sabia por que estava me desculpando.

– De qualquer modo, está como novo.

– O que é isso? – mamãe perguntou. – Uma coisa meio de senhorinha, não é?

– É algo que eu costumava usar muito – disse Marlena, e prendeu o broche na camisa.

o o o

Outubro chegou, como sempre. Um dia antes da audiência de guarda de Marlena, vagamos pela mata fumando feito loucas, um pouquinho bêbadas da cerveja barata que passávamos de uma para a outra, enquanto ensaiávamos as perguntas que Candice sugeriu a Marlena que estivesse preparada para responder. Folhas grudavam nas mangas dos moletons que estávamos usando, capuzes levantados, cordões amarrados para nos proteger do frio. Marlena estava com problemas na pele; no seu queixo, uma espinha do tamanho da borracha de um lápis. Eu estava menstruada; a menstruação dela ainda não tinha voltado. Eu notava sua falta todos os meses, com inveja. O ar cheirava a musgo e putrefação.

– Srta. Joyner – eu disse num barítono dramático, minha voz falsa de advogado.

– Quais são as suas obrigações no Mulvie? Descreva sua agenda semanal.

– Eu fico nervosa de ouvir você falar com essa voz, e você é péssima nisso. – Ela

terminou a garrafa e a colocou com cuidado entre as raízes de uma árvore, como se fôssemos pegá-la de volta ao ir embora, e arrumar uma caixa de reciclagem para ela.

– Quer que eu fale com a minha voz normal?

– Vou me danar com isto. Não consigo falar na frente de uma sala. Além disso, todas aquelas pessoas conhecem o meu pai. Como é que não vão pensar nele, quando olharem para mim?

– Talvez você devesse admitir isto. Ei, sei que meu pai fez merda, mas não sou ele, e espero que os senhores não levem seus crimes em consideração, ou coisa do tipo, quando estiverem tomando esta decisão. Você está ficando com frio? – Eu sentia cólicas que vinham e iam, ondas de pressão, queria voltar, mas parecia insensibilidade perguntar se poderíamos dar meia-volta.

– Queria que a Candice pudesse falar por mim.

– O que o Sal quer não vale?

– Quem é que sabe o que o Sal dirá se perguntarem a ele se quer morar comigo. Ele tem sido um cabeça de bagre ultimamente.

– De preferência, não chame ele de cabeça de bagre.

– Eu sou a única que sabe como lidar com aquele pequeno cabeça de bagre! – ela gritou para o alto das árvores, meio que cantando a palavra “bagre”, de modo que ela ricocheteou dos galhos, vibrando no céu. Depois, mais calma, me disse: – Está convencida?

o o o

Mal consegui dormir naquela noite. Marlena ficava suspirando e se virando, puxando o cobertor para ela, descobrindo no ar frio um dos meus joelhos, meu pé. Eu sabia que ela queria conversar, mas eu tinha um exame de inglês, um ensaio a ser escrito em sala, no primeiro período, e estava nervosa por ter que escrever quatro páginas em menos de uma hora. “*Humm*”, ela disse, um suspiro que se transformou num som real, e se virou de bruços, arrancando completamente a cobertura das minhas pernas. Puxei o cobertor de volta, com força suficiente para também descobri-la um pouco. “Me desculpe”, ela sussurrou e se levantou, mexendo-se pelo quarto no escuro por alguns minutos, antes de sair fechando a porta com um cuidado excessivo. Isso me fez acordar de vez. Fiquei ali deitada até que a janela acinzentou-se com a manhã, ansiosa para saber aonde ela teria ido, esperando que estivesse apenas no sofá ou com Jimmy, e que não tivesse saído com Bolt ou alguém

pior.

Pouco antes de o meu despertador tocar, ela abriu a porta do quarto, e acendeu todas as luzes.

– Acorde – disse, segurando uma caneca de café. – O que acha que eu deveria vestir?

– Estou dormindo.

Meu alarme disparou.

– Como eu disse, levante-se. – Ela pousou sua caneca na minha estante e começou a remexer no meu guarda-roupa.

– Já conversamos sobre isso. – Saí da cama, o que basicamente só significava ficar em pé, meu colchão continuava no chão, e retirei sua xícara de café do livro sobre o qual estava colocada, onde deixou um círculo. – Já disse pra não colocar as xícaras aqui.

Ela colocou um vestido tubinho da minha mãe, que eu tinha usado na recepção dos novos alunos, na Concord, um trilhão de anos atrás. Já havia uma pilha das minhas roupas arrancadas do cabide e jogadas ao pé da minha cama.

– Puxa o zíper?

De perto, ela estava tão magra que dava dó olhar a sua espinha, bolinhas de gude contra a pele. Meu sutiã, um de renda vermelha que eu era tímida demais para usar, estava fechado no gancho mais apertado, e mesmo assim eu poderia enfiar dois dedos entre as costas dela e a tira, sem problema.

– Pensei que você fosse usar calça preta e aquela camisa do aniversário.

Olhamo-nos no espelho, Marlena segurando o pano folgado no quadril e franzindo o cenho: – Acho que o vestido dá um ar mais de adulta.

– Não está caindo bem.

– Vou colocar um suéter. E meia-calça grossa. Você não acha que fica melhor?

– Sinceramente, não acho que o que você estiver usando vá fazer diferença, mas o vestido parece bom.

Fui para o banheiro levando minhas roupas. Ainda detestava me trocar na frente dela, quando estava sóbria. Ela conseguia ficar por ali sentada de camiseta e roupas íntimas, mas eu sempre me virava para a parede, abrindo o sutiã e puxando-o por baixo da manga da camiseta, de modo que meu corpo nunca ficava completamente descoberto, nem mesmo por um segundo, ainda que ela já o tivesse visto totalmente, em todas aquelas noites de bebedeira. No banheiro, joguei água no

rosto, gotículas escorrendo pelo meu pescoço, ensopando minha camiseta. Mamãe e Marlena brincavam que quando eu saía do banheiro era como se um elefante tivesse tomado um banho de esponja na pia.

É claro que ela não tinha se lembrado do meu exame. No quadro geral, aquilo era muito pequeno, muito menor do que o que estava acontecendo com ela. Ela não era a má amiga, eu era. Tinha guardado o segredo de Ryder, em grande parte por egoísmo. Não queria que Marlena juntasse tudo, e que percebesse que Ryder nunca teria sido pego, nem teria dedurado seu pai, se não fosse por minha causa, ali sentada no laboratório de computação, esforçando-me para ser descolada, incentivando Greg a postar aquele vídeo idiota no YouTube. Não queria que ela soubesse que eu tinha perdido minha virgindade com ele, um menino que ela conhecia desde pequena, um menino que eu tinha certeza que nem mesmo gostava muito de mim.

– Falando sério, estou bem? – ela perguntou, quando voltei a entrar no quarto. Estava em frente ao espelho, o rosto limpo, o cabelo recolhido num rabo de cavalo baixo.

– Está ótima.

– Tá, mas, assim, tipo capaz?

– Sim, sim, sim, sim.

– Me desculpe. Amo você.

– Também amo você. Vai dar certo.

Sem a moldura do delineador, suas íris estavam ainda mais azuis, quase dramáticas, uma cor tão viva que quase dava para ouvi-la. Usava o broche que eu tinha devolvido, preso no tecido perto do lado direito da gola, exatamente onde ela gostava. Parecia ridículo com o vestido.

– Não use isso – eu disse, tocando na minha roupa o lugar onde o broche estaria, se fosse eu a usá-lo. Seu reflexo olhou para o meu.

– Por quê?

– Eu sei que você ainda tem os troços. Os comprimidos. Sei que ainda tem alguns, e não acho que deva tomar nenhum. Acho que precisa estar sóbria pra isto. – Saiu sem planejar. Uma ideia que eu mal sabia que tinha. Será que ela entraria mesmo no fórum com Oxi pregado na camisa? Disse para mim mesma que não, mas é claro que entraria. O melhor lugar para esconder alguma coisa era à vista de todos. Acima de tudo, era por isto que ela tinha começado a usar o broche.

– Você vai começar a me acusar bem agora? Às sete da manhã? Como se eu não estivesse levando isto a sério? Muito gentil da sua parte, Cat. Grande apoio. Agradeço muito.

Ela já não estava olhando para mim, nem na vida real, nem no espelho, e sua voz tinha ficado um tanto histérica, tão alta que pensei que poderia acordar mamãe.

– Não.

– Então, como é que justamente você achou que eu faria uma coisa tão estúpida?

– Não achei. Não acho. Foi uma coisa idiota de se dizer.

Ela suspirou, lampejos amarelos nos olhos.

– Simplesmente não consigo acreditar que você ficaria aí me acusando. Você faz este tipo de coisa, fica olhando pra mim como se eu fosse um desastre. Parece uma maldição, como se você quisesse que eu fodesse com tudo.

– Claro que não quero. Entendo que você possa se sentir assim...

– “Entendo que você possa se sentir assim...” – ela disse de volta, caçoando com sua voz de “bebê-Cat”. – Você se acha muito inteligente, mas existem algumas coisas que estão fora do seu alcance. Você é a melhor amiga que já tive, então não vá se sentir toda magoada e assustada, levando isto para o lado errado. Mas você não entende isto, e nunca esperei que entendesse, nem qualquer outra pessoa.

Lembro-me do que ela disse porque me magoou mais do que qualquer coisa, especialmente porque ela tinha razão.

o o o

Passei a manhã toda me sentindo péssima por causa do que tinha dito, menos durante o inglês, onde passei todos os abençoados cinquenta minutos pensando em nada além de *Tess*, de Thomas Hardy. Assim que a aula terminou, mandei uma mensagem para Marlena: “sinto mto, boa sorte”, e depois, quando ela não respondeu, “2h30, certo? vou tentar cabular trigono. de qq maneira, tenho um ótimo orientador”.

Deixei o campus depois do almoço indo para o centro da cidade pelo caminho mais comprido, pela mata, para poder fumar os cigarros que Marlena tinha me comprado. Ela não respondeu às minhas mensagens até um pouco depois das três.

“vc pode vir? estou dentro”.

A audiência durou menos de vinte minutos. Tentei conseguir mais detalhes sobre o que tinha acontecido na sala do tribunal, mas ela só disse que tinha sido

constrangedor, uma piada. Dois homens velhos consideraram Marlena uma personalidade inadequada para Sal. Quando ela começou a chorar, um deles lhe estendeu um guardanapo do McDonald's, provavelmente sobra do seu almoço, e o outro a acompanhou até o corredor, onde havia um banco para cenas como as que ela estava fazendo. Foi ali que a encontrei, o guardanapo desintegrando-se na mão fechada, seus olhos secos, as faces manchadas de vermelho. Dali a alguns meses, Sal iria para uma nova casa de adoção provisória, em Charlevoix, a trinta minutos de carro. Marlena tinha dezoito anos, no que lhes dizia respeito era livre para morar onde quisesse.

Agora parece impossível que Candice pudesse de fato pensar que fosse funcionar. Talvez fosse apenas um esquema para manter Marlena sóbria, lhe dar um propósito, mesmo que temporário, para substituir aquele que a impulsionava. Pensei no presente que Candice tinha dado a mim e a minha mãe, um pote de plástico decalcado com jacintos, cheio de creme corporal que cheirava como um milhão de flores batendo umas contra as outras. – Fui eu que fiz – ela nos contou, mas Marlena disse que “fiz” significava que Candice tinha apenas misturado um monte de loções que já existiam, e as colocado num pote novo.

o o o

Marlena perdeu em sua audiência no início de outubro, justamente quando todas as árvores de Silver Lake ficam em chamas, suas folhas tornando-se alaranjadas e vermelhas, aparentemente ao mesmo tempo. Restava um mês, embora nenhum de nós soubesse.

o o o

No começo, ela pareceu estar bem. Calada, mas bem, talvez até aliviada que houvesse terminado, que agora ela tivesse a sua resposta. Sua família estava esfacelada, sem conserto. Ela deve ter se sentido no mínimo um pouquinho livre. Ficou conosco nas duas noites seguintes, dormindo comigo no meu quarto, e nem uma vez eu a ouvi chorando, ou acordei sem que ela estivesse ali.

Mas naquele domingo, nós duas presas na minha casa sem uma carona, nenhum lugar para ir, ela me contou que queria voltar a ficar em sua casa.

– O pagamento desta conta vai custar dois salários inteiros – Marlena disse. O

telefone sem fio estava no viva-voz, enchendo o quarto com a música de espera da companhia de eletricidade. A energia da sua casa tinha sido cortada logo depois da prisão do pai. Mamãe disse que ela tinha sorte por ainda não termos tido uma verdadeira nevasca, caso contrário, com certeza, os canos teriam congelado e estourado.

Ninguém mais estava em casa naquela noite; Jimmy trabalhando, como sempre, mamãe fora a um encontro com um veterinário a quem Marlena e eu chamávamos de Dedão. (Seu verdadeiro nome era Tomas.) Estávamos comendo uma torta de maçã do Mulvie diretamente da lata. Marlena só ossos, usando nada além de uma camiseta minha, uma calça de moletom do Jimmy, e minha máscara de coco para o cabelo, o cheiro mais forte do que o da torta.

– Não sei por que você está fazendo isto. Você pode simplesmente ficar aqui. Quer mesmo dormir no celeiro, sozinha?

– É a minha casa. Cresci ali.

– E?

– “E” – ela disse, tornando a imitar a minha voz. – E? E talvez eu queira ir pra casa. Talvez esteja enjoada de estar aqui o tempo todo, você e Jimmy sempre respirando no meu cangote.

– Você está sendo *muito* sacana.

Ela enfiou o telefone debaixo do braço, pegou a lata de torta e saiu batendo os pés pelo corredor. A porta do quarto do meu irmão foi fechada com força.

– Talvez, quando você for embora, pare de usar as minhas coisas! – gritei. Não me incomodei. Era domingo à noite e eu tinha uma dissertação para escrever. Eu também estava enjoada dela.

o o o

“Me desculpe” ela me escreveu na manhã seguinte à nossa briga, uma segunda-feira, o dia em que ela se mudou. “Tudo bem”, respondi segundos depois. “Vc tem passado por mta coisa”.

“ñ é desculpa”

“bom, vc sempre foi uma pentelha”

“vc é a única pessoa no mundo que usa *vigula* em textos”

“pq sou um gêniooooo ps é vÍRgula”

“puta merda!”

“o quê?”

“acabei de morrer... de tédio”.

Naquela tarde, Greg e Tidbit me deram uma carona para casa. Eu sabia que Marlena estava na sua casa, não na minha, porque as janelas do celeiro reluziam, e as folhas no quintal da frente tinham sido rasteladas em uma pilha.

Ela me deixou entrar, mas não me olhou no rosto, os olhos patinando pela periferia da sala. Suas palavras caíram no chão, rolaram para longe; algo sobre independência, sobre finalmente ter tempo e espaço para ser quem quisesse; sobre concentrar-se em sua música, aprender a tocar guitarra elétrica. Um monte do que ela disse não fez sentido. Agora ela era uma adulta, sem pai, sem Sal atrasando sua vida, sem ninguém, na verdade, e precisava descobrir como fazer isso, o que isso significava. Abriu a geladeira e me estendeu uma lata de Natty Ice, abrindo uma para si. Eu era muito mais nova do que ela, e Jimmy realmente não entendia a sua vida, eles tinham tido infâncias muito diferentes. O menino de ouro. Ela sabia que ele a achava um lixo, ela disse, e depois riu alto demais.

– Um tesão, mas um lixo. – Refutei, mas ela não estava me ouvindo. – Minha família – ela disse. – Me diga honestamente que ele não olha a minha família com desprezo. O que passa por... Você consegue? – Terminou sua cerveja e começou a tomar a minha.

O celeiro estava quase vazio, todo o lixo retirado da mesa de pingue-pongue, a mais suja das poltronas-saco colocada sobre uma pilha de lixo em frente à porta dos fundos, a pia livre de pratos, um cheiro perfumado no ar, algo de ligar na tomada que ela tinha roubado da minha mãe. Os desenhos de Sal tinham sido removidos das paredes, só restando os buracos das tachinhas.

Marlena disse alguma coisa sobre ter tido problemas no trabalho, ter feito um erro no caixa, e eu apenas assenti. Depois que ela terminou de descarregar, depois de uma tortuosa conversa mole sobre escola, tão rígida como se não nos conhecêssemos, fui embora. Era isso que ela queria, então foi o que fiz. De qualquer modo, eu tinha me distraído, impaciente, a cabeça chiando com os pequenos detalhes do meu dia, pensando na minha possível amiga Caroline, em como ela tinha me perguntado no almoço se as fofocas eram verdadeiras, se Marlena e eu éramos próximas, em como Caroline tinha se inclinado, espanto e medo na voz, sussurrando: “Me disseram que ela fez sexo com dois caras ao mesmo tempo.”

Desliguei Marlena. Ela estava confusa, perdendo o fio da conversa bem na minha

frente, e eu não queria lidar com ela. Porque era isto que ela queria dizer com necessitar de espaço. Queria ficar chapada sem interrupção, e eu tanto sabia disso, como não objetava.

o o o

Na próxima vez em que estive lá, vi uma colher entortada na mesa da cozinha. Talvez fosse novembro, perto do fim. Não perguntei e não contei. Até hoje não contei. E então, alguns dias depois tirei seu casaco do sofá para abrir espaço para eu sentar, e caiu uma seringa. Escorregou do bolso, um final de novela tão previsível, como se o próprio universo estivesse nos oferecendo um final. Uns dois centímetros de líquido âmbar dentro. Coloquei a seringa de volta e estendi seu casaco com cuidado no braço do sofá. Achava que ser sua melhor amiga significava guardar seus segredos. Confiava em que ela soubesse o que estava fazendo. Naquele outono, ela usou mangas compridas até para dormir. Eu já não era tão ingênua.

o o o

Anoitecer, temporada de futebol, o ar sulfuroso por causa da fogueira ardendo no quintal da frente de Marlena. Ela andava queimando o lixo do celeiro em etapas. Mamãe e eu tínhamos acabado de voltar da mercearia; seu Bridge Card estava reabastecido, e estávamos vindo de nossa peregrinação mensal ao Walmart, com sacolas e sacolas de coisas, latas de tomates e de feijões, caixas de macarrão, um monstruoso saco de arroz. Eu devia descarregar o carro, enquanto mamãe guardava as coisas. Marlena e Bolt saíram vacilando do celeiro. Ambos usavam sombreiros ridículos, de um rosa de chiclete, o tipo que se pode ganhar como prêmio em uma feira do interior. Marlena estava com as botas de salto alto, que eu sabia que tinham sido um presente da mãe, uma dessas coisas preciosas que ela sempre guardava para uma ocasião especial que nunca acontecera.

– Mar – chamei, mas ela subiu no caminhão de Bolt e fechou a porta. Fui em direção a eles, deixando uma sacola de cebolas e batatas no caminho. Os faróis acenderam-se e o caminhão começou a dar ré na passagem. Pedacinhos de cinzas levíssimas flutuaram ao vento.

– Ligo depois! – Marlena gritou pela janela meio aberta, enquanto o vidro subia. Um pedaço do chapéu ficou prensado entre a moldura da janela e o vidro, de modo

que ela teve que abri-la novamente e puxá-lo, com um safanão da cabeça. Não pude ver seu rosto debaixo de toda aquela aba.

– Foi só um passeio – ela me contou mais tarde. – Só fomos dar uma volta.

o o o

Depois que ela se mudou de volta para o celeiro, nós ainda nos víamos na maioria dos dias, mas ela começou a reclamar quando eu aparecia sem avisar; mais de uma vez, disse-me secamente que aquilo era grosseiro.

Perdeu seu emprego no Mulvie. Quando pressionei, disse-me que era porque a gerente ficou intimidada com o tanto que ela era querida pelos fregueses.

O carro de Bolt estava frequentemente estacionado no seu quintal da frente, mesmo quando meu irmão estava em casa. Havia semanas que ela e Jimmy passavam a maior parte do tempo separados, e, quando eu perguntava a ele a respeito, ele se esquivava. Quando eu perguntava a ela, a resposta era que ele era controlador. Uma vez, quando ela estava se trocando, pensei ter visto um hematoma no seu braço esquerdo, irregular e grande, logo abaixo da dobra. Mais tarde, de maneira semelhante, ela de costas, vislumbrei o mesmo local ladeado por marcas como se fossem arranhões de gato, inflamado e parecendo quente. Ela me deixou algumas mensagens de voz incoerentes: “Você não tem ideia de quando eu estou chapada ou não”, dizia em uma delas. “Ninguém tem.”

– Você está bem? – perguntei repetidas vezes.

– Estou – era tudo o que ela dizia. – Só estou entediada. Só estou cansada.

Numa tarde, depois das aulas, eu estava estudando com Caroline no Mulvie, quando levantei os olhos do livro, olhei pela janela e vi Marlena saindo do banco Fifth Third, as pernas tão esqueléticas que eu não conseguia acreditar que a mantivessem em pé, o rosto inchado e o cabelo num coque malfeito. Uma pessoa que nunca conheci, uma menina sobre a qual, honestamente, eu não sabia nada.

Nova York

IMAGINO QUE SEJA ESTRANHO QUE ÀS VEZES eu dirija minha voz interior para ela, ela ou alguma versão mais jovem de mim mesma. Existe um assunto que estamos sempre discutindo. “Mas Marlena”, falo para ela, “é novembro, tempo de cachecol em Nova York.”

Lá se vão vinte anos, e parei de me machucar tanto de propósito, de tomar comprimidos demais, de deixar de comer só para ver se consigo. Vou para o trabalho. Dou duro, e existe um prazer nisso que nunca esperei. Pego o metrô com todo mundo. Às vezes, passam-se dias, semanas, meses, e é como se você nunca tivesse existido. Empurro o saco de lixo para dentro do condutor e o ouço cair. Pergunto a Liam sobre o seu dia. Aninho-me ao seu lado na cama, e inalo o cheiro de sabonete na base da sua cabeça. Cumpro prazos. No começo dos meus vinte anos fiquei grávida por cinco semanas e meia, e não pensei em você até o desenlace amargo, quando o sangue vinha em coágulos. Nunca contei a Liam; foi antes dele. Nunca mais aconteceu. Talvez meu corpo não deixe; talvez eu já tenha tido minha chance.

Ser um adulto não é a mesma coisa. Não é, realmente, nada parecido com o que queríamos, o que imaginávamos para nós. Mas, Marlena, na maior parte do tempo é melhor. Às vezes, me sinto tão agradecida que parece um milagre. Pelas coisas mais idiotas: uma xícara de café quente, um recado engraçado de Liam, reler George Eliot inúmeras vezes, toda tarde de sábado, odiar menos o meu corpo, amar mais a minha mãe, ainda ter tempo para escolher. As cores são menos nítidas, mas sinto-me feliz por estar aqui.

Você está se esforçando muito para me convencer, imagino-a dizendo.

Perdoo-a por ser cética. Ela ainda tem dezoito anos.

O fato é que, Marlena, eu fiz muita besteira. Mas todos os dias tento de novo.

o o o

Quando minha mãe tinha dois anos a mais do que tenho agora, seu marido deixou-a depois de dezoito anos, relacionamento iniciado quando ela era adolescente.

Então, ela acabou com o que restava da sua vida e recomeçou, criando as regras conforme seguia. “Sua mãe é arrojada”, Marlena costumava dizer. Eu dava de ombros. Ela discordava da escolha de lugar feita pela minha mãe, Silver Lake era o maior inimigo de Marlena, mas amava o fato de mamãe ter simplesmente apontado um lugar no mapa e dito: “Tem que ser melhor do que onde estou.” Eu estava furiosa demais para admirar qualquer coisa na decisão de mamãe, embora nela houvesse mais lógica do que eu reconhecia então: o atrativo de uma cidadezinha distante de Pontiac, onde todos sabiam como papai tinha trocado uma mulher por outra, e o custo de vida, barato o suficiente para mamãe poder usar seu acordo no divórcio para comprar uma propriedade. Ainda que o banco terminasse pegando a propriedade de volta. Quando eu estava na faculdade, Jimmy me contou que nossa mudança para o norte fora inspirada, em parte, por um relacionamento via e-mail que tinha murchado logo depois de chegarmos em Silver Lake. Eu não fazia ideia. Mesmo depois de adulta, não acreditei em Jimmy até que ele cuspiu um nome. O homem, segundo Jimmy, era muito mais velho do que havia dito. Mamãe nunca tocou nesse assunto comigo.

Agora, mamãe e Roger vivem em um pequeno condomínio perto do campus da universidade de Michigan. Ele a ensinou a esquiar. Os dois formam um desses casais mais velhos que usam jaqueta acolchoada, comem granola, tem o rosto vermelho e saudável, mamãe mais robusta do que esquelética, seus bíceps maiores do que os meus. Jimmy visita-os o tempo todo. Ele mora a oito horas de carro, mas tem muitos lugares para esquiar no Michigan Superior. Roger não tem filhos, nem muito dinheiro, então mando cheques para eles. Ele é apenas um senhor, nunca esperei que fosse meu pai.

Quando mamãe vem visitar-nos, sinto-me compelida a fazer tudo parecer mais do que é: veja, aqui está nossa mobília cara, o dinheiro no banco que não para de aumentar, os grãos de café da loja especializada e nosso gato hipoalergênico de pelos longos; meu trabalho, as promoções a cada dois anos, nossos amigos bem-sucedidos, tudo o que construímos. Não me saí bem? Não cheguei longe? Mamãe fica um pouco chorosa quando vai embora, mas também posso perceber seu alívio. Talvez ela sinta o vazio desta vida, o excesso de excelência, a lista de tarefas a serem realizadas, o depósito de reciclagem cheio de garrafas escondidas.

Quando eu tinha trinta anos, durante aquele longo ano de tentativa e erro em sobriedade, recebi um aumento e comecei a ganhar um dinheiro que meus pais

nunca ganharam. Levei mamãe para Vegas; estávamos comemorando meu noivado. Não sei por que escolhi aquele lugar se não estava bebendo. Mamãe estava casada com Roger havia um tempo, e me sentei ao lado dela em uma grande cadeira de piscina, nossas pernas brancas esticadas, e ela me contou que a felicidade, ela finalmente entendia, era não ter nada a dizer quando as pessoas perguntavam como você estava, a não ser “bem”. Ficamos nos tostando ao sol, nossos corpos ecoando um no outro, o meu mais macio, o dela mais frágil, vincos entremeando-se no alto de seus braços e pernas, na parte inferior da sua barriga. “Tome só alguma coisa, querida”, ela dizia todas as noites ao jantar, segurando as taças de vinho, pagas por mim, do tamanho de uma bola de beisebol. “Se você é uma alcoólatra, o que eu sou?” E então eu tomava na maioria das noites; Vegas como uma nave lunar, um mundo de brilho estúpido, nós duas enfiando baldes de moedas em escaninhos, e nos descontraindo com o vinho que tinha gosto de gás doce. Era como engolir a luz emitida pela própria cidade. Mamãe e eu nos divertimos. Mais tarde, de volta a Nova York, não considere aquelas bebidas nas minhas reuniões. Ou quando Liam perguntou. Eu estava com a minha mãe. Como poderia dizer não?

Nem uma vez, de volta em Silver Lake, pensei como devia ter sido difícil para ela. Os problemas econômicos. Ficar sozinha pela primeira vez, jovem, mas mesmo assim madura, sem diploma, sem currículo profissional, sem perspectivas reais. Eu era cruel. Mamãe chegava em casa com homens e fechava a porta, a música em alto volume, coletâneas com batidas sincopadas e letras românticas, e me lembro de me sentir horrorizada com a sua sexualidade, com o fato de ela estar fazendo aquilo *na nossa casa*, um desgosto que se alongava bem depois que os homens iam embora, e muito mais profundo do que a raiva que tinha sentido do meu pai por fazer, essencialmente, a mesma coisa. Mas quando tentei falar com Marlena a respeito, imaginando que ela ficaria do meu lado, condoída, ela me impediu. Sempre viu minha mãe como uma pessoa. Agora, finalmente, eu também vejo.

o o o

Todo mundo tem uma vida secreta, mas quando você é uma menina que tem uma melhor amiga, você pensa que sua vida secreta é algo que possa ser compartilhado. Aquelas noites que eu e Marlena passamos no trepa-trepa, falando, falando; por um pequeno instante, nenhuma de nós duas estava sozinha, sobrepondo claro e depois escuro, como um eclipse em miniatura.

Nas semanas que antecederam a sua morte, já estávamos nos afastando. Quando me mudei para Nova York, era quase certo que teríamos perdido contato, passando a ser apenas mais uma dupla de garotas que compartilhou uma amizade breve e intensa que desvaneceu, como geralmente acontece com as amizades, com o tempo e a geografia. Mas eu acreditei em cada uma daquelas antigas promessas. Teria me apiedado de qualquer adulto que me dissesse que as coisas mudariam. Para você, eu pensaria, mas não para nós. Eu ia partir, sem dúvida, mas era para ela vir também. E não veio? Naqueles primeiros dias em Nova York, agosto, a cidade tão quente que eu me movia encharcada em sua saliva, ela estava comigo o tempo todo, se não nas coisas que eu fazia, sempre no meu pensamento. Arrumei um trabalho em um bar onde toda a equipe que atendia era irlandesa, e não foi ela que me fez mais enfática quando precisei ser, que me fez mais corajosa à noite, indo para casa com todo aquele dinheiro? Ela é a maneira como eu xingo, e como deixo os homens me olharem ou não, é o pouquinho de aço no meu âmagô, seja por ela mesma, seja pela perda dela. Antes daquele ano, eu não era nada além de uma garota boba, disforme, esperando que alguém aparecesse para me dizer quem ser.

Bebi com a lembrança dela por toda a cidade, bebi a mim mesma dentro de prontos-socorros, no banco de trás de táxis e em cenas que não consigo lembrar, mas das quais ainda me arrependo, e, no entanto, aqui estou, viva, adulta, conseguindo manter a coisa sob algum tipo de controle. Ultimamente, meus apagões são mais raros, mas todas as vezes que paro depois de um drinque, ou dois ou três, quando aquele monstro do desejo começa a rugir, e é então que fico mais próxima dela novamente. Ainda assim, algo tem me impedido de ir longe demais. Eu costumava achar que era medo, e isto é lhe dar crédito excessivo, porque não é corajoso fazer o que ela fez. Também não é corajoso beber até ficar cega.

Ela mentiu para mim o tempo todo: sobre Bolt, sobre Jimmy, sobre onde estava e por quê, sobre a quantidade de comprimidos que tinha ingerido. Será que eu era mesmo sua melhor amiga, ou apenas uma agregada, a quem ela agradava por causa da fissura que tinha pelo meu irmão?

“Não seja tão insegura”, ouço-a dizer. “Pensei que você superaria isso com a idade.”

Michigan

O CORPO DE MARLENA FOI ENCONTRADO numa segunda-feira de manhã, cerca de vinte e quatro horas depois de Jimmy tê-la visto pela última vez. Virado de bruços no rio Bear, cerca de oitocentos metros dentro da mata, atrás do Goldwater Pub. Um trilheiro de Grosse Point, que passava um fim de semana prolongado na cidade, avistou seu casaco entre os pinheiros, um pouco distante da trilha, preso entre algumas pedras do rio. Cobalto, cor que se nota na mata. Naquela semana, tinha havido um degelo e estava incrivelmente agradável para novembro, embora, enquanto ela seguia por aquele caminho, usando a droga dos seus Keds rabiscados, provavelmente estava escurecendo, o tempo começando a se transformar novamente em inverno; foi por isso que eles disseram nos jornais que ela deve ter escorregado em algum gelo novo, ela, uma menina de Michigan, crescida naquelas florestas, e batido a cabeça com força suficiente para desmaiar. Nada ali a não ser mais árvores, então, para que raio de lugar ela estava indo?

Sua pele, segundo o trilheiro, parecia casca de ovo, como se fosse possível quebrá-la.

Se Marlena escorregou, não foi por causa do gelo.

Tecnicamente, a última vez em que estivemos juntas foi um dia antes da descoberta do seu corpo, num domingo, pouco antes de ela se encontrar com Jimmy, mas eu me recuso a deixar que este seja o nosso final. Marlena também não queria que fosse.

Estávamos no centro da cidade, fazendo hora no parque com nossas jaquetas leves, nosso delineador grosso demais, cigarros enfiados atrás da orelha, pele marcada, mas tão elástica e jovem que quero voltar na minha memória e sacudir nós duas por reclamarmos tanto dela. Cheiro de café vazando da padaria da esquina todas as vezes que a porta se abria, um peru selvagem pavoneando-se como um velho presunçoso ao redor do coreto fazendo-nos rir quando corríamos até ele com os braços abertos, grasnando até que ele fosse embora manquitolando. Instalamos num banco, e comecei a contar alguma história, mas em minutos ela desapareceu completamente no seu celular.

Um domingo comum, sem grandes coisas para se fazer, mas variações do que sempre fazíamos. Depois de algumas mensagens de texto, ela me avisou que Jimmy iria pegá-la na esquina perto do fórum, e eles iam fumar um baseado, matar um pouco de tempo antes que o turno dele começasse.

– Venha com a gente – ela disse. – Vão ser só umas duas horas, depois ele vai trabalhar e a gente pode fazer o que você quiser.

– Não estou no clima de ficar sentada no banco de trás, enquanto vocês discutem ou meio que namoram de um jeito esquisito, passivo-agressivo.

– Vamos lá, Cat. O que você vai fazer em vez disso?

– Por que você não pode me encontrar depois?

O assassino cego estava na minha bolsa. Eu já tinha lido trinta páginas. Tinha quatro dólares em dinheiro, mais uns trocos variados, o suficiente para uma xícara de café com recargas infundáveis, e provavelmente um bolinho de limão com sementes de papoulas.

– Eu deixo você fumar todos os meus cigarros.

– Só peça pro Jimmy deixá-la no Mulvie antes de ir trabalhar.

– Tudo bem. Fique pronta. Não quero entrar lá.

Desde que Marlena tinha sido despedida, ela se recusava até a passar pela frente da loja. Se tivesse que me encontrar ali, como era comum, esperava na viela dos fundos.

Caminhei com ela pelo parque em direção à esquina onde Jimmy iria apanhá-la. Ela soltou o rabo de cavalo do elástico, e despenteou o cabelo nas raízes, de modo que ele ganhasse um aspecto descuidado. – Melhor? – perguntou. Seu cabelo era tão fino e liso que em poucos minutos estaria lambido novamente, não importa o que fizesse para tentar parecer sexy.

– Com certeza – eu disse.

Deixei-a quando vi Jimmy no carro de mamãe, diminuindo a velocidade no sinal luminoso em frente à loja de calçados Great Lakes. Nem mesmo esperei que ele estacionasse junto à calçada. Não nos abraçamos. Por que nos abraçaríamos se tínhamos planejado nos reencontrar logo mais?

Tomei quatro xícaras de café e cheguei à página cento e sessenta, antes de perceber que já passava das seis. Chequei o celular. Nada. Não era estranho vindo dela naquelas últimas semanas. Mandeí uma mensagem a Greg, e ele me pegou um pouquinho depois e me deu uma carona para casa. Nós dois deduzimos que

Marlena tinha encontrado Bolt, ou descoberto alguma outra coisa para fazer.

Quem pode reconhecer o final quando ele está acontecendo? O que vivemos me parece que é quase sempre uma surpresa.

o o o

Menti para a polícia quando me interrogaram sobre o que Marlena e eu tínhamos feito naquele dia. Eles perguntaram por que nos separamos, onde Marlena estava indo, e eu disse a eles que não sabia. Foi tudo o que pude fazer naquela sala minúscula e sinistra, idêntica às que eu tinha visto na TV, em frente àqueles dois policiais de barba. – Não sei – eu disse – Não sei. – Eles me perguntaram sobre o Oxi em sua bolsa, e eu fingi surpresa. Então você não estava ciente do plano dela de se encontrar com seu irmão? – perguntaram, e eu comecei a chorar. Mais tarde, Jimmy perguntou-me por que eu tinha mentido, se eu realmente pensava que ele poderia ter alguma coisa a ver com o que tinha acontecido com Marlena. Eu não tinha ideia do que dizer para ele. Sentada ali, enfrentando pergunta após pergunta, me sentia, mais do que tudo, culpada. “Eu a matei”, quase disse isso.

Solicitei uma cópia do relatório da autópsia de Marlena, dois anos depois de estar na faculdade, após cursar uma opcional em ciência forense. Como nunca tinha havido uma investigação criminal era fácil conseguir permissão, principalmente depois que disse meu nome ao funcionário do arquivo, o que eu estava estudando, que eu tinha cursado a mesma escola de ensino médio que a sua filha, Laura.

Embora seu corpo tivesse testado positivo para opiáceos, maconha e morfina, indicando que Marlena usara heroína em algum momento nos dias que antecederam sua morte, a causa oficial da sua morte foi asfixia por aspiração de líquido, causada por submersão, e consistente com afogamento. No sumário do relatório, o legista observou que como Marlena tinha caído e batido a cabeça, provavelmente estava inconsciente quando sua boca e seu nariz ficaram submersos por um período “suficiente”. Fiquei chocada com o comentário “consistente com afogamento”, pensando que talvez pudesse significar que os laudos eram inconclusivos, que Bolt ou alguém mais poderia estar implicado, que haveria mais implicações do que eu tinha percebido. Mas, quando perguntei a minha professora, ela me explicou que em muitos casos de afogamento, especialmente naqueles iguais ao de Marlena, onde a autópsia é realizada mais de vinte e quatro horas depois da morte, a evidência imediata de afogamento pode ser obscurecida por outros fatores

de decomposição. Achei a linguagem confortante. Era mais fácil pensar em Marlena se asfixiando do que imaginá-la inconsciente, aspirando água salobra do rio, juntando lodo no fundo da garganta. Eu também sabia que, naquele tempo, as autópsias eram reconhecidamente duvidosas no que dizia respeito ao abuso de drogas vendidas sob receita, fato que contribuiu para uma espécie de consciência retardada do perigo do Oxi e para a disseminação insidiosa da heroína preto alcatrão, que foi, para tantos usuários, o próximo passo.

Logicamente, o relatório não menciona o motivo de ela ter entrado na mata naquele dia, fato que eu daria qualquer coisa para saber, o que ela estava procurando, se alguém além de mim e de Jimmy a vira naquela tarde e naquela noite, o quanto de droga em seu sistema poderia ter comprometido sua capacidade motora, quanto levar em consideração a extensão do seu hábito. Tinha imaginado isso tantas vezes que é como uma lembrança de algo que eu mesma fiz: o sol jorrando sobre o lago, Marlena passando pelo Mulvie, eu lá dentro com meu livro, e indo para a mata. De início, ela segue a trilha entre as árvores, líquen salpicado e perene, mas depois de alguns minutos ela se desvia da trilha. Por querer seguir o rio; esta parte parece ela. Às vezes, me deixo acreditar que foi Bolt, que alguma coisa aconteceu, que ele a empurrou, segurou seu rosto debaixo d'água, abriu sua boca, suas veias, e a forçou a tomar o que quer que tenha tomado. Quero poder culpar alguém. Mas talvez ela só estivesse dando um passeio. Talvez só tenha escorregado. Talvez sempre tenha pretendido dar meia-volta, vir até mim. Um milhão de talvez, mas nenhum deles bom o bastante, certo o bastante, para dar algum sentido ao que aconteceu.

Em geral, a polícia e a mídia foram negligentes com a história de Marlena. A matéria sobre a descoberta do seu corpo está apimentada com descrições sensacionalistas, e muitos fatos menores, vários detalhes, inclusive o nome e a idade de Sal, estão simplesmente incorretos. E embora o Oxi estivesse num vidro sem rótulo de prescrição, não consegui encontrar evidência de nenhuma tentativa estruturada das autoridades em descobrir onde uma menina de dezoito anos teria conseguido tantos comprimidos. “Consistente com afogamento” foi substituída, na manchete, por “Garota local se afoga”.

o o o

Jimmy não toca muito no assunto, não fala sobre aquela hora que passou com

Marlena, quarenta e cinco minutos desperdiçados no estacionamento atrás da Sam Goody, onde dividiram um baseado. Não consigo entrar lá, por mais que tente. Ele me deixa fora. Quer guardar aquilo de modo que sejam só eles dois no Subaru, quer ter o último pedacinho dela para si. Detestei-o por isso, então, mas agora acho que entendo. Se ele contar, mudará o que houve, desgastará a lembrança.

Por um tempo, ele se fixou na hora, 17h12, como se naquele minuto ele pudesse ter feito algo que fizesse diferença. Contou-me que ela pegou uma esferográfica azul no seu suporte de copo e desenhou um gato na coxa do seu jeans. Mas ela estava agindo de modo esquisito, checando muito o celular, ele não reparou nisso? Estava chapada, mais surtada do que o normal, ele deu uma olhada nos seus braços? Ele nunca disse. Mas, na última vez que perguntei, talvez há uns cinco anos agora, depois de um longo tempo quieto, ele me contou que ela ficava cantando baixinho as primeiras frases de “Santeria”, pequenos fragmentos, as mesmas frases, como se não conseguisse lembrar-se do resto. Ele se lembrou de ter pensado que ela devia ter escutado aquela música em algum momento naquela manhã, ou talvez na noite anterior. Foi a primeira vez que ouvi este detalhe, e me assustei. Quanto mais nos distanciamos do que aconteceu, mais difícil fica falar com ele sobre isso. “O que tem para ser dito?” ele pergunta, ou, às vezes, com a voz ríspida, só me manda parar.

As câmeras de segurança da Sam Goody mostram-nos estacionados no pátio. Outra testemunha viu-a saindo do carro dele perto do parque por volta das cinco, o que significa que ela passou direto pelo Mulvie como tínhamos planejado, mas, por algum motivo, decidiu não vir me buscar. Se eu estivesse do lado de fora, esperando; se tivesse ficado com ela naquele dia; se nunca tivesse dito a Greg para postar aquele vídeo; se tivesse impedido Ryder de ir até a polícia. Se eu mesma tivesse tomado os comprimidos. Se tivesse contado. Se não existisse eu e ela.

– A culpa é nossa? – perguntei a Jimmy a certa altura naquele inverno, o celeiro no vizinho apagado e frio, uma cápsula do tempo para ninguém, exceto, talvez, Sal.

– Não – ele respondeu, encarando a geladeira. – O que quer que ela tenha feito, fez contra si mesma.

o o o

Vejo Jimmy uma vez por ano, ou coisa assim, geralmente no Natal. Ligo para ele no seu aniversário, e ele me liga no meu, e conversamos por vinte minutos, meia hora, e é sempre melhor, mais tranquilo, do que eu esperava que fosse. Nossas identidades

de crianças insinuam-se de volta nas nossas vozes, aquela antiga taquigrafia fraternal. Ele me provoca, pergunta sobre Liam, e eu o irrito, ajo de maneira mais infantil e menos capaz do que sou. Quando meu irmão me corrige, mesmo que esteja errado, não revido. Ele vive em uma velha cidade mineira de cobre, no Michigan Superior, onde as encostas dos penhascos estão incrustadas com espiralados veios verde-minerais, e Jimmy diz que ursos pretos sobem até seu deque no quintal.

Liam e eu fomos até lá visitá-lo há dois anos, alugamos um carro e subimos desde Detroit, fazendo uma parada na casa de mamãe no caminho. A casa de meu irmão é uma sólida construção de madeira, decorada como se fosse alugada: paisagens genéricas nas paredes, tapete xadrez, cobertores azuis que pinicam no quarto de hóspedes, onde meu irmão tem um beliche por uma razão que não consigo entender. No inverno, Jimmy cobre as vidraças com folhas de plástico esticadas. Ele ganha menos dinheiro do que eu, mas não muito menos, construindo casas de verão no Michigan Superior. Empreiteiro autônomo, coloca no seu imposto de renda. Está ficando cada vez mais troncudo, e sempre que o vejo, acho que pode estar ficando gordo, até nos abraçarmos. Como adulto, ele não se parece em nada com papai, exceto por esta coisa que faz quando conta uma história, apertando as mãos, expondo sua ansiedade para você rir. A mulher que namora há uns quatro anos mora a alguns quilômetros dele, numa casa própria. Eles não decidiram morar juntos, nem têm planos para isso, pelo menos nenhum que ele me conte. Na história que inventei sobre ela, Janie, uma mulher que nunca vi, mas que perdura na periferia de todas as histórias que ele conta, e também nas fotos que ele manda de vez em quando, sofreu uma tragédia terrível nas mãos de um homem, então nunca se abrirá totalmente para o meu irmão. Gosto mais desta história do que da outra, onde é ele que não baixa a guarda.

o o o

O corpo de Marlena foi encontrado no dia 19 de novembro, então eu considero esse o aniversário da morte dela, embora o mais certo é que tenha morrido no dia dezoito. Porque, para mim, naquele dia, ela ainda estava completa, imensa, irritantemente viva, ignorando minhas chamadas de propósito, em vias de alguma coisa que, sem dúvida, logo me contaria.

Doze dias depois de 19 de novembro, fiz dezesseis anos. Todo ano acontece do mesmo jeito: Marlena morre, eu fico mais velha.

o o o

Nas semanas após a morte de Marlena, comecei a ter problema em ficar sozinha. Dia e noite, eu checava atrás das portas do meu armário repetidamente, convencida de sentir um par de olhos me espiando pelas lâminas.

Dormia comatosa por doze, catorze horas direto, ou não dormia absolutamente.

Em sua maior parte, aquela época ficou plena de mamãe: mamãe tirando os lençóis da minha cama, embalando caixas de coisas para Sal, cortando a ponta de plástico de uma raspadinha, encostando o carro na calçada porque estava certa de que havia algo de errado com as rodas, com os braços em volta de Jimmy na fila do caixa do Walmart, o rosto dele pálido como papel, esgotado. Mamãe até lidou com a maioria dos detalhes do funeral de Marlena.

Mamãe ainda parece jovem para a idade, a não ser pelas mãos, que, por alguma combinação dos anos de faxina profissional com a genética, parecem o oposto de femininas. Aos cinquenta anos, ela estaria impossibilitada de esticar seu anular e seu indicador, e ficaria deitada acordada à noite, com dores lancinantes correndo pela base almofadada do seu polegar. Quando eu era adolescente, às vezes me assustava vê-los, pousados no seu colo como os de uma bruxa, sanguíneos, com aparência miserável, em desacordo com seu rosto, sua magreza, seu cabelo comprido e ainda não grisalho. Mãos de Frankenstein, mãos que executaram trabalhos demais. Depois de me mudar para Nova York, nunca mais fiz faxina em troca de dinheiro, mas ainda assim vejo suas mãos nas minhas. Quando uso esmalte, elas parecem absurdas.

Agora entendo melhor a minha mãe, à medida que aprendo qual é a sensação de se mover pelo mundo com as dimensões dela. Massageio loção nas juntas dos meus dedos, as juntas da minha mãe, na pele rachada ao redor das cutículas, e também penso nela, Marlena, que teria conseguido sua mãe de volta se vivesse apenas um pouquinho mais, apenas sendo ela mesma.

o o o

Alguns meses depois do funeral de Marlena na São Francisco – seu pai uivando na primeira fileira durante toda a cerimônia, Sal no seu terrível e diminuto terno –, mamãe conseguiu que eu voltasse para a Concord como interna, para meu último ano. Contatou a escola e explicou as circunstâncias; conseguiu restabelecer minha bolsa de estudos, mais um pequeno extra com base na necessidade. Minha avó

paterna cuspiu os últimos cinco mil e uns trocados porque mamãe convenceu-a, de algum modo, de que eu corria perigo. Não consigo imaginar em que moldes transcorreu a conversa. A mãe do meu pai nunca fez parte das nossas vidas. Talvez se sentisse culpada em relação a papai, e fosse sua maneira de compensar. Mamãe me fez escrever uma nota de agradecimento longa e intensa. Enchi duas páginas com uma caprichada letra cursiva, minha mão sentindo câimbra.

Sem Marlena, não existe nada, na verdade, a ser lembrado. Uma primavera rápida e chuvosa, seguida por um verão rápido e quente. Uma pilha rotativa de livros; noites rosa, o micro-ondas, e maços vazios de cigarro. Houve uma noite de bebedeira, eu, Tidbit e Greg refugiados no meu quarto, falando nela, Tidbit chorando, chorando, debruçada sobre seu próprio colo, fazendo um ruído animal. Passei o braço ao redor dela, mas senti uma piedade fria e repulsiva, o começo gélido de um entorpecimento que me acompanharia pela vida, fazendo-se notar, principalmente, nos momentos em que outras pessoas demonstravam emoção. “Foi o Bolt”, disse Greg, resmungando sua teoria, não de um assassinato de primeiro grau, mas homicídio sem dolo, acidental, linguagem de TV, ela caiu e ele a deixou ali, não quis se envolver, era obcecado por ela, assediava-a, todos nós sabíamos disso, por que outro motivo estaria sempre por perto? Ele não a estava assediando, eu sabia, mas não disse isto, não interrompi para contar a ele com que frequência era Marlena quem tentava entrar em contato com Bolt.

Por fim, sem Marlena para nos manter unidos, Ryder, Greg, Tidbit e eu perdemos o contato. Em julho, Ryder foi preso, flagrado por uma câmera vandalizando um pesqueiro de truta a uns três quilômetros da casa de Marlena. Greg arrumou um trabalho no Hooker’s, o tintureiro no centro da cidade, e se inscreveu na faculdade comunitária. Não desabilitou seu perfil no YouTube, mas retirou todos os últimos vídeos. Às vezes eu via um deles da janela de um carro, ou na praia, ou apenas caminhando no outro lado da rua. Não conversávamos. Até onde sei, eles continuam em Silver Lake.

Não me saí bem na Concord, não como quando estava no primeiro ano, e não como imaginei que aconteceria. Meu quarto no alojamento era um quadrado sombrio de cimento. A lanchonete servia estrogonofe, caçarola de queijo, cubas de pimenta. Sobrevivi com maçãs e cubos esbranquiçados de tofu. Aos sábados, eu me desligava do campus e ia até a mercearia mais próxima, onde roubava garrafas de vodca genéricas da prateleira mais baixa da gôndola de bebidas. De volta ao meu

quarto, despejava a vodca em garrafas plásticas de água, e as alinhava na nossa pequena geladeira. Minha colega de quarto, uma menina séria da Cidade do México, com um profundo medo de mim, talvez tenha sabido que eu estava frequentemente bêbada, e com certeza sabia que eu cabulava muitas aulas, mas não contava. Haesung passara a ter um novo grupo de amigas, e nossa interação limitava-se a um aceno gentil quando nos cruzávamos nos corredores. Minha apatia genuína e meu cultivado gosto pela autodestruição conferiram-me certo ar descolado, de modo que me vi por minha própria conta, tratada com uma espécie de respeito nervoso.

Minhas notas despencaram. Passava semanas sem fazer as lições, e depois, repentinamente, investia toda a minha energia em uma dissertação ou projeto, salvando-me da reprovação com uma única nota excepcional.

Minha melhor amiga era alguém com quem eu dividia um banheiro e uma sala em comum, Jéssica, que tinha uma receita para Aderall. Certa vez, desesperada por um comprimido, necessário para me ajudar a escrever catorze páginas noite adentro, troquei com ela minha jaqueta por vinte miligramas alaranjadas que esmaguei com minha carteira de identidade escolar. Lambi o pó da mesa e mostrei o dedo médio para Jéssica, quando ela riu.

Nos dias frios, eu usava três moletons, um em cima do outro. Fui emagrecendo até ficar tão esquelética quanto Marlena.

Tive um caso com um menino muito popular chamado Alejandro, com alargadores nas orelhas e que me beijava com paixão. Disse que me amava na primeira vez em que lhe fiz um boquete, o quadril dando um pinote quando ele gozou quente e amargo na minha garganta, gosto que não diferia da secreção nasal provocada por um comprimido, só que em maior quantidade, mais pegajosa e mais fácil de limpar. Não senti nada quando ele me disse isso, e nada, mais tarde, quando me segurou contra o peito em sua cama estreita e chorou, ao saber que eu tinha transado com mais alguém.

Na maioria dos dias, ao amanhecer, quando os alarmes eram desligados, eu me esgueirava pela saída dos fundos do meu alojamento, e caminhava até um semicírculo de pinheiros na divisa extrema do campus, onde fumava os cigarros que sempre conseguia de algum modo. Gostava de contemplar o nascer do sol. Gostava de como podia confiar em sua beleza caricata, os enormes golpes de cor, um redemoinho de pássaros dispersando-se cada vez mais alto, e de como me sentia

grande e vazia assistindo àquilo sem ela.

o o o

Escolhi permanecer no campus, em vez de ir para Silver Lake no dia de Ação de Graças. Precisei me empenhar um pouco, mas consegui que mamãe concordasse ao lhe dizer que estava afundada em trabalho, que toneladas de alunos ficariam para trabalhar em suas inscrições para a faculdade. Fiz o mesmo na pausa da primavera. Mas na folga do inverno, não tive opção, os alojamentos eram fechados.

No dia em que Jimmy veio me buscar, esperou-me em uma poltrona no saguão do alojamento, o cabelo cobrindo os olhos, provocando um surto de interesse nas meninas que fingiam não olhar para ele ao passarem arrastando suas malas de rodinhas. Nós dois fizemos a longa viagem de carro para o norte em silêncio.

Depois de meses em meio aos prédios cobertos de hera da Concord, nossa casa, localizada no final de uma entrada de carro curta e não pavimentada, chocou-me como indescritivelmente patética, o resumo dos fracassos da minha família: uma caixa cinzenta e pequena com janelas, numa rua de trailers e casas pré-fabricadas, ladeada pela neve e pelas árvores, e pela sombra do celeiro de Marlena, que emanava vácuo como um gás tóxico. O clima era o mesmo do dia em que a conheci. Chuvoso com neve. Mamãe veio para fora antes de estarmos completamente estacionados. “Você está tão magra”, ficou repetindo, tocando meu cabelo, meus ombros, meu braço, tentando pegar na minha mão. Ela ainda faz isto, toca-me demais sempre que estamos juntas, como que para provar a si mesma que eu, sua filha pródiga, sou real.

Com uma exceção, passei meus catorze dias em Silver Lake quase que o tempo todo no sofá, assistindo à TV, até meu cérebro sentir-se como uma esponja. Conseguia perceber a casa de Marlena ali fora, vazia, mas ainda respirando, observando-nos. Dormi muito e comi muito. Provavelmente, estava me recuperando do Aderall. Mamãe tinha começado um relacionamento de longa distância com Roger, um gerente de loja de esqui que conhecera online, e acabaria se tornando seu segundo marido. Andava pela casa conversando com ele pelo celular. Na passagem do ano, dirigiu até Ann Arbor, para celebrar o Ano-Novo com ele. Jimmy e eu ficamos em casa sozinhos. Fomos para a cama antes da meia-noite.

Um ou dois dias antes de estar agendado para eu voltar para a escola, inquieta e pensando nela, peguei meus cigarros, enfiei os pés num par de botas da minha mãe,

e fui lá para trás. Circundei o longo caminho ao redor da casa, para não ter que passar pelo pequeno trecho de quintal onde Marlena e eu nos encontrávamos com tanta frequência, aquele vale entre nossas casas. Passei pelo trepa-trepa onde toquei pela primeira vez a pele incoerentemente acetinada do pênis de Ryder, onde Marlena e eu inventamos nossas estúpidas músicas sobre o amor. As árvores adensaram-se. Eu tinha feito coisas entre elas, e me lembrei disso enquanto caminhava por ali, aquela árvore caída onde Marlena e eu, certa vez, contemplamos o raiar do dia; ali, saindo da neve, um emaranhado de raízes onde me agachei, bêbada, e urinei com a força e a rapidez que pude, rezando para que os outros não vissem.

Naquele dia encharcado de inverno, fileiras entorpecidas de pinheiros estendiam-se por quilômetros à minha volta, suas agulhas macias e com as pontas brancas. Na clareira, a neve estava uniforme. Um resto da fita do isolamento ainda assinalava o vagão, pendendo solta do seu trinco. Não havia vento e o dia cheirava a fogueira do lixo queimado da vizinhança; estava tão atipicamente quente que comecei a suar. A cada passo, minhas botas afundavam até as canelas, fazendo com que eu precisasse afastar a neve de lado, criando minha própria trilha sinuosa.

Toquei na fita, as pontas dos meus dedos limpando a sujeira, revelando o amarelo mais vivo por debaixo. Não tinha me aproximado tanto do vagão desde aquele longínquo dia em Silver Lake, quando saí para um passeio e o descobri. As vezes em que fora até lá com Marlena, quando ela precisava pegar alguma coisa com o pai – ou provavelmente, me ocorreu subitamente, apenas Bolt –, ela fazia com que eu esperasse bem atrás, no meio das árvores, para que eu não fosse vista. Para o meu próprio bem, segundo ela. Como a maioria dos trailers em Silver Lake, o veículo era sustentado por blocos de concreto. A pintura negra estava descascando, especialmente nas janelas. Em alguns lugares, a cor estava arranhada ou apagada, dando para ver através do vidro sujo o outro lado pintado de negro.

Subi em uma pilha de pedras cobertas de neve, que imaginei deveriam servir como degraus, e puxei a porta de correr, sem esperar que ela cedesse, sem esperar que ela deslizasse e depois emperrasse, abrindo apenas o suficiente para eu entrar.

Dentro, a luz do dia lutava contra as janelas escurecidas, fazendo com que o escuro tivesse certo tom violeta, incandescente. Estava mais frio do que do lado de fora. Conforme meus olhos foram se ajustando, pude ver o que devia ter sido um vagão-restaurante; de um lado, havia mesas presas às paredes, embora as cadeiras ou

reservados, ou o que quer que houvesse ali, há muito tivessem sumido. Em uma das mesas estava entalhado M + R, as letras grandes como as minhas mãos. À minha esquerda, uma bacia, outra mesa mais comprida contendo apenas xícaras, vidro quebrado e pedaços de fita, provavelmente deixados pelos policiais, além de um pacote de Huggies cheio até a metade, que me causou arrepios. Vidros quebrados rangiam sob as minhas botas. Um pôster na parede na extrema esquerda de uma garota inclinada para a frente, abrindo a bunda com as mãos, o rosto abaixado entre os tornozelos, uma queimadura de cigarro no meio de cada nádega. Olhei por uma das janelas, onde um círculo sem pintura formava uma pequena escotilha para o campo. O vidro estava coberto por uma camada de gelo com líquen, mas cheguei bem perto e olhei por ele mesmo assim, para a neve marcada pelas pegadas das minhas botas, minha tentativa de uma trilha. Ela começava abruptamente, feita por alguém caído do espaço, e parecia não ir a lugar nenhum.

o o o

A viagem até Silver Lake e de volta para a escola assinalou uma mudança permanente no meu relacionamento com Jimmy. Ele era a única pessoa que sabia o que não havíamos feito por Marlena. Só de olhar para ele, suas mãos ao volante, o jeans sujo, a sombra de barba por fazer na linha do seu maxilar, dava a sensação de estar apertando meu polegar com força em um hematoma. Ele sintonizou o rádio na estação Top 40, o volume alto demais para ser possível conversar. O aquecedor soprava lufadas quentes nos meus olhos. Nós dois olhávamos para lados diferentes da mesma estrada. Eu queria dizer algo, mas não consegui ter a iniciativa de começar. Mesmo agora, sinto aquele silêncio. Ele me abraçou no estacionamento das meninas, apertando-me contra o seu casaco, e eu quase me rendi então, chorando, pedindo desculpas, pedindo a ele para ser meu irmão, sei lá. A possibilidade acabou quando me desvencilhei. – Eu amo você – ele disse. – A gente se vê – respondi.

Na última metade do último ano, minhas notas continuaram a cair. Todas as vezes que eu falava com mamãe, ela especificava os custos, as taxas, os livros e uniformes, o preço por hora de cada aula, o desperdício. Imagino que a Concord chegou um pouco tarde demais. Mas tenho certeza de que o nome da escola no meu histórico escolar foi o único motivo de eu ter sido aceita na Hunter, um dos dois lugares para os quais eu tinha realmente completado a minha inscrição.

Mamãe raspou dinheiro para me ajudar a fazer o depósito adiantado em um quarto sem janela, num apartamento cheirando a urina de gato e abarrotado de gente no East Harlem. Meu quarto era o mais barato, quinhentos dólares por mês. Mamãe e Jimmy ficaram nervosos com meus antipáticos companheiros de moradia, com o grafite na porta do prédio, com o lugar que servia frango com seu painel à prova de bala separando o balcão da área do restaurante. Mas acho que também se sentiram aliviados. O sacrifício que fizeram tinha acabado. Eu era a oferenda da família. Iria para a faculdade numa grande cidade, e, ao fazer isso, minhas experiências, tão diferentes das deles, me separariam dos dois para sempre; mas, em troca, eu teria uma vida melhor. Eles tinham feito todo o possível ao me colocar ali. O que acontecesse a seguir dependeria de mim.

Eu me dei bem, exatamente como queria, e nem uma vez parei para olhar para trás.

Nova York

SAL ESTAVA ATRASADO. Sentia-me pior do que tinha me sentido o dia todo, uma espécie de deflação de corpo inteiro, como se eu tivesse sido desidratada. A cura era uma bebida. Tinha escolhido um bar-café revestido de madeira, perto da biblioteca, decorado como um chalé de verão: ramos de lavanda seca pendiam das paredes, juntamente com retratos em branco e preto de pessoas de uma época anterior à eletricidade. Sentei-me numa lasca de pinho, num banquinho estreito que bambeava nas pernas quando eu me mexia. O ar estava enevoado de pó de café e vapor da cozinha. Fechei os olhos, tentando acabar com o latejar das minhas têmporas, e vi a menina da biblioteca sendo conduzida porta afora, um policial em cada braço. A porta chacoalhou, infundindo na sala uma rajada de frio, mas não era ele. Um garçom aproximou-se e eu pedi, para minha surpresa, um chá de limão.

Mas então, ali estava ele. Um rapaz alto, loiro, de olhos claros, usando um moletom cinza fechado com zíper, a marca Polo no peito, jeans desbotado, tênis brancos, um gorro tricotado laranja. Ele olhou toda a sala. Dei uma levantada, acenei. Ele abriu caminho entre as mesas muito juntas, batendo nas pessoas sentadas com sua sacola da Macy's, sua compleição larga. Tinha os traços dela, mas não funcionavam muito bem nele: o nariz e a boca muito delicados, dando ao seu rosto uma espécie de ar exigente. Marlena tinha existido, percebi, e a sensação tinha uma verdade que jamais tivera. Estivera viva, e nós éramos o que restava dela.

– Me desculpe – ele disse ao se sentar, os joelhos batendo por debaixo no pedaço de madeira, derramando meu chá pela borda. – O metrô me deixou perdido. – Seu sotaque. Ele tirou o gorro, e o jogou dentro da sacola, correndo a mão pela parte de trás da cabeça, coberta por um cabelo loiro branco, cortado rente. Estava ligeiramente acima do peso. Eu tinha esperado um garotinho gracioso.

– Eu deveria ter escolhido outra mesa.

– Ah, não – ele disse. – Esta está boa.

– Posso pedir alguma coisa pra você? Uma bebida ou alguma coisa pra comer?

O passado e o presente estavam colidindo, uma sensação desorientadora, quase violenta, mas, acima de tudo, eu ainda queria apenas um drinque. Estava com

aquela sensação sóbria, à flor da pele; tudo que me tocava, doía. Barulhos altos demais, sentimentos aguçados demais, pessoas barulhentas demais. Um drinque aplainaria as beiradas. O garçom estava demorando muito. Sal contava-me que sua esposa estava por perto, em uma loja de roupas, a que dava graças de não ter que ir.

– Eu só fico sentado naquelas cadeiras que eles têm para os homens, esperando por ela – ele disse.

Às vezes, acho que dá para saber como um homem se sente em relação à esposa pelo seu tom quando diz a palavra, e Sal dizia-a com orgulho. Fiquei feliz por ele e disse isto. Sal achava Nova York um lugar interessante, mas nunca viveria ali. Sua esposa, no entanto, simplesmente amava a cidade, ele me contou. Tinha uma tatuagem no pescoço, uma pequena âncora negra. Repentinamente, lembrei-me de estar em pé com ele na banheira da minha mãe, cortando o cabelo acima das suas orelhas com uma tesoura de cabo vermelho. Marlena estava sentada na pia do banheiro, dirigindo tudo.

Ele pediu uma cerveja. Depois de um segundo, olhando para o cardápio laminado, pedi mais água quente. Se eu fizesse uma escolha por vez, pareceria factível. Pedir água. Alguma coisa, qualquer outra coisa.

Cada vez que Sal tentava apoiar o braço na mesa, a coisa toda se inclinava para um lado. Conversamos levandades durante um tempo, e então ele me contou que encontrara meus dados no meu velho site de freelancer; que sua esposa – tinham acabado de se casar, percebi, alguns meses – o tinha incentivado a procurar pessoas que conheceram Marlena, porque ele não tinha muitas ligações com sua verdadeira família. Às vezes, sentia-se um pouco perdido, ele disse, sem aquelas raízes. Quando mencionou seus pais, levei um segundo para entender que se referia aos pais adotivos. Tinha um emprego sólido, gerenciando um bar à margem do lago, em Cross Village, uma cidade turística perto do Michigan Superior. Confessou que mal se lembrava de mim, apenas que eu era boazinha e tímida, e que estivera por perto. Greg, com quem mantivera um contato esporádico, lhe contara que eu estava em Nova York.

Sal elogiou muito Marlena, sua beleza, sua inteligência. Para ele, ela também tinha uma qualidade mitológica. Sua morte foi uma “tragédia”. Não mencionou as drogas, especificamente, talvez realmente não soubesse, mas disse que ela tinha seus demônios. Corando um pouco, com um nó na voz, contou-me que tentava ser melhor por causa dela. Nunca fora um grande aluno, mas ficava longe das festas,

daquela vida toda. “As pessoas não percebiam o perigo.” No entanto, ele bebia rápido, em longos goles que baixavam o nível da cerveja no seu copo, centímetros de cada vez. Só de olhá-lo, eu podia sentir o gosto da cerveja, o bocado gelado, amargo, o fervilhar na língua, aquele sabor amarelo, rico. Ele era muito pequeno quando ela morreu. Insistia em se referir a isso como um acidente, então fiz como ele. Marlena era mais como uma mãe para ele do que uma irmã, Sal disse, e por causa disso, ele nunca a conheceu de verdade.

– Como ela era? – perguntou.

Tentei explicar. Ele pediu mais uma cerveja. – Água – eu disse, e bebi enquanto falava e falava.

Quando nos despedimos com um abraço, todas as coisas que eu ainda sabia que ele nunca saberia, os detalhes dela pelos quais ele ansiava, estavam entre nós, como uma presença. Dei-lhe o broche de Marlena, enfiado em um envelope selado com uma nota manuscrita. Quando ele o pegou, senti-me aliviada, ainda que isto pareça supersticioso. Uma maldição, havia muito estabelecida, que se desfazia.

Na manhã seguinte, andei quinhentos metros até uma igreja próxima ao meu apartamento. Cheguei às 8h15, tarde o bastante para quase dar meia-volta. Dentro, segui um aviso em papel para ir a um cômodo no porão, onde, depois de pegar uma xícara de café, sentei-me numa cadeira disponível, mais ao fundo. Umas quinze pessoas, a maioria vestida para trabalhar, como eu. Levantaram-se uma a uma. Contaram suas histórias. Eu já tinha contado a minha antes, mas talvez isto não tivesse importância. Quando a sala ficou em silêncio, levantei a mão e disse meu nome. Uma mulher na frente não conseguiu me ouvir. Repeti.

Michigan

NÓSSO VERDADEIRO FINAL, a última vez de verdade que vi Marlena, foi alguns dias antes daquele domingo sem graça no parque. Uma noite de escola, quero dizer, quinta-feira, novembro, e frio, frio, frio.

Nós duas em cima do trepa-trepa, pernas penduradas, a neve caindo tão devagar que levaria uma vida para chegar aos nossos rostos. Ela implicando comigo por não ter respondido suas mensagens de texto o dia todo, como agora eu andava muito ocupada, já me esquecendo dela.

– Eu sabia que essa sua fase de veneração era apenas temporária – ela disse.

– Ah, cale a boca.

Deitei a cabeça no seu ombro e olhei para o céu, para além da curva do seu queixo. Seu cabelo pinicava a minha testa. O mundo era uma vasilha de cabeça para baixo, enorme, mas podíamos ver o fim, a linha curva onde ela encontrava a terra.

– Logo você vai dar o fora daqui. Só estou me preparando. Faculdade, onde quer que seja, o que quer que seja que você vá ser.

– O que você acha que eu vou ser?

Eu queria desesperadamente saber. Mesmo então, achava que ela poderia me dizer. Estávamos tão perto dos nossos futuros, logo ali, experimentando sushi pela primeira vez, gritando uma com a outra numa travessa de alguma cidade, mandando mensagens de boa sorte no primeiro dia de empregos importantes, apaixonando-se e se desapaixonando, sem pais, e mais fortes por causa disso, aprendendo a andar de salto alto, a cortar nossas franjas e não gastar todo o dinheiro de uma só vez, a explicar o que gostávamos e não gostávamos, falando em público, dirigindo carros, sem destino específico, abraçando uma à outra depois de um ano separadas, deixando crescer o cabelo e tosando-o completamente, vagando durante infinitos minutos esquecíveis, cantando nossas velhas músicas, ainda as preferidas, dizendo “lembra quando”, “lembra quando”, “lembra quando”. Eu acreditava nessas meninas, em nossos eus mais velhos e mais sábios.

– O que você quiser – ela disse, e beijou minha cabeça com um *smack* barulhento, como uma mãe de quadrinhos. – Só tente não esquecer, certo? Quando

chegar lá. Prometa voltar e me visitar. Serei uma velha senhora com mil gatos e vou precisar de companhia. Provavelmente, estarei desesperada por isso, entalada em Silver Lake.

– Você não vai ficar entalada aqui.

– Prometa – ela disse, e eu prometi, uma mentira tão fácil que pareceu verdade.

Não sei por quanto tempo ficamos ali. Uma hora? Mais? Ficou tarde. Sentamos, dando palmadas nas nossas pernas para aquecê-las. Eu estava pronta para ir para casa, mas fiquei um pouco mais, por ela. Eu ainda não tinha nenhum outro lugar para ir. Pulamos da plataforma de madeira, joelhos cedendo, aquela velha coragem, e espanamos os flocos que ardiam na palma das nossas mãos. De braços dados, caminhamos os cerca de cem metros pela relva, pó agarrando-se a nossas botas, até chegarmos à fileira de latas de lixo entre nossas duas casas. Silver Lake calada, os trailers quase bonitos na neve que caía calma, suas janelas escuras, nenhum carro na rua.

– Quer entrar um pouquinho? Acerto sua matemática.

– Tenho que acordar cedo, Mar – eu disse, incomodada com o toque de necessidade na sua voz.

E entramos em nossas casas. Uma das duas virou-se primeiro, uma das duas já tinha ido embora. Dentro das nossas casas vazias, duas meninas no fim do mundo, separadas por cômodos na penumbra, a apenas alguns metros de distância. Uma das duas adormeceu com facilidade, um milhão de dias restantes, exceto aquele específico, quase terminado para sempre, um final que se repete e se repete, não importa o quanto eu não queira. Talvez a perda seja apenas isto. O que acontece, quer gostemos ou não. O que não deixa você seguir.

Marlena, veja, não esqueci. Transcrevi tudo.

Sobre a Autora

Julie Buntin é do norte de Michigan. Seus textos foram publicados em *The Atlantic*, *Cosmopolitan*, *O*, *The Oprah Magazine*, *Bustle*, *Slate*, *Electric Literature* e *One Teen Story*, entre outras publicações.

Leciona escrita de ficção no Marymount Manhattan College, e é diretora dos programas de escrita no site Catapult.

Vive no Brooklyn, Nova York.

Título original
MARLENA
A Novel

Copyright © 2017 *by* Julie Buntin

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste livro são produtos da imaginação da autora ou foram usados de forma ficcional.

FÁBRICA231

O selo de entretenimento da Editora Rocco Ltda.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais
ANA ISSA

Coordenação Digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital
MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub
BRUNO LORENZATTO

Edição digital: junho, 2017.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B961m

Buntin, Julie

Marlena [recurso eletrônico] / Julie Buntin; tradução Elisa Nazarian. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Fábrica 231, 2017.

recurso digital

Tradução de: Marlena: a novel

ISBN 978-85-9517-009-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Nazarian, Elisa. II. Título.

17-38887

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3